

Arquivos de Zoologia

MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ISSN 0066-7870

ARQ. ZOOL. S. PAULO 35(1): 1-133

13.X.1998

REVISÃO DA TRIBO AERENICINI LACORDAIRE, 1872 (COLEOPTERA, CERAMBYCIDAE, LAMIINAE)

UBIRAJARA R. MARTINS¹
MARIA HELENA M. GALILEO²

ABSTRACT

Revision of the Tribe Aerenicini Lacordaire, 1872 (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). A taxonomic revision of the exclusively Neotropical tribe Aerenicini, as redefined by Martins & Galileo (1996) is presented. New synonyms established: Heterophaula Lane, 1973 = Phaula Thomson, 1857; Melzerenica Lane, 1976 = Cacsius Lane, 1973; Coruparana Lane, 1966 = Recchia Lane, 1966; Corupa Lane, 1966 = Hydraschema Thomson, 1864; Hydraschemopsis Lane, 1966 = Aerenicopsis Bates, 1885; Doloaerenica Martins & Galileo, 1985 = Vianopolisia Lane, 1976; Holoaerenica albolateralis (Fuchs, 1963) = H. multipunctata (Lepeletier & A.-Serville, 1825); Holoaerenica caula Martins, 1984 = H. obtusipennis (Fuchs, 1963); Antodice simulatrix Tippmann, 1960 = A. neivai Lane, 1940; Recchia rustica Martins & Galileo, 1985 = R. gemignanii (Lane, 1939); Aerenicopsis costaricensis (Breuning, 1974) = A. championi Bates, 1885. New species described: Antodice kyra (Brazil: Rio Grande do Norte); A. spilota (Brazil: Bahia, Minas Gerais); A. pinima (Argentina: Salta); Eponina metuia (Brazil: Espírito Santo); Recchia abauna (Brazil: Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Goiás); R. boliviana (Bolivia); R. moema (Brazil: Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul; Uruguai, Argentina: Chaco, Corrientes, Entre Rios, Cordoba); R. piriana (Brazil: Mato Grosso do Sul; Paraguai); R. planaltina (Brazil: Distrito Federal); Hydraschema mirim (Brazil: Pará); H. petila (Peru); Aerenicopsis mendosa (Mexico: Veracruz); A. singularis (Brazil: Minas Gerais); Pseudomecas elegantissima (Brazil: Minas Gerais) and P. nigricornis (Brazil: Bahia, Minas Gerais). Previous observations and descriptions on host plants, larvae and pupae are corrected. Host plants of seven species are mentioned. Keys to all taxa are added. Transferred genera: Pannychella Gilmour, 1962 and Pannychina Gilmour, 1962 to Phytoeciini; Ischnophygus Thomson, 1868 to Hemilophini.

Keywords. Aerenicini; Cerambycidae; Coleoptera; Lamiinae; Taxonomy.

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42694, 04299-970 São Paulo SP, Brasil.

2. Museu de Ciências Naturais, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Caixa Postal 1188, 90001-970 Porto Alegre RS, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma revisão taxonômica da tribo Aerenicini, como redefinida por Martins & Galileo (1996), isto é, Lamiinae com unhas bífidas e lobos oculares inferiores muito desenvolvidos, que ocupam quase inteiramente os lados da cabeça.

A tribo reúne até o momento 26 gêneros e 116 espécies, exclusivos da Região Neotropical. A grande maioria das espécies conhecidas ocorre na América do Sul entre os paralelos 15° e 30°; registram-se 86 espécies para o Brasil, principalmente na Floresta Atlântica e na Floresta Tropical do Brasil Central, 25 para o noroeste da Argentina, 18 para o leste da Bolívia e 15 para o Paraguai.

Algumas áreas da Região Neotropical apresentam número proporcionalmente muito reduzido de espécies, o que causa certa estranheza, tendo em mente a distribuição dos Cerambycidae nessa Região. Em que pese eventual falta de coletas, registramos apenas seis espécies para o México, sete para a América Central e sete para os países do Noroeste da América do Sul. Não se conhecem espécies nas sub-regiões Antilhana e Chilena.

Propomos seis novas sinônimas a nível de gênero e cinco a nível de espécie. Doze novas espécies são descritas. Apresentamos várias correções ou acréscimos aos trabalhos precedentes sobre o grupo, principalmente àqueles que cuidaram das plantas-hospedeiras e das formas imaturas.

Apenas sete plantas-hospedeiras são conhecidas até o momento; destas, duas são broqueadas vivas pelas larvas. As informações sobre ontogenia são muito escassas, mas foi possível deduzir que o ciclo larval dura ao redor de um ano. Larvas de duas espécies e pupa de única espécie estão descritas.

HISTÓRICO

As primeiras espécies descritas em Aerenicini foram publicadas em 1825 por Lepeletier & A.-Serville no volume 10 da Encyclopedie Méthodique, *Saperda multipunctata* “du Brésil”, e por Klug na Entomologiae Brasilianae, também no gênero *Saperda*: *S. picta*, *S. canescens* e *S. hirticornis*, estas ilustradas a cores.

S. picta foi coligida por Ignaz Franz Werner Maria von Olfvers e por Friederich Sellow. *S. canescens* foi descrita com base em material que lhe foi enviado

por von Olfvers e *S. canescens* fundamentada em exemplares coligidos por Sellow e Beyrich.

Von Olfvers, explorou, em 1818, na campanha de Sellow, do Rio de Janeiro até as Seras do Itacolomi e do Caraça, em Minas Gerais, de onde atravessaram o sul de Minas entrando em São Paulo via São João del Rei - Jundiá - Itu - São Paulo - Santos e retorno ao Rio de Janeiro (Papavero, 1971). Embora a viagem de von Olfvers envolva região relativamente restrita, não é possível determinar a localidade-tipo de *S. canescens*. Sellow explorou imensa quantidade de localidades desde Salvador na Bahia até Buenos Aires. Também jamais saberemos as localidades de coleta de *S. hirticornis* ou de *S. picta*. O nome de Beyrich não consta de Papavero (l.c.) e não pudemos encontrar referência sobre suas andanças.

Perty (1830) publicou a descrição de *S. lichenigera* com base em material colecionado por Spix & Martius e indicou-a como proveniente de “montibus Prov. Minarum”.

O nome *Aerenica* aparece por primeira vez em Dejean (1833:353), de autoria dele próprio, com três espécies: *A. multipunctata* Dejean (*nom. nud.*), *A. canescens* Dejean (que com dúvida acreditou ser sinônima de *S. hirticornis* Klug, já que este nome está seguido por um ponto de interrogação) e *A. obliquata* Dejean (*nom. nud.*) considerada pelo próprio Dejean igual a *S. canescens* Klug. A inclusão de *S. canescens* Klug valida o nome *Aerenica* para Dejean como discutido por Lane (1966, 1974a).

Thomson (1857:311) considerou *Aerenica* Dejean como *nomen nudum* e embora tenha citado esse autor, considerou *Aerenica* de sua autoria; não indicou espécie-tipo. Em 1860, Thomson (p. 65) referiu-se a *Aerenica* Thomson, 1857, onde inseriu as três espécies de Klug, sem mencionar ainda uma espécie-tipo. Quatro anos mais tarde, Thomson (1864: 129) indicou *S. hirticornis* Klug como espécie-tipo de *Aerenica*. Segundo Lane (1974: 352), essa espécie-tipo não é elegível porque está mencionada seguida de um ponto de interrogação em Dejean (1835).

Ainda em “Description de Cérambycides nouveaux ou peu connus de ma collection”, Thomson (1857: 303) descreveu formalmente *Phaula*, também atribuindo o nome a Dejean. O nome não pode ser creditado a Dejean (1835: 348) porque incorporou dois *nomina nuda*: *P. melancholica* Dejean

e *P. brevicornis* Dejean. Thomson (l. c.) incluiu em *Paula* duas espécies do Brasil: *P. antiqua* Thomson e *P. melancholica* Thomson (atribuindo este nome a Dejean). Esta espécie foi transferida apropriadamente por Lacordaire (1872: 913) para a tribo Hebestolini, uma vez que as garras tarsais são apendiculadas.

Em 1864, Thomson descreveu gêneros entre os seus "Amphyonichitae Verae" que posteriormente foram incluídos em Aerenicini por Lacordaire (1872): *Pannychis*, *Hydraschema* e *Antodice*, todos monotípicos; aqueles para abrigar novas espécies e este para incorporar *Saperda picta* Klug.

O trabalho de Lacordaire (1872) definiu por primeira vez a tribo Aerenicini separando-a de Amphyonichini (atualmente Hemilophini), pela cabeça: retrátil nestes e não retrátil naqueles. Apresentou uma chave para identificação dos sete gêneros então conhecidos: os quatro já mencionados e ainda *Ischnophygas* Thomson, 1868 (cuja posição em Aerenicini será discutida adiante), *Dylobolus* Thomson, 1868 (atualmente subgênero de *Mecas*, Phytoceciini) e *Erana* Bates, 1866 (hoje em Hemilophini).

Bates (1866) não descreveu ou mencionou sequer uma espécie de Aerenicini na famosa "Contributions to an Insect Fauna of the Amazon Valley". Explica-se: os representantes desta tribo parecem ser muito escassos na Amazônia. Entretanto, na *Biologia Centrali-Americana* (1879-1885) tratou dos táxons então conhecidos para o México e a América Central; descreveu algumas espécies em *Pannychis*, *Aerenica* e *Antodice* e estabeleceu o gênero *Aerenicopsis*. O trabalho mais abrangente sobre Aerenicini no final do século XIX foi o de Bates (1881b), "Revision of the Aerenicidae and Amphyonichidae of Tropical America". Neste trabalho, além da descrição de vários táxons, foi apresentada uma lista remissiva das espécies então conhecidas onde contam-se sete gêneros que permanecem em Aerenicini contendo 22 espécies.

Poucos táxons foram incorporados à tribo entre 1881 e 1923, data da publicação do "Coleopterorum Catalogous" por Aurivillius onde foram incluídos em Aerenicini dez gêneros e 27 espécies.

As contribuições dos autores brasileiros iniciaram-se com a publicação de trabalhos sobre plantas-hospedeiras. Eduardo Navarro de Andrade (1928), então chefe do Serviço Florestal da Com-

panhia Paulista de Estradas de Ferro, preocupado em divulgar as "pragas que atacam nossas essências florestais", publicou um rol de insetos e suas plantas-hospedeiras, no qual inserem-se *Aerenica canescens* (Klug) e o que julgou ser *Phaula thomsonii* Lacordaire. Bondar (1915, 1937) descreveu a biologia de *Hoplistonychus bondari*, a broca da Carobinha (*Jacaranda mimosifolia*). As informações sobre formas imaturas e plantas-hospedeiras foram reunidas por Lima (1930, 1936, 1955), que repetiu os dados de Andrade, e por Duffy (1960).

Neste trabalho Duffy descreveu e ilustrou larvas de duas espécies: *Phaula* sp. e *Aerenicopsis championi*. Verificamos que *Phaula* sp. na realidade corresponde a *Hoplistonychus bondari*. Também concluímos, pelos dados de procedência, de coleta e da planta-hospedeira do material mencionado por Duffy para *Aerenicopsis championi* que se trata de *A. mendosa*, sp. n., descrita mais além.

As contribuições de Frederico Lane sobre Aerenicini, grupo que muito apreciava, podem ser divididas em duas fases. A primeira, antes da publicação do trabalho de Gilmour (1962), e a segunda, após esse trabalho. Na primeira fase, Lane (1938a, 1938b, 1939, 1940) publicou a descrição de algumas espécies.

Em 1956, Lane iniciou viagens ao exterior, levando consigo material das principais coleções brasileiras de alguns grupos de Lamiinae, que pretendia monografar, para comparação com material-tipo especialmente no BMNH e no MNHN. A esse material, incorporou espécimens do NMNH e AMNH (1956-57); CMNH e CASC (1957-58), reunindo apreciável quantidade de Aerenicini. Suas anotações sobre os tipos foram extremamente minuciosas e o seu trabalho estava bastante adiantado quando veio a lume o trabalho de Gilmour (1962), "Synopsis of the tribe Aerenicini", que interferiu nos seus projetos e o deixou extremamente agastado.

Voltaremos aos trabalhos de Lane publicados após a Synopsis de Gilmour, especialmente o de 1974a, quando apresentou pesada crítica a esse trabalho, aliás, com carradas de razão.

O trabalho de Gilmour (1962), que ele próprio considerou como "preliminary notes and keys" (p. 123), baseado em escasso material e quase exclusivamente em descrições e figuras originais é, no mínimo especulativo e superficial, além de conter erros e omissões. Essa Synopsis contém: cha-

ves para os gêneros (inclusive os oito gêneros novos descritos), chaves para espécies dos gêneros politípicos, descrições de algumas espécies e onze fotografias. Lane (1974a) criticou duramente essa sinopse no seu "A Synopsis of Dr. Gilmour's Synopsis of the Tribe Aerenicini" e deixou em aberto, para um futuro revisor da tribo, muitas questões a resolver.

Depois da publicação da Synopsis por Gilmour, Lane (1965, 1966a, 1966b, 1970, 1973), passou a publicar os resultados de anos de investigação em Aerenicini, abandonou definitivamente o projeto de rever a tribo e estabeleceu gêneros novos, alguns pouco consistentes com o objetivo de evitar o aventureirismo de outros possíveis "gilmoures" (Lane, 1973: 416) no estudo deste grupo.

Por volta de 1977, Lane sugeriu enfaticamente a um dos autores (Martins) que começasse um estudo revisivo da tribo, utilizando o material que ainda retinha com ele. Trabalhos preliminares foram então publicados por Martins (1984a, 1984b) e por Martins & Galileo (1985a, 1985b, 1985c).

Este trabalho, portanto, pretende reunir o que se conhece sobre esta tribo e é um tributo e uma homenagem ao grande esforço desenvolvido por Lane, durante tantos anos, visando ampliar o conhecimento dos Aerenicini.

Ainda uma observação sobre os trabalhos de Breuning (1940, 1974, 1980). Este autor aparentemente nunca examinou as garras tarsais do material que teve em mãos e ignorando serem bifidas, descreveu alguns táxons de Aerenicini em Agapanthiini, cujas unhas são simples. Portanto, é possível que ainda alguns táxons incluídos por Breuning em Agapanthiini venham a ser transferidos para Aerenicini.

MATERIAL E MÉTODOS

A grande maioria do material mencionado neste trabalho pertence à coleção do Museu de Zoologia. Essa coleção reúne tipos das espécies descritas por Melzer (1930, 1932), Lane (1938a, 1938b, 1939, 1940, 1959, 1965b, 1966a, 1966b, 1970, 1973), Martins (1984a, 1984b) e Martins & Galileo (1985a, 1985b, 1985c).

Alem disso, muitos exemplares foram comparados por Lane em 1961-63 com os tipos depositados principalmente no The Natural History

Museum, Londres e no Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris. Um de seus projetos seria uma revisão da tribo Aerenicini, fundamentada em material homeotípico (Lane, 1974a: 349).

Lane conduziu a essas instituições material de diversas coleções brasileiras e norte-americanas para comparação; quando regressou ao Brasil, manteve os Aerenicini em sua residência, cujas condições de preservação não eram satisfatórias e muitos espécimens foram atacados por fungos. Um ano antes de seu falecimento, ocorrido em 1979, o material foi entregue à responsabilidade de um dos autores (Martins) que o recuperou e o devolveu às instituições de origem. Assim, muitos dos exemplares citados por Lane (1974a) não foram estudados nesta revisão.

As siglas citadas sob cada espécie em material examinado ou em comentários sobre material-tipo correspondem às seguintes instituições: AMNH, American Museum of Natural History, Nova Iorque; CASC, California Academy of Sciences, São Francisco; CMNC, Canadian Museum of Nature, Ottawa; DZUP, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba; CMNH, Carnegie Museum of Natural History, Pittsburgh; DZVU, Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista, Botucatu; MACN, Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia", Buenos Aires; MAGD, Museum and Art Gallery, Doncaster; MAPA, Museu Anchieta, Porto Alegre; MCNZ, Museu de Ciências Naturais, Porto Alegre; MPEG, Museu Paraense "Emílio Goeldi", Belém; MNHN, Museum National d'Histoire Naturelle, Paris; MNRJ, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; MZSP, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo; NMNH, National Museum of Natural History, Washington; NRMS, Naturhistoriska Riksmuseet, Estocolmo; SEMC, Snow Entomological Museum, University of Kansas, Lawrence.

Para estudo da genitália, foi extraído o abdômen, mantido em solução aquosa de hidróxido de potássio a 10% a frio por 24h e após o amolecimento, foi dissecado submerso em água com auxílio de pinças e estiletes. A peça destacada foi desidratada em uma bateria alcoólica e imersa em glicerina onde foi observada e conservada. As ilustrações foram feitas ao estereomicroscópio com auxílio da câmara-clara. A terminologia adotada foi a de Galileo (1987).

As figuras de corpo inteiro foram realizadas do mesmo modo e a arte final, a cores, ficou a cargo da desenhista Rejane Rosa, MCNZ.

As medidas foram tomadas com auxílio de escala acoplada ao estereomicroscópio. Geralmente as medidas não correspondem àquelas citas por Lane (1974a; 1974b) que as tomava com compasso de ponta-seca.

Aerenicini Lacordaire, 1872

Aerénicides Lacordaire, 1872: 849; Bates, 1881b: 299 (cat.).

Aerenicini Aurivillius, 1923: 596 (cat.); Blackwelder, 1946: 625 (cat.); Gilmour, 1962: 123 (sinopse); 1965: 643 (cat.); Zajciw, 1965: 35; Lane, 1974a:349; Chemsak & Linsley, 1982: 144 (cat.); Martins, 1984a: 308 (chave gen.); 1984b: 325 (chave gen.); Martins & Galileo, 1985a: 89 (chave gen.); 1985b: 463 (chave gen.); 1985c: 491 (cat.); 1996: 21(transf. gen.); Chemsak, Linsley & Noguera, 1992: 160 (cat.); Monné, 1995: 49 (cat.)

Aspecto geral quase sempre alongado, esbelto. Cabeça não retrátil, mais larga que o protórax. Fronte com forma e largura variáveis, muito freqüentemente mais estreita nos machos do que nas fêmeas. Olhos muito variáveis, mas com granulação grossa ou média e lobos inferiores bem desenvolvidos (Figs. 1, 2), praticamente ocupam todo lado da cabeça. Lobos oculares superiores com cinco a treze fileiras de omatídios; distância entre lobos variável segundo os gêneros: mais ou tão afastados entre si quanto a largura de um lobo a muito próximos ou subcontíguos (separados por distância correspondente a uma fileira de omatídios). Em algumas espécies de *Aerenicopsis* os olhos são divididos. Tubérculos anteníferos salientes.

Antenas com onze artículos, nos dois sexos pouco mais longas que o corpo; em *Aerenicella*, *Antodilanea* e *Eponina* tão longas ou pouco mais curtas que o corpo. Escapo subcilíndrico, levemente espessado para o ápice; mais curto, tão longo ou mais longo que o antenômero III. Antenômeros IV - XI com comprimentos levemente decrescentes. Em *Aerenicella* flagelômeros basais espessos. Franja interna de pêlos no escapo e nos

flagelômeros basais com densidade variável. Flagelômeros dos machos com curtos pêlos eretos em toda superfície (25x).

Protórax apenas mais longo do que largo na maioria dos gêneros com lados ligeiramente divergentes para o lado anterior; tubérculos laterais ausentes (*Paraphaula* exceto). Em *Aphilesthes*, lados do protórax com nítida expansão lateral. Pronoto, em geral, regularmente convexo, sem tubérculos; em alguns gêneros, presença de gibosidade centro-basal pouco projetada. Em alguns gêneros, alguns esternos torácicos com revestimento de pubescência branca muito densa. Processos pro- e mesosternal sem tubérculos; o prosternal regularmente curvo, estreito entre as procoxas e triangular na extremidade que é truncada. Cavidades coxais anteriores angulosas nos lados e fechadas atrás. Processo mesosternal estreito, com lados subparalelos, truncado na extremidade. Cavidades coxais intermediárias abertas nos lados.

Élitros alongados, com lados subparalelos, levemente estreitados para as extremidades. Crista centro-basal ausente. Alguns gêneros com pubescência elitral branca concentrada em manchas ou áreas nítidas. Pontuação elitral habitualmente recoberta pela pubescência; em muitos gêneros porém, pontos elitrais nitidamente contrastantes com o restante da superfície por serem glabros ou apresentarem perímetro glabro. Extremidades elitrais muito variáveis: arredondadas, acuminadas, espinhosas, biespinhosas (*Melzerella*) ou prolongadas em espinho muito longo.

Fêmures geralmente subfusiformes ou lineares; metafêmures com comprimento variável, muito alongados em alguns gêneros (*Hydraschema*). Mesotíbias com ou sem entalhe. Metatarsômero I tão ou mais longo do que II + III reunidos. Unhas bífidas; dente interno geralmente pouco mais curto que o externo (Figs. 4, 5), mas muito reduzido em *Hoplistonychus* (Fig. 3).

Urotergito V geralmente arredondado ou levemente emarginado na borda apical; em algumas espécies, um dos sexos apresenta projeções centrais (Figs. 6, 7) ou espículos laterais (Figs. 10,11). Urosternitos com comprimentos subiguais; urosternito V nos machos não intumescido, levemente convexo; nas fêmeas mais variável, desde muito fortemente intumescido com depressão transversal antes do ápice e linha mediana até pouco

modificado; borda apical com projeções num dos sexos de algumas espécies (Fig. 8). Nas fêmeas de diversas espécies, especialmente em *Recchia*, a metade apical do urosternito V tem a pubescência destruída, provavelmente devido ao comportamento de postura, quando o tegumento deve ser friccionado contra o vegetal.

Genitália feminina. Urômero VIII sub-retangular, esternito com região central menos esclerotizada, glabra ou com pêlos densos; região distal com apódema discóide desenvolvido, envolvendo quase toda a base do urômero ou restrita à regiões laterais. Apódema-ventral longo, mais do que o triplo do comprimento do urômero VIII. Urômero IX tubular; membrana intersegmentar VIII/IX com textura grossa, comprimento subigual ao triplo do comprimento do urômero VIII; hemisternitos tubulares, com um ou dois pares de baculi de sustentação, de comprimento variável entre as espécies; extremidade distal dos hemisternitos com estilos reduzidos; paraprocto com um par de baculi na região dorso-proximal dos hemisternitos. Sistema eferente com dois ovidutos laterais que saem de cada um dos ovários e unem-se formando o oviduto médio. Na porção terminal do oviduto-médio um par de abas esclerotizadas que se prendem à parede externa da vagina. Vulva reduzida. Espermateca inserida na base da bursa copulatrix.

Genitália masculina. Urômero VIII de comprimento e forma variáveis. Borda apical do urotergito VIII emarginada no centro; cerdas na região apical; em vista ventral, côncavo; parcialmente coberto pela lâmina-bilobada (= urosternito VIII) que é reduzida com até a metade do comprimento do urotergito VIII. Presa à lâmina-bilobada, a fúrcula-pequena bifurcada na base ou não. Entre a lâmina-bilobada e o urotergito VIII inserem-se os dois braços da fúrcula-grande (= *spiculum gastrale*). Lâmina-oval ausente. Aedeagus com tégmen, lobo-médio e sistema eferente desenvolvidos; saco-interno com um par de escleritos diminutos próximos ao forâmen-médio e, em algumas espécies, um par de escleritos na porção do saco-interno próxima à conexão com o ductus ejaculatorius.

Discussão. Duas tribos de Lamiinae neotropicais apresentam garras tarsais bífidas: Aerenicini e Hemilophini. Os olhos em Aerenicini são moderada ou grosseiramente facetados e os lobos inferiores ocupam quase inteiramente os la-

dos da cabeça e, portanto, as genas são muito curtas ou quase ausentes. Em Hemilophini, os olhos são finamente facetados com lobos inferiores mais curtos, em geral tão longos quanto as genas. Diversas observações indicam que os Aerenicini são crepusculares ou noturnos, enquanto que os Hemilophini parecem ser exclusivamente diurnos.

Em nenhum dos gêneros de Aerenicini os élitros apresentam carenas que se iniciam nos úmeros. Em muitos gêneros de Hemilophini os élitros são iguais aos de Aerenicini, mas muitos outros apresentam carenas umerais, dorsais ou laterais.

Não se conhecem larvas de Hemilophini, mas as de Aerenicini já publicadas mostram uma projeção curva, muito evidente no dorso do IX segmento abdominal (Figs. 12-13).

BIOLOGIA

Hábitos dos adultos

Diversos rótulos dos exemplares examinados indicam que foram coligidos à luz, portanto, a grande maioria dos adultos deve ter hábitos crepusculares ou noturnos.

A única observação sobre comportamento foi transmitida por J. S. Moure a Lane (1974) e refere-se a *Aerenicella spissicornis*. Os exemplares foram observados, às 16 horas em Curitiba, Paraná, pendurados pelas mandíbulas na nervura central da página inferior das folhas de *Chuquiragua glabra* (Compositae), com as pernas retraídas e as antenas caídas para baixo; atiravam-se ao solo após qualquer distúrbio.

Formas imaturas e plantas-hospedeiras

Verificamos que as publicações sobre plantas-hospedeiras e ontogenia das espécies de Aerenicini estão equivocadas; correções à bibliografia e relação atualizada das plantas-hospedeira estão resumidas na Tabela I, mas alguns comentários devem ser apresentados.

Bondar (1915) publicou notas sobre uma espécie não identificada, segundo ele provavelmente nova, que observou em Piracicaba, São Paulo, cujas larvas atacavam duramente árvores vivas de *Jacaranda mimosifolia*, Bignoniaceae. Apresentou as ilustrações da larva em vista lateral e do adulto

em vista dorsal, além de curtíssimas descrições de ambas as fases; assinalou que o desenvolvimento dura dois anos e o adulto aparece nos meses de outubro-novembro. O adulto “é de cor cinzento amarelada, com pequenas manchas brancas”.

Com base nas suas observações em Rio Claro, São Paulo, que dista cerca de 30 km de Piracicaba, Andrade (1928) assinalou a mesma planta-hospedeira, atacada viva pelas larvas de *Phaula thomsonii*.

Em 1937, Bondar voltou a publicar sobre o cerambicídio incluído em sua publicação de 1915: “Sobre esta espécie publicamos em 1915, ... uma nota, sem dar o nome ao insecto, que naquelle tempo, ... ainda não estava classificada. Baptizada posteriormente pelo egregio cerambycidologo brasileiro Julius Melzer...” como *Hoplistonychus bondari*. Repetiu *ipsis litteris* seus escritos de 1915 e apresentou uma fotografia do tronco de *Jacaranda* broqueado pelas larvas.

Duffy (1960) referiu-se a *Phaula thomsonii*: “host plant: *Jacaranda mimosaeifolia* (Andrade, 1928). Mature larva. No material available. The following is a description of an unknown species of this genus.” Descreveu minuciosamente uma larva, figurou-a como *Phaula* sp., e descreveu a pupa. Ao abordar a Biologia, escreveu: “Bondar (1956) refers to an unidentified cerambycid which causes severe damage to *Jacaranda*. The illustration of the larva indicates that the species in question belongs to the genus *Phaula* ... Material studied. 2 L, 1 P, Brazil, São Paulo, Piracicaba, 1913, G. Bondar leg., in coll. D.Z.S.P.; 1 L (no data), in coll. B.M.”.

Primeiro, a data correta desse trabalho de Bondar é 1915 e não 1956 (trabalho que cuida da biologia de *Oncideres*); segundo, a procedência do material e coletor, indicam que muito provavelmente essa *Phaula* sp. (Fig. 13) em Duffy é na realidade *Hoplistonychus bondari*. As notas de Luederwaldt conservadas no MZSP, referentes ao número de registro 18.559 das coleções antigas e transfixado a um dos exemplares de *H. bondari* coligido por Bondar, em 1913, em Piracicaba, indicam a mesma planta-hospedeira e a mesma duração do ciclo larval. Além disso, Melzer (1930), ao descrever *H. bondari* afirmou: “Vi outro especimen da colleccão do Sr. Dr. E. Navarro de Andrade, colleccionado em Rio Claro.” Portanto, acreditamos que *Phaula thomsonii* Andrade, 1928,

corresponda também a *Hoplistonychus bondari*.

Em resumo, na nossa opinião, Bondar (1915, 1937), Andrade (1928) e Duffy (1960) escreveram sobre única espécie: *Hoplistonychus bondari*.

Ainda há um outro equívoco no trabalho de Duffy (1960) ao tratar do que acreditou ser *Aerenicopsis championi* Bates (p. 279) cujo material, 10 larvas provenientes de México, Veracruz, 14.XII.1955, N. L. Kraus leg., em ramos de *Lantana camara*, têm os mesmos dados dos adultos que adiante descreveremos como *Aerenicopsis mendosa*, sp. n. Portanto, a espécie cuja larva foi descrita e figurada por Duffy (1960: 279) não é a de *Aerenicopsis championi* Bates e sim a de *A. mendosa*, sp. n. (Fig. 12).

As outras informações sobre plantas-hospedeiras devem-se a Luederwaldt, *in litt.*, e constam dos livros antigos de registro da coleção entomológica do Museu Paulista, hoje guardados no MZSP. Os livros de registro iniciaram-se em 1897 por Adolph Hempel; contém o número do exemplar, nome científico, local de coleta, data da coleta, nome do coletor e hábitos e notas. Constituem cinco volumes, até o número 22.092 no ano de 1926.

Quando as informações sobre o exemplar eram mais minuciosas, os livros de registro reportavam a um segundo livro denominado “Notícias entomológicas”, onde as diversas observações seguiam-se ao número de registro do espécimen. Existem três volumes de “Notícias entomológicas”, com a maioria das informações do punho de Luederwaldt e escritas em alemão do início do século. Com base nestes livros foi possível assinalar as plantas-hospedeiras de *Holoaerenica multipunctata* e de *Recchia albicans*, respectivamente, *Lantana* sp. (Verbenacea) e *Vernonia* sp. (Compositae).

ELENCO

- Hoplistonychus* Melzer, 1930: 203
- bondari* Melzer, 1930: 204
- Phaula thomsoni* Andrade, 1928: 8 *non*
- Lacordaire, 1872
- Phaula* sp. Duffy, 1960: 277
- Paraphaula* Fuchs, 1963: 13
- porosa* Fuchs, 1963: 13
- Calliphaula* Lane, 1973: 418
- filiola* Martins, 1984: 309
- leucippe* (Bates, 1881: 146)

- Aerenomera* Gilmour, 1962: 135
boliviensis Gilmour, 1962: 135
spilas Martins, 1984: 309
- Phaula* Thomson, 1857: 303
Cymbalia Thomson, 1864: 119
Ochraesius Pascoe, 1888: 510
Criptophaula Lane, 1973: 426
Heterophaula Lane, 1973: 428
antiqua Thomson, 1857: 303
bullula Martins, 1984: 314
lichenigera (Perty, 1830: 97)
microsticta (Lane, 1973: 426)
microstictica Martins, 1984: 314
splendida (Galileo & Martins, 1987: 453)
thomsonii Lacordaire, 1872: 898
lichenigera Thomson, 1864 *non*
Perty, 1830
sticticus Pascoe, 1888: 511
- Holoaerenica* Lane, 1973: 428
alveolata Martins, 1984: 310
apleta Galileo & Martins, 1987: 454
bistriata Lane, 1973: 428
multipunctata (Lepeletier & A.-Serville,
1825: 325)
albolateralis Fuchs, 1963: 15
obtusipennis (Fuchs, 1963: 14)
caula Martins, 1984: 313
punctata (Gilmour, 1962: 127)
- Pseudophaula* Lane, 1973: 421
foersteri (Martins, 1984: 314)
porosa (Bates, 1881: 146)
pustulosa Lane, 1973: 423
strigulata Lane, 1973: 424
- Melzerella* Lima, 1931: 139
costalimai Seabra, 1961: 263
huedepohli Monné, 1979: 415
lutzi Lima, 1931: 139
- Aphilesthes* Bates, 1881: 299
Aphilestes Aurivillius, 1923: 598
Amphilestes Blackwelder, 1946: 626
Amphilesthes Gilmour, 1965: 646
rustica Bates, 1881: 145
- Propantodice* Franz, 1954: 228
grisea Franz, 1954: 228
- Antodilanea* Gilmour, 1962: 140
modesta (Lane, 1939: 78)
- Antodice* Thomson, 1864: 128
Antodyce Bates, 1881: 199
Spathoptera Laporte, 1840: 490 *non* A.-
Serville, 1835
- abstrusa* Lane, 1940: 405
aureicollis Martins & Galileo, 1985: 491
cretata Bates, 1872: 232
eccentrica Galileo & Martins, 1992: 142
fasciata Linsley, 1935: 113
inscripta Lane, 1970: 420
juncea Bates, 1881: 145
kyra, sp.n.
lenticula Martins & Galileo, 1985: 92
mendesii Lane, 1940: 403
neivai Lane, 1940: 401
simulatrix Tippmann, 1960: 207
nympha Bates, 1881: 207
picta (Klug, 1825: 467)
pinima, sp. n.
pudica Lane, 1970: 427
quinquemaculata Lane, 1970: 424
sexnotata Franz, 1959: 187
sexmaculata Martins & Galileo,
1985: 90
spilota, sp. n.
suturalis Galileo & Martins, 1992: 143
tricolor Martins & Galileo, 1985: 92
venustula Lane, 1973: 433
- Cacsius* Lane, 1973: 430
Melzerenica Lane, 1976: 457
divus (Melzer, 1932: 227)
nobilis Lane, 1973: 431
- Aerenica* Dejean, 1835: 352
Aerenaesius Gilmour, 1962: 126
Aerenasius Martins & Galileo, 1985: 464
canescens (Klug, 1825: 468)
lahillei Bruch, 1926: 345
lahillei var. *salobrensis* Lane, 1939: 77
- Aerenicella* Gilmour, 1962: 125
Melaerenica Lane, 1966: 231
spissicornis (Bates, 1881: 145)
melanocera Lane, 1938
- Eponina* Lane, 1939: 77
Aerenicoides Gilmour, 1962: 126
breyeri (prosen, 1954: 36)
flava Lane, 1938: 77
lanuginosa (Martins & Galileo, 1985: 484)
metuia, sp. n.
nigristernis (Martins & Galileo, 1985: 485)
- Recchia* Lane, 1966
Aerenica Thomson, 1857: 311 *non* Dejean, 1835
Trichohippopoides Breuning, 1980: 68
Coruparana Lane, 1966: 233
abauna, sp. n.

- acutipennis* (Gahan, 1889: 400)
albicans (Guérin-Méneville, 1844: 245)
 albicans Breuning, 1980: 68
boliviana, sp. n.
distincta (Lane, 1939: 77)
fallaciosa (Lane, 1966: 234)
flaveola Martins & Galileo, 1985: 482
fonsecai (Lane, 1939: 76)
gemignanii (Lane, 1939: 76)
 rustica Martins & Galileo, 1985: 483
goiana Martins & Galileo, 1985: 482
gracilis Martins & Galileo, 1985: 488
hirsuta (Bates, 1881: 206)
 panamensis Lane, 1959: 263
hirticornis (Klug, 1825: 468)
lanei Martins & Galileo, 1985: 482
ludibriosa Lane, 1966: 232
moema, sp. n.
 gemignanii Martins & Galileo, 1985: 483
 non Lane, 1939
parvula (Lane, 1938: 637)
piriana, sp. n.
planaltina, sp. n.
procera Martins & Galileo, 1985: 482
ravida Martins & Galileo, 1985: 483
veruta (Lane, 1966: 233)
Vianopolisa Lane, 1966: 138
 Doloaerenica Martins & Galileo, 1985: 466
captiosa (Martins & Galileo, 1985: 466)
spitzi Lane, 1966: 139
Apophaulula Lane, 1973: 419
ocellata Lane, 1973: 420
Apoaerenica Martins & Galileo, 1985: 463
martinsi (Monné, 1979: 417)
Rumacon Blackwelder, 1946: 627
 Spegazziniella Bruch, 1926: 347
 non Joergensen, 1913
annulicornis (Melzer, 1930: 204)
canescens (Bruch, 1926: 348)
 acutipennis Tippmann, 1960: 206
 non Gahan, 1889
 var. bruchi Gilmour, 1965: 644
Montesia Lane, 1938: 110
bosqi Seabra, 1961: 262
 bosoi Monné, 1979: 416
elegantula Monné, 1979: 416
fasciolata Galileo & Martins, 1990: 586
leucostigma Lane, 1938: 110
Hydraschema Thomson, 1864
 Corupa Lane, 1966: 132
cribripennis Lane, 1966: 130
fabulosa Thomson, 1864: 128
leptostyla Lane, 1938: 634
mirim, sp. n.
obliquevittata (Lane, 1966: 133)
petila, sp. n.
veruta Lane, 1966: 129
villiersi Lane, 1965: 322
Aerenicopsis Bates, 1885
 Falsohippopsis Breuning, 1940: 83
 Falsohippopsoides Breuning, 1974: 158
 Hydraschemopsis Lane, 1966: 134
championi Bates, 1885: 428
 costaricensis Breuning, 1974: 158
hubrichi Bruch, 1925: 210
 argentiniensis Breuning, 1974: 158
malleri Lane, 1966: 137
megacephala (Breuning, 1940: 83)
mendoza, sp. n.
 championi Duffy, 1960: 279
 non Bates, 1885: 428
perforata Lane, 1939: 78
pugnatrix (Lane, 1966: 135)
rufoantennata (Breuning, 1974: 158)
singularis, sp. n.
sublesta Lane, 1966: 136
virgata (Pascoe, 1878: 377)
Aereniphaula Galileo & Martins, 1990: 584
machadorum Galileo & Martins, 1990: 584
Pseudomecas Aurivillius, 1920: 400
elegantissima, sp. n.
femoralis Aurivillius, 1920: 401
nigricornis, sp. n.
pallidicornis Aurivillius, 1923: 479
pickeli Melzer, 1930: 205
suturalis Martins & Galileo, 1985: 205
 Chave para os gêneros de Aerenicini (exceto *Propantodice* Franz, 1954, não examinado)
 1. Élitros com pontos contrastantes, isto é, pontos glabros e não recobertos pela pubescência serícea..... 2
 Élitros sem pontos contrastantes, isto é, pontos obliterados pela pubescência serícea 9
 2(1). Apêndice interno das unhas muito reduzido, pouco aparente (Fig. 3).....

-*Hoplistonychus* Melzer, 1930
 Apêndice interno das unhas no mínimo
 tão longo quanto a metade do com-
 primento do apêndice externo.....3
- 3(2). Presença de áreas de pubescência branca
 densa nos élitros, lados do protórax,
 mesepimeros e lados do metasterno
 (fig. 60); apêndice interno das unhas
 curto (Fig. 4), atinge a metade do com-
 primento do apêndice externo
*Calliphaula* Lane, 1973
 Sem áreas de pubescência branca densa
 em todo o corpo; apêndice interno das
 unhas ultrapassa a metade do compri-
 mento do apêndice externo.....4
- 4(3). Lados do protórax com tubérculo cônico cur-
 to; extremidades elitraes emarginadas
 com ângulos pontiagudos; (segundo
 a descrição, Fuchs, 1963).....
*Paraphaula* Fuchs, 1963
 Lados do protórax desarmados; extremida-
 des elitraes com outro aspecto.....5
- 5(4). Extremidades elitraes arredondadas.....
*Aerenomera* Gilmour, 1962
 Extremidades elitraes acuminadas ou es-
 pinhosas.....6
- 6(5). Região basal dos élitros (mais longa que
 o dobro do comprimento do escutelo)
 com pontos concentrados, justapostos,
 densos e no restante da superfície
 elitral afastados entre si (exceto *P.*
antiqua, fig. 55).....
*Phaula* Thomson, 1857
 Pontos mais concentrados da base dos
 élitros, quando presentes, apenas ul-
 trapassam o comprimento do escutelo
 e não são justapostos.....7
- 7(6). Élitros com faixas longitudinais de
 pubescência alaranjada e/ou branca
 (fig. 61).....*Holoaerenica* Lane, 1973
 Élitros com pubescência unicolor, sem
 faixa longitudinal alaranjada.....8
- 8(7). Antenômero III mais curto que o escapo; fron-
 te tão larga quanto o diâmetro do escapo;
 aspecto geral (fig. 76) linear; protórax
 mais longo que largo.....
Aereniphaula Galileo & Martins, 1990
 Antenômero III tão ou mais longo que o
 escapo; fronte sensivelmente mais lar-
 ga que o diâmetro do escapo; aspecto
 geral robusto; protórax mais longo que
 longo.....*Pseudophaula* Lane, 1973
- 9(1). Extremidade de cada élitro com dois
 espinhos.....*Melzerella* Lima, 1931
 Extremidades elitraes com único espinho
 ou desarmadas.....10
- 10(9). Extremidades elitraes desarmadas.....11
 Extremidades elitraes com espinho.....20
- 11(10). Lobos oculares superiores subcontíguos,
 separados por distância menor ou
 equivalente a duas fileiras de
 omatídios.....12
 Lobos oculares superiores afastados,
 separados por distância maior do que
 duas fileiras de omatídios.....14
- 12(11). Lados do protórax aplanados e projetados
 lateralmente (fig. 59); aspecto geral
 robusto.....*Aphilesthes* Bates, 1881
 Lados do protórax não aplanados lateral-
 mente; aspecto geral linear.....13
- 13(12). Antenas curtas, atingem o ápice elitral na
 extremidade do antenômero X.....
*Antodilanea* Gilmour, 1962
 Antenas longas, atingem o ápice elitral
 pelo menos na extremidade do
 antenômero VIII.....
*Antodice* Thomson, 1864
- 14(11). Presença de áreas de pubescência branca
 compacta nos lados do protórax, nos
 élitros e nos lados da face ventral
 (fig. 65); lobos superiores dos olhos
 com pelo menos oito fileiras de
 omatídios, mais próximos entre si do
 que a largura do escapo.....
*Cacsius* Lane, 1973
 Ausência de áreas de pubescência branca
 compacta em todo o corpo; lobos ocu-
 lares superiores com 5-9 fileiras de

- omatídios, mais distantes entre si do que a largura do escapo.....15
- 15(14). Antenômero III mais longo que o escapo*Aerenica* Dejean, 1835
 Antenômero III tão longo ou mais curto que o escapo.....16
- 16(15). Flagelômeros espessados. fig. 3 *Aerenicella* Gilmour, 1962
 Flagelômeros delgados.....17
- 17(16). Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II e III reunidos; lados do protórax não divergentes para a parte anterior; antenas tão longas quanto o corpo (exceto *E. breyeri*, antenas mais longas que o corpo).....
*Eponina* Lane, 1939
 Metatarsômero I mais longo que o comprimento do II e III reunidos; lados do protórax divergentes para o lado anterior; antenas mais longas que o corpo.....18
- 18(17). Corpo e apêndices com abundantes setas eretas, longas.....*Recchia* Lane, 1966
 Corpo e apêndices com setas muito curtas, nas antenas, restritas ao lado interno.....19
- 19(18). Lados do protórax subparalelos.....
*Pseudomecas* Aurivillius, 1920
 Lados do protórax divergentes para o lado anterior.....*Vianopolisia* Lane, 1966
- 20(10). Antenômero III tão ou mais longo que o escapo.....21
 Antenômero III mais curto que o scapo.....23
- 21(20). Metatarsômero I nitidamente mais longo do que o comprimento do II e III em conjunto; distância entre os lobos oculares na frente menor que o diâmetro do escapo; ápice dos metafêmures alcança o meio do urosternito III.....
Apoaerenica Martins & Galileo, 1985
 Metatarsômero I tão ou apenas mais longo que o comprimento do II e III em conjunto.....22
- 22(21). Metatarsômero I mais curto que o comprimento do II+III; lado inferior do escapo e do antenômero III densamente pilosos.....*Apophaula* Lane, 1973
 Metatarsômero I mais longo que o comprimento do II+III; lado interno do escapo e do antenômero III com pêlos esparsos*Rumacoon* Blackwelder, 1946
- 23(20). Metafêmures esbeltos, lineares, mais longos (1,5 a 2,0 vezes) que os mesofêmures.....24
 Metafêmures mais robustos, sublineares, tão ou apenas mais longos que os mesofêmures.....25
- 24(23). Lobos oculares inferiores não ocupam totalmente os lados da cabeça (genas bem visíveis, Fig. 2); distância entre esses lobos na frente maior ou subigual ao diâmetro do escapo.....
*Montesia* Lane, 1938
 Lobos oculares inferiores ocupam totalmente os lados da cabeça (genas estreitíssimas, Fig. 1); distância entre esses lobos na frente menor que o diâmetro do escapo.....
*Hydraschema* Thomson, 1864
- 25(23). Lobos oculares inferiores não ocupam totalmente os lados da cabeça (genas bem visíveis); distância entre esses lobos na frente maior que o diâmetro do escapo.....*Recchia* Lane, 1966
 Lobos oculares inferiores ocupam totalmente os lados da cabeça (genas estreitíssimas); distância entre esses lobos na frente menor que o diâmetro do escapo.....26
- 26(25). Tubérculos anteníferos próximos, separados por sulco profundo; lobos oculares superiores muito próximos, separados por distância equivalente a duas (ou menos) fileiras de omatídios; olhos, às vezes, divididos.....
*Aerenicopsis* Bates, 1885
 Tubérculos anteníferos distantes, separados por depressão rasa; lobos oculares superiores mais distantes, se-

parados entre si por distância maior do que três fileiras de omatídios; olhos inteiros.....27

- 27(26). Pronoto, élitros e abdômen com pontos evidentes.....
Aereniphaula Galileo & Martins, 1990
 Pronoto, élitros e face ventral com pontuação obliterada pela pubescência.....
*Pseudomecas* Aurivillius, 1920

Hoplistonychus Melzer, 1930

Hoplistonychus Melzer, 1930: 203; Gilmour, 1962: 125 (em chave); Martins, 1984a: 308 (em chave); Monné, 1995: 53 (cat.).

Espécie-tipo, *Hoplistonychus bondari* Melzer, 1930 (monotípia).

Aspecto geral robusto. Fronte mais larga que o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores mais distantes entre si do que a largura de um lobo com pelo menos 10 fileiras de omatídios; lobos oculares inferiores com o triplo do comprimento da gena; ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 4 fileiras de omatídios. Antenas (♂) tão longas quanto o corpo; escapo tão longo quanto o antenômero III; flagelômeros não espessados. Protórax mais largo do que longo; lados com gibosidade pouco acentuada ao nível do meio. Élitros com pontos contrastantes, mais concentrados na região umeral, sem grandes áreas de pubescência branca compacta nem faixas longitudinais de pubescência; extremidades arredondadas, desarmadas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures, atingem aproximadamente o meio do urosternito II. Metatarsômero I mais curto que II+III. Apêndice interno das unhas extremamente reduzido (Fig. 3). Último urotergito sem projeções laterais, acuminado para o ápice.

Hoplistonychus bondari Melzer, 1930

(Figs. 3, 13, 54)

Hoplistonychus bondari Melzer, 1930: 204, fig. 2, fig. 20; Bondar, 1915: 12, figs. (biol., larva); 1937: 152, fig. 3, (biol.); Lane, 1938a: 641 (tipos); Zikán & Wygodzinsky, 1948:

53 (tipos); Tippmann, 1960: 210; Duffy, 1960: 279 (biol.); Gilmour, 1962: 125 (em chave); Viana, 1970: 7, fig. (redescr.); Monné, 1995: 53 (cat.).

Phaula thomsonii; Andrade, 1928: 8 *non* Lacordaire, 1872.

Phaula sp. Duffy, 1960: 277, fig. 175 (larva, pupa).

Redescricao. ♂. Tegumento castanho-escuro a castanho-avermelhado. Pubescência ocre-alaranjada, nos élitros variegada por manchas subcirculares de pubescência branca. Face ventral recoberta por pubescência acinzentada. Lado interno do escapo e do pedicelo com pêlos curtos, pouco abundantes. Pronoto pontuado com duas pequenas áreas glabras látero-anteriores. Pontos contrastantes dos élitros mais concentrados nos úmeros e dispersos por toda superfície; setas muito curtas, inseridas na região anterior dos pontos.

♀. Antenas apenas mais curtas que o corpo. Último urosternito com sulco longitudinal central, transversalmente deprimido à frente da borda apical.

Variabilidade. Em alguns exemplares a pubescência elitral é quase unicolor, com poucas ou sem manchas brancas entremeadas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 22,7-26,0/25,3-30,1; largura umeral, 7,1-7,7/7,8-9,0.

Distribuição geográfica. Brasil (Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e São Paulo), Argentina (Misiones).

A espécie foi assinalada para a Argentina por Viana (1970).

Material examinado. Brasil. Pará: Serra Norte (Manganês), ♂, IX.1985, M. Zanuto col. (MZSP). Mato Grosso do Sul: Salobra, ♂, X.1938, Inst. ♀. Cruz (MZSP). Minas Gerais: Pirapora, ♂, (impropriamente rotulado como cotypus), I.1913, E. Garbe col. (MZSP, nº registro 18718). São Paulo: Botucatu, ♂, XII.1979, Souza col. (DZVU); Lindóia, ♂, IX.1963, J. Bick col. (MZSP); ♂, XI.1963, J. Bick col. (MZSP). Piracicaba, ♂, ♀, 1913, G. Bondar col. (MZSP, nº de registro 18.559, "vide Notícias Entomológicas, v. III, p. 12"); ♀ (cotypus), 10.XII.1914, G. Bondar col. (MZSP); ♀ (cotypus) 1915, G. Bondar col. (MZSP); ♂ (cotypus), 2 ♀ (typus, cotypus), G. Bondar col., com nº117 da Coleção Bondar (MZSP).

Designação de lectótipo e paralectótipos.

Melzer (1930: 204) mencionou o seguinte material-tipo: "Hab. Piracicaba, Estado de São Paulo, G. Bondar leg. a quem dedico esta especie. Vi outro especimen da colleção do Sr. Dr. E. Navarro de Andrade, colleccionado em Rio Claro."

Este exemplar de Rio Claro não foi examinado e, provavelmente, encontra-se na Coleção Navarro de Andrade, hoje incorporada à UNESP, Campus de Rio Claro. O número de indivíduos procedentes de Piracicaba também não foi mencionado. Lane (1938a) mencionou três cótipos marcados por Melzer na coleção do MZSP (dois de Piracicaba e um de Pirapora) e assinalou um quarto exemplar de Rio Claro que também pertencia ao MZSP. Zikán & Wygodzinsky (1948: 53) registraram na então coleção Melzer um "typus" e quatro "cotypus".

Os rótulos de "typus" e "cotypus" dos exemplares arrolados em material examinado são do punho de Melzer. Anotamos que o exemplar de Pirapora, MG (MZSP nº18.718) também porta um rótulo manuscrito de "cotypus", imprópriamente, já que essa localidade não foi originalmente citada.

O Dr. F. Lane etiquetou a fêmea indicada como "typus" como lectótipo e os demais exemplares de Piracicaba como paralectótipos (3 ♂, 3 ♀), todos depositados no MZSP. Não pudemos encontrar a publicação formal dessas indicações e julgamos apropriado formalizar agora as designações de lectótipo e paralectótipos.

Biologia. No volume III das "Notícias Entomológicas" (vide na Introdução "Formas imaturas e plantas-hospedeiras" p.) sob número de registro 18.559 (p. 12) encontram-se as seguintes observações que traduzimos do alemão: "(*Oncoderes* sp.). Larva em *Jacaranda mimosaeifolia*, em árvore viva. Desenvolvimento dura dois anos".

Verificamos em Bailey (1944: 1713) que *Jacaranda mimosaeifolia*, Bignoniaceae, aparece como sinônima de *J. ovalifolia* R. Bom., com a seguinte anotação: "There is some confusion between these names, *J. ovalifolia* and *J. mimosaeifolia*, both being made in the year 1822." Segundo Sandwith & Hunt (1974) o nome válido é *Jacaranda mimosifolia*.

Como exposto com mais detalhes no capítulo "Formas imaturas ..." mencionado acima, constatamos que diversos autores trataram da biologia e das formas imaturas de *Hoplistonychus bondari* sob três denominações: (1) como *Hoplistonychus bondari* por Bondar (1915, 1937) e Silva *et al.*

(1968); (2) como *Phaula thomsoni* por Andrade (1928), Lima (1930, 1936, 1955) e Silva *et al.* (1968); (3) como *Phaula* sp. por Duffy (1960). A larva foi ilustrada por Bondar (1915) e por Duffy (1960); as galerias larvais por Bondar (1937).

Em resumo, Bondar (1915, 1937) e Andrade (1928) registraram a planta-hospedeira, atacada viva e figuraram larva e galerias. Duffy (1960) descreveu minuciosamente a larva, ilustrou os últimos segmentos abdominais da larva (Fig. 13) e descreveu a pupa.

Discussão. *Hoplistonychus bondari*, pelo aspecto geral (fig. 1), assemelha-se bastante a algumas espécies de *Oncideres* a ponto de Luederwaldt mencioná-la sob esta denominação. A presença de apêndice interno, ainda que muito curto, nas garras tarsais permite distingui-la imediatamente das espécies de *Oncideres*.

A conformação peculiar das unhas permite separar *Hoplistonychus bondari* de todas as demais espécies de Aerenicini.

Paraphaula Fuchs, 1963

Paraphaula Fuchs, 1963: 13; Martins, 1984a: 308 (em chave); Monné, 1995: 51 (cat.).

Espécie-tipo, *Paraphaula porosa* Fuchs, 1963 (monotipia).

Fuchs (1963) ao estabelecer este gênero incluiu-o em Aerenicini relacionando-o com *Phaula* e *Hoplistonychus*. Salientou que *Paraphaula* distingue-se desses gêneros, bem como de todos os demais gêneros de Aerenicini, pelo protórax armado lateralmente e pelas extremidades elitrais não arredondadas nem projetadas em espinho. O protórax apresenta no meio dos lados uma gibosidade curta e cônica e os ápices elitrais foram descritos como entalhados obliquamente com uma ponta nos ângulos sutural e externo.

Acrescentamos que, segundo a descrição, a face dorsal do corpo, em *P. porosa*, da frente aos ápices dos élitros, apresenta pontos contrastantes grossos, com aspecto de poros.

P. porosa tem 14-15 mm de comprimento, foi descrita com base num casal procedente de Itaipua, Rio de Janeiro, e o material-tipo originalmente depositado na coleção Fuchs.

Desconhecemos a localização atual da co-

leção Fuchs e, embora tenhamos examinado material abundante do Itatiaia, não pudemos reconhecer esta espécie. A inclusão de *Paraphaula* na chave para identificação dos gêneros foi fundamentada na descrição original. Zajciw (1972: 69) também não examinou a espécie e inseriu-a na lista dos cerambicídeos do Itatiaia, Rio de Janeiro.

Calliphaula Lane, 1973

Calliphaula Lane, 1973: 418; Martins, 1984a: 308 (em chave); Monné, 1995: 49 (cat.).

Espécie-tipo, *Aerenica leucippe* Bates, 1881 (monotípia).

Aspecto geral robusto. Fronte mais larga do que o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores tão ou mais distantes entre si do que a largura de um lobo, com 8-9 fileiras de omatídeos; lobos oculares inferiores com mais do que o triplo do comprimento da gena; ligação entre os lobos oculares superiores e inferiores com 3 fileiras de omatídeos. Antenas ultrapassam a extremidade do corpo; escapo tão longo quanto o antenômero III; flagelômeros apenas espessados, densamente pilosos. Protórax mais largo que longo; lados subparalelos, sem projeções. Élitros com pontos contrastantes não contíguos na base com grandes áreas de pubescência branca, densa, compacta; extremidades elitrais uniespinhosas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures, atingem a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I mais curto que II+III. Apêndice interno das unhas atinge o meio do apêndice externo (Fig. 4). Último urotergito sem projeções laterais com a borda posterior arredondada.

Chave para as espécies de *Calliphaula*

1. Fronte com lados subparalelos; lados dos urosternitos cobertos por áreas de pubescência branca densa; comprimento 19,0-22,7 mm. (fig. 60). Peru, Brasil (Rio de Janeiro a Santa Catarina)*C. leucippe* (Bates, 1881)
Fronte com lados convergentes para a parte inferior; urosternitos com pubescência amarelada uniforme, sem pubescência

branca densa nos lados; comprimento 10,3 mm. Brasil (Minas Gerais).....
.....*C. filiola* Martins, 1984

Calliphaula leucippe (Bates, 1881)

(Figs. 4, 60)

Aerenica leucippe Bates, 1881b: 146, 300 (cat.); Gilmour, 1962: 128 (em chave), fig. 3.

Calliphaula leucippe; Lane, 1973: 418; Monné, 1995: 49 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho ou castanho-avermelhado. Pubescência amarelada; pubescência branca de giz, compacta, reveste: faixa longitudinal no disco pronotal ligeiramente alargada para o lado posterior; faixa longitudinal larga a cada lado do protórax; centro do escutelo; em cada élitro mancha triangular, longitudinal, encostada à sutura e distante da margem do sexto basal ao terço posterior e mancha alongada, dorsal, no meio do terço apical; metepisternos (exceto estreita região anterior), lados do metasterno e dos urosternitos. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente na extremidade do antenômero IX. Escapo, pedicelo, antenômero III e lado interno dos antenômeros IV-XI densamente pilosos; pêlos acastanhados; flagelômeros algo intumescidos. Pronoto sem áreas látero-anteriores glabras. Pontos contrastantes dos élitros presentes em toda superfície (exceto nas manchas brancas), mais esparsos e menos profundos na metade apical. Último urosternito pouco convexo com borda apical entalhada no meio.

♀. Último urosternito mais convexo, sem sulco longitudinal ou depressão ante-apical, com pêlos abundantes em toda a superfície.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 19,1-21,5/14,5-22,7; largura umeral, 4,4-5,2/4,0-5,3.

Distribuição geográfica. Peru, Brasil (Rio de Janeiro a Santa Catarina).

Material examinado. Peru. Junin: Tarma (Vitoc, 1400 m), 2 ♂ 16.X.1940, F. Woytkowski col. (SEMC). Brasil. ♂. (MZSP, comparado com tipo em 1962 por F. Lane no MNHN). Paraná: Curitiba, ♀, XII.1939, Col. Claretiano (MZSP, com-

parada com tipo em 1962 por F. Lane no MNHN). Santa Catarina: Rio Vermelho, ♀, I. 1950, Dirings (MZSP); ♀, XII.1950, Dirings (MZSP); ♂, XII.1955, Dirings (MZSP).

Ainda 1 ♀ com apenas a indicação "JBRGB" comparada com tipo em 1962 por F. Lane no MNHN.

Calliphaula filiola Martins, 1984

Calliphaula filiola Martins, 1984a: 309; Monné, 1995: 49 (cat.).

Discussão. Semelhante à espécie precedente, com a mesma distribuição das áreas corporais recobertas por pubescência branca de giz, exceto nos lados dos urosternitos onde não existe pubescência branca. Além disso, no macho, os lados da frente são nitidamente convergentes para o lado inferior; as dimensões são menores (comprimento, 10,3 mm; largura umeral, 2,5 mm) e a distribuição geográfica é diferente.

Espécie até o momento conhecida apenas pelo holótipo ♂ proveniente de Minas Gerais: Belo Horizonte, X.1950, A. B. Machado col. (MZSP).

Aerenomera Gilmour, 1962

Aerenomera Gilmour, 1962: 125 (em chave), 134; Lane, 1974a: 359; Martins, 1984a: 308 (em chave) Monné, 1995: 49 (cat.).

Espécie-tipo, *Aerenomera boliviensis* Gilmour, 1962 (monotípia).

Aspecto geral moderadamente alongado. Frente tão larga quanto o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores mais distantes entre si do que a largura de um lobo, com 5 ou 6 fileiras de omatídios; lobos oculares inferiores com o triplo da gena; ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 3-4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo nos dois sexos; nos machos, atingem aproximadamente no meio do antenômero VIII. Escapo mais curto que o antenômero III; flagelômeros não intumescidos. Protórax mais largo que longo; lados subparalelos sem gibosidades. Élitros com pontos contrastantes, mais concentrados no dorso atrás do

escutelo; extremidades arredondadas, desarmadas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge aproximadamente a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I mais longo do que II + III. Apêndice interno das unhas mais curto do que o apêndice externo. Último urotergito sem espículos laterais com a borda arredondada.

Chave para as espécies de *Aerenomera*

1. Pontos elitrais do terço basal até o ápice nitidamente contrastantes; mancha lateral amarelada dos élitros apenas ultrapassa a metade elitral. Fig. 57. Bolívia, Paraguai, Brasil (Pernambuco a São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul).....
.....*A. boliviensis* Gilmour, 1962
- Pontos elitrais pouco contrastantes em toda a superfície; mancha lateral amarelada dos élitros atinge o nível do terço apical. Brasil (Minas Gerais).....
.....*A. spilas* Martins, 1984

Aerenomera boliviensis Gilmour, 1962 (Fig. 57)

Aerenomera boliviensis Gilmour, 1962: 135, figs. 9, 10; Lane, 1974:359 (distr.); Monné, 1995: 49(cat.).

Redescrição ♂. Tegumento avermelhado a castanho-avermelhado. Pubescência amarelada reveste: cabeça, mais concentrada no perímetro dos olhos; duas faixas mais esparsas nos lados do pronoto, às vezes pouco aparentes; nos élitros, área dorsal, subcircular, atrás do escutelo e grande região lateral que se inicia nos ombros, prolonga-se obliquamente em direção à sutura e termina logo atrás do meio ou antes do terço apical. Pubescência amarelo-alaranjada mais densa numa faixa longitudinal em cada élitro, paralela à sutura, do meio até quase a extremidade. Centro do pronoto e restante da superfície elitral revestidos por pubescência esbranquiçada. Escapo sem pêlos longos no lado inferior. Dorso da cabeça e pronoto fina e densamente pontuados. Pontos contrastantes dos élitros bem visíveis. Metafêmures com alguns pontos contrastantes. Último urosternito pouco e

regularmente convexo; borda apical pouco profundamente emarginada.

♀. Último urosternito convexo, com sulco central curto na metade posterior e depressão transversal na região apical; borda posterior emarginada.

Dimensões em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 9,5-13,6/9,6-13,3; largura umeral, 2,7-3,9/3,3-3,8.

Distribuição geográfica. Bolívia, Brasil (Pernambuco, Paraíba, Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo), Paraguai, Argentina (Formosa, Misiones).

Material examinado. Brasil. Pernambuco: Jaboatão, ♂, 1937, L. Castro col. (MZSP). Bahia: Salvador, ♂, ♀, II.1927, G. Bondar col. (MZSP). Mato Grosso do Sul: Ponta Porã, ♂, 1941, Nick col. (MZSP); Porto Murtinho, ♂, XII.1929, R. Spitz col. (MZSP); Salobra, 12 ♂, 2 ♀, X.1938, F. Lane col. (MZSP). São Paulo: São Paulo, ♂ (MZSP, procedência a confirmar). Paraguai. Guairá: Villarica, ♂, XII.1923, Schade col. (MZSP). Argentina. Formosa: P. Pilcomayo, ♂, IV.1949 (MZSP). Misiones: Salto Iguazu, ♂, XI.1923, H. Lane col. (MZSP).

Aerenomera spilas Martins, 1984

Aerenomera spilas Martins, 1984a: 309; Monné, 1995: 49 (cat.).

É provável que esta espécie, na realidade, constitua uma população da espécie precedente com distribuição restrita ao centro do Estado de Minas Gerais.

A. spilas distingue-se de *A. boliviensis*: pontos contrastantes dos élitros menos aparentes, mais acobertados pela pubescência; faixa longitudinal de pubescência amarelo-alaranjada dos élitros apenas indicada ao ausente. O escapo e os antenômeros basais são mais esbeltos, mas este caráter é de avaliação difícil.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Buritis (Ribeirão Confins), ♂, X.1964, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP); Belo Horizonte, parátipo ♀, O. Monte col. (MZSP); parátipo ♀, XI.1950, A. B. Machado col. (MZSP); Santa Bárbara (Peti-CEMIG), ♀, XI.1987, A. B. & P. A. Machado col.

(MZSP); Sete Lagoas, holótipo ♀, parátipo ♀, XI.1962, A. Zunti col. (MZSP).

Phaula Thomson, 1857

Phaula Thomson, 1857: 303; 1864:108; Bates, 1881b: 300 (cat.); Gilmour, 1962: 126 (em chave); Martins, 1984a: 309 (em chave), 314 (chave para espécies, sin.); Monné, 1995: 51 (cat.).

Cymbalia Thomson, 1864:119, 400; Lacordaire, 1872: 897; Lane, 1973: 417; Martins, 1984a: 314 (sin.).

Ochraesius Pascoe, 1888:510; Lane, 1973: 417; Martins, 1984a: 314 (sin.).

Cryptophaula Lane, 1973:426; Martins, 1984a: 314 (sin.).

Heterophaula Lane, 1973:428; Martins, 1984a:308 (em chave). *syn. n.*

Espécie-tipo. De *Phaula*, *Phaula antiqua* Thomson, 1857 (designação de Thomson, 1864: 108). De *Cymbalia*, *Saperda lichenigera* Thomson, 1864 *non* Perty, 1830 = *Phaula thomsonii* Lacordaire, 1872 (monotípia). De *Ochraesius*, *O. sticticus* Pascoe, 1888 (monotípia). De *Cryptophaula*, *C. microsticta* Lane, 1973 (monotípia e designação original). De *Heterophaula*, *Saperda lichenigera* Perty, 1830 (designação original).

Aspecto geral robusto. Fronte tão ou mais larga que o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores tão ou mais distantes entre si quanto a largura de um lobo com 5-12 fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores com, no mínimo, o triplo do comprimento da gena. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 4 - 8 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo tão ou pouco mais curto que o comprimento do antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax mais largo que longo; lados paralelos ou levemente divergentes para o lado anterior. Élitros com pontos contrastantes mais concentrados no quinto basal, sem manchas de pubescência branca compacta; extremidades acuminadas ou uniespinhosas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures, atingem a borda posterior do urosternito II ou do III. Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II+III. Apêndice interno da unha mais curto que o apêndice externo. Último urotergito arredondado na borda apical.

Chave para as espécies de *Phaula*

1. Flagelômeros com o terço apical castanho-avermelhado; pontuação elitral densa em toda a superfície. Fig. 55. Brasil (Bahia)*P. antiqua* Thomson, 1857
 Flagelômeros com tegumento unicolor; pontuação elitral esparsa atrás da área basal de pontuação concentrada.....2
- 2(1). Pubescência elitral unicolor sem faixas dorsais ou laterais de pubescência amarelada ou alaranjada.....3
 Élitros com faixas longitudinais de pubescência amarelada ou alaranjada4
- 3(2). Escapo e pedicelo avermelhados; pronoto e base dos élitros fina e densamente pontuados; lobos oculares superiores (fêmea) com 5-6 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo; espinho apical dos élitros tão longo quanto o pedicelo. Brasil (Minas Gerais a Paraná, Mato Grosso do Sul), Argentina (Formosa)*P. microsticta* (Lane, 1973)
 Escapo e pedicelo pretos; pronoto e base dos élitros grosseira e densamente pontuados; lobos oculares superiores (fêmea) com 10-11 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo; espinho apical dos élitros com, pelo menos, o dobro do comprimento do pedicelo. Brasil (Pará ao Mato Grosso do Sul, Minas Gerais ao Rio Grande do Sul).....*P. thomsonii* Lacordaire, 1872
- 4(2). Pequenas dimensões (comprimento 8,7 mm); pontuação densa da base dos élitros atinge quase o meio; extremidades elitrais acuminadas. Brasil (Mato Grosso do Sul).....*P. bullula* Martins, 1984
 Dimensões maiores (comprimento no mínimo 11 mm); pontuação densa na base dos élitros restrita ao quinto basal; extremidades elitrais com espinho longo5

- 5(4). Pronoto, escutelo e lados da face ventral do corpo com pubescência amarelo-alaranjada; pontos da base dos élitros pequenos; escapo com tegumento preto e flagelômeros com tegumento avermelhado. Brasil (Minas Gerais ao Rio Grande do Sul).....*P. lichenigera* (Perty, 1830)
 Pronoto, escutelo e face ventral do corpo com pubescência branca; pontos da base dos élitros grandes; escapo e flagelômeros castanho-avermelhados. Brasil (Mato Grosso) *P. splendida* (Galileo & Martins, 1987)

***Phaula antiqua* Thomson, 1857**

(Fig. 55)

Phaula antiqua Thomson, 1857: 303; Lacordaire, 1872: 898; Bates, 1881b: 300 (cat.); Lane, 1973: 417; Martins, 1984a: 314 (em chave); Monné, 1995: 51 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Pubescência amarelo-esbranquiçada. Fronte finamente pontuada. Lobos oculares superiores pouco mais afastados entre si do que a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente no ápice do antenômero X. Escapo e pedicelo densamente pilosos. Dois terços basais dos flagelômeros com pubescência esbranquiçada. Pronoto profunda e densamente pontuado com duas gibosidades látero-anteriores geralmente glabras. Terço basal dos élitros profunda e densamente pontuado; pontuação elitral gradualmente mais rasa em direção ao ápice; pontos contrastantes da metade apical dos élitros abundantes; extremidades elitrais prolongadas em espinho longo. Face ventral com pêlos brancos pouco densos. Esternos torácicos pontuados. Urosternitos com pontos contrastantes. Fêmures sem pontos contrastantes. Ápice dos metafêmures atinge aproximadamente o meio do urosternito II.

♀. Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Antenas apenas mais curtas que o corpo.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 16,4-17,9/20,6-25,0; largura umeral, 4,0-4,1/5,2-5,4.

Variabilidade. Em alguns exemplares, a metade apical do friso sutural é revestida por pubescência branca; o dorso do terço apical dos élitros pode apresentar faixa longitudinal, indistinta, de pubescência branca.

Distribuição geográfica. Aparentemente restrita ao sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais.

Material. Brasil. Bahia: Vitória da Conquista, ♀, 3.X.1992, M. Moreira col.(MZSP). Minas Gerais: Águas Vermelhas, 4 ♂, XI.1970, F. M. Oliveira col. (MNRJ); Pedra Azul, ♀, XII.1970, F. M. Oliveira col. (MNRJ).

Discussão. Thomson (1857) descreveu resumidamente esta espécie e mencionou como procedência apenas Brasil; o mesmo autor (1864) indicou-a espécie-tipo de *Phaula*. Lacordaire (1872) apresentou sucinta redescricao da espécie. Lane (1973) examinou o diapositivo do holótipo feito por Moure no MNHN e atribuiu à espécie três machos e uma fêmea provenientes de Minas Gerais, Águas Vermelhas, pertencentes à então coleção Campos Seabra, hoje incorporada ao MNRJ. Examinamos estes exemplares, que na realidade são quatro machos.

P. antiqua (Fig. 55) caracteriza-se pelos flagelômeros revestidos por pubescência esbranquiçada nos dois terços basais e avermelhados no terço apical e pela presença de pontos contrastantes, abundantes, em toda superfície dos élitros. Nas demais espécies de *Phaula*, os flagelômeros são unicolores e pelo menos a metade apical dos élitros tem pontuação mais esparsa.

***Phaula microsticta* (Lane, 1973)**
(Figs. 20 - 25)

Criptophaula microsticta Lane, 1973: 426.

Phaula microstictica Martins, 1984a: 314 (em chave), 316 (error); Monné, 1995: 52 (cat.).

Redescricao. ♂. Tegumento avermelhado, inclusive escapo e pedicelo. Pubescência amarelo-esbranquiçada. Fronte finamente pontuada. Lobos oculares superiores com 6-8 fileiras de omatídios, tão ou pouco mais distantes entre si que a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente na extremidade do

antênomo VII. Escapo e pedicelo sem pêlos longos. Antênomo com pubescência uniforme. Pronoto muito fina e muito densamente pontuado, sem calosidades laterais glabras. Quinto basal dos élitros com pontos muito densos, pouco maiores do que os do pronoto; restante da superfície elitral com pontos contrastantes esparsos; setas elitrais muito curtas; extremidades elitrais acuminadas ou com espinho curto (comprimento no máximo igual àquele do dobro do pedicelo). Esternos torácicos fina e densamente pontuados. Urosternitos fina e pouco profundamente pontuados. Fêmures sem pontos contrastantes. Face ventral do corpo sem pêlos longos. Ápice dos metafêmures atinge ou apenas ultrapassa a borda posterior do urosternito II. Genitália com as bordas laterais do tergito VIII (Fig. 20) estreitadas em direção ao ápice e a borda apical emarginada no centro; lâmina-bilobada de comprimento igual a metade do tergito VIII, borda apical levemente emarginada no centro com cerdas esparsas; fúrcula-grande bifurcada na base com 2,5 vezes o comprimento da fúrcula-pequena não bifurcada. Lobo médio (Figs. 22, 23) tão longo quanto o tégmen (Fig. 21). Apófises-basais, ventralmente, com 0,8 vezes o comprimento total do lobo-médio. Lobos-laterais com 0,3 vezes o comprimento total do tégmen. Saco-interno com 1 par de escleritos na porção entre as apófises-basais.

♀. Lobos oculares superiores com 5-6 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente o meio do antênomo IX. Genitália com urosternito VIII (Fig. 24) com área central larga, membranosa, com pêlos densos, voltados para a região central; hemisternitos IX (Fig. 25) alongados, finos com 1 par de baculi na região proximal, curtos com o dobro do comprimento dos baculi do paraprocto.

Variabilidade. As extremidades elitrais podem apresentar espinho curto, mas bem visível ou são apenas acuminadas, sem espinho.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 12,7-18,1/19,8-20,3; largura umeral, 3,4-4,9/5,5-5,7.

Distribuição geográfica. Brasil (Mato Grosso ao Paraná), Argentina (Formosa), aparentemente relacionada com áreas de formações abertas.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso:

Chapada dos Guimarães (Buriti), ♂, X.1993, G. R. Kloss & F. Val col. (MZSP). Mato Grosso do Sul: Costa Rica (Faz. Santo Antonio), 6 ♂, 21-24.X.1984, S. A. Vanin col. (MZSP). Porto Murtinho (Várzea Alegre), parátipo ♂, X.1934, W. Melzer col. (MZSP). Três Lagoas (Faz. Canaã, margem esquerda do Rio Sucuriú), ♂, XII.1967, F. Lane col. (MZSP). Goiás: Parque Nacional das Emas, ♂, XI.1986, E. Bechara, L. Ferrio & V. Viviani col. (MCNZ). São Paulo: Botucatu, ♂, 26.XII.1968, A. Scivittaro col. (MZSP); 2 ♂, I.1970, O. J. Chamma col. (MZSP); ♂, II.1970, O. J. Chamma col. (MZSP); ♂, XII.1970, O. J. Chamma col. em armadilha luminosa (MZSP); 2 ♂, I.1971, F. Molina col. em armadilha luminosa (MZSP); ♂, idem (MCNZ); ♂, II.1973, A. Scivittaro col. (MZSP); ♂, XII.1973, Mantovani col. (MZSP); ♀, I.1974, Mantovani col. (MZSP). Itapeva, holótipo ♂, XII.1939 (MZSP); parátipo ♂, A. Maller col. (nº709) (MZSP). Itu, ♂, 10.I.1958, U. Martins col. (MZSP); ♂, XII.1958, U. Martins col. (MZSP); ♂, I.1959, U. Martins col. (MZSP); (Faz. Pau d'Alho), ♂, XII.1956, U. Martins col. (MZSP); 2 ♂, XII.1957, U. Martins col. (MZSP). Ribeirão Preto (Faz. da Pedra, Rio Tamanduá), parátipo ♂, 5-8.XI.1953, Travassos & Zago col. (MZSP).

Discussão. Pela pubescência unicolor dos élitros, *P. microsticta* assemelha-se mais a *P. thomsonii*. Difere: pelo tegumento avermelhado do escapo e do pedicelo, pela pontuação do pronoto e da base dos élitros muito mais fina; pelos espinhos da extremidade dos élitros mais curtos ou apenas indicados.

Foram examinadas apenas duas fêmeas que apresentam os lobos oculares superiores estreitos, com cinco ou seis fileiras de omatídeos e tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Este caráter permite distingui-las das fêmeas de *P. thomsonii* onde os lobos oculares superiores têm 10-11 fileiras de omatídeos e são tão distantes entre si quanto a largura de um lobo.

***Phaula thomsonii* Lacordaire, 1872**

Phaula thomsonii Lacordaire, 1872: 898, nota 1; Martins, 1984a: 314 (em chave); Monné, 1995: 52 (cat.).

Cymbalia lichenigera; Thomson, 1864:120, *non Saperda lichenigera* Perty, 1830; Lacordaire, 1872: 8 99, nota 1.

Ochraesius sticticus Pascoe, 1888: 511; Zikán & Zikán, 1944:43 (distr.); Zajciw, 1958: 20 (distr.); 1972: 69 (distr.); Buck, 1959: 608 (distr.); Martins, 1984a: 316 (sin.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado a preto; freqüentemente escapo e pedicelo pretos e flagelômeros avermelhados. Pubescência de maneira geral amarelo-esbranquiçada. Lobos oculares superiores desenvolvidos com *ca.* 12 fileiras de omatídeos, mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais geralmente no meio do antenômero IX. Escapo e pedicelo com pêlos curtos, amarelados geralmente densos, na face inferior. Pronoto fina e densamente pontuado; gibosidades látero-anteriores pubescentes. Quinto basal dos élitros com pontos densos, profundos e próximos; essa pontuação mais prolongada posteriormente nos lados do que junto à sutura; restante da superfície elitral com pontos glabros, rasos, de concentração variável. Face ventral com pêlos esbranquiçados esparsos. Esternos torácicos, exceto pro-, meso- e centro do metasterno, finamente pontuados. Fêmures sem pontos contrastantes. Extremidades dos metafêmures atingem a borda apical do urosternito II.

♀. Lobos oculares superiores com 10-11 fileiras de omatídeos, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente na extremidade do antenômero X.

Variabilidade. Pêlos da face inferior do escapo muito densos em alguns exemplares. Em pequeno número de indivíduos, o tegumento dos flagelômeros é preto. Os pontos contrastantes da metade apical dos élitros variam em dimensões e em densidade. Espinhos elitrais geralmente muito longos, conspícuos, mas em escasso número de exemplares as extremidades elitrais são apenas acuminadas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 20,0-28,0/20,0-38,5; largura umeral, 5,8-7,5/5,5-11,0.

Distribuição geográfica. Brasil (do Pará ao Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Goiás), Argentina (Misiones).

Zajciw (1958: 20) assinalou a presença desta espécie no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Corcovado) com base num élitro direito. Buck (1959) registrou-a para o Rio Grande do Sul, Cerro Largo.

Material examinado. Brasil. Pará: Cachimbo, ♀, I.1956, Pedro col. (MZSP); ♂, IX-X.1956, Travassos, Oliveira & Adão col. (MZSP); Oriximiná, 3 ♂, 2 ♀, VIII-IX.1968, P. Eleres col. (MZSP). Mato Grosso do Sul: Corumbá (Faz. Santa Blanca), ♂, XII.1960, K. Lenko col. (MZSP); Salobra, 4 ♂, X.1938, Inst. O. Cruz col. (MZSP); ♂, I.1955, C. A. C. Andrade col. (MZSP). Goiás: Anápolis, ♂ (MZSP); Cabeceiras (Lagoa Formosa), ♀, X.1964, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP). Minas Gerais: Coronel Pacheco, ♀, III.1976, F. C. Val. col. (MZSP); Lavras, ♀, III.1973, P. J. Ribeiro col. (MZSP); Santa Bárbara (Serra do Caraça), ♂, 24.II - 3.III.1972, Exp. MZUSP col. (MZSP). Rio de Janeiro: Itaguaí (km 47 rodovia Rio - São Paulo), ♂, XI.1965, W. Zikán col. (MZSP); Itatiaia (700m), ♀, II.1950, W. Zikán col. (MZSP); ♀, XI.1961, J. Hercio col. (MZSP). São Paulo: Alto da Serra, ♂, II.1940, Travassos & Lane col. (MZSP); Amparo, 2 ♂, Col. N. Andrade (MZSP); Botucatu, ♀, IV.1969, A. Mantovan col. (MZSP); Campinas, ♀, 1921, E. Braatz (MZSP); ♀, I.1940 (MZSP); Dois Córregos, ♂, III.1955, U. Martins col. (MZSP); Itu (Faz. Pau d'Alho), ♂, I.1961, F. S. Pereira col. (MZSP); ♂, II.1963, Werner, Martins & Silva col. (MZSP); Juquiá (300m), ♂, II.1941, Travassos & D'Amico col. (MZSP); Piracicaba, ♀ (MZSP); Sertãozinho, ♂, III.1934, Montera col. (MZSP); São Bento do Sapucaí, ♂, I.1953, L. Backup col. (MZSP). Paraná: Arapoti, ♀, I.1946, A. Maller col. (AMNH); Ponta Grossa, ♀, 1945, J. P. Machado col. (MZSP); Rio Negro, ♂, I. 1925, Coll. Franciscanos (MZSP). Santa Catarina: Blumenau, ♂, XII.1958, Dirings (MZSP); Corupá, ♂, II. A. Maller col. (MZSP); ♂, III.1934, A. Maller col. (MZSP); ♀, II.1941, A. Maller col. (MZSP); Itapiranga, ♀, I.1954, P. Buck col. (MAPA); Joinville, ♂, I.1956, Dirings (MZSP); Timbó, 2 ♂, XII.1950, Dirings (MZSP); 2 ♂, XII.1951, Dirings (MZSP); ♂, XI.1953, Dirings (MZSP); 2 ♂, XII.1958, Dirings (MZSP); ♀, II.1957, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Cerro Largo (ex Serro Azul), ♂, I.1932, P. Buck col. (MAPA); Guaíba, ♀, XII.1979, H. A. Gastal col. (MCNZ); Pareci Novo, ♀, II.1932, P. Buck col. (MZSP); Pínhai, ♂, XII.1939 (MZSP); ♀, II.1940, (MAPA); Porto Alegre, ♂, 1927, P. Buck col. (MZSP); Salva-

dor do Sul, ♂, 1963, (MAPA). Argentina. Misiones: Iguazu, ♀, II.1970 (MZSP).

Biologia. Desconhecida. Andrade (1928) assinalou larvas de *Phaula thomsonii* em árvores vivas de "Jacarandá mimoso" (*Jacaranda mimosifolia* DC) em Rio Claro, SP. Lima (1930; 1936; 1950), Duffy (1960: 277) e Silva *et al.* (1968) repetiram essas informações. Verificamos que essas citações correspondem, na realidade, a *Hoplistonychus bondari* (vide p. 13).

Discussão. Dentre o material examinado 25 exemplares foram comparados por F. Lane, em 1961, com o holótipo de *Ocraesius sticticus* Pascoe depositado no BMNH.

Phaula thomsonii caracteriza-se pela pubescência elitral unicolor, sem faixas longitudinais de pubescência alaranjada; pelo escapo e pedicelo com tegumento preto e pelo acentuado desenvolvimento dos lobos oculares superiores. Vide discussão em *P. microsticta*.

***Phaula bullula* Martins, 1984**

Phaula bullula Martins, 1984a: 314 (em chave), 315; Monné, 1995: 51 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência branco-acinzentada; cada élitro com uma faixa longitudinal de pubescência amarelo-esbranquiçada, pouco contrastante, ao lado da sutura. Fronte pontuada, a pontuação pouco evidente, recoberta pela pubescência. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Antenas atingem o ápice elitral aproximadamente na extremidade do antenômero VII. Escapo e pedicelo praticamente sem pêlos longos. Pronoto pontuado; gibosidades látero-anteriores apenas indicadas, recobertas por pubescência. Pontuação elitral densa no terço basal, (mais esparsa perto da sutura) e prolongada posteriormente pelo dorso até o meio; pontos contrastantes da metade apical muito esparsos, em pequeno número; extremidades acuminadas. Esternos torácicos pontuados. Centro do metasterno sem pêlos longos. Fêmures sem pontos contrastantes. Extremidades dos metafêmures alcançam, aproximadamente a borda apical do urosternito III.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 8,7; largura umeral, 2,2.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo: Maracaju, Mato Grosso do Sul.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Maracaju, holótipo ♂, III.1937, S. Lane col. (MZSP).

Discussão. *P. bullula* difere das demais espécies pelas pequenas dimensões e pela distribuição da pontuação elitral; os pontos são bem concentrados quase até a metade dos élitros e, na metade distal, a pontuação é muito esparsa. Além disso, difere das espécies precedentes pela presença de faixa longitudinal de pubescência amarelo-esbranquiçada, mais densa, ao lado da sutura dos élitros, visível principalmente na metade posterior.

Phaula lichenigera (Perty, 1830), comb. n.

Saperda lichenigera Perty, 1830: 97, fig. 14.

Phaula lichenigera; Bates, 1881b: 300 (cat.); Aurivillius, 1923a: 597 (cat.); Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Heterophaula lichenigera; Lane, 1973: 418; Monné, 1995: 50 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado ou avermelhado; escapo e pedicelo com tegumento preto. Pubescência alaranjada reveste: fronte, perímetro dos olhos; três faixas transversais no pronoto; lados do protórax; escutelo; faixas longitudinais dos élitros, uma paralela à sutura outra junto à margem fundidas no ápice; mesepisternos, mesepimeros, metepisternos e lados do metasterno. Demais regiões corporais com pubescência esbranquiçada. Fronte estreita; pontuação sob a pubescência. Lobos oculares superiores com 10-11 fileiras de omatídios, mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Antenas atingem as pontas dos élitros aproximadamente na extremidade do antenômero IX. Escapo densamente piloso na face inferior. Pronoto com pontuação obliterada pela pubescência; geralmente com faixa transversal estreita, desnuda, ao nível do terço anterior; gibosidades látero-anteriores não indicadas. Élitros muito densa e profundamente

pontuados no quinto basal; restante da superfície com pontos contrastantes moderadamente densos; extremidades prolongadas em espinho longo. Face ventral com pêlos amarelo-esbranquiçados. Pontuação dos esternos torácicos não visível; urosternitos com pontos contrastantes pequenos e abundantes. Fêmures sem pontos contrastantes. Extremidades dos metafêmures atingem pouco além do meio do urosternito II.

♀. Lobos oculares superiores mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Antenas tão longas quanto o corpo ou atingem os ápices elitrais no meio do antenômero X.

Variabilidade. Em alguns exemplares a faixa glabra do pronoto encontra-se obliterada pela pubescência.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,9-23,6/22,8-24,1; largura umeral, 4,4-5,9/5,5-6,0.

Distribuição geográfica. Mata Atlântica meridional de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul.

Material examinado. Brasil. Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), ♂, XI.1932, J. F. Zikán col., à luz (MZSP). São Paulo: Amparo, 2 ♂, Coll. N. de Andrade (MZSP); Diadema, ♂, X.1961, E. Amanate col. (MZSP); Salesópolis (Est. Biol. Boracéia), ♂, ♀, XII.1968, Santos col. (MZSP); ♂, I.1979, Fontes & Terra col. (MZSP); São Paulo (Jabaquara), ♂, X.1945, Dirings (MZSP); (Vila Ema), ♂, XII.1925, Barbiellini col. (MZSP). Paraná: Ponta Grossa, ♀, 1945, P. Machado col. (MZSP); Rio Negro, ♀, I.1922, Coll. Franciscanos (MZSP). Santa Catarina: Blumenau, ♀, XI.1958, Dirings (MZSP); Corupá, ♂, XII.1931, A. Maller col. (MZSP); ♂, I.1950, Dirings (MZSP); Mafra, ♀, II.1934, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, ♂, IV.1950, Dirings (MZSP); ♀, I.1952, Dirings (MZSP); ♂, IV.1952, Dirings (MZSP); ♂, VIII.1963, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Guaíba, ♂, I.1955, A. Brescovit col. (MCNZ); Porto Alegre, ♀, II.1930, P. Buck col. (MZSP); Salvador do Sul, ♀, 1963 (MAPA).

Discussão. Nesta espécie a pontuação elitral muito densa e profunda no quinto basal termina posteriormente em linha quase transversal e abrupta, característica que permite diferenciá-la de *P.*

bullula que além disso é muito menor e ocorre em região diferente. Os lobos oculares, principalmente nos machos, são bem desenvolvidos, com pelo menos 10 fileiras de omatídios; em *P. bullula* têm cinco fileiras de omatídios e são mais distantes entre si do que a largura de um lobo.

A presença de faixas longitudinais de pubescência alaranjada nos élitros permite distinguir imediatamente *P. lichenigera* de *P. thomsonii* e de *P. microsticta* cujos élitros têm pubescência unicolor.

***Phaula splendida* (Galileo & Martins, 1987),
comb. n.**

Heterophaula splendida Galileo & Martins, 1987: 453, fig.1; Monné, 1995: 50 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-avermelhado escuro, mais claro nos élitros, pernas, face ventral e antenômeros distais. Pubescência branco-acinzentada reveste: protórax, escutelo, élitros e face ventral. Pubescência amarelo-alaranjada recobre: cabeça, duas faixas longitudinais em cada élitro iniciadas ao nível do meio: uma paralela à sutura, uma junto à margem, fundidas no ápice. Fronte fina e esparsamente pontuada. Lobos oculares superiores com nove fileiras de omatídios, apenas mais afastados entre si do que a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente no meio do antenômero IX. Escapo com pêlos moderadamente densos no lado inferior. Pronoto com alguns pontos contrastantes, sem faixa transversal glabra; gibosidades látero-anteriores pouco projetadas, glabras. Quinto basal dos élitros com pontos grandes, profundos e próximos; restante da superfície elitral com pontos contrastantes grandes e esparsos; extremidades com espinho longo. Face ventral do corpo com alguns pêlos brancos e longos. Lados do metasterno e urosternitos finamente pontuados. Fêmures com alguns pontos contrastantes. Extremidades dos metafêmures atingem aproximadamente o meio do urosternito II.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 17,9; largura umeral, 4,6.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas pelo holótipo ♂, procedente do Mato Grosso e de uma ♀ do Pará, Brasil.

Material examinado: Brasil. Pará: ♀, Acc.

2966 (ICCM); Mato Grosso: Fazenda São Tiago (12°35' S, 56°20' W), holótipo ♀, XI.1981, K. E. Huedepohl col. (MZSP).

Discussão. Pela presença de faixas longitudinais de pubescência amarelo-alaranjada nos élitros, *P. splendida* assemelha-se mais a *P. lichenigera*. Difere pela presença de pubescência branco-acinzentada no pronoto, no escutelo e em toda face ventral do corpo; pela pontuação do quinto basal dos élitros constituída por pontos grandes e, portanto, menos numerosos; pela coloração do tegumento dos flagelômeros basais igual à do escapo e do pedicelo. Em *P. lichenigera* a pubescência amarelo-alaranjada recobre várias regiões corporais (vide redescrição); a pontuação do quinto basal dos élitros é muito densa, com pontos menores e muito numerosos; o tegumento do escapo e do pedicelo é preto e o dos flagelômeros basais avermelhado. Além disso, a distribuição geográfica conhecida das duas espécies é diversa.

***Holoaerenica* Lane, 1973**

Holoaerenica Lane, 1973: 428; Martins, 1984a:308 (em chave), 310 (chave para espécies); Monné, 1995: 50 (cat.).

Espécie-tipo, *Holoaerenica bistrinata* Lane, 1973 (monotípia e designação original).

Aspecto geral sublinear. Fronte mais larga que o diâmetro do escapo; com lados convergentes (macho) ou subparalelos (fêmea). Lobos oculares superiores tão ou mais distantes entre si quanto a largura de um lobo, com 4 a 9 fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores com o quádruplo do comprimento da gena. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 4 - 5 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III (exceto *H. apleta*). Flagelômeros não espessados. Protórax geralmente mais largo anteriormente do que na base, com lados divergentes para a parte anterior. Élitros com pontos contrastantes, região basal com pontos não contíguos, pouco mais concentrados do que no restante da superfície; presença de faixas longitudinais de pubescência alaranjadas e/ou brancas (Fig. 61); extremidades

uniespinhosas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge o meio ou borda posterior o apêndice externo. Último urotergito com borda arredondada. Metarsômero I tão longo quanto o comprimento do II + III. Apêndice interno das unhas mais curto.

Discussão. A validade de algumas espécies deste gênero não pode ser satisfatoriamente resolvida: *H. obtusipennis* (Fuchs, 1963), *H. bistriata* Lane, 1973 e *H. caula* Martins, 1984 ou são nomes propostos para única espécie com ampla distribuição ou são boas espécies. Decidimos sinonimizar *H. caula* e *H. obtusipennis* (vide discussão taxonômica sob esta espécie) e sugerimos ainda uma possível sinonímia entre *H. bistriata* e *H. obtusipennis*. A resolução destas eventuais sinonímias fica dependente do exame da série-tipo de *H. obtusipennis* à qual não tivemos acesso.

Chave para as espécies de *Holoaerenica*

1. Ausência de faixa longitudinal de pubescência alaranjada no dorso dos élitros, toda região dorsal (exceto, às vezes, apenas sobre o friso sutural) com pubescência amarelo-alaranjada2
- Presença de uma faixa longitudinal, dorsal, de pubescência alaranjada entre duas faixas de pubescência branca: uma sutural e uma lateral.....3
- 2(1). Lado interno do antenômero III com franja de pêlos muito densa; poucos pontos contrastantes no dorso da metade apical dos élitros; espinho elitral tão longo quanto o pedicelo. Brasil (Pernambuco, Minas Gerais a Santa Catarina, Goiás).....*H. multipunctata* (Lepelletier & A.-Serville, 1825)
- Lado interno do antenômero III com franja de pêlos mais rala, as inserções não contíguas; pontos abundantes na metade apical dorsal dos élitros (distância entre pontos subigual ao diâmetro dos pontos); espinho elitral diminuto, mais curto que o pedicelo. Brasil (Minas Gerais).....*H. alveolata* Martins, 1984
- 3(1). Flagelômeros apicais sem pubescência branca na base; antenômero III mais longo que o escapo; grandes dimensões (comprimento 21,7 mm). Guatemala*H. apleta* Galileo & Martins, 1987
- Flagelômeros apicais revestidos por pubescência branca na metade ou nos dois terços basais; antenômero III mais curto que o escapo; dimensões menores (comprimento, no máximo, 13 mm).....4
- 4(3). Lobos oculares superiores (macho) largos, distância interocular dorsal igual a 1,6 vezes o diâmetro de um lobo; (élitros com pontos finos e esparsos). Bolívia, Brasil (Mato Grosso do Sul, oeste de São Paulo), Argentina (Jujuy a Tucumán) *H. punctata* (Gilmour, 1962)
- Lobos oculares superiores (macho) estreitos, distância interocular dorsal igual ou maior que o dobro do diâmetro de um lobo.....5
- 5(4). Élitros com pontos próximos, distância entre pontos no dorso menor que o triplo do diâmetro de um ponto. Fig. 61. Bolívia, Brasil (Minas Gerais).....
..... *H. bistriata* Lane, 1973
- Élitros com pontos finos e distantes entre si, exceto no quinto basal, distância entre os pontos no dorso maior que o triplo do diâmetro de um ponto. Brasil (São Paulo, Paraná), Paraguai, Argentina (Misiones, Tucumán).....
.....*H. obtusipennis* (Fuchs, 1963)

***Holoaerenica multipunctata* (Lepelletier & A.-Serville, 1825)**

Saperda multipunctata Lepelletier & A.-Serville, 1825: 325.

Aerenica multipunctata; Bates, 1881b: 300 (cat.); Aurivillius, 1923a: 598 (cat.); Zikán & Zikán, 1944:42 (distr.); Lima, 1955: 137, fig. 106; Gilmour, 1962: 127 (em chave), fig. 1; Zajciw, 1958: 24 (distr.); 1972: 69 (distr.); Lane, 1974a: 353, fig. 3; Monné, 1995: 50 (cat.).

Holoaerenica multipunctata; Martins, 1984a: 310 (em chave), 311.

Aerenica albolateralis Fuchs, 1963: 15. *Syn. n.*

Redescrição. ♂. Pubescência avermelhada. Pubescência amarelada reveste: fronte; perímetro dos olhos; quase todo protórax; região dorsal dos élitros, lados da face ventral. Pubescência branca-de-giz, densa, recobre os lados dos élitros dos úmeros até quase o ápice. Pubescência branca, esparsa, em duas pequenas áreas látero-basais do pronoto. Lobos oculares superiores com 8-9 fileiras de omatídeos, aproximadamente tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Antenas atingem as extremidades elitrais, aproximadamente na extremidade do antenômero IX. Escapo, pedicelo e lado interno dos flagelômeros basais com pêlos densos e relativamente longos. Pronoto com alguns pontos contrastantes. Élitros com pontos contrastantes pequenos junto à base, pouco numerosos e pequenos na região dorsal, maiores na faixa branca lateral; extremidades com espinho evidente. Abdômen com pontos contrastantes pequenos e abundantes. Último urosternito emarginado na borda apical.

♀. Lobos oculares superiores mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Último urosternito convexo, com sulco longitudinal central; borda apical largamente emarginada, precedida por faixa estreita, em geral acastanhada e desprovida de pêlos longos.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,6-16,7/14,3-16,1; largura umeral, 2,5-4,0/3,4-4,1.

Distribuição geográfica. Brasil (de Minas Gerais a Santa Catarina, Goiás). Monné (1995) assinalou a espécie para Pernambuco.

A espécie foi assinalada por Zajciw (1958: 24) para o Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Serra dos Três Rios, Grajaú).

Bruch (1912: 218) registrou *H. multipunctata* para Tucumán, Argentina; esse registro deve corresponder a outra espécie de *Holoaerenica* já que *H. multipunctata* tem distribuição muito diversa. Viana (1972:401) ao arrolar os cerambicídeos do Paraguai também deve ter examinado espécie diferente de *H. multipunctata*.

Material examinado. Brasil. Goiás: Anhumas, ♂, IX.1934, O. Pinto col. (MZSP).

Minas Gerais. Belo Horizonte, ♂, O. Monte col. (MZSP); Lavras, ♂ (MZSP); Passa Quatro, ♀, XI.1915, Jaeger col., (MZSP). Viçosa, ♂, XI.1982, P. S. Fiuza col. (MCNZ). Rio de Janeiro: Angra dos Reis, ♀, XI.1924, L. Travassos col. (MZSP); ♂, I.1932, L. Travassos col. (MZSP); Itatiaia (800 m), ♂, XII.1933, Lopes & Cunha col. (MZSP); (Faz. Penedo), ♂, II.1942, Wygodzinsky col. (MZSP); Petrópolis (Independência), ♂, I.1938, Gagarin col. (MZSP); Rio de Janeiro, ♀, Fry coll. (MZSP); (Corcovado), ♀, X.1933, L. Travassos col. (MZSP). São Paulo: Amparo, ♂, Col. N. Andrade (MZSP); Barueri ♀, XI.1954, K. Lenko col. (MZSP); 4 ♂, ♀, XI.1955, K. Lenko col. (MZSP); 3 ♂, XI.1960, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XII.1960, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1961, K. Lenko col. (MZSP); 2 ♂, XII.1961, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1964, K. Lenko col. (MZSP); ♂, X.1965, K. Lenko col. (MZSP); 4 ♂, ♀, XI.1965, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XII.1965, K. Lenko col. (MZSP); 6 ♂, XI.1966, K. Lenko col. (MZSP); Campos do Jordão (Eugenio Lefèvre), ♂, XII.1937, Travassos Filho col. (MZSP); Guarulhos, ♂, XII.1942, F. S. Pereira col. (MZSP); São Paulo, ♂, XII.1944, M. Carrera col. (MZSP); (Parque da Água Funda), ♂, XI, 1923, J. Melzer col. (MZSP); (Cantareira), ♂, I.1936 (MZSP); (Cerqueira Cezar), ♂, XI.1915, Muus col. (MZSP); (Ipiranga), ♂, I.1910, Luederwaldt col. (MZSP, nº 14.629) Not. ent., v.2, nº 825); ♀, X.1937, M. Cardozo col. (MZSP); (Jabaquara), ♂, XII.1942, Nick col. (MZSP); (Morumbi), ♂, XII.1943, Nick col. (MZSP); ♂, XII.1944, Nick col. (MZSP); (Santo Amaro), ♂, XI.1960, J. Lane col. (MZSP); ♂, XI.1961, J. Lane col. (MZSP); (Sumaré), ♀, XII.1940, M. Carrera col. (MZSP); São Roque, ♂, I.1972, F. Lane col. (MZSP). Santa Catarina: Blumenau (Colônia Hansa), ♀, (MZSP, nº 8.498).

Biologia. Segundo anotações de Luederwaldt, sob o nº de registro 14.629, "Notícias Entomológicas", v. 3, nº 825, podemos registrar: "Os besouros foram criados da madeira de *Lantana violeta* em (?) 1910; os galhos foram recolhidos em 02.III.1909." Julgamos que os adultos emergiram em II.1910, portanto, o ciclo larval dura aproximadamente um ano. O exemplar registrado na coleção do MZSP sob o nº 14.629 e coligido no bairro do Ipiranga, São Paulo, tem rótulo manuscrito por Luederwadt onde se lê: "Em tronco de *Lantana* sp.". Este gênero pertence à família Verbenaceae.

Discussão. A espécie figurada por Gilmour (1962: 126, fig. 1) não corresponde a *H. multipunctata* pela densa pontuação elitral e pelas extremidades dos élitros desprovidas de espinho longo. Além disso, a figura não mostra limite nítido entre os lados dos élitros, brancos de giz, e a região dorsal recoberta por pubescência amarelo-alaranjada. Vide *H. obtusipennis*.

Esse equívoco, provavelmente, levou Fuchs (1963) a descrever a verdadeira *H. multipunctata* como *Aerenica albolateralis*.

Holoaerenica alveolata Martins, 1984

Holoaerenica alveolata Martins, 1984a: 310 (em chave), 311; Monné, 1995: 50 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado. Pubescência amarelada reveste: cabeça; maior parte da superfície pronotal; élitros; metepisternos; lados do metasterno. Pubescência branca recobre: duas pequenas áreas de cada lado da base do pronoto; em cada élitro uma faixa longitudinal, lateral, que se inicia nos úmeros e alcança o ápice, mas não toca a margem; friso sutural; face ventral do corpo. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios, tão afastados entre si quanto a largura de um lobo. Escapo e pedicelo com pêlos longos no lado inferior. Terço ou metade apical dos flagelômeros mais escura, avermelhada. Pronoto com pontos contrastantes. Élitros com abundantes pontos contrastantes, inclusive sobre a região dorsal; extremidades prolongadas em espinho curto. Metafêmures e urosternitos com pontos contrastantes. Último urosternito com borda apical levemente emarginada.

♀. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios, mais afastados entre si do que a largura de um lobo. Último urosternito com sulco longitudinal central, transversalmente deprimido antes do ápice, sem área diferenciada junto à borda apical.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 13,5-14,2/13,5; largura umeral, 3,3-33,3/3,1.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas do Estado de Minas Gerais (Diamantina e Santa Bárbara).

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Diamantina, parátipo, ♀, XI.1944, E. Cohn col. (AMNH); Santa Bárbara (Serra do Caraça, 1380 m), parátipo ♂, XI.1961, Kloss, Lenko, Martins & Silva col. (MZSP); holótipo ♂, parátipo ♀ (à luz), XII.1972, Exp. Mus. Zool. col. (MZSP).

Discussão. *H. alveolata* e *H. multipunctata* separam-se das demais espécies do gênero pelo padrão de colorido dos élitros onde toda região dorsal é unicolor e não apresenta faixas longitudinais alternadas de pubescência branca e alaranjada; a pubescência branca e densa localiza-se apenas na declividade lateral.

H. alveolata distingue-se de *H. multipunctata*: escapo e flagelômeros basais com pêlos longos muito mais esparsos; pronoto com abundantes pontos contrastantes; faixa lateral de pubescência branca dos élitros tem a mesma largura em toda a extensão e não toca a margem na sua porção anterior; pontuação elitral muito mais abundante, especialmente na metade posterior onde, embora algo variável, a distância entre pontos é subigual ao diâmetro de um ponto; espinho apical dos élitros curto; último urosternito das fêmeas sem região diferenciada junto à borda apical.

Holoaerenica apleta Galileo & Martins, 1987

Holoaerenica apleta Galileo & Martins, 1987: 454, fig. 2; Monné, 1995: 50 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-escuro, mais avermelhado no flagelo e nas pernas. Pubescência amarelo-alaranjada reveste: cabeça; antenas; grande parte da superfície do protórax; meio do escutelo; duas faixas longitudinais em cada élitro, uma dorsal, paralela à sutura e uma lateral, paralela à margem, ambas fundidas na região apical; pernas e face ventral. Pubescência esbranquiçada: três faixas longitudinais em cada élitro, uma estreita junto da sutura, uma segunda, mais larga, entre as faixas amarelo-alaranjadas e uma estreita junto e sobre o friso marginal. Lobos oculares superiores com 10 fileiras de omatídios pouco mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Escapo e flagelômeros basais com pêlos densos no lado inferior. Antenômero III mais longo que o escapo. Antenômeros apicais com

pubescência unicolor. Pronoto com escassos pontos contrastantes; duas áreas glabras, pequenas, a cada lado: a anterior mais central e próxima da mais externa que se situa ao nível do meio do pronoto. Pontos contrastantes dos élitros presentes em toda a superfície. Extremidades elitrais com espinho moderadamente alongado. Abdômen com pontos contrastantes finos e densos. Último urosternito com sulco central na metade posterior, transversalmente deprimido antes do ápice; borda apical largamente emarginada.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 21,7; largura umeral, 5,5.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo. Vide material examinado.

Material examinado. Guatemala. Verapaz: San Cristobal (Quixal), holótipo ♀, V.1980, H. & L. Freude col. (MZSP).

Discussão. *H. apleta*, além de distribuição muito mais setentrional do que as demais espécies do gênero, distingue-se de todas por apresentar o antenômero III (comprimento = 3,2 mm) mais longo do que o escapo (comprimento = 2,7 mm). Além disso, os flagelômeros apicais têm pubescência unicolor, o pronoto apresenta duas áreas laterais glabras de cada lado e as dimensões são maiores.

***Holoaerenica punctata* (Gilmour, 1962)**

Aerenica punctata Gilmour, 1962: 127 (em chave), 129, fig. 2; Lane, 1974a: 353; Monné, 1995: 51 (cat.).

Holoaerenica punctata; Martins, 1984a 312.

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado a castanho-avermelhado. Pubescência predominantemente branco-acinzentada. Pubescência amarelo-alaranjada reveste: quase toda a cabeça; pronoto, exceto duas áreas longitudinais ao lado do meio e faixa lateral; escutelo; duas faixas longitudinais em cada élitro, uma dorsal, paralela à sutura, uma lateral, paralela ao friso marginal, ambas fundidas junto ao ao ápice; mesepisternos, metepimeros, lados do metasterno. Metade basal dos flagelômeros com pubescência esbranquiçada; região apical castanha, gradualmente mais larga em direção aos apicais.

Fronte acentuadamente estreitada para o lado inferior. Lobos oculares superiores com 7-8 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Escapo, pedicelo e flagelômeros basais com pêlos densos no lado inferior. Pronoto com poucos pontos contrastantes. Élitros com pontos contrastantes mais concentrados na base; no restante da superfície têm concentração variável, mas geralmente distância entre pontos no meio do dorso maior do que o dobro do diâmetro de um ponto. Extremidades elitrais espinhosas. Último urosternito com borda apical emarginada no centro.

♀. Lados da fronte menos acentuadamente convergentes para o lado inferior. Lobos oculares superiores com 6-7 fileiras de omatídios mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Último urosternito geralmente com linha glabra estreita no centro da metade posterior, deprimido perto do ápice.

Variabilidade. Os exemplares de Mato Grosso do Sul são os que mais coincidem com a descrição original e a figura do holótipo macho (Gilmour, 1962). Nesses indivíduos, os élitros apresentam pontos contrastantes bem distanciados e apenas alguns pontos maiores e glabros no pronoto; o espinho das extremidades elitrais é curto, mas bem conspícuo. Nos exemplares do noroeste da Argentina, que julgamos coespecíficos, os pontos elitrais são maiores e, portanto, mais próximos e na maioria dos exemplares o espinho elitral é reduzido.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,0-14,7/14,3-17,3; largura umeral, 2,7-3,6/3,6-4,2.

Distribuição geográfica. Bolívia. Brasil (Mato Grosso do Sul, oeste de São Paulo), Argentina (Jujuy a Tucumán).

Material examinado. Bolívia. Província del Sara, ♂, 2 ♀, J. Steinbach col. (MZSP). Brasil. Mato Grosso do Sul: Salôbra, 2 ♂, X.1938, Inst. O. Cruz col. (MZSP). São Paulo: Marília, 4 ♂, XI.1946, Dirings (MZSP); 2 ♂, I.1948 (MZSP). Argentina. Jujuy: ♀, (MZSP); Jujuy, 2 ♂, XI.1947, Prosen col. (MZSP); ♂, I.1948, Prosen col. (MZSP); 2 ♀, XI.1948, Prosen col. (MZSP); ♂, 2 ♀, XII. 1949, Prosen col. (MZSP). Salta: El Rey (Parque Nacional El Rey), ♂, XII.1981, L. Fontes col.; San Pedro, ♀, XI.1951, Prosen col. (MZSP). Catamarca: Los Angeles, ♂, I.1946, B. S. col. (MZSP); Tinagosta, ♀, I.1946, B. S.

col. (MZSP). Tucumán: Trancas, ♂, I.1947 (MZSP).

Discussão. *H. punctata* separa-se das espécies com mesmo padrão de colorido (*H. obtusipennis* e *H. bistrriata*) pela maior largura dos lobos oculares superiores: 7-8 fileiras de omatídeos nos machos, 6-7 fileiras de omatídeos nas fêmeas.

Gilmour (1962) comparou *H. punctata* com o que supunha ser *Aerenica multipunctata* A.-Serville e figurou uma fêmea desta espécie procedente do Paraguai (l.c., fig. 1). Lane (1974a: 353) afirmou que essa figura não corresponde a *H. multipunctata*; na nossa opinião, como citado por Martins (1984a:313), corresponde a *H. caula*, que a seguir consideramos sinônima de *H. obtusipennis*.

As diferenças indicadas por Gilmour para distinguir *H. punctata* de "*H. multipunctata*" são: (1) frente mais estreita e com lados fortemente convergentes para a parte inferior. Como ocorre em todas as espécies do gênero, aliás como salientado por Lane (1974: 353), nos machos a frente é nitidamente mais estreita e os lados são mais convergentes para o lado do clipeo, portanto essa suposta separação entre as espécies é irrelevante; (2) lobos oculares superiores maiores e muito mais próximos. Também os lobos oculares superiores dos machos são mais desenvolvidos do que nas fêmeas, mas neste caso o caráter é consistente, porque nos machos das outras espécies semelhantes os lobos oculares também são mais estreitos e mais distantes do que em *H. punctata*; (3) pontuações glabras do pronoto menos distintas. Pode ser um caráter adicional para distinguir *H. punctata* de *H. obtusipennis* onde o pronoto é provido de abundantes pontos finos e próximos; (4) pontos elitrais menos numerosos. Esse caráter também indica que a comparação foi feita com *H. obtusipennis*, mas é difícil de avaliar (vide discussão em *H. obtusipennis*).

Holoaerenica obtusipennis (Fuchs, 1963)

Aerenica obtusipennis Fuchs, 1963: 14; Viana, 1972: 402 (cat.).

Holoaerenica obtusipennis; Martins, 1984a:312; Monné, 1995: 51 (cat.).

Holoaerenica caula Martins, 1984a: 313; Monné, 1995: 50 (cat.). *Syn. n.*

Redescricao (baseada em exemplares de *H. caula*, vide discussão). ♂. Lobos oculares superiores com 5-6 fileiras de omatídeos, mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Pronoto geralmente com pontos finos visíveis. Pontos contrastantes do élitro mais numerosos do que em *H. punctata*. Padrão de colorido como em *H. punctata*.

♀. Lobos oculares superiores com 5-6 fileiras de omatídeos ainda mais afastados entre si do que nos machos.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,9-16,8/14,8-17,2; largura umeral, 3,0-4,0/3,8-4,4.

Distribuição geográfica. Brasil (São Paulo, Paraná), Paraguai, Argentina (Misiones, Tucumán).

Material examinado. Além do citado em Martins (1984a: 313): Paraguai. Caazapá: Parque Nacional Caaguazú, ♂, I.1991, G. Arriagada col. (MCNZ); Paraguai: Parque Nacional Ybicuy, ♀, XI.1989, G. Arriagada col. (MCNZ).

Discussão. Dentre a série-tipo de *H. obtusipennis* existe um parátipo ♂ procedente de Hohenau, Alto Paraná, Paraguai. Acreditamos que esse parátipo seja coespecífico com o holótipo, também ♂, proveniente de San Pedro Colalao, Tucumán, Argentina, e, neste caso, passamos a considerar *H. caula* sinônima de *H. obtusipennis*.

O material indicado por Martins (1984: 312) como pertencente a *H. obtusipennis*, isto é, uma fêmea proveniente de Tinogasta, Catamarca, Argentina, foi citado acima entre o material examinado de *H. punctata*. Chegamos a essa conclusão após exame de mais material do noroeste da Argentina, inclusive machos, onde os lobos oculares superiores correspondem aos de *H. punctata*. O holótipo ♂ de *H. obtusipennis* é proveniente da mesma região, mas a descrição original indica que a distância entre os lobos oculares superiores é igual a duas vezes a largura de um lobo.

Se a descrição original desse caráter baseou-se no parátipo do Paraguai, a sinonímia entre *H. obtusipennis* e *H. caula* está correta. Se o holótipo de Tucumán tem lobos oculares largos, como ocorre em todos os exemplares examinados dessa região, *H. obtusipennis* pode passar à sinonímia de *H. punctata* e neste caso, *H. caula*

deve ser revalidada. Só poder-se-á chegar a uma conclusão definitiva quando a série-típica de *H. obtusipennis*, originalmente depositada na Coleção Fuchs, for examinada.

Holoaerenica bistriata Lane, 1973

(Fig. 61)

Holoaerenica bistriata Lane, 1973: 428; Martins, 1984a: 312; Monné, 1995: 50 (cat.).

Não examinamos material adicional além do mencionado por Martins (1984), isto é, um parátipo ♂ e um parátipo ♀, ambos provenientes da Bolívia.

No macho, os lobos oculares superiores têm seis fileiras de omatídeos e são mais distantes entre si do que a largura de um lobo; na fêmea têm quatro fileiras de omatídeos e são mais distantes entre si do que o triplo da largura de um lobo. Escapo e antenômero III com poucos pêlos longos na face inferior. Pronoto fina e densamente pontuado. Élitros com pontuação abundante, principalmente na fêmea onde no centro do dorso a distância entre pontos é menor do que o diâmetro de um ponto.

Esses caracteres aproximam *H. bistriata* de *H. obtusipennis* e podem ser considerados como variabilidade intraespecífica. É possível que *H. bistriata* venha a constituir-se em mais um sinônimo de *H. obtusipennis*.

Lane (1973) incluiu entre os parátipos um exemplar de Minas Gerais, Gustavo Dutra, com a seguinte observação: "O exemplar de Gustavo Dutra indica uma distribuição geográfica muito mais ampla, que futuras coletas poderão confirmar."

Como Gustavo Dutra não consta dos índices dos topônimos consultados ou do "Guia Postal e Telegráfico do Brasil", é possível que se trate do nome de um coletor. Neste caso, a citação vale para Minas Gerais. Portanto, não podemos julgar se o parátipo mencionado teria sido coligido próximo da área de distribuição de *H. obtusipennis* o que viria reforçar a hipótese de sinonímia entre os dois nomes.

Pseudophaula Lane, 1973

Pseudophaula Lane, 1973: 421; Martins, 1984a: 309 (em chave).

Espécie-tipo, *Aerenica porosa* Bates, 1881 (designação original).

Aspecto geral robusto. Fronte mais larga que o diâmetro do escapo. Lobos oculares tão ou mais distantes entre si do que a largura de um lobo, com 8-11 fileiras de omatídeos. Lobo ocular inferior quase ocupa inteiramente os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares superiores e inferiores com 5-7 fileiras de omatídeos. Antenas ultrapassam a extremidade do corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax mais largo que longo, lados ligeiramente divergentes para a parte anterior com pequena gibosidade central. Élitros com pontos contrastantes; na base, não contíguos, pouco mais concentrados do que no restante da superfície; sem manchas de pubescência branca compacta; extremidades acuminadas ou com único espinho. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures; extremidade atinge a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo, reduzido em *P. pustulosa*. Último urotergito com borda apical arredondada, sem projeções laterais.

Chave para as espécies de *Pseudophaula*

1. Extremidades elitrais sem espinho.....2
Extremidades elitrais com espinho.....3
- 2(1). Faixas longitudinais de pubescência dos élitros ausentes na metade anterior Fig. 56. Colômbia, Venezuela, Bolívia, Brasil (Paraíba a Espírito Santo)*P. porosa* (Bates, 1881)
Cada élitro com quatro faixas longitudinais de pubescência densa (Bolívia, Argentina (Salta)).....
.....*P. strigulata* Lane, 1973
- 3(1). Pubescência corporal branco-acinzentada; pronoto com pontos contrastantes visíveis entre a pubescência; processo mesosternal sem sulco longitudinal; metafêmures (♂) atingem o meio do urosternito III. Argentina (Tucumán, Catamarca).....
.....*P. pustulosa* Lane, 1973
Pubescência corporal amarelada; pronoto

sem pontos contrastantes uniformemente revestido por pubescência densa; processo mesosternal com sulco longitudinal; metafêmures (σ) atingem a borda posterior do urosternito II. Argentina (Misiones).....
*P. foersteri* (Martins, 1984)

***Pseudophaula porosa* (Bates, 1881)**

(Fig. 56)

Aerenica porosa Bates, 1881b: 146, 300 (cat.);
 Gilmour, 1962: 127 (em chave), fig. 5.
Pseudophaula porosa; Lane, 1973: 422; Monné,
 1995:52 (cat.).

Redescrição. σ . Tegumento castanho-avermelhado a castanho, mais avermelhado no flagelo e na face ventral do corpo. Escapo, pedicelo e extremidade dos flagelômeros basais com tegumento castanho-escuro a preto. Pubescência esbranquiçada ou branco-sujo. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente na extremidade do antenômero VIII. Escapo com escassos pêlos longos na face inferior. Pronoto com duas gibosidades pequenas, glabras, látero-anteriores e uma gibosidade centro-basal; pubescência menos concentrada em duas áreas longitudinais a cada lado do meio onde a pontuação é mais aparente, concentrada e grossa. Élitros com pontos contrastantes, não concentrados na base, maiores sobre a declividade lateral e presentes em toda a superfície; cada ponto com uma seta curta, castanha, implantada junto à borda anterior. Extremidades elitrais acuminadas, mas sem espinho apical. Fêmures e urosternitos com pontos contrastantes. Último urosternito regularmente convexo, emarginado na borda apical.

♀. Lados da frente menos convergentes para a parte inferior. Antenas atingem as extremidades elitrais na ponta do antenômero IX. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Último urosternito com sulco glabro, estreito na metade posterior, transversalmente deprimido antes do ápice.

Variabilidade. O pronoto pode apresentar quatro áreas glabras: as gibosidades acima descritas e outras duas, mais externas, pouco atrás do nível do meio. Em alguns indivíduos os élitros apresen-

tam faixa longitudinal de pubescência menos densa que se inicia nos úmeros e alcança o terço apical.

Dimensões, em mm, respectivamente σ/η . Comprimento total, 15,9-20,5/16,7-25,8; largura umeral, 4,3-5,4/4,6-7,2.

Distribuição geográfica. Colômbia, Venezuela, Brasil (Pernambuco ao Espírito Santo), Bolívia.

Material examinado. Venezuela. Yaracuy: San Felipe, 2 σ , V.1993, G. Vivas-Berthier col. (MZSP). Sucre: Cariaco, σ , 2 η , VII.1959, C. Bordon col. (MZSP). Brasil. Pernambuco: Jaboatão, σ , η , 1937, L. Castro col. (MZSP); Tapera, σ , IX.1924, B. Pickel col. (MZSP); σ , III.1929, B. Pickel col. (MZSP); σ , IV.1929 (MZSP); σ , η , V.1936, B. Pickel col. (MZSP). Paraíba: 2 σ , 1934, P. Azevedo col. (MZSP); São Gonçalo, η , VII.1941, C. Vidal col. (MZSP). Bahia: Itatiba, η , I.1970, J. Jim col. (DZVU). Espírito Santo: Guandú, σ , XI.1920, F. Hoffmann col. (MZSP).

Dentre o material ora examinado há diversos exemplares comparados com o holótipo no MNHN por F. Lane em 1962.

***Pseudophaula strigulata* Lane, 1973**

Pseudophaula strigulata Lane, 1973: 424; Monné,
 1995: 52 (cat.).

Redescrição. σ . Tegumento castanho-avermelhado ou acastanhado. Pubescência branco-amarelada ou esbranquiçada. Lado interno do escapo, pedicelo e extremidades dos flagelômeros com pubescência mais rala, tornando-os escurecidos. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Antenas atingem as extremidades elitrais aproximadamente na ponta do antenômero VIII. Pronoto com quatro pequenas áreas glabras: duas látero-anteriores mais elevadas e duas situadas pouco para trás e para o lado externo das anteriores; região centro-basal com gibosidade pubescente. Pubescência pronotal mais rala em duas faixas longitudinais ao lado do meio. Élitros com pontos contrastantes não muito próximos em toda superfície; pubescência elitral mais concentrada em quatro faixas longitudinais por élitro; extremidades

acuminado-arredondadas, sem espinho. Pontos contrastantes pouco aparentes nos fêmures e nos urosternitos. Último urosternito levemente emarginado na borda apical.

♀. Antenas apenas mais curtas que as dos machos. Pontuação dos urosternitos mais aparente. Último urosternito como em *P. porosa*.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 14,5-18,5; largura umeral, 4,0-5,25 (Lane, 1973: 425).

Distribuição geográfica. Bolívia, Argentina (Salta).

Lane (*l. c.*) incluiu na série-tipo um parátipo ♂ “do Peru, Rio Putumayo ou Brasil, Rio Amazonas, 1919-1920, Cornell Univ. Exp.” (AMNH), mas considerou essa (s) procedência (s) duvidosa (s).

Material examinado. Bolívia. Província del Sara, parátipo ♂, J. Steinbach col. (MZSP). Santa Cruz: Santa Cruz, parátipo ♂, XI.1955 (MZSP). Argentina. Salta. Oran (Rio Pescado), parátipo ♀, X.1994 (MZSP).

Discussão. No escasso material que examinamos não notamos a tonalidade rósea da pubescência, um dos caracteres mencionados por Lane (1973) para distinguir *P. strigulata* de *P. porosa*.

A presença de faixas longitudinais de pubescência mais densa nos élitros é conspícua em *P. strigulata* e as faixas iniciam-se ao nível do quarto basal. Em *P. porosa* essas faixas, quando existem, aparecem apenas no quarto apical. Lane (*l. c.*) mencionou ainda os seguintes caracteres para distinguir *P. strigulata*: forma das extremidades elitrais e placas terciais (último urotergito) mais acuminado no centro. Estes caracteres são, na nossa opinião, de difícil interpretação.

***Pseudophaula pustulosa* Lane, 1973**

Pseudophaula pustulosa Lane, 1973: 423; Monné, 1995: 52 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro no escapo, pedicelo e extremidades dos flagelômeros. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Lobos oculares superiores com nove fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Face inferior do escapo com poucos pêlos longos.

Antenômero III mais curto que o IV. Pronoto com duas gibosidades látero-anteriores, pequenas, glabras e algo transversais; uma gibosidade centro-basal pouco manifesta; pontos contrastantes presentes nos dois terços anteriores. Élitros com pontos contrastantes abundantes em toda a superfície; extremidades acuminadas, com espinho. Abdômen com finos pontos contrastantes. Último urosternito truncado na borda apical.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 18,0-21,5; largura umeral 5,0-6,0 mm (Lane, 1973:424).

Distribuição geográfica. A série-tipo consiste de exemplares coligidos na Argentina (Tucumán, Entre Ríos, Catamarca).

Material examinado. Argentina. Tucumán: San Pedro Colalao, parátipo ♂, II.1953, Arnau col. (MZSP).

Lane (1973:424), mencionou I.1948 como data de coleta desse exemplar.

Discussão. *Pseudophaula pustulosa* difere das espécies precedentes: antenômero IV mais longo do que o III; élitros com pontuação abundante em toda a superfície, com as faixas longitudinais de pubescência pouco aparentes; extremidades elitrais nitidamente espinhosas.

***Pseudophaula foersteri* (Martins, 1984), comb. n.**

Phaula foersteri Martins, 1984a: 314; Monné, 1995: 52 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado escuro. Escapo e pedicelo com tegumento preto; extremidades dos flagelômeros avermelhada. Pubescência amarelada. Lobos oculares superiores com dez fileiras de omatídios, apenas mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Escapo com alguns pêlos longos no lado inferior. Antenômero III apenas mais curto que o IV. Pronoto com duas áreas glabras, pequenas, látero-anteriores; pontos contrastantes não aparentes; gibosidade centro-basal indicada. Élitros com pontos contrastantes esparsos em toda a superfície; extremidades com espinho. Abdômen com pontos contrastantes pequenos. Último urosternito com borda apical emarginada.

Dimensões, em mm. ♂. Comprimento total, 20,0; largura umeral, 5,2.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo (vide material examinado).

Material examinado. Argentina. Misiones: Dos de Mayo, holótipo ♂, I. 1965, R. Foerster col. (MAGD).

Discussão. Assemelha-se a *P. pustulosa* pelas extremidades elitrais espinhosas, mas distingue-se: pubescência corporal amarelada; pronoto com pubescência densa, sem pontos contrastantes; pontuação elitral menos concentrada; último urosternito emarginado no meio da borda apical.

Melzerella Lima, 1931

Melzerella Lima, 1931: 139; Gilmour, 1962: 125 (em chave); Monné, 1979: 415 (chave para espécies); 1995: 56 (cat.).

Espécie-tipo, *Melzerella lutzi* Lima, 1931 (monotipia).

Aspecto geral linear. Fronte tão larga (macho) ou mais larga (fêmea) que o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores sensivelmente mais próximos entre si do que a largura de um lobo, com 12 fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça; lobos superiores com 12-13 fileiras de omatídios. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 12-13 fileiras de omatídios. Antenas mais longas do que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax tão longo quanto largo; lados ligeiramente divergentes para a orla anterior, sem gibosidade. Élitros sem pontos contrastantes, com grandes áreas de pubescência clara; extremidades emarginadas com dois espinhos. Metafêmures mais longos que os mesofêmures; extremidades quase atingem a borda apical do urosternito III. Metatarsômero I pouco mais longo que o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas pouco mais curto que o apêndice externo. Último urotergito com borda apical arredondada.

Examinamos apenas a espécie-tipo, *M. lutzi* Lima, 1931; as outras duas espécies do gênero, *M. costalimai* Seabra, 1961 e *M. huedepohli* Monné, 1979, são conhecidas apenas pelos holótipos, ambos pertencentes ao MNRJ. A inclusão destas es-

pécies na chave para identificação e nos breves comentários apresentados sob cada uma delas fundamentaram-se em Monné (1979) e nas descrições originais.

Chave para as espécies de *Melzerella*

1. Pronoto com faixas estreitas, oblíquas, centrais de pubescência preta; élitros com faixa de pubescência preta oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura2
 Pronoto com duas áreas laterais largas de pubescência preta; élitros sem faixas oblíquas pretas, largamente amarelados com o sexto basal e grande área sutural na metade posterior pretos. Venezuela.....
*M. costalimai* Seabra, 1961
- 2(1). Toda a região dorsal da cabeça revestida por pubescência vermelho-alaranjada; terço basal dos élitros preto. Brasil (Minas Gerais a São Paulo).....
*M. lutzi* Lima, 1931
 Pubescência vermelho-alaranjada apenas numa faixa longitudinal no centro do dorso da cabeça; sexto basal dos élitros preto. Bolívia.....
*M. huedepohli* Monné, 1979

Melzerella lutzi Lima, 1931

(Fig. 58)

Melzerella lutzi Lima, 1931: 139, fig. 1; 1955: 137, fig. 107; Zajciw, 1958: 24 (distr.); 1972: 69 (distr.); Gilmour, 1962: 125; Lane, 1974a: 376. Monné, 1979: 415 (em chave); 1995: 57 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento preto; tegumento avermelhado ou castanho-avermelhado: escapo, pedicelo, coxas e fêmures (exceto ápice). Cabeça, menos a fronte e a face ventral, revestida por pubescência vermelho-ferrugínea viva. Protórax recoberto predominantemente por pubescência esbranquiçada; pubescência vermelho-ferrugínea reveste a orla anterior, área triangular centro-anterior no pronoto que se prolonga em faixa estreita pelo meio do pronoto até a borda basal e prosterno; orla

basal recoberta por pubescência amarelada. Ainda no protórax duas faixas estreitas desnudas, oblíquas que se iniciam na mancha triangular e atingem a borda posterior dos lados. Escutelo e mais do que o terço basal dos élitros com pubescência esparsa; o limite posterior dessa região descreve uma curva que se inicia abaixo dos úmeros. Larga região central recoberta por pubescência branca ou branco-amarelada densa, que envolve uma faixa estreita, preta, oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura. Região dorsal do terço apical recoberta por pubescência esbranquiçada, mais esparsa, envolvida em todo perímetro por estreita faixa preta. Faixa longitudinal de pubescência vermelho-ferrugínea, estreita, junto à margem, inicia-se sob os úmeros e alcança as extremidades. Lados do mesosterno e dos mesepisternos com pubescência vermelho-ferrugínea. Região anterior dos lados do metasterno e metepisternos (exceto extremo posterior) com pubescência esparsa, delimitada internamente no metasterno por larga faixa oblíqua de pubescência branco-amarelada, gradualmente mais vermelho-ferrugínea até o disco do mesosterno que é revestido por pubescência esbranquiçada. Urosternitos recobertos por pubescência esbranquiçada; no I - III duas faixas centrais divergentes de pubescência vermelho-ferrugínea. Fronte pontuada. Região entre os tubérculos anteníferos longitudinalmente deprimida. Escapo com pêlos curtos no lado inferior. Pubescência dos flagelômeros uniforme. Extremidades elitrais cortadas em curva com dois espinhos; geralmente o externo pouco mais longo que o sutural. Último urosternito regularmente e pouco convexo; borda apical largamente emarginada no centro.

♀. Fronte pouco mais larga que o diâmetro apical do escapo. Lobos oculares superiores pouco mais afastados entre si. Último urosternito intumescido com sulco centro-longitudinal pouco profundo; borda apical entalhada no centro.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 17,3-19,2/22,3; largura umeral, 4,1-4,5/5,3.

Distribuição geográfica. Sudeste do Brasil de Minas Gerais a São Paulo.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Viçosa, ♂, XII.1933, E. J. Hambleton col. (MZSP). Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, ♂, XI. (MZSP). São Paulo: Botucatu, ♀, X.1973, Mantovani col.

(MZSP); Itu (Faz. Pau d'Alho), ♂, X.1964, U. Martins col. (MZSP); Mogi das Cruzes, ♂, (MZSP).

Discussão. Esta espécie foi originalmente descrita com base em exemplar contido "numa pequena coleção de insectos brasileiros, sem indicação de procedencia, guardada no laboratorio do Dr. Adolpho Lutz" (Lima, 1931: 139). O holótipo, sem indicação de sexo, foi depositado no Instituto Oswaldo Cruz.

Zajciw (1958) assinalou a primeira localidade precisa de ocorrência: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (Serra dos Três Rios, Jacarepaguá); o mesmo autor (1972: 70) registrou-a para o Itatiaia (Parque Nacional).

Melzerella costalimai Seabra, 1961

Melzerella costalimai Seabra, 1961: 263; Monné, 1979: 415 (em chave); 1995: 57 (cat.).

O único exemplar conhecido é o holótipo macho procedente da Venezuela, Eninbobo (?) e depositado originalmente na Coleção Seabra, atualmente no MNRJ.

Caracteres extraídos da descrição original. Tegumento preto. Pubescência cinérea reveste: cabeça, antenas, escutelo e região subumeral dos élitros. Pubescência amarelo-vivo, compacta, com leve reflexo dourado, recobre: quase todo o pronoto, exceto duas áreas desenvolvidas, laterais, pretas; élitros, menos o sexto basal e grande área apical, delimitada anteriormente por linha bem oblíqua que quase atinge o meio. Lobos oculares superiores próximos entre si. Último urosternito truncado na borda posterior.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 17,5; largura umeral, 4,0.

Distribuição geográfica. Venezuela.

Discussão. Não pudemos encontrar, em diversas listas de topônimos, o nome da localidade-tipo desta espécie. "Eninbobo (?)" como publicado. O exemplar pertencia à Coleção Bosq, cuja caligrafia, em muitas etiquetas, é de interpretação difícil.

M. costalimai distingue-se imediatamente das demais espécies do gênero pelo padrão de co-

lorido, predominantemente amarelo vivo e sem faixas oblíquas escuras nos élitros.

Melzerella huedepohli Monné, 1979

Melzerella huedepohli Monné, 1979: 415, fig. 1; 1995: 57 (cat.).

Conhecida apenas pelo holótipo e não examinada. Os caracteres mais relevantes extraídos da descrição original (Monné, 1979) são: pubescência de maneira geral esbranquiçada reveste cabeça, protórax, élitros e lados do metasterno e dos urosternitos. Pubescência castanho-escura recobre: faixa estreita ascendente do meio dos lados do protórax até quase a borda anterior do pronoto; faixa da borda ântero-lateral do protórax até as procoxas; nos élitros: sexto basal, faixa oblíqua que se inicia atrás dos úmeros estreita-se para a sutura que atinge pouco além, do meio, e terço apical. Pubescência vermelho-ferrugínea recobre: faixa longitudinal no occipício; mácula nos extremos das faixas escuras protorácicas e bordeja estreitamente as regiões escuras do protórax e dos élitros. Pubescência esbranquiçada pouco densa reveste: antenas, prosterno, mesosterno, centro do metasterno e urosternitos I-III. Último urosternito emarginado na borda apical.

O holótipo tem as seguintes dimensões: comprimento 15,3; largura, 3,7.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Santa Cruz, Santa Cruz, Bolívia.

Discussão. Segundo Monné (1979) *M. huedepohli* distingue-se de *M. luzzi*: distribuição da pubescência vermelho-ferrugínea na cabeça, mesepisternos e urosternitos IV e V; dimensões menores da área escura da base dos élitros que é menos desenvolvida e ocupa apenas o sexto basal. Além disso, (Monné, 1979: 416), “pelos três urosternitos basais glabros e brilhantes no meio”. Anotamos que, segundo a descrição, esses urosternitos têm pilosidade cinzenta pouco densa.

Aphilesthes Bates, 1881

Aphilesthes Bates, 1881a: 145, 299 (cat.); Gilmour, 1962: 124 (em chave); Lane, 1973: 142 (sin.);

Martins & Galileo, 1985a: 90; Monné, 1995: 59 (cat.).

Aphilestes Aurivillius, 1923a: 598 (cat.).

Amphilestes Blackwelder, 1946: 626 (cat.).

Amphilesthes Gilmour, 1965: 646 (cat.).

Espécie-tipo, *Aphilesthes rustica* Bates, 1881 (monotípia).

Aspecto geral compacto, achatado dorso-ventralmente. Fronte tão larga quanto o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores extremamente próximos, com 10 fileiras de omatídios, separados entre si por distância igual a duas (macho) ou quatro (fêmeas) fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores tão larga quanto os lobos superiores. Antenas ultrapassam o ápice elitral com 1 ou 2 artículos (macho) ou pouco mais curtas que o corpo (fêmea). Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax mais largo que longo; lados aplanados, projetados, fortemente arredondados ao nível do meio. Élitros sem pontos contrastantes; sem manchas de pubescência branca compacta; extremidades arredondadas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade não atinge a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I mais curto do que o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas largo, tão longo quanto o apêndice externo. Último urotergito com borda apical arredondada.

Aphilesthes rustica Bates, 1881

(Fig. 59)

Aphilesthes rustica Bates, 1881b: 145, 299 (cat.); Gilmour, 1962: 124 (em chave); Lane, 1974a: 375, fig. 20 (distr.); Monné, 1995: 59 (cat.).

Aphilestes rustica; Aurivillius, 1923a: 598 (cat.).

Amphilestes rustica; Blackwelder, 1946: 626 (cat.).

Amphilesthes rustica; Gilmour, 1965: 646 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento de maneira geral vermelho-acastanhado. Tegumento preto: face externa do escapo; pedicelo e flagelômeros, exceto estreito anel basal; região centro-longitudinal do pronoto; lado ventral dos fêmures; face anterior das protíbias e lado posterior das meso- e metatíbias.

Pubescência amarelada ou branco-amarelada densa, reveste: região posterior da cabeça, menos região central, lados do pronoto, onde é relativamente longa e frisos sutural e marginal dos élitros. Restante do corpo e apêndices recobertos por pubescência amarelo-esbranquiçada. Lado inferior do escapo com pêlos curtos. Lados dos élitros pouco expandidos lateralmente na metade apical. Último urosternito aplanado; borda apical largamente emarginada.

♀. Lobos oculares superiores tão afastados entre si quanto quatro fileiras de omatídios. Antenas não alcançam os ápices elitrais. Último urosternito intumescido, com linha centro-longitudinal em quase toda extensão, transversalmente deprimido antes do ápice; margem apical levemente emarginada.

Variabilidade. No macho do nordeste do Brasil as projeções laterais do protórax são menos pronunciadas e os lados têm aspecto mais arredondado.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,4-13,1/17,7; largura umeral, 2,9-3,4/4,4.

Distribuição geográfica. Largamente distribuída, do Panamá à Bolívia; nordeste brasileiro. Originalmente descrita da Venezuela, foi assinalada por Lane (1973) para o Panamá, Peru e Bolívia.

Material examinado. Peru. Madre de Dios: Avispa, ♂, IX.1962, L. Peña col. (MNRJ). Bolívia. Santa Cruz: Santa Cruz (500 m), ♀, IX.1955, Zischka col. (MZSP). Brasil. Ceará: Pacoti (Serra de Baturité, 2400 pés), ♂, II.1980, D. Teixeira col. (MNRJ).

Discussão. O aspecto geral do corpo de *Aphilesthes rustica*, aplanado e levemente alargado na região posterior dos élitros, associado à forma e pubescência do protórax, lembra o de um lampirídeo. Tal aspecto permite distinguir a espécie de todos os demais Aerenicini.

Antodilanea Gilmour, 1962

Antodilanea Gilmour, 1962: 124 (em chave), 140; Lane, 1974a:365; Monné, 1995: 60 (cat.).

Espécie-tipo, *Antodice ? modesta* Lane, 1939 (monotípica).

Aspecto geral linear, pequenas dimensões. Fronte tão larga quanto o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores subcontíguos, separados entre si por distância equivalente a uma ou duas fileiras de omatídios, cada lobo com sete fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores com o quádruplo do comprimento da gena. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores igual a largura do lobo superior. Antenas tão longas quanto o corpo. Escapo mais longo do que o antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax apenas mais largo que longo; lados divergentes para o lado anterior. Élitros sem pontos contrastantes; sem manchas de pubescência branca compacta; extremidades arredondadas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge a borda apical do urosternito I. Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito com borda apical arredondada.

Discussão. O comprimento reduzido do apêndice interno das unhas (vide variabilidade), foi um dos caracteres mencionados por Gilmour (1962: 124, 140) para distinguir *Antodilanea* de *Antodice*. Lane (1974: 366) questionou, com propriedade, a utilidade deste caráter para separar os dois gêneros. Constatamos agora que o comprimento do apêndice interno das unhas pode variar em comprimento, em *Antodilanea modesta*, portanto, o caráter mais consistente e o único que conseguimos detectar para distinguir os dois gêneros é o comprimento muito reduzido das antenas em *Antodilanea*.

Antodilanea modesta (Lane, 1939)

(Fig. 73)

Antodice ? modesta Lane, 1939: 78.

Antodilanea modesta; Gilmour, 1962:140; Lane, 1974a: 365, fig. 13; Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento de maneira geral avermelhado; base dos flagelômeros com tegumento amarelado e extremidades com tegumento castanho-escuro. Pubescência esbranquiçada, com aspecto grosseiro, às vezes mais concentrada em pequena área subcircular no meio de cada élitro. Escapo e lado interno dos flagelômeros basais com pêlos longos mo-

deradamente densos. Flagelômeros sem pubescência com aspecto brilhante, com pêlos curtos e densos. Último urosternito subplano; borda apical largamente emarginada.

♀. Último urosternito levemente intumescido, sulco centro-longitudinal pouco aparente, pouco profundo; borda apical levemente arredondada; pêlos longos e escuros junto às margens lateral e apical.

Variabilidade. Na maioria dos exemplares examinados a pubescência elitral é praticamente uniforme em toda a superfície, mas num dos indivíduos está mais concentrada numa área subcircular, dorsal, no meio do dorso de cada élitro. O apêndice interno das unhas, mais curto que o externo nos exemplares de Mato Grosso do Sul é praticamente tão longo quanto o apêndice externo na fêmea de Minas Gerais.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 7,9/8,8-9,0; largura umeral, 1,8/1,8-1,9.

Distribuição geográfica. Brasil (Mato Grosso do Sul e Minas Gerais), Paraguai.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Salôbra, holótipo ♀, parátipos ♂ e ♀, 18-29.X.1938, F. Lane col. (MZSP). Minas Gerais: Belo Horizonte (Campus da UFMG), ♀, X.1981, A. C. Faria col. (MZSP). Paraguai. Concepción: Horqueta, ♂, 21-27.X.1985, P. Mueller col. (MCNZ).

Discussão. Esta espécie, dentre as que apresentam lobos oculares superiores subcontíguos e extremidades elitrais arredondadas, pode ser reconhecida pelas antenas curtas, que não atingem as extremidades elitrais e pela pilosidade dos flagelômeros destituídos de pubescência curta, recumbente. Os flagelômeros apresentam pêlos longos no lado interno e pêlos mais curtos em toda a superfície. Este padrão de pilosidade antenal também ocorre nas espécies de *Antodice*.

Propantodice Franz, 1954

Propantodice Franz, 1954: 228; Gilmour, 1962: 124 (em chave); Monné, 1995: 62 (cat.).

Espécie-tipo, *Propantodice grisea* Franz,

1954 (monotípia).

Este gênero foi estabelecido por Franz (1954) para única espécie, *P. grisea* Franz, com 9 mm de comprimento e originalmente descrita de El Salvador; não examinada.

Segundo a descrição original, *Propantodice* aproxima-se de *Antodice*, mas difere pelo prosterno mais curto, portanto, com a boca aproximada das procoxas e pela constituição das antenas. Outros caracteres relevantes da descrição são: lobos oculares superiores quase contíguos; antenas ultrapassam as extremidades elitrais com dois artículos; antenômero III tão longo quanto o escapo; extremidades elitrais arredondadas; mesotíbias com sulco; unhas com “je einer äuberer längerer und einer inneren kürzeren Krallen”, isto é, com um dente externo mais longo e um interno mais curto.

Possivelmente, Gilmour (1962) também não examinou esta espécie e incluiu *Propantodice* em sua chave com base na descrição original. Distinguiu os gêneros *Propantodice* e *Antodilanea* de *Aphilesthes* e *Antodice* pelas garras tarsais com dente interno curto naqueles e longo, tão ou quase tão longo quanto o externo, nestes.

Uma vez que Franz (*l. c.*) afirmou apenas que o dente interno das unhas é mais curto que o externo, como ocorre em quase todos os gêneros de Aerenicini, essa distinção em Gilmour (*l. c.*) não nos parece apropriada.

Na chave que apresentamos para os gêneros, *Propantodice* deverá, provavelmente, ser incluído no item 13, com *Antodilanea* e *Antodice* e pelas antenas relativamente mais curtas, aproxima-se mais de *Antodilanea*, como também ocorreu na chave de Gilmour (1962, dilema 4).

Na chave de Gilmour (1962: 124), *Propantodice* distingue-se de *Antodilanea* pelo escapo tão longo quanto o antenômero III e prosterno muito curto; em *Antodilanea* escapo mais longo que o antenômero III e prosterno “not very short in front of procoxae”. Esses caracteres nos parecem apropriados para distinguir os dois gêneros.

Pela fotografia de *P. grisea* (Franz, 1954, fig. 12) verifica-se que o aspecto geral é bastante semelhante ao de *Antodilanea modesta*; os flagelômeros também são escurecidos nas extremidades e os élitros são igualmente compactos. Ambas as espécies têm pequenas dimensões (*ca.* 8-9 mm de comprimento).

Antodice Thomson, 1864

Antodice Thomson, 1864: 128; Gilmour, 1962: 124 (em chave), 139 (chave para espécies); Viana, 1972: 402 (cat.); Lane, 1974a: 364; Martins & Galileo, 1985: 90 (chave para espécies); Monné, 1995: 60 (cat.).
Antodyce Bates, 1881b: 299 (cat.); Aurivillius, 1920: 41.
Spathoptera Laporte, 1840: 490 (*non* A.-Serville, 1835).

Espécie-tipo, *Saperda picta* Klug, 1825 (monotipia e designação original).

Aspecto geral linear, alongado. Fronte tão larga quanto o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores subcontíguos, com 8 - 10 fileiras de omatídios, separados entre si por distância equivalente a uma ou duas fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores apenas mais estreita que os lobos superiores. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados, com pêlos relativamente longos e abundantes. Protórax mais longo que largo; lados divergentes para o lado anterior (exceto *A. eccentrica*), com gibosidade central diminuta. Élitros sem pontos contrastantes, com manchas de pubescência esbranquiçada ou amarelada compacta em várias espécies; extremidades arredondadas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge a base do urosternito II. Metatarsômero I mais curto que o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito com borda apical arredondada.

Chave para as espécies do gênero *Antodice*

1. Flagelômeros com tegumento preto 2
 Flagelômeros com tegumento amarelado ou escurecidos na metade apical ou no ápice.....5
- 2(1). Flagelômeros com pêlos curtos, esbranquiçados, em toda a superfície e pêlos escuros, esparsos, na face interna; lados do pronoto sem faixas ou manchas branco-amareladas de pubescência compacta; élitros sem manchas de pubescência compacta, com tegumento avermelhado no quarto basal, preto no meio e amarelado no quarto apical. Bolívia.....
*A. tricolor* Martins & Galileo, 1985
- 3(2). Élitros unicolores, pretos, sem manchas ou áreas de pubescência branca compacta; flagelômeros não espessados; abdômen com pubescência esbranquiçada. Brasil (Pará).....
*A. aureicollis* Martins & Galileo, 1985
- 4(3). Cada élitro com três manchas pequenas de pubescência branca compacta: uma na base entre o úmero e o escutelo, uma no meio do dorso e uma perto da extremidade; lados dos urosternitos basais com mancha de pubescência branca compacta. Brasil (São Paulo ao Rio Grande do Sul).....
 *A. mendesi* Lane, 1940
- 5(1). Protórax mais largo do que longo com lados arredondados; antenômero III mais longo do que o escapo; (protórax com pubescência uniforme, amarelada e densa; élitros sem manchas de pubescência compacta). Equador
*A. eccentrica* Martins & Galileo, 1992

- Protórax mais longo que largo com lados sub-retos, geralmente divergentes para o lado anterior: antenômero III mais curto ou tão longo quanto o escapo.....6
- 6(5). Tegumento do escapo e do pedicelo amarelado, uniforme.....7
Tegumento do escapo e do pedicelo castanho ou castanho-avermelhado..... 9
- 7(6). Élitros com pubescência branca, moderadamente compacta em toda a superfície, exceto em área longitudinal castanha, lateral, do úmero ao meio; pubescência branca mais concentrada em duas áreas: uma oblíqua no meio, atrás da área castanha e uma arredondada perto do ápice. Colômbia.*A. pudica* Lane, 1970
Pubescência esbranquiçada dos élitros muito esparsa, não oblitera o tegumento acastanhado; outros padrões de distribuição das manchas de pubescência compacta.....8
- 8(7). Cada élitro com três manchas de pubescência amarela compacta: uma basal, uma central e uma ante-apical. El Salvador *A. sexnotata* Franz, 1959
Cada élitro com pubescência branca, concentrada, em mancha arredondada, dorsal, ao nível do terço anterior e numa faixa estreita, transversal, no sexto apical; (esternos torácicos sem pubescência branca). Brasil (Espírito Santo, Rio de Janeiro), Argentina (Misiones)
.....*A. juncea* Bates, 1881
- 9(6). Flagelômeros com tegumento amarelado, unicolores, não escurecidos na extremidade.....10
Flagelômeros com tegumento amarelado, acastanhados ou avermelhados na extremidade ou na metade apical.....14
- 10(9). Mesepisternos, mesepimeros e região anterior dos metepisternos sem pubescência branca compacta; lados do pronoto sem manchas de pubescência compacta; fêmures castanhos, tíbias castanhas com extremidades amareladas. Brasil (Bahia).....
..... *A. quinquemaculata* Lane, 1970
Mesepisternos, mesepimeros e região anterior dos metepisternos revestidos por pubescência branca densa; lados do pronoto com faixas ou manchas de pubescência compacta; fêmures amarelados, tíbias amareladas ou escurecidas apenas na extremidade11
- 11(10). Metade apical dos élitros com muitas manchas pequenas de pubescência branca concentrada entremeadas às maiores, principalmente sobre a declividade lateral. México à Costa Rica
..... *A. cretata* Bates, 1872
Metade apical dos élitros sem manchas pequenas de pubescência branca entre as manchas maiores; (em *A. spilota* a pubescência branca entre as manchas maiores não constitui máculas).....12
- 12(11). Pubescência elitral uniforme entre as manchas de pubescência compacta13
Toda extensão dos élitros com pubescência branca, evidente, que não constitui máculas, entre as manchas de pubescência compacta. Brasil (Bahia, Minas Gerais).....*A. spilota*, sp. n.
- 13(12). Mácula de pubescência densa da base dos élitros diminuta, subigual ao tamanho do escutelo; mancha centro-dorsal pequena, com aspecto transversal; extremo apical dos élitros sem mancha de pubescência branca. Brasil (Minas Gerais à Santa Catarina), Argentina (Misiones).....*A. picta* (Klug, 1825)
Mácula basal dos élitros desenvolvida, maior que o dobro do tamanho do escutelo; mancha centro-dorsal arredondada, tão grande quanto a basal; extremo apical dos élitros revestido por pubescência branca densa. Fig. 38. Argentina (Salta).....*A. pinima*, sp. n.
- 14(9). Cada élitro com apenas duas manchas arredondadas, dorsais, de pubescência branca densa: uma ao nível do meio,

- outra ao nível do terço apical; essas manchas circundadas por áreas castanhas. Brasil (Rio de Janeiro), Bolívia.*A. venustula* Lane, 1973
Élitros com outro padrão.....15
- 15(14). Lados do pronoto sem manchas ou faixas de pubescência compacta; pubescência sobre os esternos torácicos uniforme, não concentrada em manchas compactas (exceto *A. suturalis*); ausência de mancha de pubescência compacta na base dos élitros.....16
Lados do protórax com manchas ou faixa de pubescência compacta; mesepisternos, mesepimeros e região anterior dos metepisternos com pubescência densa; presença de mancha de pubescência compacta na base dos élitros.....18
- 16(15). Presença de manchas de pubescência compacta no quarto apical dos élitros; pubescência branca do dorso não constitui manchas e concentra-se ao lado da sutura; lados da região central dos élitros longitudinalmente acastanhados; mesepimeros e região anterior dos metepisternos com pubescência branca. Equador.....
.....*A. suturalis* Galileo & Martins, 1992
Ausência de manchas de pubescência compacta no quarto apical dos élitros; pubescência dorsal constitui pequenas manchas ou uniforme em toda área; esternos torácicos sem pubescência concentrada.....17
- 17(16). Pubescência elítral branca aglutinada em pequenas máculas concentradas especialmente na metade apical; lados da base do pronoto com área glabra. Brasil (Minas Gerais, Espírito Santo).....
.....*A. abstrusa* Lane, 1940
Pubescência branca dos élitros quase uniformemente distribuída, não constitui máculas definidas e está mais concentrada na metade anterior; lados da base do pronoto com pubescência branca. Brasil (Bahia).....
.....*A. lenticula* Martins & Galileo, 1985
- 18(15). Lados do protórax inteiramente revestidos por pubescência branca compacta; mancha de pubescência branca compacta do meio dos élitros desenvolvida, lateral, quase ou atinge o friso marginal. México (México).....
.....*A. fasciata* Linsley, 1935
Pubescência compacta dos lados do protórax interrompida por áreas castanhas; região central dos élitros com manchas de pubescência compacta pequenas, arredondadas e dorsais.....19
- 19(18). Metade apical dos élitros com muitas manchas pequenas de pubescência compacta entre as maiores.....20
Metade apical dos élitros com apenas duas ou três manchas de pubescência compacta.....21
- 20(19). Metafêmures amarelados, unicolores; pubescência esbranquiçada dos élitros quase uniforme em toda extensão. México (Nayarit).....*A. inscripta* Lane, 1970
Metafêmures amarelados com área antepical castanha; pubescência esbranquiçada dos élitros concentrada longitudinalmente nos lados da sutura. México à Costa Rica.....
.....*A. cretata* Bates, 1872
- 21(19). Menores dimensões (comprimento, 7,2 mm); quinto basal dos élitros com única mancha de pubescência branca compacta entre o úmero e o escutelo; presença de pubescência branca, evidente, na metade anterior e que não constitui faixa longitudinal ao lado da sutura. Fig. 39. Brasil (Rio Grande do Norte).....*A. kyra*, sp. n.
Dimensões maiores (comprimento, 9,9-10,5); quinto basal dos élitros com duas ou três manchas de pubescência compacta; pubescência esbranquiçada dos élitros concentrada longitudinalmente ao lado da sutura até o quinto apical. México ao Panamá.....
.....*A. nympa* Bates, 1881

Nota. Chemsak & Noguera (1993) publi-

caram *Antodice exilis* uma pequena espécie de Jalisco, México. Essa espécie não está incluída na chave. Segundo a descrição, as antenas são largamente aneladas de pálido no ápice dos artículos; este caráter a diferencia de todas as demais onde os flagelômeros são escurecidos no ápice.

***Antodice tricolor* Martins & Galileo, 1985**

Antodice tricolor Martins & Galileo, 1985a: 92, fig. 1; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 62 (cat.).

Redescricao. ♂. Tegumento preto: cabeça, antenas, protórax, élitros (exceto quintos basal e apical), mesosterno, mesepisternos, pernas e abdômen. Tegumento avermelhado: quinto basal dos élitros, mesepimeros e esternos metatorácicos. Tegumento amarelado: quinto apical dos élitros. Escapo curto (comprimento $\pm 1,8$ mm), evidentemente mais curto que o antenômero III (comprimento ± 3 mm). Flagelômeros não espessados, revestidos por pubescência curta, esbranquiçada, em toda superfície, com raros pêlos longos, escuros, na face inferior. Pronoto e lados do protórax praticamente glabros; prosterno com pubescência branca. Quinto basal dos élitros glabro, restante da superfície com pubescência uniforme, acastanhada sobre a região escura e amarelada no quinto apical. Metepisternos praticamente glabros. Último urosternito não intumescido, largamente emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 17,0; largura umeral, 2,1.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Buenavista, Santa Cruz, Bolívia.

Material examinado. Bolívia. Santa Cruz. Província Ichilo (Buenavista), holótipo ♂, II.1950, A. Martinez col. (MZSP).

Discussão. *A. tricolor* apresenta padrão de colorido elitral característico que permite distingui-la de todas as outras espécies do gênero. Além disso, os flagelômeros não são espessados e estão revestidos por pubescência curta, uniforme, em toda a superfície e o antenômero III é relativamente muito alongado em relação ao comprimento do escapo.

***Antodice aureicollis* Martins & Galileo, 1985**

Antodice aureicollis Martins & Galileo, 1985c: 491; Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescricao baseada na descrição original. ♀. Tegumento preto. Tegumento avermelhado: região inferior da fronte, gula, prosterno e processo mesosternal. Flagelômeros não nitidamente engrossados, com pêlos escuros e longos no lado interno. Lados do protórax com faixa larga de pubescência amarelo-dourada. Élitros sem manchas de pubescência compacta, revestidos por pubescência castanho-avermelhada. Face ventral com pubescência esbranquiçada, principalmente nos urosternitos.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 8,2; largura umeral, 1,6.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo: Belém, Pará, Brasil.

Discussão. O holótipo ♀ (MNRJ) que já não se encontra em nosso poder, foi coligido em Brasil, Pará, Belém, VIII.1971, O. Roppa col.

Pelos flagelômeros com tegumento preto, *A. aureicollis* assemelha-se a *A. tricolor*, *A. mendesi* e *A. neivai*. Distingue-se pelo colorido do tegumento corporal de *A. tricolor*, que também apresenta flagelômeros esbeltos. A ausência de manchas de pilosidade branca compacta nos élitros e os flagelômeros pouco espessados permitem distingui-la de *A. mendesi* e de *A. neivai*.

***Antodice mendesi* Lane, 1940**

Antodice mendesi Lane, 1940: 403; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 90 (em chave); 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 61 (Cat.).

Anthodice mendesi; Buck, 1959: 608 (distr.).

Redescricao. ♂. Tegumento preto ou castanho-escuro; pernas com tegumento amarelado. Pubescência cinza-acastanhada. Pubescência densa, branca-de-giz, reveste: faixa longitudinal nos lados do pronoto com um entalhe ao nível do meio; três manchas em cada élitro, uma pequena no meio da base, uma ainda menor, dorsal, ao nível do meio, uma pouco maior, semi-lunar, dorsal, perto do ápice.

ce; lados dos urosternitos, gradualmente menores do I ao IV. Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto 2-3 fileiras de omatídios. Antenas com pêlos pretos, densos, moderadamente alongados. Escapo apenas mais longo do que o antenômero III. Lados do protórax nitidamente divergentes para o lado anterior com pequena gibosidade central. Borda apical do último urosternito ligeiramente emarginada no centro.

♀. Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto 4-5 fileiras de omatídios. Último urosternito intumescido; sulco central estreito; borda apical profundamente emarginada no centro.

Variabilidade. Em alguns exemplares as manchas de pubescência branca dos urosternitos são pouco manifestas ou mesmo ausentes.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 9,8-14,6/10,4-14,4; largura umeral, 2,0-2,9/2,2-2,9.

Distribuição geográfica. Brasil meridional, de São Paulo ao Rio Grande do Sul.

Material examinado. Brasil. São Paulo: Amparo, alótipo ♀, ex-Col. P. Recch (MZSP); Barueri, ♂, XII.1961, K. Lenko col. (MZSP); Marília, ♀, XI.1946, Nick col. (MZSP), ♂, XI.1946, Col. H. Zelibor (MZSP). Santa Catarina: Corupá (ex Hansa Humboldt), holótipo ♂, I.1930, A. Maller col. (MZSP); ♂, I.1950, Dirings (MZSP); ♂, XI.1959, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, ♂, VIII.1950, Dirings (MZSP); ♂, III.1960, Dirings (MZSP); Timbó, ♂, Dirings (MZSP); ♂, VIII.1950, Dirings (MZSP); ♂, XII.1953, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Cerro Largo (ex Serro Azul), ♂, ♀, X.1945, P. Buck col. (MAPA)

Discussão. Dentre as espécies que apresentam flagelômeros com tegumento preto, *A. mendesi* caracteriza-se pelas pernas inteiramente amareladas; nas demais espécies com flagelômeros pretos, as pernas também o são.

O alótipo porta uma etiqueta de identificação de Melzer onde se lê: "*Antodice picta* Klug var.". *A. mendesi* distingue-se de *A. picta* pelos flagelômeros espessados e pretos; pela presença de única mancha de pubescência branca compacta junto às extremidades elitrais e pela ausência de manchas de pubescência branca compacta nos esternos torácicos. Em *A. picta* os flagelômeros são esbeltos e amarelados, a região apical dos élitros tem três manchas de pubescência

compacta e os mesepisternos, mesepimeros e regiões anteriores dos metepisternos são revestidos por pubescência branca.

Antodice neivai Lane, 1940

Antodice neivai Lane, 1940, 401; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 92, fig. 3; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 61 (cat.).

Antodice simulatrix Tippmann, 1960: 207, fig. 32c; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 92, fig. 4.; 1985c: 493 (cat.). *Syn. n.*

A sinonímia formalizada acima já havia sido aventada por Martins & Galileo (1985a) e fica confirmada pelo exame de material agora examinado e pertencente ao MNRJ onde as regiões elitrais revestidas por pubescência branca e densa são variáveis em extensão.

Redescrição. ♂. Tegumento preto a castanho-avermelhado. Regiões corporais revestidas por pubescência branco-amarelada densa com tegumento amarelado. Pubescência corporal castanho-avermelhada. Pubescência branca ou branco-amarelada compacta reveste: face dorsal da cabeça entre os tubérculos anteníferos e os lobos oculares; estreita faixa longitudinal atrás dos olhos; faixa longitudinal nos lados do pronoto, inteiramente a região umeral ou restrita a uma faixa longitudinal na base dos élitros; faixa central nos élitros com extensão variável. Flagelômeros espessados, com pêlos pretos abundantes moderadamente longos e alguns pêlos esbranquiçados na base dos IV-VII. Antenômero III apenas mais curto que o escapo. Disco pronotal com pubescência esparsa, pontuado, algo giboso no meio. Último urosternito largamente emarginado na borda apical.

♀. Último urosternito intumescido; linha centro-longitudinal fina; borda apical subtruncada recoberta por pêlos branco-amarelados.

Variabilidade. A extensão das áreas elitrais recobertas por pubescência branca compacta é variável: os úmeros podem estar amplamente recobertos ou apenas uma estreita faixa longitudinal situa-se na depressão basal; a faixa central pode apresentar-se larga, subtransversal, ao nível do meio, ou ficar restrita ao meio dos lados, quando tem aspecto mais oblíquo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 11,8-14,1; largura umeral, 2,7-3,1.

Distribuição geográfica. Bolívia e nordeste do Brasil.

Material examinado. Bolívia. Santa Cruz: Província del Sara, ♂, J. Steinbach col. (MZSP). Brasil. Pernambuco: Tapera, holótipo ♀ de *A. neivai*, V.1928, B. Pickel col. (MZSP); Bahia: Encruzilhada (Estrada Rio Bahia, km 965, 960 m), ♂, ♀, XI.1972, Seabra & Roppa col. (MNRJ); ♀, XI.1974, Seabra & Roppa col.(MNRJ); ♀, XI.1975, Seabra & Roppa col.(MNRJ); ♀, XII.1980, A. Martinez col.(MNRJ); Candido Sales, 2 ♂, XI.1974, Seabra & Roppa col.(MNRJ); Jaguarí, ♀, IX.1975, J. R. Neto col.(MNRJ).

Discussão. Pelo aspecto geral do colorido e pela ausência de manchas de pubescência branca na face ventral, *A. neivai* assemelha-se mais a *A. aureicollis*. Nesta espécie contudo, os flagelômeros não são intumescidos e a pubescência que reveste o abdômen é esbranquiçada.

***Antodice eccentrica* Galileo & Martins, 1992**

Antodice eccentrica Galileo & Martins, 1992: 142, fig. 3; Monné, 1995: 60 (Cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento preto: cabeça, antenômeros X e XI, tíbias e tarsos. Tegumento alaranjado: antenas, protórax (exceto anel basal, preto), profêmures, mesofêmures (menos a base) e metafêmures (exceto a base). Élitros com tegumento acastanhado. Pubescência branco-amarelada recobre: pronoto, friso sutural dos élitros e faixa longitudinal na declividade lateral do úmero ao ápice. Face ventral do corpo com pubescência castanho-escuro. Lobos oculares superiores contíguos. Antenômero III mais longo do que o escapo. Protórax curto, constricto junto às bordas apical e basal, arredondado aos lados.

Dimensões, em mm, holótipo ♂. Comprimento total, 9,1; largura umeral, 1,7.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo: Equador, Pichincha, Santo Domingo (47 km S Rio Palenque Station, 250 m).

Material examinado. Holótipo ♂, (CMNC) dados de procedência citados acima, coligido em 17-25.II.1979 por S. A. Marshall.

Discussão. Esta espécie reúne um conjunto peculiar de caracteres que justificariam a criação de um novo gênero para contê-la: antenômero III mais longo do que o escapo e, principalmente, a forma do protórax, curto, constricto anterior e posteriormente, arredondado aos lados. Esses caracteres permitem distinguir *A. eccentrica* de todas as demais espécies de *Antodice*.

***Antodice pudica* Lane, 1970**

Antodice pudica Lane, 1970: 427; Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave) fig. 9; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 61 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento acastanhado: cabeça, protórax e élitros. Antenas e pernas com tegumento amarelo-alaranjado. Face ventral do corpo com tegumento avermelhado. Pubescência esbranquiçada, densa, reveste: cabeça, exceto a frente; borda anterior e duas faixas longitudinais aos lados do pronoto; élitros, ainda mais concentrada em duas manchas, uma oblíqua que não alcança a sutura ao nível do meio e uma arredondada, dorsal, no quarto apical; mesepisternos, mesepimeros e região anterior dos metepisternos. Demais regiões corporais revestidas por pubescência esbranquiçada menos densa; nos lados anteriores dos élitros, do úmero até o meio, pubescência acastanhada pouco densa reveste faixa longitudinal, evidente, que não toca a margem. Antenômero III apenas mais longo do que o escapo. Escapo e flagelômeros basais com pêlos amarelados, relativamente longos e densos. Último urosternito aplanado, largamente emarginado na borda apical.

Dimensões em mm, ♂. Comprimento total, 8,5; largura umeral, 1,9.

Distribuição geográfica. Colômbia oriental.

Material examinado. Colômbia oriental, holótipo ♂, Petersen (col. ?) (MNHN).

Discussão. No holótipo, colado em cartão, falta a antena direita e a esquerda está colada pela base do escapo à cabeça; faltam os antenômeros

VII-XI e os V-VI estão colados ao IV.

Lane (1970) já havia chamado atenção para as más condições de conservação do holótipo e parece não ter compreendido algumas indicações das duas etiquetas manuscritas do exemplar. Na primeira lê-se: "Columb. or. (Petersen). A localidade parece-nos óbvia: Colômbia Oriental. Da segunda etiqueta consta: "Antodyce n. sp. sec. Bates". Acreditamos que, segundo Bates, tratava-se de uma nova espécie de *Antodice*, e não "see Bates" como interpretado por Lane (1970: 428).

Antodice pudica é uma espécie muito característica pelo padrão de colorido. Nas demais espécies com antenas amareladas os élitros são escuros com manchas de pubescência compacta bem individualizadas. Em *A. pudica* como a pubescência elitral é bastante densa, as manchas de pubescência mais compacta são pouco contrastantes; além disso, em nenhuma das espécies conhecidas existe a faixa longitudinal acastanhada, longitudinal e lateral que vai desde os úmeros até o meio.

Antodice sexnotata Franz, 1959

Antodice sexnotata Franz, 1959: 187, fig. 6; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 93, fig. 16; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 62 (cat.).

Antodice sexmaculata; Martins & Galileo, 1985a: 90, (error).

Não examinamos exemplares desta espécie, originalmente descrita de El Salvador: Los Cabanos e San Salvador, com base em dois machos depositados no "Natur-Museum und Forschungsinstitut Senckenberg", Frankfurt.

A distribuição das manchas de pubescência compacta nos élitros é característica: mancha situada na depressão basal entre o escutelo e o úmero; mancha oblíqua central que não atinge a sutura e mancha lateral perto do ápice tão desenvolvida quanto a central. O pronoto é densamente pubescente com quatro manchas escuras, duas centro-anteriores e duas centro-posteriores que constituem os ângulos de um quadrado.

Examinamos um exemplar da Venezuela, Sucre, Cariaco, 27.VI.1968, J. Maldonado C. col. (NMNH), que apresenta idêntico desenho elitral, mas no pronoto a pubescência compacta localiza-se aos lados, deixando toda região do disco sem

pubescência compacta; mesepisternos, mesepimeros e região anterior dos metepisternos com pubescência branca, densa.

Embora as procedências dos tipos de *A. sexnotata* e deste exemplar sejam bastante diversas, se a pubescência pronotal for variável, a ponto de cobrir também as orlas anterior e basal, é bem possível que este indivíduo pertença a *A. sexnotata*.

Antodice juncea Bates, 1881

Antodyce juncea Bates, 1881a: 145, 299 (cat.).

Antodice juncea; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Zajciw, 1967: 14 (distr.); 1972: 69 (distr.); Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 5; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 61 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-avermelhado a avermelhado: cabeça, antenômeros X e XI, protórax, escutelo, élitros (exceto faixa longitudinal, avermelhada, na declividade lateral do terço anterior à extremidade); face dorsal dos fêmures, face anterior das protíbias, meso- e metatíbias, tarsos e esternos torácicos. Tegumento avermelhado ou alaranjado: antenômeros I-IX, face ventral dos fêmures, lado posterior das protíbias e urosternitos. Pubescência esbranquiçada reveste a maior parte do corpo e está mais concentrada na cabeça, em duas faixas longitudinais aos lados do pronoto, em duas manchas subcirculares ao nível do terço anterior de cada élitro, uma dorsal, outra junto à margem e em faixa longitudinal, menos densa, junto da sutura elitral do meio ao sétimo apical onde termina numa faixa transversal e estreita. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros esbeltos com pêlos amarelados, curtos e densos. Pronoto transversalmente intumescido ao nível do meio. Último urosternito nitidamente intumescido; linha centro-longitudinal estreita, da base à extremidade; borda apical entalhada no centro.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 10,2-11,8; largura umeral, 1,7-2,2.

Distribuição geográfica. Até o momento registrada para a Mata Atlântica meridional do Brasil (Espírito Santo) à Argentina (Misiones).

Zajciw (1967, 1972) assinalou a espécie para Rio de Janeiro, Parque Nacional do Itatiaia, 1050 m.

Material examinado. Brasil. Espírito Santo: Rio Itabapoana. ♀, 23.XI.1908, J. F. Zikán col. (MZSP). Argentina. Misiones: Loreto, ♀, A. A. Oglobin col. (MZSP).

Discussão. *Antodice juncea* apresenta um padrão de colorido elitral peculiar e bastante diverso daquele das demais espécies o que permite reconhecê-la prontamente.

Antodice quinquemaculata Lane, 1970

Antodice quinquemaculata Lane, 1970: 424; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 61 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro: cabeça, escapo, pedicelo, protórax, élitros, fêmures, tíbias (menos nas extremidades) e face ventral. Tegumento avermelhado: faixa transversal na base do pronoto; nos élitros: região circum-escutelar, lados da sutura, perímetro das manchas de pubescência densa e faixa longitudinal na declividade lateral. Tegumento amarelo-esbranquiçado: flagelômeros, dois terços basais das protíbias, quarto apical das meso- e metatíbias e tarsos. Pubescência corporal esbranquiçada. Pubescência branco-de-giz reveste: área longitudinal no meio do dorso da cabeça: centro da base do pronoto; em cada élitro: região circum-escutelar, mancha circular, dorsal, situada pouco atrás do meio, mancha em forma de “v” invertido, dorsal, próxima ao ápice. Distância entre lobos oculares superiores aproximadamente igual a duas fileiras de omatídios. Escapo apenas mais curto que o antenômero III, com pêlos pretos, longos e densos. Flagelômeros basais moderadamente intumescidos com pêlos brancos nos dois terços basais e escuros na extremidade. Esternos torácicos sem manchas de pubescência compacta. Último urosternito plano com borda apical subtruncada.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,1; largura umeral, 2,4.

Distribuição geográfica. Brasil, Bahia.

Material examinado. Brasil. Bahia: Candido Sales, ♂, XI.1974, Seabra & Roppa col. (MNRJ).

Discussão. *A. quinquemaculata* foi originalmente descrita com base numa fêmea (NMNH) com indicação de procedência “Brasil”.

O exemplar no qual fundamentamos a redescrição está em mau estado de conservação, mas corresponde perfeitamente à descrição original, aliás bem detalhada, e nos permite indicar com precisão a região brasileira de ocorrência.

Esta espécie é muito característica pelos flagelômeros basais com pêlos de duas cores, pela distribuição da pubescência branca e densa no pronoto e nos élitros e pelo colorido das pernas.

Antodice cretata Bates, 1872

Antodyce cretata Bates, 1872: 232.

Antodice cretata; Bates, 1881:207, fig. 8; Franz, 1954: 227 (distr.); Gilmour, 1962: 140 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 12; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado. Tegumento amarelo-alaranjado: flagelômeros, exceto, às vezes, o extremo apical de III e IV; pernas (dorso do terço apical dos metafêmures com tegumento castanho-escuro). Pubescência de maneira geral acinzentada, mais concentrada longitudinalmente no meio do pronoto e ao lado da sutura elitral. Pubescência densa, branca-de-giz, recobre: pequena mancha arredondada na emarginação posterior dos olhos; cinco manchas a cada lado do protórax; nos élitros, pequena mancha na declividade basal entre o escutelo e o úmero; mácula transversal, dorsal, ao nível do meio, duas manchas circulares, ao nível do terço posterior, uma na declividade lateral situada à frente da segunda, dorsal; mancha maior, de contorno irregular, antes da extremidade; região elitral da declividade lateral situada entre as manchas do terço posterior e a mancha da extremidade, bem como no extremo apical, com diversas máculas irregulares ou arredondadas. Pubescência branca-de-giz recobre ainda: mesepisternos, mesepimeros, região anterior dos metepisternos, pequena mancha circular no terço posterior dos metepisternos, mancha látero-anterior no metasterno e lados dos urosternitos I-IV. Antenômero III esbelto, mais longo que o escapo

com pêlos acastanhados. Borda apical do último urosternito profundamente emarginada.

Variabilidade. A extremidade dos antenômeros III e IV pode apresentar-se concolor ou mais acastanhada em estreitíssima região. Por este motivo, esta espécie aparece duas vezes na chave.

Distribuição geográfica. México (costa do Golfo), El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Costa Rica.

Material examinado. México. Veracruz: Plan de las Hayas, ♂, 22.VI.1972, G. Halffter, S. Mateo & P. Reyes col. (MZSP). Costa Rica. San José: San José (1000-1200 m), ♂, 17.V.1925, F. Nevermann col. (MZSP).

Discussão. O exemplar da Costa Rica, da ex-coleção Melzer, foi identificado por um dos autores (URM) com a seguinte observação: "concorda com exemplar do USNM (= NMNH) comparado por Lane com o tipo".

A. cretata é bem semelhante a *A. inscripta*, mas separa-se pelo escapo mais robusto, pelo aspecto circular das máculas brancas no terço apical dos élitros e pela presença de mancha tegumentar castanho-escuro nos metafêmures. Além disso, *A. inscripta* ocorre na costa oriental do México.

Antodice spilota, sp. n.

Descrição. ♀. Tegumento acastanhado: cabeça, face dorsal do escapo, pronoto, dorso dos élitros, metepisternos e metasterno; demais regiões corporais com tegumento avermelhado ou amarelo-avermelhado. Antenas e pernas com tegumento amarelo-alaranjado. Fronte glabra, pontuada; região entre os tubérculos anteníferos com pubescência branca. Mancha de pubescência amarelada compacta atrás da emarginação dos olhos. Dorso da cabeça glabro e finamente pontuado. Antenas atingem o ápice elitral aproximadamente na metade do antenômero VII. Antenômero III esbelto, mais longo que o escapo, com pêlos acastanhados. Protórax ligeiramente mais largo anteriormente que na base; lados com três manchas de pubescência compacta amarelada: a anterior em forma de "U", as outras subtriangulares junto à margem posterior. Pronoto

com escassa pubescência esbranquiçada mais concentrada longitudinalmente ao nível do meio. Cada élitro com as seguintes manchas de pubescência amarelada compacta: uma basal mais próxima do úmero do que do escutelo, uma abaixo do úmero, uma arredondada no meio do dorso, uma muito pequena ao lado dessa e no meio da declividade lateral, três próximas ao ápice. Regiões elitrais, principalmente ao lado da sutura, com pubescência branca, evidente, que constitui áreas irregulares. Pubescência amarelada compacta recobre ainda: mesepisternos, metade anterior dos metepisternos, pequena mancha no meio das regiões laterais do metasterno, lados dos urosternitos I a IV em manchas arredondadas.

Dimensões, em mm, ♀: Comprimento total, 9,2-10,8. Protórax: comprimento, 1,2-1,5; maior largura, 1,2-1,5. Comprimento do élitro, 7,0-8,1; largura umeral, 1,7-2,0.

Material-tipo. Brasil. Bahia: Encruzilhada (Motel da Divisa, Estrada Rio-Bahia km 965, 980 m), holótipo ♂, XI.1972, Seabra & Roppa col. (MNRJ); parátipo ♀, XII. 1972, Seabra & Roppa col. (MNRJ). Minas Gerais: Teófilo Otoni, parátipo ♀, X.1972, S. P. Nascimento col. (MZSP).

Discussão. *A. spilota* por apresentar flagelômeros amarelados, mesepimeros e metepisternos com manchas de pubescência densa, ausência de áreas acastanhadas nos lados dos élitros e região apical dos élitros com três manchas de pubescência compacta, assemelha-se a *A. nympha* e *A. picta*.

Distingue-se de *A. nympha* pelos flagelômeros basais não escurecidos para os ápices, pela distribuição das manchas de pubescência compacta nos élitros e pelos metafêmures unicolores. Difere de *A. picta* principalmente pela presença de pubescência branca nos élitros. Em *A. picta* a pubescência elitral, exceto máculas, é uniformemente acastanhada.

Antodice kyra, sp. n.

(Fig. 39)

Etimologia. Tupi: kyra = novo
♂. Tegumento acastanhado. Face ventral do escapo, flagelômeros (exceto pequena porção

apical de III-VII) e pernas com tegumento amarelado. Pubescência esbranquiçada mais concentrada entre os tubérculos anteníferos, perímetro dos olhos e dorso da metade anterior dos élitros. Pubescência branca-de-giz em: mancha na emarginação posterior dos olhos; faixa de contornos bem irregulares, quebrada no meio, nos lados do protórax; mancha no limite com o prosterno; proepimeros; mesepisternos; mesepimeros; região anterior dos metepisternos; mancha látero-anterior no metasterno; manchas nos lados dos urosternitos I-IV. Nos élitros, pubescência branca-de-giz, em pequena mancha no meio da declividade basal; mancha arredondada, dorsal, ao nível do meio; mácula ao lado externo dessa, situada mais anteriormente; três manchas junto a do ápice (as duas mais anteriores podem estar quebradas e, se contíguas, formariam uma letra "S"). Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto a largura de duas fileiras de omatídios. Antenas atingem ápice elitral aproximadamente no meio do antenômero VIII. Escapo com abundantes pêlos brancos semi-decumbentes. Antenômero III linear, mais longo que o escapo; pêlos longos, brancos nos dois terços basais e castanhos no ápice. Disco pronotal com pubescência esparsa, finamente pontuado. Último urosternito com borda arredondada.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 7,2; largura umeral, 1,4.

Material-tipo. Brasil. Rio Grande do Norte: Natal, holótipo ♂, IV.1951, M. Alvarenga col. (MNRJ).

Discussão. Bem semelhante a *A. spilota*, distingue-se: pelas menores dimensões; pela pilosidade branca do escapo, mais longa e muito mais abundante; pelos flagelômeros basais levemente escurecidos nas extremidades; pela pubescência compacta branca e não amarela; pela pubescência elitral, praticamente ausente entre as manchas centrais e apicais; pelas pernas mais densamente pubescentes.

***Antodice picta* (Klug, 1825)**
(Fig. 63)

Saperda picta Klug, 1825: 467, fig. 1.

Antodice picta; Thomson, 1864: 129; Lacordaire, 1872: 901; Bruch, 1912: 218 (cat.); Zikán

& Zikán, 1944:42 (distr.); Gilmour, 1962: 140 (em chave); Viana, 1972: 402 (cat.); Martins & Galileo, 1985a: 95 (em chave), 94, figs. 14, 17; Monné, 1995: 61 (cat.).

Antodyce picta; Bates, 1881b: 299 (cat.).

Anthodice picta; Buck, 1959: 608 (distr.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho: cabeça, face dorsal do escapo, protórax, élitros (menos faixa longitudinal, lateral, do meio à extremidade), esternos torácicos. Urosternitos em geral mais avermelhados. Tegumento amarelo-alaranjado: face ventral do escapo, flagelômeros (às vezes os apicais escuros) e pernas. Pubescência pouco densa; nos élitros uniforme, escura, na face dorsal, mais densa e evidente na declividade lateral do meio ao ápice. Pubescência compacta, amarelo-vivo ou amarelo-esbranquiçado: região entre os tubérculos anteníferos; mancha na emarginação posterior aos olhos; faixa nos lados do protórax com nítido entalhe central que pode dividi-la em duas manchas; mancha no meio dos lados do protórax; mancha nos proepimeros; em cada élitro, pequena mancha na declividade basal com o mesmo tamanho que o escutelo, pequena mancha transversal, dorsal, ao nível do meio; pequena mancha ao lado dessa, mais anterior e mais para o lado da margem, duas manchas perto do ápice, a anterior em forma de "S" a posterior arredondada ou em forma de vírgula, não toca a borda apical. Na face ventral a mesma pubescência recobre: mesepisternos, mesepimeros, região anterior dos metepisternos, pequena mancha no lado anterior do metasterno, manchas subarredondadas, gradualmente menores, nos urosternitos I-IV. Pontuação visível na fronte, pronoto, élitros, metepisternos e lados do metasterno. Último urosternito aplanado, largamente emarginado no ápice, com pêlos longos, acastanhados, junto às bordas laterais e apical.

♀. Último urosternito intumescido, sulco longitudinal estreito, com depressão transversal junto à margem apical que é emarginada no centro.

Variabilidade. Os flagelômeros IX-XI podem apresentar-se concolores ou castanho-escuros. A mancha de pubescência compacta em forma de "S" perto do ápice elitral pode estar dividida em duas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 8,0-12,9/9,4-11,0; largura umeral, 1,7-2,5/1,9-2,2.

Distribuição geográfica. Sudeste e sul do Brasil, Paraguai e Argentina (Misiones).

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Araxá, ♀, XII.1932, A. M. C. Lima col. (MZSP); Machacalis, ♀, XII.1954 (MCNZ); Passa Quatro (Serra dos Cochós, 1460 m), ♂, X.1916, J. F. Zikán col. (MZSP); (Fazenda dos Campos), ♂, XII.1918, J. F. Zikán col. (MZSP). São Paulo: Barueri, ♀, XII.1965, K. Lenko col. (MZSP); São Paulo (Cantareira), ♂, XII.1040, Nick col. (MZSP). Paraná: Paranaíba (Vale do Ribeira), ♀, XII.1941, B. Pohl col. (MZSP). Santa Catarina: Blumenau, ♀, (MZSP); Corupá, ♂, ♀, XII.1927, A. Maller col. (MZSP); ♂, III.1933, A. Maller col. (MZSP); Itapiranga, ♀, X.1954, P. Buck col. (MAPA); ♀, XII.1955, P. Buck col. (MAPA); Nova Teutônia, ♂, II.1938, B. Pohl col. (MZSP); Timbó, ♂, XI.1951, Dirings (MZSP); ♂, XII.1955, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Montenegro, ♀, XI.1977, E. Buckup col. (MCNZ). Paraguai. Guaiá: Villarica, ♂, XI, A. Maller col. (MZSP). Argentina. Misiones: Iguazú, ♂, XI.1923, H. Lane col. (MZSP); ♂, X.1947, Foester col. (MZSP).

Discussão. Martins & Galileo (1985: 94) consideraram alguns exemplares procedentes do Paraguai (Assunción) e da Argentina (Salta) como variedades de *A. picta* com padrão de colorido elitral algo diverso e com pilosidade do escapo diferente. Podemos agora examinar material mais abundante de *A. picta* e observamos que os indivíduos são pouco variáveis nesses caracteres. Além disso, constatamos no exemplar de Salta outros caracteres que permitem distingui-lo especificamente de *A. picta* e o descrevemos a seguir como *Antodice pinima*, sp. n. Os indivíduos do Paraguai (Assunción) já não se encontram em nosso poder para uma definição do seu status específico.

Antodice picta distingue-se imediatamente de *A. spilota* pela uniformidade da pubescência elitral castanho-avermelhada, não entremeada por pubescência branca e pelas pequenas dimensões das máculas de pubescência densa da base dos élitros.

***Antodice pinima*, sp. n.**

(Fig. 38)

Antodice picta; Martins & Galileo, 1985a: 94, fig. 15 non Klug, 1825.

Etimologia, Tupi; pinima = pintado, em alusão ao desenho elitral.

♀. Tegumento acastanhado: cabeça, escapo, pedicelo, protórax, escutelo, élitros e face ventral. Tegumento amarelo-alaranjado: flagelômeros e pernas. Fronte com pubescência branca, bem concentrada entre os tubérculos anteníferos. Mancha de pubescência compacta, branco-amarelada, atrás dos olhos. Dorso da cabeça com pubescência branca esparsa. Escapo não amarelado na face ventral, com os pêlos deitados esbranquiçados. Antenômero III esbelto, mais longo que o escapo. Protórax mais largo anteriormente do que na base; lados com pubescência branco-amarelada compacta em uma faixa longitudinal, profundamente entalhada ao nível do meio, em duas manchas, uma no meio, outra nos proepisternos. Pronoto com pubescência esbranquiçada esparsa, fina e densamente pontuado. Cada élitro com as seguintes manchas de pubescência esbranquiçada e densa: uma basal, arredondada, relativamente desenvolvida, com tamanho muito maior que o do escutelo; duas manchas arredondadas, tão grandes quanto a basal, uma dorsal mais posterior e uma na declividade lateral; três manchas junto aos ápices: uma oblíqua, lacrimiforme; uma arredondada lateral e uma apical, mais transversal, que quase toca as margens. Presença de pubescência esbranquiçada em toda superfície elitral. Pubescência esbranquiçada densa reveste ainda: pequena área longitudinal nos élitros sob os úmeros; mesepisternos, mesepimeros, mancha anterior nos metepisternos, mancha látero-anterior no metasterno, manchas nos lados dos urosternitos I-IV.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 8,8; largura umeral, 1,8.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Tartagal, Salta, Argentina.

Material-tipo. Argentina. Salta: Tartagal, holótipo ♀, XI.1951, A. F. Prosen col. (MZSP).

Discussão. Vide *A. picta*. *A. pinima* assemelha-se a *A. picta* a ponto de ter sido considerada uma variedade desta espécie (Martins & Galileo, 1985: 94). Distingue-se, além de distribuição geográfica diversa, pela presença de abundante pubescência esbranquiçada nos élitros; pelo escapo com tegumento

inteiramente acastanhado e com dois tipos de pêlos, os deitados esbranquiçados, entremeados aos castanhos, mais eretos; pelas manchas elitrais mais desenvolvidas, a apical quase toca a margem.

Antodice venustula Lane, 1973

Antodice venustula Lane, 1973: 433; Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 8; Monné, 1995: 62 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento acastanhado em todo corpo, élitros, escapo (mais avermelhado na face ventral), pedicelo, extremidades dos flagelômeros III-VIII, flagelômeros IX-XI. Porção basal dos flagelômeros III-VIII e pernas com tegumento amarelo-alaranjado. Pubescência esbranquiçada, densa, recobre: cabeça, menos a frente; protórax, exceto duas áreas longitudinais látero-basais, escutelo, élitros (menos uma faixa longitudinal, lateral, dos úmeros ao meio e o perímetro das manchas brancas); urosternitos. Pubescência branca, compacta: duas manchas arredondadas em cada élitro, uma pouco maior, dorsal, logo atrás do meio e uma dorsal, ao nível do terço apical; faixa longitudinal na metade inferior dos mesepisternos e mesepimeros. Escapo mais curto que o antenômero III que é ligeiramente intumescido e provido de pêlos escuros, abundantes. Último urosternito bem desenvolvido intumescido, com sulco longitudinal contínuo e margem apical levemente emarginada.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 12,1; largura umeral, 2,5.

Distribuição geográfica. Originalmente descrita do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil e da Bolívia (Província del Sara). Lane (1973: 434) assinalou: "Esta última localidade parece um tanto suspeita e depende de uma eventual confirmação."

Material-examinado. Bolívia. Santa Cruz: Província del Sara (450 m), parátipo ♀, J. Steinbach col. (MZSP).

Discussão. *A. venustula* caracteriza-se pelo padrão de colorido dos élitros, pela abundante pubescência branca em todo corpo e pela presença de pubescência branca e densa apenas na metade inferior dos mesepisternos e mesepimeros. As an-

tenas com flagelômeros basais escurecidos na extremidade permitem separá-la de todas as espécies estudadas acima onde os flagelômeros basais são pretos ou inteiramente amarelados.

Antodice suturalis Galileo & Martins, 1992

Antodice suturalis Galileo & Martins, 1992: 143, fig. 4; Monné, 1995: 62 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado, mais escuro nos metepisternos e nos lados do meso- e metasterno. Tegumento amarelado: bases dos flagelômeros III-XI e pernas, exceto mancha de tegumento castanho na metade apical dos metafêmures. Pubescência esbranquiçada, mais concentrada no terço basal dos élitros e longitudinalmente ao lado da sutura até a extremidade. Quarto apical dos élitros com pubescência esbranquiçada mais compacta constitui duas faixas em zigue-zague. Lados dos élitros com faixa longitudinal mais acastanhada do terço anterior ao apical. Mesepisternos, mesepimeros e pequena região anterior dos metepisternos com pubescência branca densa. Urosternitos densamente pubescentes.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 8,5; largura umeral, ca. 2,0 mm.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Santo Domingo (47 km S, Rio Palenque Station), Pichincha, Equador.

Material examinado. Equador. Pichincha: Santo Domingo (47 km S, Rio Palenque Station), holótipo ♂, 28.V.1975, S. & J. Peck col. (CMNC).

Discussão. A presença de mancha escura nos metafêmures, o padrão de colorido e a presença de pubescência mais concentrada junto à sutura dos élitros em *A. suturalis*, são semelhantes em *A. cretata* e *A. nympha*, ocorrentes no México e América Central. Nestas duas espécies, contudo, a base dos élitros tem mancha branca compacta e a pubescência branca na face ventral ocupa áreas diferentes.

Antodice abstrusa Lane, 1940

Antodice abstrusa Lane, 1940: 405; Zikán & Wygodzinsky, 1948: 49 (tipo); Gilmour,

1962: 139 (em chave); Zajciw, 1974: 82 (distr.); Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 8; Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento acastanhado: cabeça, face dorsal do escapo, extremidades dos flagelômeros III-VII(VIII), flagelômeros VII(IX)-XI, protórax, élitros (exceto lados longitudinalmente avermelhados da base à extremidade) e face ventral. Face inferior do escapo, bases dos flagelômeros III-VII(VIII) e pernas com tegumento amarelo-alaranjado. Pubescência de maneira geral esparsa na cabeça e no protórax; no pronoto mais concentrada em duas pequenas regiões látero-basais e no meio da base, entre as quais existem duas áreas glabras, uma a cada lado da base. Superfície elitral com pubescência castanho-avermelhada, salpicada por muitas manchas pequenas de pubescência branca, mais concentradas no meio e no quarto apical. Face inferior do corpo com pubescência esbranquiçada, sem manchas de pubescência compacta. Antenômero III esbelto, mais longo do que o escapo com pêlos esbranquiçados na metade basal e castanhos na apical. Último urosternito pouco convexo, emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 8,0-9,6; largura umeral, 1,5-1,8.

Distribuição geográfica. Minas Gerais e Espírito Santo, Brasil.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Diamantina (Faz. das Melancias), 2 ♂, ♀, X-XI.1902, E. Gounelle col. (MNHN, MZSP); Viçosa (Córrego do Paraíso, Mata da Prefeitura), ♂, XII.1986, P. S. Fiuza col. (MZSP). Espírito Santo: Alegre (Faz. Jerusalém), holótipo ♂, XI.1914, J. F. Zikán col. (MZSP).

Discussão. *A. abstrusa* foi preliminarmente denominada por Melzer que não chegou descrevê-la (Lane, 1940: 406). Zikán & Wygodzinsky (1948: 49) ignoraram que a espécie estava *in litteris* e incluíram o holótipo na relação dos tipos do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas.

Esta espécie apresenta um padrão de distribuição das máculas brancas nos élitros muito característico, geralmente salpicando toda a face dorsal e mais concentradas em duas faixas transversais, uma perto do meio e uma ante-apical. Além

disso, a face ventral do corpo é destituída de áreas recobertas por pubescência densa.

Antodice lenticula Martins & Galileo, 1985

Antodice lenticula Martins & Galileo, 1985a: 92, fig. 7; Monné, 1995: 61 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento de maneira geral avermelhado; metade basal dos flagelômeros e pernas com tegumento amarelo-alaranjado. Pubescência branca, algo grosseira, recobre: região entre tubérculos anteníferos, pronoto, escutelo e face ventral; nos élitros não chega a constituir máculas e está mais concentrada nos dois terços anteriores. Antenômero III esbelto, tão longo quanto o escapo (♂) ou apenas mais longo (♀).

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 7,2/8,0; largura umeral, 1,3/1,5.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas do sul da Bahia, Brasil.

Material examinado. Brasil. Bahia: Condeúba (ex Santo Antonio da Barra), holótipo ♂, (MNHN), parátipo ♀ (MZSP), XI-XII.1888, E. Gounelle col.

Discussão. As dimensões apresentadas na descrição original (Martins & Galileo, 1985a: 92) estão equivocadas; as medidas corretas foram apresentadas acima.

A. lenticula é uma espécie inconfundível pela distribuição da pubescência branca em todo corpo e especialmente nos élitros; neste caso não chega a constituir máculas definidas, recobre principalmente os dois terços anteriores constituindo pequenas áreas, densas, de forma indefinida. Esse padrão é diferente do de *A. abstrusa*, cujas máculas são bem definidas. Além disso, em *A. abstrusa*, o escapo é bicolor e mais curto que o antenômero III; os flagelômeros apicais são pretos e a base do pronoto apresenta uma área glabra a cada lado.

Antodice fasciata Linsley, 1935

Antodice fasciata Linsley, 1935: 113; Gilmour, 1962: 139 (em chave); Martins & Galileo, 1985: 91, fig. 10; Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Dois terços ou três quartos basais dos flagelômeros e pernas com tegumento alaranjado. Pubescência esbranquiçada ou branco-amarelada, relativamente densa, principalmente nos élitros. Pubescência branca-de-giz, compacta, reveste: área atrás da emarginação ocular; lados do protórax até lados do pronoto onde existe entalhe na borda interna pouco atrás do nível do meio; duas manchas na base de cada élitro, uma na depressão basal, outra menor, mais lateral e ligeiramente posterior; faixa transversal, com bordas irregulares, ao nível do meio, distante da sutura e junto à margem; áreas irregulares, em número variável, no terço apical, a mais anterior geralmente mais desenvolvida. Escapo e flagelômeros basais com pêlos abundantes, não muito longos. Antenômero III esbelto, apenas mais longo que o escapo. Último urosternito aplano, largamente emarginado na borda apical.

♀. Último urosternito largo, linha centro-longitudinal não aprofundada; borda apical densamente pilosa, profundamente emarginada no centro.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 15,0-15,6/17,6; largura umeral, 3,5-3,6/4,0.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Temascaltepec, Distrito Federal, México.

Material examinado. México. Distrito Federal: Temascaltepec, 2 ♂, ♀, G. B. Hinton col. (MZSP).

Discussão. Os três exemplares examinados pertenciam à Coleção Melzer e estavam por ele identificados como *Antodice nympha*. *A. fasciata* pode ser facilmente reconhecida pelas grandes dimensões, antenômeros basais com pêlos abundantes e relativamente curtos e lados do protórax inteiramente recobertos por pubescência branca e densa. O último urosternito nos dois sexos é relativamente largo e nitidamente emarginado na borda apical. Além desses caracteres, distingue-se de *A. nympha* pela ausência de mancha de tegumento escuro nos metafêmures, pela presença de pubescência branca e densa nos lados anteriores do metasterno e pela ausência de manchas definidas nos lados dos urosternitos.

Antodice inscripta Lane, 1970

Antodice inscripta Lane, 1970: 420; Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 11; Monné, 1995: 60 (cat.).

Redescrição. (♀ ?). Tegumento castanho-avermelhado; flagelômeros (exceto ápice de III-VII) e pernas com tegumento amarelado. Pubescência esbranquiçada. Pubescência branca-de-giz, densa, reveste: mancha atrás da emarginação posterior dos olhos; nos lados do protórax, faixa longitudinal, com contornos muito irregulares, pequena mancha atrás da pós-ocular, mancha no limite com o prosterno e proepimeros; nos élitros: pequena mancha no meio da declividade basal, duas manchas logo atrás do meio, uma dorsal, ligeiramente oblíqua e uma lateral, mais anterior, perto do friso sutural, algumas manchas irregulares antes do ápice. A região entre as manchas centrais e as apicais com pubescência branca concentrada em máculas irregulares. Na face ventral a pubescência branca densa reveste: mesepisternos, mesepimeros, região anterior dos metepisternos, lados anteriores do metasterno, largamente nos lados dos urosternitos. Antenômeros basais com pêlos eretos, o III mais longo que o escapo. Metafêmures unicolores. Último urosternito não intumescio (♀ ?) com linha centro-longitudinal apenas indicada e borda apical largamente emarginada.

Dimensões, em mm, (♀ ?). Comprimento total, 15,4; largura umeral, 3,2.

Distribuição geográfica. Registrada apenas para a localidade-tipo, Compostela, Nayarit, México.

Material examinado. México. Nayarit: Compostela, parátipo, ♀, VII.1954, M. Cazier & W. G. Brads col. (MZSP).

Discussão. Lane (1970) identificou o parátipo mencionado como uma fêmea. Os lobos oculares superiores não são contíguos e separam-se por distância correspondente a duas fileiras de omatídeos e o último urosternito não é intumescido como ocorre geralmente nos indivíduos deste sexo.

Antodice inscripta assemelha-se a *A. cretata* mas difere pelo escapo mais cilíndrico e relativa-

mente mais alongado; pelos flagelômeros III-VII nitidamente escurecidos nos ápices e pelos metafêmures unicolores.

Antodice nympha Bates, 1881

Antodice nympha Bates, 1881a: 207, 427; 1881b: 299 (cat.); Gilmour, 1962: 140 (em chave); Martins & Galileo, 1985a: 91 (em chave), fig. 13.

Redescrição. ♂. Tegumento acastanhado ou vermelho-acastanhado. Metade ou dois terços da base dos flagelômeros basais e pernas (exceto mancha acastanhada no terço apical dos metafêmures), com tegumento amarelo-alaranjado. Pubescência esbranquiçada, mais concentrada ao longo da sutura elitral. Pubescência branca-de-giz, compacta, reveste: mancha pós-ocular; faixa lateral, acentuadamente irregular, nos lados do protórax; pequena mancha no limite com o prosterno; proepimeros; mesepisternos; mesepimeros; região anterior dos metepisternos; mancha látero-anterior no metasterno; manchas subcirculares nos lados dos urosternitos I-IV. Nos élitros a pubescência branca densa constitui mancha no meio da declividade basal e duas ou três manchas próximas; única mancha dorsal, arredondada, ao nível do meio; duas faixas em zigue-zague (podem apresentar-se quebradas em manchas), perto do ápice. Antenômero III apenas mais longo que o escapo com abundantes pêlos eretos. Último urosternito largamente emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 10,0-10,6; largura umeral, 2,1-2,3.

Distribuição geográfica. Da costa oriental do México ao Panamá.

Material examinado. Guatemala. Verapaz: Panzos, ♂, Conradt col. (comparado com tipo por F. Lane no BMNH em 1962), (MZSP). Panamá. Cabima, ♂, V.1924, A. Busck col. (MZSP).

Discussão. Bates (1881a) mencionou na descrição original apenas uma mácula de pubescência branca no meio do dorso dos élitros, caráter que confirmamos no material ora examinado. Nas outras espécies semelhantes do México (*A. cretata* e *A. inscripta*) existem duas máculas perto do meio de cada

élitro. Além disso, *A. nympha* tem pequenas dimensões e não se encontram máculas de pubescência branca entre as manchas centrais e apicais dos élitros.

Cacsius Lane, 1973

Cacsius Lane, 1973: 430; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave); Monné, 1995: 62 (cat.).

Melzerenica Lane, 1976: 457; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 468; Monné, 1995: 65 (cat.). *Syn. n.*

Espécie-tipo. De *Cacsius*, *C. nobilis* Lane, 1973 (monotipia, designação original). De *Melzerenica*, *Aerenica diva* Melzer, 1932 (monotipia, designação original).

Aspecto geral linear. Fronte mais larga que o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 9 fileiras de omatídios, separados entre si por distância menor que a largura de um lobo; interligação entre lobos com cinco fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores quatro vezes mais longos que as genas. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros não espessados, densamente pilosos. Protórax mais longo que largo; lados levemente divergentes para o lado anterior, sem gibosidades laterais. Élitros sem pontos contrastantes com áreas de pubescência branca compacta; extremidades acuminadas, sem espinhos. Metafêmures mais longos que os mesofêmures, extremidades atingem o meio ou a borda apical do urosternito III. Metatarsômero I tão longo quanto II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o externo. Último urotergito com borda apical emarginada.

Discussão. Lane (1973) estabeleceu *Cacsius* para única espécie, *C. nobilis*; comparou-o com *Montesia* Lane, 1938. Em 1976, o mesmo autor descreveu *Melzaerenica* para conter *Aerenica diva* Melzer, 1932; comparou-o com *Aerenica* Dejean, 1835. Não pudemos encontrar caracteres para distinguir *Cacsius* de *Melzaerenica* e passamos a considerá-los sinônimos.

Chave para as espécies do gênero *Cacsius*

1. Élitros com tegumento bicolor, dois terços anteriores amarelo-alaranjados e terço

apical preto; declividade apical dos élitros com faixa estreita de pubescência branca compacta; escapo esparsamente pubescente. Brasil (Minas Gerais) *C. nobilis* Lane, 1973

Tegumento elítral unicolor, vermelho-alaranjado; declividade apical dos élitros sem faixa de pubescência; escapo densamente pubescente. Brasil (Rio de Janeiro).....
.....*C. divus* (Melzer, 1932)

***Cacsius nobilis* Lane, 1973**

(Fig. 65)

Cacsius nobilis Lane, 1973: 431; Monné, 1995: 62 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-avermelhado escuro a preto: cabeça, protórax, terço apical dos élitros; metade apical dos metafêmures; tíbias; metatarsômeros I. Antenas, dois terços anteriores dos élitros, fêmures e face ventral (exceto últimos urosternitos pouco mais escuros), com tegumento avermelhado. Pubescência praticamente ausente na cabeça e no protórax; nos élitros finíssima e esparsa. Pubescência compacta branca em: pequena mácula na base do pronoto à frente do escutelo; faixa longitudinal nos lados do protórax; metade inferior dos mesepisternos e mesepimeros; metepisternos; toda extensão dos lados do metasterno; lados dos urosternitos I-IV. Em cada élitro a pubescência branca densa reveste: faixa longitudinal, paralela ao friso sutural, inicia-se no lado do escutelo e atinge o nível do terço anterior onde é mais larga; faixa longitudinal paralela ao friso sutural logo atrás do meio, que pode se expandir para o lado da margem quando assume aspecto triangular; pequena mancha no vértice externo desse triângulo para o lado da margem; faixa estreita, oblíqua, dorsal, no sexto apical. Região dorso-posterior da cabeça e pronoto pontuados. Escapo com pêlos longos esparsos. Último urosternito pouco intumescido; sulco central raso, em toda extensão; borda apical transversalmente truncada.

Variabilidade. As áreas de pubescência branca da região central dos élitros variam em largura; quando mais desenvolvidas para o lado da margem

chegam a fundir-se com a pequena mancha lateral.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 9,8-12,7; largura umeral, 2,0-2,5.

Distribuição geográfica. Nordeste de Minas Gerais, Brasil.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Águas Vermelhas, parátipo ♀, XI.1970, F. M. Oliveira col. (MNRJ); Pedra Azul (700 m), ♀, XI.1972, Seabra & Oliveira col. (MNRJ).

***Cacsius divus* (Melzer, 1932), comb. n.**

Aerenica diva Melzer, 1932: 227, fig. 10; Zikán & Zikán, 1944:42 (distr.); Zikán & Wygodzinsky, 1948: 47 (tipos); Gilmour, 1962: 128 (em chave); Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Melzaerenica diva; Lane, 1976: 458 (lectot.), 459 (distr.), fig. 3; Monné, 1995: 66 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento corporal e dos apêndices vermelho-alaranjado. Pubescência acinzentada mais longa e evidente entre os tubérculos anteníferos. Restante da pubescência corporal muito fina e pouco densa no pronoto e nos élitros. Pubescência branca compacta: pequena mancha no meio da base do pronoto à frente do escutelo; largamente nos lados do protórax; mesepisternos; parte dos mesepimeros; metepisternos; largamente nos lados do metasterno e nos lados dos urosternitos I-IV. Nos élitros, pubescência branca compacta recobre: grande mancha na metade anterior fundida à sutura, distante da margem, com lados convergentes na direção do escutelo; mancha grande, triangular, no terço apical, junto ao friso sutural, distante da margem lateral. Escapo com pêlos avermelhados, densos, principalmente no lado inferior. Borda apical do último urosternito transversalmente truncada.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 11,3-11,9; largura umeral, 2,6-2,7.

Distribuição geográfica. Brasil (Rio de Janeiro).

Material examinado. Brasil. Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), paralectótipo ♂, XI.1928, J. F. Zikán col. (à luz) (MZSP); lectótipo ♂, X.1926, J. F. Zikán col. (MZSP).

Na etiqueta de procedência do paralectótipo está manuscrita por Zikán uma letra "L", geralmente utilizada por ele para indicar coleta à luz.

Discussão. Melzer (1932) estabeleceu esta espécie com base em três exemplares sem indicação de sexo. Muito embora Lane (1976) tenha indicado lectótipo sem indicação de sexo (exemplar assinalado como "Typus" por Melzer) e mencionado os outros dois sintipos, não chegou a rotulá-los e não citou paralectótipos. O lectótipo e o paralectótipo, ambos da ex-coleção Melzer são machos. O terceiro sintipo não foi examinado por Lane e não fazia parte da ex-coleção Melzer.

Aerenica Dejean, 18352

Aerenica Dejean, 1835: 352; Martins & Galileo, 1985b: 463 (em chave), 464; Monné, 1995: 62 (cat.).

Aerenaesius Gilmour, 1962: 126 (em chave), 131.
Aerenasius Martins & Galileo, 1985b: 464 (sin.).

Espécie-tipo. De *Aerenica* e de *Aerenaesius*, *Saperda canescens* Klug, 1825 (respectivamente, designação de Lane, 1966: 231 e de Gilmour, 1962: 131). Vide discussão em *Aerenica canescens*.

Aspecto geral linear. Fronte mais larga que o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 5 ou 6 fileiras de omatídeos, tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça; interligação entre lobos com 4 ou 5 fileiras de omatídeos. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados. Protórax apenas mais longo que largo; lados ligeiramente divergentes para o lado anterior, com gibosidade central. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades acuminadas, sem espinho. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidades atingem o meio do urosternito II. Metatarsômero I mais longo que II+III. Apêndice interno das unhas pouco mais curto que o externo. Último urotergito com borda apical subtruncada.

Aerenica canescens (Klug, 1825)

(Fig. 62)

Saperda canescens Klug, 1825: 468, fig. 2.

Aerenica canescens; Thomson, 1860: 65; Lacordaire, 1872: 899; Bates, 1881b: 300 (cat.); Andrade, 1928: 4 (hosp.); Lima, 1930: 67 (hosp.); 1936: 304; 1955: 137 (hosp.); Zikán & Zikán, 1944:42 (distr.); Duffy, 1960: 277 (hosp.); Lane, 1966: 231; 1974a: 353, 354, fig. 4; Silva *et al.*, 1968:398; Viana, 1972: 400 (cat.); Martins & Galileo, 1985b: 464; 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 63 (cat.).

Aerenaesius canescens; Gilmour, 1962: 132, figs. 6, 7; Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Aerenasius canescens; Martins & Galileo, 1985b: 464.
Aerenica lahillei Bruch, 1926: 345, fig. 3; Gilmour, 1962: 128 (em chave); Viana, 1972: 401 (cat.); Lane, 1974b: 381 (sin.); Martins & Galileo, 1985b: 464.

Aerenica lahillei var. *salobrensis* Lane, 1939:77; Gilmour, 1962: 128 (em chave); Martins & Galileo, 1985b: 464 (sin.).

Redescrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado; flagelômeros com tegumento avermelhado. Pubescência branca, densa; no pronoto, mais concentrada em grande parte do disco numa área triangular; nos élitros, mais densa em duas faixas oblíquas na metade apical e nos ápices. Lados do protórax com alguns pontos contrastantes. Élitros densamente pontuados; os pontos maiores, glabros. Escapo e fêmures com áreas glabras evidentes. Flagelômeros com pubescência branca; pêlos longos e esparsos na margem interna. Antenômeros basais lineares. Último urosternito com borda apical emarginada no centro.

♀. Último urosternito apenas intumescido, sem linha centro-longitudinal, com borda apical arredondada e com entalhe central pouco profundo.

Dimensões em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 10,4-14,2/12,1-15,9; largura umeral, 2,0-3,1/ 2,3-3,4.

Distribuição geográfica. Centro-oeste do Brasil, São Paulo, Bolívia, Paraguai e Argentina (Salta a Misiones).

Zikán & Zikán (1944) e Zajciw (1972) registraram a espécie para o Rio de Janeiro, Itatiaia; identificações provavelmente equivocadas.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Porto Murinho, ♀, XI.1929, W. Melzer col. (MZSP); Salobra, 2 ♂ (lectótipo e paralectótipo de *Aerenica lahillei* var. *salobrensis*). Tocantins: São José do Tocantins, 2 ♂, X.1941, Pe. Ambrosio col. (MZSP). Goiás: ♂, I.1939, T. Borgmeyer col. (MZSP); Campinas: ♂, I.1929, Hertel col. (MZSP); Vianópolis, ♂, XI.1931, R. Spitz col. (MZSP). Distrito Federal: Planaltina (15°35'S, 47°42'W, 1000 m), 2 ♀, XI.1975, V. O. Becker col. (MZSP). Minas Gerais: Água Suja, ♂, 1918, Naschoff col. (MZSP); Burity (Ribeirão Confins), ♂, X.1964, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP). Bahia: Bonfim (ex-Vila Nova), ♂, E. Garbe col. (MZSP). São Paulo: Botucatu, ♂, XI.1971, O. Chamma col. (DZVU); ♂, XI.1973, Mantovan col. (DZVU). Bolívia. Norte Yungas, ♂, I.1949, A. Martinez col. (MZSP). Paraguai. Distrito Capital: Asunción, ♂, X.1944, Mis. Cient. Bras. col. (MZSP); Guairá: Villarica, ♂, XII.1925, Schade col. (MZSP); província não localizada: Santa Bárbara, ♂, XII.1924, Schade col. (MZSP). Argentina. Salta: El Naranjo, ♀, I.1944, Duret & Martínez col. (MZSP); Metán, ♀, XII.1981, L. R. Fontes col. (MCNZ); San Lorenzo, ♂, XI.1959, A. Martínez col. (MZSP); Jujuy: Jujuy, ♂, XII.1947, Prosen col. (MZSP); ♂, XII.1949, Prosen col. (MZSP); ♀, XII.1950, Prosen col. (MZSP); ♂, I.1951, (MZSP); Chaco: Resistencia, ♂, 10.XII.1935, J. B. Daguerre (MZSP); Misiones: Puerto Bemberg, ♀, XI.1945, Prosen col. (MZSP); San Ignacio, ♀, XI. 1945, Prosen col. (MZSP).

Biologia. Andrade (1928) assinalou, como planta-hospedeira, *Schizolobium excelsum* [= *S. parahybum* segundo Scultz (1968), Leguminosae] vulgarmente denominada "guapuruvu". Esta informação foi repetida por Lima (1930; 1936; 1955) e Duffy (1960). A larva ataca árvores vivas.

Discussão. Dejean (1835) incluiu em *Aerenica* Dejean, duas espécies de *Saperda* descritas por Klug em 1825: *S. canescens* e *S. hirticornis*, esta seguida de um ponto de interrogação. A inclusão destas espécies em *Aerenica* tornam o nome válido e com autoria de Dejean, 1835. Thomson (1857) utilizou o mesmo nome *Aerenica*, atribuindo-o a Dejean e em 1860 de-

signou *Saperda hirticornis* como espécie-tipo. Lane (1966) designou *Saperda canescens* como espécie-tipo de *Aerenica*; posteriormente (1974a), manteve essa designação, afirmando: "As the type of *Aerenica* should be the starting point for any revisional work, I had come to the conclusion that this was one of Dejean's valid genera, for it included Klug's *Saperda canescens*. *Saperda hirticornis* Klug would be preferable because Thomson's selection, but it figures in the Dejean Catalogue, 1835, 2nd ed. p. 352, with a question mark, so that it is not eligible." A partir dos trabalhos de Lane (1966, 1974a), confirmamos *Saperda canescens* como espécie-tipo de *Aerenica*.

Gilmour (1962) designou a mesma *Saperda canescens* Klug, 1825 como espécie-tipo do gênero *Aerenaesius* o que o torna sinônimo júnior objetivo de *Aerenica* Dejean, 1835.

No seu catálogo sobre Cerambycidae do Paraguai, Viana (1972) citou como espécies distintas *Aerenica canescens* (p. 400) e *A. lahillei* (p. 401). É óbvio que uma das suas identificações está errada.

***Aerenicella* Gilmour, 1962**

Aerenicella Gilmour, 1962: 125 (em chave), 133; Lane, 1974a: 356; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 468; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 66 (cat.).

Melaerenica Lane, 1966: 231; Lane, 1974a: 356 (sin.).

Espécie-tipo. De *Aerenicella*, *Aerenica melanocera* Lane, 1938 (monotípica), sinônima de *Aerenica spissicornis* Bates, 1881 que é também a espécie-tipo de *Melaerenica*.

Aspecto geral linear. Fronte com o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores mais distantes entre do que o dobro da largura de um lobo, com 7-8 fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores com o triplo do comprimento das genas. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 3 fileiras de omatídios. Antenas tão longas quanto o corpo ou atingem o ápice na extremidade do antenômero X. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros espessados e densamente pilosos principalmente no lado interno. Protórax mais largo que longo; lados divergentes para o lado anterior. Élitros sem pontos contrastantes;

extremidades arredondadas. Metafêmures mais longos que os mesofêmures; extremidade atinge a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I mais longo que o comprimento do II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito subtruncado.

***Aerenicella spissicornis* (Bates, 1881)**

(Fig. 64)

Aerenica spissicornis Bates, 1881b: 145, 300 (cat.); Prosen, 1947: 333 (distr.); Bosq, 1947: 333 (distr.).

Melaerenica spissicornis; Lane, 1966: 231; Monné & Zajciw, 1972: 51 (distr.).

Aerenicella spissicornis; Lane, 1974a: 357 (lectot.); Martins & Galileo, 1985b: 468; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 66 (cat.).

Aerenica melanocera Lane, 1938a: 639, fig. 3; Lane, 1974a: 357 (sin.).

Aerenicella melanocera; Gilmour, 1962: 133.

Redescrição. ♂. Tegumento preto. Pubescência de maneira geral acastanhada. Pubescência branca: cinco faixas longitudinais no protórax (uma no centro do disco, duas levemente oblíquas nos lados do pronoto e uma a cada lado do protórax); centro do escutelo; em cada élitro, faixa oblíqua do meio da base à sutura no quarto anterior, faixa oblíqua em sentido inverso da sutura à margem no quarto apical e faixa curta ao lado da sutura no ápice. Região dorsal da cabeça, pronoto e élitros finamente pontuados. Antenas com pêlos pretos, muito densos, no lado inferior. Flagelômeros intumescidos. Último urosternito com borda apical levemente emarginada, com estreita faixa de pubescência branca nos lados.

♀. Urosternitos III - V com faixa longitudinal de pubescência branca entre o meio e a margem e nos lados; borda apical levemente emarginada.

Dimensões em mm, ♂/♀, respectivamente. Comprimento total, 10,8-13,8/12,8-16,0; largura umeral, 2,4-3,3/3,0-3,8.

Distribuição geográfica. Brasil meridional do sul de São Paulo ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

A espécie foi assinalada para Argentina, Santiago del Estero: colonia Dora e Campo Gallo

(Prosen, 1947) e para o Uruguai, Rivera: Sierra de la Aurora; Montevideo: Ciudad (Peñarol) por Monné & Zajciw (1972).

Material examinado. Brasil. São Paulo: Botucatu, ♂, XI.1965, V. C. Jesus col. (MZSP); Paraná: Curitiba, ♀, holótipo de *Aerenica melanocera*, XI.1936, Claretiano col. (MZSP); 1 ♂, 3 ♀, XI.1938, Claretiano col. (MZSP, Dirings); 4 ♂, 4 ♀, XI.1941, (MZSP); (Parolim), ♂, ♀, X.1938, Claretiano col. (MZSP); 2 ♂, XI.1938, Claretiano col. (MZSP); ♂, XII.1938, Claretiano col. (MZSP); Rio Grande do Sul: Canela, ♀, XII.1973, A. Lise col. (MCNZ); Caxias do Sul (Faz. Souza), ♂, XI.1993, L. Moura col. (MCNZ).

Biologia. Lane (1974: 357) transcreveu informações de J. S. Moure sobre os hábitos desta espécie: "The specimens are found singly on leaves of *Chiquiragua glabra* Baker (Compositae), a plant locally known as "espinho de agulha", holding on by their mandibles to the median nervure on the underside of the leaf, with their legs retracted, and the antennae dropping or extended downward, these only after four o'clock in the afternoon. They fall two the ground at the least disturbance".

Discussão. Prosen (1947: 333) assinalou para Santiago del Estero, Argentina, *Aerenica spissicornis* uma citação equivocada; segundo BOSQ (1949: 200), trata-se de *Recchia parvula* (Lane, 1938). A referência de Gilmour (1962) para *Aerenica spissicornis* na chave para identificação das espécies (p. 129) e a figura 4 (p. 145) não correspondem a essa espécie; provavelmente, referem-se a *Recchia distincta* (Lane, 1939); além disso, na chave Gilmour menciona Brasil e na legenda da figura 4, Paraguai. Lane (1974a: 358) já havia notado que a figura de Gilmour estava equivocada.

Lane (1974a: 357) elegeu para *Aerenicella spissicornis* (Bates) lectótipo fêmea e paralectótipo fêmea depositados no MNHN.

***Eponina* Lane, 1939**

Eponina Lane, 1939: 77; 1974a: 374; Gilmour, 1962: 124 (em chave); Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 469; Monné, 1995: 69 (cat.). *Aerenicoides* Gilmour, 1962: 126 (em chave), 134;

Lane, 1974a: 359; Martins & Galileo, 1985b: 469 (sin.).

Espécie-tipo. De *Eponina*, *E. flava* Lane, 1939 (monotípia). De *Aerenicoides*, *Aerenica breyeri* Prosen, 1954 (monotípia).

Aspecto geral linear. Lobos oculares superiores pouco mais distantes entre si do que a largura de um lobo, com 8 fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares inferiores e os superiores com 4 fileiras de omatídios. Antenas tão longas quanto o corpo. Escapo apenas mais longo que o III. Flagelômeros não espessados, densamente pilosos no lado interno. Protórax mais largo que longo; lados subparalelos, ligeiramente intumescidos no meio. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades arredondadas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II + III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo; em *E. metuia*, sp. n., bem reduzido. Último urotergito com a borda apical arredondada.

Chave para as espécies de *Eponina*

1. Prosterno, mesosterno, mesepisternos, pro- e mesofêmures com pubescência castanho-escura. Brasil (Minas Gerais)
.....*E. nigristeris* (Martins & Galileo, 1985)
Prosterno, mesosterno, mespisternos, pro- e mesofêmures com pubescência amarelada.....2
- 2(1). Élitros com pubescência curta, acamada, no quarto apical com faixas de pubescência branca em "Y". Brasil (Mato Grosso), Argentina (Formosa, Salta)
.....*E. breyeri* (Prosen, 1954)
Élitros com pubescência longa, muito densa e subrecta; desenho de pubescência branca no quarto apical, quando presente, com outro aspecto.....3
- 3(2). Flagelômeros com tegumento amarelado e avermelhados no ápice; antenômero III com comprimento igual a 0,7 vezes o do

escapo. Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo)*E. lanuginosa* (Martins & Galileo, 1985)

Flagelômeros com tegumento unicolor; antenômero III com comprimento igual a 0,9 vezes o do escapo4

- 4(3). Cabeça, protórax, élitros e urosternitos com abundantes cerdas esbranquiçadas curvas; quarto apical dos élitros com faixa longitudinal, dorsal, de pubescência branca; dimensões maiores (comprimento, 14,8 mm). Fig. 36. Brasil (Espírito Santo).....*E. metuia* sp. n.
Cabeça, protórax, élitros e urosternitos com cerdas esparsas pouco evidentes; faixa de pubescência branca dos élitros inaparente ou apenas indicada; dimensões menores (comprimento, 12,9-13,5 mm). Fig. 69. Brasil (Mato Grosso do Sul).....*E. flava* Lane, 1939

Eponina nigristeris (Martins & Galileo, 1985),
comb. n.

Recchia nigristeris Martins & Galileo, 1985c:
485; 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento de maneira geral amarelo-alaranjado; tegumento castanho-escuro: protórax, procoxas, mesosterno, mesepisternos, mesepimeros, pro- e mesofêmures. Pubescência amarelo-esbranquiçada, longa, e uniforme na face dorsal; pubescência castanho-escura nos lados do protórax e sobre as regiões de tegumento castanho-escuro. Cabeça, escapo e antenômero III com pêlos amarelados, densos e longos. Lobos oculares superiores pouco mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Último urosternito com borda apical arredondada.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 13,3; largura umeral 3,1.

Distribuição geográfica. Brasil, Minas Gerais.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Santa Bárbara (Serra do Caraça), holótipo ♂, 29.XI.1972, Exp. Mus. Zool. col. (MZSP).

Discussão. O exame da fêmea de *E. lanuginosa* com o último urosternito fortemente desenvolvido e dilatado nos leva a acreditar que o

holótipo de *E. nigristeris* é um macho e não uma fêmea como mencionado na descrição original.

E. nigristeris caracteriza-se pelo tegumento castanho escuro, recoberto por pubescência da mesma cor, nos lados do protórax, prosterno, mesosterno, mesepisternos, mesepimeros, procoxas, pro- e mesofêmures. Nas outras espécies de *Eponina* essas regiões não são castanho-escuras.

***Eponina breyeri* (Prosen, 1954)**

Aerenica breyeri Prosen, 1954: 36.

Aerenicoides breyeri; Gilmour, 1962: 134; Lane, 1974: 359, fig. 7.

Eponina breyeri; Martins & Galileo, 1985b: 469 (sin.); Monné, 1995: 69 (cat.).

Eponina laetanda Lane, 1976: 459, fig. 4.

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado, mais acastanhado no escapo e nos flagelômeros basais. Pubescência predominantemente amarelada. Pubescência branca: três faixas longitudinais indistintas no pronoto; em cada élitro, faixa oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura à frente do meio e faixa em “Y” no quarto apical. Protórax e élitros praticamente desprovidos de setas eretas. Lobos oculares superiores com nove fileiras de omatídios, mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Antenômero III com pêlos moderadamente abundantes no lado inferior. Último urosternito levemente emarginado no meio da borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 10,0; largura umeral, 2,5.

Distribuição geográfica. Brasil, (Mato Grosso), Argentina, (Formosa e Salta).

Material examinado. Argentina. Formosa: Gran Guardia, holótipo ♂, II.1953, Breyer col. (Col. Prosen, atualmente no MZSP).

Discussão. *Eponina breyeri* distingue-se das demais espécies pela pubescência elitral fina, recumbente, pela faixa de pubescência branca do quarto apical dos élitros em forma de uma letra “Y” e pelas antenas dos machos mais longas que o corpo, alcançam as extremidades elitrais aproximadamente na extremidade do antenômero VIII.

Lane (1976) descreveu *E. laetanda* com base em três exemplares, holótipo macho, procedente de Rosário Oeste, Mato Grosso (MNRJ) que não examinamos e dois parátipos machos de Tabillas, Salta, Argentina (CASC) que examinamos em 1985 e que nos levaram a sinonimizar *E. laetanda* e *E. breyeri*.

O holótipo de *E. breyeri* foi emprestado por Prosen a Lane (Lane, 1974a: 359) e permanece depositado provisoriamente no MZSP até que se conheça o destino da Coleção Prosen.

***Eponina lanuginosa* (Martins & Galileo, 1985), comb. n.**

Recchia lanuginosa Martins & Galileo, 1985c: 484, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Flagelômeros com tegumento amarelado e vermelho-acastanhado nas extremidades. Pubescência branco-amarelada, evidentemente longa, suberecta; nos élitros, com algumas áreas de pubescência clara ainda mais alongada em geral situadas no quarto basal, em faixa oblíqua no terço apical e junto à sutura perto do ápice. Todo o corpo e apêndices com pêlos esbranquiçados longos e bastante densos. Último urosternito pouco mais longo que o precedente com borda apical subtruncada.

♀. Último urosternito acentuadamente intumescido tão longo quanto os três precedentes; borda apical subtruncada.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 10,0-12,7/12,8; largura umeral, 2,5-2,9/3,0.

Distribuição geográfica. Mata Atlântica meridional do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasil.

Material examinado. Brasil. Rio de Janeiro: Petrópolis (Taquara), parátipo ♀, I.1971, H. S. Lopes col. (MZSP); São Paulo: Paranapiacaba (Alto da Serra), holótipo ♂, II.1925, R. Spitz col. (MZSP).

Discussão. *Eponina lanuginosa* apresenta pubescência corporal e elitral semelhante àquela de *E. flava* e *E. metuia* e difere destas espécies pelos flagelômeros com tegumento bicolor: amarelado nas bases e avermelhado nas extremidades;

pêlos longos presentes em toda a superfície do escapo, pedicelo e antenômero III. Além disso, em *E. lanuginosa* a pubescência mais clara dos élitros não chega a constituir áreas muito definidas.

***Eponina metuia*, sp. n.**

(Fig. 36)

Etimologia. Bororo; metuia = semelhante, alusivo a semelhança que apresenta com *E. flava*.

Descrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado. Pubescência de maneira geral amarelo-alaranjada, longa, densa e suberecta. Pubescência branco-amarelada em área triangular no meio do pronoto e inteiramente no escutelo. Pubescência branca: nos élitros, faixa oblíqua que não toca a margem nem a sutura ao nível do terço anterior; faixa longitudinal dorsal, levemente oblíqua no terço posterior; pequena área lateral ao nível do terço apical; no mestasterno, pequena região no lado posterior. Cabeça, protórax, élitros, pernas e urosternitos com cerdas esbranquiçadas abundantes; no escapo, pedicelo e antenômero III, restritas ao lado interno. Lobos oculares superiores com 9 fileiras de omatídios, mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Antenas atingem o quarto apical dos élitros. Comprimento do antenômero III subigual ao do escapo. Último urosternito não intumescido pouco mais curto que o comprimento de III + IV. Apêndice interno das unhas curto, atinge o meio do apêndice externo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 14,8 mm; largura umeral, 3,7.

Material-tipo. Brasil. Espírito Santo: Baixo Guandu, holótipo ♂, X.1971, P. C. Elias col. (MZSP).

Discussão. O holótipo foi mencionado por Martins & Galileo (1985b: 469) como pertencente a *Eponina flava*. *E. metuia* distingue-se de *E. flava* (comparação entre machos) por: escutelo com pubescência esbranquiçada nitidamente contrastante com aquela da base dos élitros; antenas atingem o quarto apical dos élitros; cerdas esbranquiçadas dos élitros bem evidentes contrastantes com a pubescência de fundo e apêndice interno das garras tarsais reduzido.

***Eponina flava* Lane, 1938**

(Fig. 69)

Eponina flava Lane, 1938a: 77; 1974a: 371, fig. 19; 1974b: 381 (lectót., distr.); Gilmour, 1962: 124; Martins & Galileo, 1985b: 469, fig. 2; Monné, 1995: 69 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Pubescência de maneira geral amarelada. Pubescência esbranquiçada em área subtriangular no pronoto; nos élitros, em faixa oblíqua que não atinge a margem ou a sutura ao nível do terço anterior e indistintamente em faixa longitudinal, dorsal no quarto apical. Cerdas, na cabeça, protórax e élitros, esparsas e pouco aparentes. Antenas praticamente atingem o ápice elitral. Escapo, pedicelo e antenômero III com pêlos densos apenas no lado interno. Último urosternito mais curto que o comprimento do III + IV. Apêndice interno das unhas apenas mais curto que o externo.

Variabilidade. A faixa esbranquiçada do quarto apical dos élitros num dos paralectótipos é pouco aparente.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,0-13,5; largura umeral, 3,1-3,5.

Distribuição geográfica. Mato Grosso do Sul ao centro do Paraná, Brasil.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul. Salobra, lectótipo ♂, 2 paralectótipos ♂, X.1938, F. Lane col. (MZSP).

Discussão. Lane (1974b) designou lectótipo fêmea e dois paralectótipos do mesmo sexo. A única fêmea examinada de *Eponina lanuginosa* apresenta o último urosternito fortemente intumescido e muito alongado o que não ocorre nos exemplares de *E. flava* o que permite deduzir que os três tipos são machos.

***Recchia* Lane, 1966**

Recchia Lane, 1966: 232; Martins & Galileo 1985a: 464 (em chave), 469; 1985b: 481; 1985c: 481 (chave para espécies).
Aerenica Thomson, 1857: 311 (*non* Dejean, 1835); 1860:

65; 1864: 129; Lacordaire, 1872: 898; Gilmour, 1962: 126 (em chave), 127 (chave para espécies); Viana, 1972: 400 (cat.); Lane, 1974a: 352.

Trichohippopsides Breuning, 1980: 68.

Coruparana Lane, 1966: 233; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 468 (chave para espécies). *Syn. n.*

Espécie-tipo. De *Recchia*, *R. ludibriosa* Lane, 1966 (monotípia). De *Aerenica* Thomson, *Saperda hirticornis* Klug, 1825. De *Trichohippopsides*, *T. albicans* Breuning, 1980 [*non Saperda (Aerenica) albicans* Guérin-Méneville, 1844], sinônima de *Saperda albicans* Guérin-Méneville, 1844. De *Coruparana*, *C. veruta* Lane, 1966 (designação original).

Aspecto geral linear. Fronte mais larga que o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 6-9 fileiras de omatídios, tão ou mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça ou tão longos quanto o quádruplo do comprimento das genas. Interligação entre lobos com 2-4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros moderadamente ou não espessados, geralmente pilosos no lado interno. Protórax apenas mais largo do que longo com lados divergentes para a orla anterior, sem gibosidades laterais. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades arredondadas ou uniespinhosas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures, atingem a extremidade do urosternito II ou base do III. Metatarsômero I tão longo quanto II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o interno. Último urotergito com borda apical truncada, emarginada (ou com espículos (Figs. 6, 7). Último urosternito às vezes com duas projeções centrais (Fig. 8).

Chave para as espécies de *Recchia*

1. Lados do protórax revestidos por pubescência castanha com três faixas longitudinais de pubescência branca bem contrastantes: uma nos lados do pronoto, uma paralela a essa no lado inferior e uma no meio dos lados.....2
 - Lados do protórax com pubescência predominantemente amarelada ou esbranquiçada com as faixas longitudinais mais claras pouco contrastantes.....7
- 2(1). Élitros castanho-escuros com pubescência branca organizada em várias faixas longitudinais curtas entre faixas brancas: uma curva, lateral, ao nível do meio; uma oblíqua no terço apical e uma longitudinal junto da sutura no ápice; (lados do urosternito I largamente acastanhados). Brasil (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais ao Paraná).....
 -*R. parvula* (Lane, 1938)
 - Pubescência elitral predominantemente amarelada ou branco-amarelada, principalmente na metade anterior.....3
- 3(2). Antenas com tegumento inteiramente avermelhado, escapo inclusive; lado interno do antenômero III com pêlos esbranquiçados; (urotergito V, ♀, sem projeções). Fig. 41. Brasil (Minas Gerais a Santa Catarina).....
 -*R. gracilis* Martins & Galileo, 1985
 - Escapo e antenômero III total ou parcialmente castanhos; pêlos internos dos antenômeros basais castanhos.....4
- 4(3). Grandes dimensões (comprimento, 17,5-19,0 mm); faixa branca dos lados do pronoto da base ao meio, não atinge a borda anterior do protórax; presença de mancha castanha junto à borda posterior das mesocoxas; (élitros fortemente espinhosos; urotergito V, ♀, fig. 7, acentuadamente entalhado no meio da borda apical). Fig. 43. Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo).....
 -*R. fonsecai* (Lane, 1939)
 - Menores dimensões; faixa branca dos lados do pronoto contínua, estreita, curva para a parte inferior no terço anterior, atinge a borda anterior do protórax; sem mancha castanha junto às mesocoxas.....5
- 5(4). Faixa branca dos lados do pronoto alargada na base onde tem aspecto triangular; espinho elitral longo, evidente; (metatíbias com tegumento averme-

- lhado). Fig. 44. Bolívia.....
*R. boliviana*, sp. n.
 Faixa branca dos lados do pronoto uniformemente estreita em toda extensão; extremidades elitrais acuminadas e espículo, quando presente, diminuto; (metatíbias geralmente com tegumento amarelado).....6
- 6(5). Desenho de pubescência branca no dorso do terço apical dos élitros muito nítido constituído por faixas estreitas; lados do mesosterno sem estreita faixa branca; urotergito V, ♀, com borda apical arredondada, sem projeções. Fig. 42. Venezuela, Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais ao Rio Grande do Sul), Bolívia, Argentina.....
*R. hirticornis* (Klug, 1825)
 Desenho de pubescência esbranquiçada no terço apical dos élitros ocupa área maior, não constitui faixas brancas estreitas; lados do mesosterno com faixa branca; urotergito V, ♀, (Fig. 6) com duas projeções acuminadas no meio da borda apical. Fig. 42. Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, de Minas Gerais a Santa Catarina).....
R. albicans (Guérin-Méneville, 1844)
- 7(1). Extremidades elitrais com espinho longo, evidente.....8
 Extremidades elitrais acuminadas ou arredondadas, sem espinho evidente.....12
- 8(7). Antenômero XI (♂) com metade do comprimento do X, arredondado na extremidade; flagelômeros com tegumento preto. Fig. 46. Brasil (Distrito Federal)*R. planaltina*, sp. n.
 Antenômero XI nos dois sexos tão longo quanto o X, com extremidade acuminada9
- 9(8). Élitros inteiramente revestidos por pubescência esbranquiçada ou amarelada uniforme, sem faixas ou áreas de outra cor. Bolívia, Brasil (do Mato Grosso do Sul a Minas Gerais e São Paulo).....
*R. acutipennis* (Gahan, 1899)
- Élitros com faixas ou áreas de pubescência esbranquiçada, amarelada ou acastanhada10
- 10(9). Lado inferior dos flagelômeros apicais com cerdas pretas, curtas e muito densas; tegumento dos antenômeros castanho-escuro a preto; urosternito V, ♀, sem entalhe profundo no meio da borda apical, sem projeções. Fig. 52. Brasil (Santa Catarina).....
*R. ravida* Martins & Galileo, 1985
 Flagelômeros apicais sem cerdas pretas no lado inferior; tegumento das antenas avermelhado; urosternito V (♀) com borda apical entalhada no centro e duas projeções nos lados desse entalhe (Fig. 8).....11
- 11(10). Larga área central dos élitros com pubescência amarelo-alaranjada, sem faixas castanhas; metatarsômero I tão longo quanto II+III. Brasil (São Paulo a Santa Catarina).....
*R. fallaciosa* (Lane, 1966)
 Região central dos élitros com faixas curvas alternadas amareladas e acastanhadas; metatarsômero I mais longo do que II+III. Brasil (Rio de Janeiro a Santa Catarina).....*R. veruta* (Lane, 1966)
- 12(7). Lado inferior do flagelômeros apicais com cerdas pretas, curtas e densas.....13
 Flagelômeros apicais com pêlos longos, esparsos, sem cerdas pretas, curtas e densas no lado inferior.....15
- 13(12). Lobos oculares superiores largos, com nove fileiras de omatídios; maiores dimensões (comprimento, 12,1-15,8 mm).....14
 Lobos oculares superiores estreitos, com cinco a seis fileiras de omatídios; menores dimensões (comprimento, 7,4-11,3 mm). Fig. 51. Brasil (do Ceará ao norte de Minas Gerais, Goiás)..... *R. abauna*, sp. n.
- 14(12). Antenômero XI robusto, mais curto que o X, com ápice menos acuminado; lados do pronoto sem faixas longitudinais

- brancas; região circum-escutelar dos élitros sem faixas curvas de pubescência esbranquiçada; mesosterno castanho. Brasil (Goiás, da Bahia ao Paraná).....
*R. ludibriosa* Lane, 1966
- Antenômero XI esbelto, tão longo quanto o X, com ápice nitidamente acuminado; lados do pronto com faixa longitudinal de pubescência esbranquiçada; região circum-escutelar dos élitros bordejada por faixa curva de pubescência esbranquiçada; mesosterno com pubescência igual àquela do restante da face ventral. Fig. 52. Brasil (Santa Catarina)
*R. ravida* Martins & Galileo, 1985
- 15(12). Base dos élitros com faixas estreitas, longitudinais, claras e escuras; pubescência entre as faixas brancas (curva no dorso da base, curva no meio dos lados, oblíqua no terço apical e longitudinal sutural no ápice) constituída por faixas estreitas, longitudinais curtas, alternadas claras e escuras.....16
- Pubescência elitral quase uniforme ou pubescência uniforme entre as faixas brancas.....17
- 16(15). Presença de mancha acastanhada no dorso do antenômero III junto à base; pubescência dos demais flagelômeros uniforme, esbranquiçada; faixas longitudinais acastanhadas, dorsais, do terço e do quarto apical dos élitros bem demarcadas. Fig. 48. Brasil (Mato Grosso do Sul), Paraguai.....
*R. piriana*, sp. n.
- Sem mancha castanha na base do antenômero III; flagelômeros com pubescência acastanhada nas extremidades; faixas longitudinais mais escuras do terço e do quarto apical dos élitros pouco indicadas não nitidamente contrastantes. Guatemala a Panamá, Venezuela.....
*R. hirsuta* (Bates, 1881)
- 17(15). Terço basal dos élitros com pubescência uniforme, sem faixa curva de pubescência esbranquiçada bordejan-
- do a região circum-escutelar; faixas elitrais de pubescência mais clara pouco contrastantes ou ausentes.....18
- Presença de faixa curva de pubescência esbranquiçada na base dos élitros delimita a região circum-escutelar; faixas elitrais de pubescência esbranquiçada bem visíveis.....20
- 18(17). Lobos oculares superiores com nove fileiras de omatídios; antenômero III com abundantes pêlos longos em toda superfície, inclusive no lado externo, lados do protórax subparalelos. Fig. 47. Brasil (Minas Gerais, São Paulo)...
*R. lanei* Martins & Galileo, 1985
- Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios; pêlos do antenômero III muito escassos no lado externo; lados do protórax levemente divergentes para o lado anterior.....19
- 19(18). Tegumento castanho escuro nos fêmures, prosterno, mesosterno, metade inferior dos mesepisternos, perímetro das mesocoxas e lados do urosternito I. Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, interior de São Paulo), Paraguai.....
*R. goiana* Martins & Galileo, 1985
- Mesmas regiões corporais com tegumento avermelhado, recobertas por pubescência amarelada igual àquela do restante da face ventral. Brasil (do Distrito Federal ao Mato Grosso do Sul, São Paulo), Paraguai.....
*R. flaveola* Martins & Galileo, 1985
- 20(17). Pêlos internos dos antenômeros basais acastanhados; faixa lateral curva de pubescência esbranquiçada do meio dos élitros atinge a sutura; aspecto geral alongado (comprimento élitro/largura umeral = ca. 3,8). Fig. 50. Bolívia, Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, de Minas Gerais ao Rio Grando do Sul), Paraguai, Argentina
*R. procerca* Martins & Galileo, 1985
- Pêlos internos dos antenômeros basais esbranquiçados; faixa lateral curva de

pubescência esbranquiçada do meio dos élitros não se aproxima da sutura; aspecto geral mais compacto.....21

- 21(20). Faixas elitrais de pubescência branca bem demarcadas, estreitas; a oblíqua do terço apical tem largura constante e não se alarga junto da sutura; faixa sutural apical estreita, não expandida para o lado da margem; metafêmures e urosternitos com pontos contrastantes. Fig. 53. Brasil (Mato Grosso do Sul), Paraguai, Argentina (Jujuy a Santa Fé).....*R. distincta* (Lane, 1939)

Faixas elitrais de pubescência esbranquiçada mais largas, a centro-lateral curva geralmente pouco demarcada no ramo anterior; faixa oblíqua do terço apical mais alargada para o lado da sutura; faixa sutural apical expandida lateralmente; pontos contrastantes dos urosternitos e dos metafêmures pouco marcados.....22

- 22(21). Dimensões menores (comprimento, 8,6-11,2 mm); antenas com tegumento acastanhado e pêlos dos flagelômeros basais tão longos quanto o dobro da largura dos artículos; mesosterno e lados do urosternito I acastanhados. Fig. 49. Brasil (Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul), Uruguai, Argentina (Chaco a Córdoba).....*R. moema*, sp. n.

Dimensões maiores (comprimento, 11,6-15,5 mm); antenas com tegumento avermelhado e pêlos dos flagelômeros basais apenas mais longos que a largura dos artículos; face ventral do corpo sem áreas castanhas. Fig. 40. Brasil (Goiás, Paraná), Argentina (Chaco).....*R. gemignanii* (Lane, 1939)

***Recchia parvula* (Lane, 1938)**

Aerenica parvula Lane, 1938a: 637, fig. 2; Gilmour, 1962: 129 (em chave).

Recchia parvula; Martins & Galileo, 1985c: 482 (em

chave), 484, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).
Aerenica spissicornis; Prosen, 1947: 333 non Bates, 1881; Bosq, 1949: 200.

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a preto. Pubescência esbranquiçada recobre: fronte, em geral mais concentrada triangularmente na metade superior, perímetro dos olhos e duas faixas (ou manchas) no occipício; no protórax, organizada em faixas estreitas longitudinais: uma no meio do pronoto, mais larga anteriormente, envolve linha central glabra; uma em cada lado do pronoto, estreita, dirigida para o lado do prosterno no terço anterior; uma, menos nítida, mas bem visível subparalela à pronotal, termina onde se inicia a curvatura desta; uma no meio do lado do protórax; uma, pouco menos nítida, no limite com o prosterno; nos élitros constitui muitas faixas longitudinais estreitas interrompidas onde a pubescência é bem compacta, a saber: faixa oblíqua no terço anterior junto da sutura, faixa curva lateral ao nível do meio; faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical e faixa longitudinal, sutural, curta, nas extremidades. Na face ventral do corpo a pubescência branca reveste: faixa longitudinal no meio dos mesepisternos; faixa estreita sobre a sutura metasterno-metepisternal; faixa curva, às vezes menos distinta, nos lados do metasterno; duas faixas paralelas no meio dos lados dos urosternitos II-IV. No protórax as regiões entre as faixas brancas são recobertas por pubescência branco-amarelada; nos élitros por pubescência castanho-avermelhada mais esparsa. Lados do urosternito I largamente recobertos por pubescência castanho-avermelhada. Lobos oculares superiores com 5-6 fileiras de omatídios. Escapo, pedicelo e antenômero III com pubescência castanho-escuro, unicolor e pêlos escuros e densos no lado inferior; bases dos demais flagelômeros com pubescência esbranquiçada. Último urosternito truncado ou levemente emarginado na borda apical.

♀. Último urotergito sem projeções na margem apical; último urosternito intumescido, sem linha centro-longitudinal, com borda apical levemente emarginada.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 7,5-9,6/10,0-11,4; largura umeral, 1,8-2,4/2,6-2,8.

Distribuição geográfica. Brasil: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e de Minas Gerais ao Paraná.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Aquidauana, 2 ♀, XI.1934, P. Schwarzmeir col. (MZSP). Distrito Federal: Planaltina, ♂, XI.1975, V. O. Becker col. (MZSP). Goiás: Campinas, holótipo ♂, I.1936, R. Spitz col. (MZSP); ♀, XII.1935, Borgmeier & Lopes col. (MZSP); ♂, I.1936, Borgmeier & Lopes col. (MZSP), ♂, XII.1936, Borgmeier & Lopes col. (MZSP); Leopoldo Bulhões, parátipo ♂, XII.1933, R. Spitz col. (MZSP). Minas Gerais: ♂, 3 ♀, O. Monte col. (MZSP); ♀, XI.1932, O. Monte col. (MZSP); Passa Quatro, ♂, XII.1915, J. F. Zikán col. (MZSP); Pouso Alegre, ♂, I.1960, F. S. Pereira col. (MZSP); ♀, XII.1966, F. S. Pereira col. (MZSP). Rio de Janeiro: Itatiaia, ♂, XI. 1926, J. F. Zikán col. (MZSP); ♂, XII.1928, J. F. Zikán col., à luz (MZSP); Seropédica (Km 47 da Rodovia Rio-São Paulo), ♂, XI.1942, Wygodzinsky col. (MZSP). São Paulo: Barueri, ♂, XII.1954, K. Lenko col. (MZSP); ♀, I.1955, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XII.1955, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XII.1962, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1964, K. Lenko col. (MZSP); 4 ♂, XII.1966, K. Lenko col. (MZSP); ♀, I.1967, K. Lenko col. (MZSP); Botucatu, ♂, XII.1975, (DZVU); Itu (Fazenda Pau d'Alho), ♂, I.1974, U. R. Martins col. (MZSP); Limeira, 2 ♂, XI.1975, R. S. Lane col. (MZSP); Monte Alegre (Fazenda Santa Maria, 1100 m), ♂, XI.1942, F. Lane col. (MZSP); São Paulo, ♂, XI.1940 (MZSP). Paraná: Cachoeirinha, ♂, XII, A. Maller col. (MZSP).

Além das localidades assinaladas acima, Martins & Galileo, (1985c) registraram a espécie para Jataí, Goiás e para Mendes, Rio de Janeiro.

Discussão. Esta espécie caracteriza-se pelo padrão de colorido dos élitros consitituido por número considerável de faixas curtas, próximas e longitudinais de pubescência branca entre as faixas mais largas e bem contrastantes com o tegumento castanho-escuro. Esse padrão é algo semelhante ao de *R. hirsuta*, conhecida da América Central e ao do *R. piriana*, sp. n.

Examinamos único exemplar de *R. hirsuta* que difere de *R. parvula* pela pilosidade do escapo esbranquiçada, pelas faixas claras longitudinais do protórax mais largas e muito menos

contrastantes, pela pubescência elitral mais densa, reveste quase toda a superfície e as faixas longitudinais não ficam tão óbvias e pela pubescência esbranquiçada dos mesepisternos que reveste toda metade superior. Além disso, no macho de *R. hirsuta* os lobos oculares superiores são mais largos com 7 fileiras de omatídios.

Vide discussão em *R. piriana*.

***Recchia gracilis* Martins & Galileo, 1985**

(Fig. 41)

Recchia gracilis Martins & Galileo, 1985c: 483 (em chave), 488, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado; antenas e pernas com tegumento alaranjado. Pubescência amarelada, pouco densa no protórax e muito densa nos élitros e na face ventral. Pubescência esbranquiçada da cabeça mais concentrada entre os tubérculos anteníferos, no perímetro dos olhos e em duas faixas curtas longitudinais, no occipício. Distribuição das faixas estreitas de pubescência esbranquiçada no protórax como em *R. parvula*. Nos élitros a pubescência esbranquiçada ou branca constitui curta faixa longitudinal na base (continuação daquelas dos lados do pronoto) e em faixa oblíqua, estreita, no terço apical; essa faixa emite posteriormente três ramos estreitos longitudinais entre os quais encontram-se duas faixas estreitas avermelhadas. Na face ventral a pubescência esbranquiçada, pouco contrastante, reveste a metade superior dos mesepisternos, estreita faixa nos lados do mesosterno e em estreita faixa oblíqua nos urosternitos II à base do V. Antenas com pubescência amarelada uniforme, pêlos longos, esbranquiçados, no escapo e lado interno dos flagelômeros basais. Lobos oculares superiores com 8 fileiras de omatídios. Último urosternito emarginado na borda apical.

♀. Último urotergito sem projeções com borda apical arredondada. Último urosternito com borda apical levemente emarginada.

Dimensões, em mm, ♂ e ♀. Comprimento total, 11,0-14,1; largura umeral, 2,5-3,0.

Distribuição geográfica. Aparentemente restrita à Mata Atlântica de Minas Gerais a Santa Catarina.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Vila Monte Verde, parátipo ♀, XII.1969, J. Halik col. (MZSP). São Paulo: Barueri, parátipo ♂, XI.1955, K. Lenko col. (MZSP); parátipo ♂, XII.1966, K. Lenko col. (MZSP); Paranapiacaba, parátipo ♀, II.1962, Stowbunencko col. (MZSP); Salesópolis (Estação Biológica de Boracéia), parátipo ♀, XII.1966, E. X. Rabello col. (MZSP); ♂, I.1980, Exp. Mus. Zool. col. (MZSP); São Paulo, parátipo ♂, XI.1921, (MZSP); (Mato do Governo, hoje Parque da Água Funda), holótipo ♀, XI.1924, Melzer col. (MZSP); (Saúde), 2 parátipos ♂, parátipo ♀, Melzer col. (MZSP); parátipo ♂, XII.1914, Melzer col. (MZSP); (Vila Olímpia), parátipo ♂, XI.1916, E. Garbe col.; (MZSP). Santa Catarina: Joinville, ♂, XII.1920, Schmith col. (MZSP).

Discussão. *Recchia gracilis* é semelhante a *R. albicans*, mas difere: antenas inteiramente vermelho-alaranjadas com pêlos internos do escapo e dos flagelômeros basais predominantemente esbranquiçados; ausência de faixas escuras e estreitas junto à base dos élitros e ao nível do meio; borda apical do último urotergito das fêmeas regularmente arredondada, sem projeções agudas no meio.

***Recchia fonsecai* (Lane, 1939)**

(Fig. 7, 43)

Aerenica fonsecai Lane, 1939: 76; Gilmour, 1962: 128 (em chave).

Recchia fonsecai; Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 483, 494 (cat.); Monné, 1995: 67 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento predominantemente avermelhado ou vermelho-acastanhado. Fronte com pubescência amarelada uniforme; duas faixas dorsais de pubescência esbranquiçada de entre os lobos oculares superiores ao occipício. Antenas com tegumento castanho ou avermelhado. Lado inferior do escapo e dos flagelômeros basais muito densamente pilosos; pêlos castanhos ou avermelhados. Protórax com, pubescência predominantemente acastanhada com faixas longitudinais de pubescência esbranquiçada: uma no meio do pronoto, mais larga no centro onde envolve área longitudinal glabra; uma a cada lado do pronoto, ocupa apenas a metade posterior, mais larga junto à base dos élitros; uma larga no meio das partes

laterais; uma indistinta entre estas últimas. Pubescência esbranquiçada reveste o terço basal dos élitros, menos em duas faixas longitudinais avermelhadas, curtas, ao lado do escutelo; região central com pubescência mais amarelada; terço apical com desenho irregular de pubescência branca, ocupa grande extensão e inclui uma faixa estreita, longitudinal, avermelhada, subparalela à sutura no quarto apical, região anterior à pubescência branca mais acastanhada. Centro dos mesepisternos com larga faixa branca, que se prolonga posteriormente até o meio do metasterno. Uma área castanha, triangular, atrás de cada mesocoxa. Lados dos urosternitos com áreas castanhas bordejadas internamente por faixa de pubescência esbranquiçada; pequena mancha triangular, acastanhada, glabra, no centro dos urotergitos I-V. Lobos oculares superiores com pelo menos 12 fileiras de omatídios, aproximadamente tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Lados do protórax nitidamente divergentes para o lado anterior. Espinho apical dos élitros nítido, alongado. Último urotergito com recorte central curto, curvo, no meio da borda apical (Fig. 7). Último urosternito com borda apical largamente emarginada.

♀. Borda apical do último urotergito com entalhe profundo central e duas projeções manifestas, arredondadas na ponta. Último urosternito pubescente, com linha longitudinal no terço apical; borda largamente e levemente entalhada.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 17,5-18,4/18,9-19,0; largura umeral, 4,0-4,2/4,4-4,5.

Distribuição geográfica. Conhecida apenas dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil.

Material examinado. Brasil. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, ♂, Fry coll. (MZSP, retido por F. Lane). São Paulo: São Paulo, holótipo ♀, I.1938, E. Schw. col. (MZSP); (Jabaquara), ♂, II.1939, Nick col. (MZSP); São Bernardo, ♂, ♀, I.1926, R. Spitz col. (MZSP).

Discussão. *R. fonsecai* caracteriza-se pelas grandes dimensões; pelas extremidades elitrais com espinho longo, evidente; pelas faixas de pubescência esbranquiçada dos lados do pronoto restritas à metade posterior e alargadas para a base; pela presença de mancha acastanhada, triangular, atrás das mesocoxas.

Recchia hirticornis (Klug, 1825)

(Fig. 42)

Saperda hirticornis Klug, 1825: 468, fig. 3.*Aerenica hirticornis*; Thomson, 1860: 65; 1864: 129; Lacordaire, 1872: 899; Bruch, 1912: 218 (cat.); Bosq & Ruffinelli, 1951: 26 (distr.); Zajciw, 1958: 20 (distr.); 1972: 69 (distr.); Buck, 1959: 608 (distr.); Gilmour, 1962: 129 (em chave); Zajciw & Ruffinelli, 1962: 84 (distr.); Viana, 1972: 401 (cat.); Lane, 1974a: 351, 352, fig. 2.*Recchia hirticornis*; Martins & Galileo, 1985c: 483 (em chave), 488, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Cabeça e protórax com tegumento castanho-avermelhado. Antenas com tegumento castanho-escuro na face ventral do escapo, antenômeros III-V e extremidades dos demais flagelômeros; porções restantes com tegumento avermelhado. Tegumento elital e da face ventral avermelhado ou castanho-avermelhado. Fêmeas, exceto bases do pro- e meso, com tegumento acastanhado. Tíbias com tegumento amarelado, às vezes com extremidades escurecidas. Cabeça com pubescência amarelada; pubescência branca reveste: duas linhas da base anterior dos tubérculos anteníferos até os lados internos dos lobos oculares superiores; duas faixas curtas, paralelas, no occipício; perímetro anterior dos olhos. Pronoto com pubescência amarelada; região centro-longitudinal com faixa branca que envolve no meio área longitudinal glabra; lados do pronoto com estreita faixa longitudinal branca, de largura uniforme, curva para a parte inferior no terço anterior; faixa larga nos lados do protórax; estreita faixa entre as pronotais e as laterais, nitidamente demarcada. Centro do escutelo densamente branco. Pubescência elital predominantemente amarelada; pubescência branca: faixas longitudinais curtas na base dos élitros (em geral a que se inicia no meio da declividade basal prolonga-se, indistintamente, até quase o meio); faixas nítidas no dorso do quarto apical constituído por uma bifurcada posteriormente com ramo interno bem curto e ramo externo longo e curvo e uma segunda, externa, inicia-se ao nível do meio da anterior; região sutural do quinto apical longitudinalmente branca ou branco-amarelada. Região entre a bifur-

cação da mancha anterior e região entre as manchas acastanhada. Região umeral longitudinalmente acastanhada; lados do meio dos élitros e região anterior às faixas brancas, acastanhados. Pubescência branca na face ventral: centro-longitudinal dos mesepisternos; mepimeros; faixa estreita nos lados do mesosterno (raramente ausente); largo perímetro dos metepisternos; estreita faixa longitudinal no meio do lado dos urosternitos. Região central dos urosternitos castanha. Extremidades dos élitros acuminadas, sem espinho. Último urosternito largamente emarginado na borda apical.

♀. Borda apical do último urotergito subtruncada ou levemente arredondada, sem projeções. Último urosternito com curta linha centro-apical; borda com ligeiro entalhe no ápice dessa linha.

Variabilidade. A estreita faixa branca dos lados do mesosterno, caráter que julgamos importante para distinguir esta espécie de *R. albicans* (Martins & Galileo, 1985c: 483) não está presente no único exemplar examinado da Venezuela.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,1-13,8/10,0-14,2; largura umeral, 2,3-3,1/2,2-3,4.

Distribuição geográfica. Venezuela, Brasil (do Mato Grosso do Sul a Minas Gerais até o Rio Grande do Sul), Bolívia, Argentina (Misiones, Buenos Aires, Tucumán e Jujuy).

A espécie foi assinalada para o Rio de Janeiro, Itatiaia (700 -1300 m) por Zajciw (1972); para o Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Pareci Novo e Cerro Largo por Buck (1959); para o Uruguai, Rio Negro: Fray Bentos (Bosq & Ruffinelli, 1951; Zajciw & Ruffinelli, 1962) e Soriano: Dolores, por Zajciw & Ruffinelli (1962).

Material examinado. Venezuela. Distrito Federal: Caracas (Rio Caurimaro), ♂, VII.1960, C. Bordon col. (MZSP). Brasil. Mato Grosso do Sul: Campo Grande, ♂, X.1938 (MZSP); Rio Taquarussu, ♂, XI.1939, Nick col. (MZSP); Salobra, 2 ♂, X.1938, F. Lane col. (MZSP). Goiás: Jataí, ♂, ♀ (MZSP); Vianópolis, ♂, XI.1931, R. Spitz col. (MZSP). Minas Gerais: Belo Horizonte, ♂, O. Monte col. (MZSP); Caxambu, ♂ (MZSP); Lavras, ♀ (MZSP); Viçosa, ♂, H. Sauer (MZSP); ♂, 1954, U. Martins col. (MZSP); Vila Monte Verde, ♂, XI.1970, J. Halik col. (MZSP); ♂, XI.1971, J. Halik col. (MZSP). Espírito Santo: Barra do São Fran-

cisco (Córrego do Itá), 2 ♂, XI.1956, W. Zikán col. (MZSP). Linhares (Parque Sooretama), 2 ♂, X.1962, F. S. Pereira col. (MZSP). Rio de Janeiro: Nova Friburgo (Mury), ♀, XII.1975, Gred & Guimarães col. (MZSP); Rio de Janeiro (Corcovado, Paineiras), ♂, XI.1933, Travassos col. (MZSP); Seropédica (Km 47 da Rodovia Rio-São Paulo), ♂, XI.1942, Wygodzinski col. (MZSP). São Paulo: Araçatuba (Rio Jacareatinga), ♀, X.1961, Lenko & Rabello col. (MZSP); Assis, ♂, XI.1917, O. Newmann col. (MZSP); ♀, XII.1952 (MZSP); Avaré, ♀, XI.1971, F. Lane col. (MZSP); Botucatu, ♂, XII.1970, A. Scivittaro col. (DZVU); ♂, XI.1973, O. Chamma col. (DZVU); Campos da Serra (cabeceiras do Rio M'boy Guassu), ♂, XI.1940, F. Lane col. (MZSP); Cassia dos Coqueiros, ♀, X.1954, M. P. Barretto col. (MZSP); Castilho, ♀, X.1964, Exp. Dept. Zool. col. (MZSP); Mogy das Cruzes, ♀, XII.1931, R. Muus (?) col. (MZSP); Monte Alegre (Faz. Bom Jesus, 750 m), ♂, X.1932, L. Travassos & Almeida col. (MZSP); (Faz. Santa Maria, 1100 m), ♂, ♀, XI.1942, F. Lane col. (MZSP); Osasco, ♀, XII.1957, M. A. Vulcano col. (MZSP); Piracicaba, ♂, III.1969, J. Catalan col. (MZSP); Ribeirão Preto (Faculdade de Medicina), ♂, 2 ♀, XI.1954, M. P. Barretto col. (MZSP); Rio Claro, ♂, 1933, Estudantes Claretianos col. (MZSP); São Sebastião (Ilha dos Búzios), ♂, ♀, X-XI.1963, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP); São Paulo (Cantareira), ♂, 1960, F. Lane col. (MZSP); Suzano, 2 ♂, XI.1963, V. Godoi col. (MZSP). Paraná: Curitiba, ♀, I.1938, Claretianos col. (MZSP); Florestal, ♂, XII.1942, Pohl col. (MZSP); Ponta Grossa, ♂, XII.1938, Camargo col. (MZSP); Umuarama, ♀, X.1980, A. Yamamoto col., arm. Malaise (MCNZ). Santa Catarina: Joinville, I.1921, Schmith col. (MZSP); Mafra, ♂, III.1931, A. Maller col. (MZSP); Rio Negrinho, 3 ♂, 2 ♀, XI.1926, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, ♂, II.1960, Dirings (MZSP); ♂, XII.1960, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Cerro Largo (ex Serro Azul), 2 ♂, 1935, P. Buck col. (MAPA); Farroupilha (Desvio Blauth), ♂, XI.1960, P. Buck col. (MAPA); Pareci Novo, ♀, XI.1964, P. Buck col. (MAPA); Pelotas, ♂, XI.1952, C. Biezanko col. (MZSP); São Leopoldo, ♂, I.1928, P. Buck col. (MAPA); Triunfo, ♂, X.1989, E. H. Backup col. (MCNZ). Bolívia. Beni: Uiapi (Guanai), ♂, X-XI.1992 (MZSP). Santa Cruz: Buenavista, ♂, X.1949, A. Prosen col. (MZSP). Argentina. Misiones: Campo Grande, ♂,

XI.1973 (MZSP); Salto Iguazú, ♂, XI.1923, Lane col. (MZSP). Salta: El Naranjo, ♂, I.1944, Duret & Martinez col. (MZSP); Parque Nacional Finca del Rey, ♀, VIII.1958, A. Martínez col. (MZSP); San Lorenzo, ♀, XI.1959, A. Martínez col. (MZSP). Jujuy: Jujuy, ♂, ♀, XII.1947 (MZSP); ♂, XI.1948 (MZSP); Reys, ♂, XI.1948, A. Prosen col. (MZSP). Buenos Aires: Tigre, ♂, I.1939 (MZSP).

Discussão. *Recchia hirticornis* é semelhante a *R. gracilis* mas distingue-se pelas antenas escuras, pelo desenho da pubescência branca na metade apical dos élitros muito mais nítido e pela presença de larga área central de pubescência castanha nos urosternitos. Vide discussão em *R. albicans*.

***Recchia boliviana*, sp. n.**

(Fig. 44)

♂. Semelhante a *R. hirticornis*. Antenas com tegumento castanho-escuro uniforme. Faixa centro-longitudinal de pubescência branca do meio do pronoto não prolongada anteriormente para diante da região glabra central que é mais estreita. Faixa de pubescência branca dos lados do pronoto nitidamente alargada junto à base do protórax. Pubescência da metade basal dos élitros esbranquiçada; as faixas curtas longitudinais castanhas da base restritas àquelas dos lados do escutelo; faixa castanha que se inicia nos úmeros ausente; espinho das extremidades elitrais evidente, mais longo que o pedicelo.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 14,6; largura umeral, 3,3.

Material-tipo. Bolívia. Santa Cruz: Puertachuelo (Gutierrez), holótipo ♂, III.1955, Prosen col. (MZSP).

O MZSP tem um segundo exemplar, proveniente da Bolívia, Santa Cruz, Ichilo, colecionado por A. Martínez em II.1950, que muito provavelmente pertence à espécie; a pubescência está muito mal conservada o que impede sua inclusão no material-tipo.

Discussão. Em contribuição anterior (Martins & Galileo, 1985c:488), julgamos que o exemplar ora descrito como *R. boliviana* fosse uma variação extrema de *R. hirticornis* procedente da Bolívia. Recebemos recentemente material boliviano de *R. hirticornis* que concorda perfeitamente

com os demais exemplares desta espécie e que nos permitiu verificar que *R. boliviana* é uma outra espécie cujas diferenças com *R. hirticornis* foram mencionadas acima.

Recchia albicans (Guérin-Méneville, 1844)
(Fig. 6, 45)

Saperda (Aerenica) albicans Guérin-Méneville, 1844: 245, fig. 4.

Aerenica albicans; Aurivillius, 1923: 598 (cat.).

Recchia albicans; Martins & Galileo, 1985c: 483 (em chave), 488, 494 (cat.); Monné, 1995: 67 (cat.).

Aerenica hirticornis; Zikán & Zikán, 1944: 42 (distr.) non Klug, 1825.

Trichohippopsoides albicans Breuning, 1980: 68; Galileo & Martins, 1992: 143 (sin.).

Semelhante a *R. hirticornis*. Élitros com pubescência amarelo-esbranquiçada; metade apical recoberta quase inteiramente por pubescência esbranquiçada prolongada obliquamente junto à sutura até quase o meio que envolve, no dorso do quarto apical, dois traços paralelos castanho-avermelhados ou castanhos. Extremidades elitrais bem acuminadas, às vezes com espículo. Lados do mesosterno sem faixa longitudinal de pubescência branca. Último urotergito, nas fêmeas, com duas projeções centrais acuminadas (Fig. 6).

Dimensões, em mm, ♂ e ♀. Comprimento total, 10,3-16,5; largura umeral, 2,2-3,7.

Distribuição geográfica. Brasil, do Mato Grosso do Sul a Minas Gerais e até Santa Catarina; Argentina (Misiones).

Zikán & Zikán (1944:42) registraram esta espécie sob a denominação de *Aerenica hirticornis* para Minas Gerais, Passa Quatro (915 m) e Virgínia (Fazenda dos Campos, 1500 m).

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Rio Taquarussu, ♂, XI.1939, Nick col. (MZSP). Goiás: Campinas, ♂, I.1934, R. Spitz col. (MZSP); Jataí, ♀ (MZSP). Minas Gerais: Cabo Verde, ♂, ♀, 1920, J. A. Diaz col. (MZSP); Passa Quatro, ♀, I.1915, Jaeger col. (MZSP); ♂, X.1916, Jaeger col. (MZSP); Pouso Alegre, ♀, XII.1968, Pe. Pereira col. (MZSP); Santa Rita de Caldas, ♀, XII.1953, Pe. Pereira col. (MZSP). Espírito Santo: Santa Tereza, ♂,

XII.1928, O. Conde col. (MZSP). Rio de Janeiro: Angra dos Reis, ♀, IV.1931, L. Travassos col. (MZSP); Itatiaia, ♂, XI.1926, Ohaus col. (MZSP); ♂, III.1962, J. Halik col. (MZSP); (Maromba), ♂, XII.1925, J. F. Zikán col. (MZSP); (Parque Agulhas Negras, 1950-2200 m), ♀, XII.1966, H. Reichardt col. (MZSP); Nova Friburgo (Mury), ♀, XII.1980, Gred & Guimarães col. (MZSP); Petrópolis (Independência, 900 m), ♀, I.1938, Gagarin col. (MZSP); ♂, II.1938 col. (MZSP); 3 ♂, III.1938, Gagarin col. (MZSP); Rio de Janeiro, ♂, ♀, Acc. nº 2966 (ICCM); Seropédica (Km 47 da Rodovia Rio-São Paulo), ♂, II.1943, O. Braga col. (MZSP); ♂, X.1943, D. Mendes col. (MZSP); ♂, IX.1944, Wygodzinski col. (MZSP); ♂, X.1946, W. Zikán col. (MZSP). São Paulo: Barueri, ♂, XI.1951, K. Lenko col. (MZSP); 2 ♂, XI.1955, K. Lenko col. (MZSP); 2 ♀, XII.1955, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1960, K. Lenko col. (MZSP); ♂, ♀, XII.1960, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1964, K. Lenko col. (MZSP); ♂, I.1965, K. Lenko col. (MZSP); ♀, XII.1965, K. Lenko col. (MZSP); ♀, I.1966, K. Lenko col. (MZSP); 2 ♂, ♀, XII.1966, K. Lenko col. (MZSP); Campinas, ♀, XII.1952, Dirings (MZSP); Campos da Serra (Cabeceiras do Rio M'boy Gassu), ♀, XI.1940, F. Lane col. (MZSP); Itararé, 2 ♂, ♀, XI.1937, Schw. col. (MZSP); Itu (Rancho Grande), ♂, XII.1958, U. Martins col. (MZSP); (Faz. Pau d'Alho), ♂, XI.1956, U. Martins col. (MCNZ) ♂, ♀, XI.1960, U. Martins col. (MZSP); Limeira, ♀, X.1975, R. J. Lane col. (MZSP); Rio Claro, ♂, 1933, Claretiano col. (MZSP); Salesópolis (Estação Biológica de Boracéia), ♂, XII.1943, F. Lane col. (MZSP); ♀, I.1957, Carrera & Travassos col. (MZSP); ♀, II.1963, F. Werner & H. Reichardt col. (MZSP); ♂, XII.1964, E. X. Rabello col. (MZSP); ♂, I.1964, Vanin & Leme col. (MZSP); São Paulo (Cantareira), ♀, II.1941, Nick col. (MZSP); ♀, XII.1958, J. Halik col. (MZSP); ♂, II.1962, J. Halik col. (MZSP); (Ipiranga), ♂, XII.1932, R. Spitz col., à luz (MZSP); (Morumbi), ♂, I. 1945, Nick col. (MZSP); (Santo Amaro), ♀, Lane col. (MZSP); (Saúde), ♀, I.1915, J. Melzer col. (MZSP); Umuarama, ♂, II.1937, Gagarin col. (MZSP); ♀, III.1937, Gagarin col. (MZSP). Paraná: Curitiba, ♂, XII.1936, Claretianos col. (MZSP); ♂, I.1938, C. Westerman col. (MZSP); Guarapuava, ♂, 3 ♀, XII.1955, Dirings (MZSP). Santa Catarina: Ilhota (Parque Botânico do Morro do Baú), ♂, XII.1978, L. R. & C. F. Fontes col. (MZSP); Rio Negrinho, 2 ♂, I.1926, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, ♀, I.1950, Dirings

(MZSP); ♂, XII.1950, Dirings (MZSP); ♀, II.1952, Dirings (MZSP); ♂, 2 ♀, I. 1953, Dirings (MZSP). São Bento do Sul, ♀, II.1951, Dirings (MZSP); Timbó, ♂, XI.1952, Dirings (MZSP). Argentina. Misiones: Iguazú, ♀, XI.1951, Duret col. (MZSP).

Biologia. O exemplar com registro nº 18.560 do MZSP, procedente de Piracicaba, SP, colecionado por Bondar, reporta às “Notas Entomológicas” elaboradas por Luederwaldt (in litt.), p. 13, com indicação da planta-hospedeira: “Larva em ramo de *Vernonia* sp”; Compositae.

Discussão. *Recchia albicans* foi identificada por alguns autores precedentes, como Melzer (etiquetas) e Zikán & Zikán (1944: 42) por exemplo, como *R. hirticornis*. Realmente as espécies são muito semelhantes, mas *R. albicans* apresenta um padrão de colorido elitral onde a metade apical é mais uniformemente esbranquiçada em grande extensão e não são aparentes as manchas de pubescência branca muito nítidas. Outras diferenças foram mencionadas acima, mas a mais conspícua é a forma da borda apical do último urotergito: arredondada e sem projeções em *R. hirticornis* e com duas projeções centrais, próximas e aguçadas em *R. albicans*. Com exceção de alguns exemplares de Santa Catarina, os lados do mesosterno em *R. albicans* não apresentam faixa estreita de pubescência branca; mesmo nesses exemplares os lados do mesosterno são distintamente marcados de branco.

Após examinarem o holótipo de *Trichohippopsoides albicans* Breuning, 1980, Galileo & Martins (1992) verificaram que se trata na realidade de *Recchia albicans* (Guérin-Méneville, 1844), e estabeleceram a sinonímia; coincidentemente, os epítetos são idênticos.

***Recchia planaltina*, sp. n.**

(Fig. 41)

♂. Tegumento castanho-escuro a preto. Cabeça revestida por densa pubescência amarelo-esbranquiçada. Fronte estreita, largura subigual à largura do ápice do escapo. Lobos oculares superiores tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Antenas atingem o ápice elitral na extremidade do antenômero X; com pubescência amarelada; antenômeros X e XI com pubescência acastanhada; escapo mais longo que o antenômero III;

antenômero XI com metade do comprimento do X. Pronoto com pubescência amarelada; região centro-basal com duas pequenas áreas de pubescência mais esparsa. Élitros com pubescência amarelo-esbranquiçada com as seguintes áreas indistintamente mais acastanhadas: declividade basal, faixa oblíqua atrás do meio e dorso do quinto apical; pontuação apenas visível na região circum-escutelar; espinhos apicais manifestos com ápices dirigidos para cima. Pernas e face ventral do corpo com pubescência amarelo-esbranquiçada.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 23,4. Protórax: comprimento, 3,1; maior largura 3,7. Comprimento do élitro, 17,9; largura umeral, 6,0.

Material-tipo. Brasil. Distrito Federal: Brasília, holótipo ♂, X.1967, S. A. Frago col. (MNRI, ex-col. Frago).

Discussão. *Recchia planaltina* caracteriza-se pelas grandes dimensões, pelos espinhos apicais dos élitros com extremidades dirigidas para cima e pelo antenômero XI com metade do comprimento do X. Além disso, o padrão de colorido é diferente daquele das espécies com extremidades elitrais nitidamente espinhosas.

***Recchia acutipennis* (Gahan, 1889)**

Aerenica acutipennis Gahan, 1889: 400; Bruch, 1912: 217 (cat.); Gilmour, 1962: 128 (em chave); Lane, 1965:42-45; 1974a: 356, fig. 5.

Recchia acutipennis; Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave); 483; Monné, 1995: 67 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado; antenas com tegumento castanho-escuro. Pubescência amarelada ou amarelo-esbranquiçada muito uniforme em todo corpo; élitros sem manchas ou faixas. Centro do pronoto com estreita faixa longitudinal glabra. Lobos oculares superiores com 6-7 fileiras de omatídios. Lado inferior do escapo e dos flagelômeros basais com pelos esbranquiçados, não muito alongados, relativamente pouco densos. Últimos urotergito e urosternito com borda apical muito ligeiramente emarginada. Genitália (Fig. 26) com lâmina bilobada estreita, borda apical emarginada, com cerdas; fúrcula-pequena e fúrcula-grande

bifurcadas na base; fúrcula-grande com o triplo do comprimento da fúrcula-pequena. Lobo-médio (Figs. 28, 29) com 1,2 vezes o comprimento do tégmen (Fig. 27). Apófises-basais, ventralmente, com 0,8 vezes o comprimento total do lobo-médio. Lobos-laterais com 0,2 vezes o comprimento total do tégmen. Saco-interno com 1 par de escleritos na porção entre as apófises-basais e 1 par próximo a junção com o ductus ejaculatorius.

♀. Urotergito V com borda apical arredondada, sem projeções; urosternito V ligeiramente intumescido, com borda apical levemente emarginada. Genitália: urosternito VIII (Fig. 30) com faixa central estreita, membranosa e regiões laterais com cerdas esparsas; apódema discóide quase envolve o urômero VIII (Fig. 31); hemitermitos IX (Figs. 32, 33) alongados, sustentados por dois pares de baculi: um, na região central, curto, com metade do comprimento do baculi do paraprocto e o outro, ao longo da metade basal, com o quádruplo do comprimento do baculi do paraprocto; estilos na região apical bem demarcados.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 12,6-18,0/15,2-19,9; largura umeral, 3,0-4,2/3,6-3,9.

Distribuição geográfica. Brasil (do Mato Grosso do Sul a Minas Gerais e São Paulo ao Rio Grande do Sul), Paraguai, Argentina (Misiones).

Lane (1965) registrou a espécie para a Bolívia, Yungas.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Porto Murtinho, ♂, XI.1929, W. Melzer col. (MZSP); (Várzea Alegre), ♂, XI.1927, W. Melzer col. (MZSP). Goiás: Rio Verde, ♀, XII.1941, Nick col. (MZSP). Minas Gerais: Campanha, ♂, XI.1945, R. L. Araujo col. (MZSP); Lavras, ♂, X.1938, W. Britto col. (MZSP); Serra do Cipó (km 110), ♂, X.1974, I. Sazima col. (MZSP). São Paulo: Araçatuba (Rio Jacareatinga), ♂, X.1961, Lane & Rabello col. (MZSP); Anhangahy, 2 ♂, XII.1926, R. Spitz col. (MZSP); Botucatu, ♀, VII.1977, L. Laperuta col. (DZVU); Franca, ♀, E. Garbe col. (MZSP); Itu (Chácara do Rosário), ♂, XII.1958, E. Amante col. (MZSP); (Faz. Pau d'Alho), ♂, XII.1968, U. Martins col. (MZSP); ♂, XI.1971, U. Martins col. (MZSP); Magda, ♂, XII.1951, J. Lane col. (MZSP); Piracicaba, ♂, VI.1969, J. Palma col. (MZSP); ♂, I.1966, S. Silveira Neto & G. C. Batista col., "light trap"

(MZSP); Ribeirão Preto (Faculdade de Medicina), ♂, XI.1954, Barreto col. (MZSP). Paraná: Umuarama, 2 ♂, X.1980, A. Yamamoto col., arm. Malaise (MCNZ); 2 ♂, ♀, XI.1980, A. Yamamoto col., arm. Malaise (MCNZ). Rio Grande do Sul: São Borja (Garruchos), ♀, XII.1975, A. Lise col. (MCNZ). Paraguai, ♂, (MZSP); Caaguazu: Talavera, ♀, XI.1950, A. Martinez col. (MZSP); Guairá: Villarica, ♀, XII.1923, Schade col. (MZSP). Argentina. Misiones: Campo Grande, ♂, II.1970 (MZSP); Iguazú, ♂, 1976 (MZSP); Posadas, ♀, XI.1945, Prosen col. (MZSP, comparado com tipo por F. Lane em 1962); San Ignacio, ♂, XI.1945, Prosen col. (MZSP, comparado com tipo por F. Lane em 1962).

Discussão. *Recchia acutipennis* caracteriza-se pela pubescência corporal amarelada ou branco-amarelada uniforme, sem manchas ou faixas de outra cor e pelas extremidades elitrais com espinho geralmente bem visível. Assemelha-se mais a *R. flaveola*, que apresenta faixa de pubescência exbranquiçada na metade apical dos élitros, extremidades elitrais arredondadas e menores dimensões.

Vide também discussão em *Rumacón canescens*.

***Recchia ravida* Martins & Galileo, 1985**

(Fig. 52)

Recchia ravida Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 483, 495 (cat.); Monné, 1995: 69 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado escuro. Pubescência de maneira geral cinza-amarelada. Pubescência esbranquiçada reveste: faixa longitudinal curta no meio da base do pronoto, às vezes prolongada e mais alargada para o disco, com aspecto de área triangular; faixa longitudinal nos lados do pronoto; faixa longitudinal no meio dos lados do protórax; em cada élitro, faixa longitudinal, ligeiramente curva, oblíqua para a sutura, situada ao nível do meio; faixa oblíqua descendente da sutura para a margem no terço apical; faixa longitudinal, ao lado da sutura, no quarto apical. Na face ventral a pubescência esbranquiçada ocupa a metade superior dos mesepisternos, mesepimeros e estreita faixa sobre a sutura metasterno-metepisternal. Lobos oculares superiores com pelo menos 10 fileiras de omatídeos. Face ventral do es-

capo e dos flagelômeros basais com pêlos abundantes. Extremidades elitrais com espinho. Urotergito V com borda arredondada; último urosternito com borda apical levemente emarginada.

♀. Urotergito V com borda apical arredondada, sem projeções; borda do urosternito V muito levemente emarginada no centro.

Variabilidade. O espinho das extremidades elitrais pode apresentar-se nítido, ou as extremidades são fortemente acuminadas, mas sem espinho projetado.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 14,9-16,0/14,8; largura umeral, 3,7-4,0/3,6.

Distribuição geográfica. Até o momento conhecida apenas do vale do Rio Itajaí, Santa Catarina.

Material examinado. Brasil. Santa Catarina: Corupá (ex- Hansa Humboldt), parátipo ♂, ex-Coleção Tippmann (NMNH); Joinville, ♀, I.1953, Dirings (MZSP); (Rio Bracinho), ♀, I.1956, Dirings (MZSP); Rodeio (Rio Benedito, Ribeirão Prohnow), holótipo ♀, parátipo ♂, I.1956, ex-Col. Diringshofen (MZSP).

Discussão. Como a presença de espinho nas extremidades elitrais foi caráter usado em chave para separar grupos de espécies e como este caráter varia em *R. ravida*, esta espécie aparece em duas alternativas.

Pela presença de faixas de pubescência branca no élitros, *R. ravida* não pode ser confundida com *R. acutipennis*. Esse padrão de distribuição da pubescência branca nos élitros é semelhante em várias espécies, como por exemplo *R. distincta*. Nesta espécie, contudo, os lobos oculares são estreitos, com seis a sete fileiras de omatídios, as extremidades elitrais são arredondadas e os urosternitos apresentam faixas indistintas, mas visíveis de pubescência esbranquiçada.

Recchia fallaciosa (Lane, 1966), comb. n.
(Fig. 8)

Coruparana fallaciosa Lane, 1966: 234; Martins & Galileo, 1985b: 468 (em chave); 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 66 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento avermelhado. Pubescência de maneira geral, amarelada. Pubescência esbranquiçada, pouco contrastante, reveste: área triangular no meio do disco pronotal; faixa indistinta, longitudinal, nos lados do pronoto; faixa larga nos lados do protórax; centro do escutelo; em cada élitro: faixa longitudinal, relativamente larga, no dorso do terço basal; área longitudinal na declividade lateral do úmero até além do meio; duas faixas no terço apical, uma fortemente oblíqua da sutura para a margem, outra junto da sutura, relilínea, até o espinho apical. Na face ventral a pubescência mais esbranquiçada recobre a metade superior dos mesepisternos, mesepimeros, faixa longitudinal indistinta no meio dos lados dos urosternitos II-IV e grande parte do urosternito V. Lobos oculares superiores com 10 fileiras de omatídios, 1,6 vezes tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Escapo, pedicelo e antenômeros III-V densamente pilosos no lado inferor. Espinho das extremidades elitrais manifesto. Urotergito V com larga área apical recoberta por pêlos esbranquiçados; borda apical emarginada. Metatarsômero I tão longo quanto II+III. Urosternito V com emarginação central curta e bem indicada, com projeção arredondada a cada lado (Fig. 8).

Variabilidade. O terço basal dos élitros, na segunda fêmea conhecida da espécie, é quase inteiramente esbranquiçado; lados do metasterno largamente esbranquiçados; borda apical do urosternito V com entalhe muito pouco acentuado no centro e, portanto, com projeções laterais pouco evidentes.

Dimensões, em mm, ♀. Comprimento total, 18,0-19,0; largura umeral, 3,5-4,1.

Distribuição geográfica. São Paulo a Santa Catarina.

Material examinado. Brasil. São Paulo: Holótipo ♀ (MZSP, vide discussão); São Paulo (Jabaquara), ♀, XII.1937 (MZSP).

Discussão. O holótipo como já mencionara Lane (1966:235), porta o número 7.708 dos livros de registro da coleção entomológica do MZSP. Sob esse número encontramos as seguintes anotações manuscritas por Luederwaldt: "7708 - 4.II.1906 (data de acesso à coleção) - *Aerenica voisin* de leucippe Bat. - compr. (comprado de?) P. Friedrich - Est. São Paulo - Gounelle det." Não pudemos encontrar registros sobre a eventual compra da

coleção Friedrich em 1906 para, talvez, precisar com mais acuidade a localidade-tipo. No holótipo ambas as antenas estão incompletas no ápice dos antenômeros IV e V, respectivamente.

Recchia fallaciosa pelo colorido geral, dimensões relativamente grandes e espinho elitral bem desenvolvido, assemelha-se a *R. planaltina*. Difere pelo antenômero XI acuminado e tão longo quanto o X; pelo padrão de colorido dos élitros; pela forma da borda apical do urosternito V.

***Recchia veruta* (Lane, 1966), comb. n.**

Coruparana veruta Lane, 1966: 233; Martins & Galileo, 1985b: 469 (em chave); 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 66 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado; tegumento castanho-escuro: cabeça, protórax, face ventral, pro- e mesofêmures. Pubescência de maneira geral amarelo-acastanhada. Prosterno, mesosterno, metade inferior dos mesepisternos e estreita área na borda posterior das mesocoxas, muito esparsamente pubescentes ou com pubescência castanho-escura. Pubescência amarelo-esbranquiçada em cada élitro: faixa que se inicia no úmero, oblíqua para a sutura que atinge ao nível do terço anterior, prossegue junto à sutura até o nível do terço posterior onde se volta obliquamente para a margem; esta faixa envolve uma segunda, mais externa, semi-circular, lateral, ao nível do meio; faixa longitudinal, junto à sutura no terço apical, inicia-se onde a primeira faixa volta-se para a margem e alcança os ápices. Na face ventral, exceto nas áreas castanhas mencionadas, a pubescência amarelo-sujo é uniforme. Lobos oculares superiores com nove fileiras de omatídios. Escapo e flagelômeros basais com pêlos abundantes curtos e densos. Extremidades elitrais com espinho evidente. Metatarsômero I mais longo do que II + III. Urotergito V com borda apical arredondada. Urosternito V largamente emarginado na orla apical.

♀. Lobos oculares superiores com dez fileiras de omatídios, 2,2 vezes mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Borda apical do urotergito V largamente emarginada. Urosternito V com entalhe triangular profundo no meio da borda apical e duas projeções acuminadas.

Distribuição geográfica. Brasil, do Rio de Janeiro a Santa Catarina.

Material examinado. Brasil. Rio de Janeiro: Itatiaia (1100 m), ♂, I.1967, Dirings (MZSP). Santa Catarina: Corupá, parátipo ♀, XII.1947, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, parátipo ♀, I.1956, Dirings (MZSP).

Discussão. *Recchia veruta* assemelha-se mais a *R. fallaciosa*, mas separa-se pela presença de faixas curvas amareladas e castanhas na região central dos élitros; pelos lobos oculares das fêmeas mais distantes entre si que o dobro da largura de um lobo, pelo metatarsômero I mais longo do que II + III reunidos.

***Recchia ludibriosa* Lane, 1966**

(Fig. 68)

Recchia ludibriosa Lane, 1966: 232; Martins & Galileo, 1985b: 469; 1985c: 482 (em chave), 485, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado; tegumento castanho-escuro: proepimeros, procoxas, mesosterno, metade inferior dos mesepisternos, mesocoxas, metasterno e fêmures. Pubescência de maneira geral amarelo-acinzentada. Cada élitro com duas faixas obíquas em sentido descendente da sutura para a margem: uma ao nível do meio, pouco demarcada em vários exemplares e uma na metade apical sempre mais evidente. Escapo com pêlos esbranquiçados e pontos contrastantes. Flagelômeros III-XI com pêlos castanhos, rijos e curtos no lado interno; esses pêlos bem conspícuos em XI que é mais curto que o X. Extremidades elitrais arredondadas. Regiões castanhas dos esternos pro- e mesotorácicos muito contrastantes com a pubescência da face ventral. Urotergito V levemente emarginado na borda apical; urosternito V emarginado no ápice.

♀. Antenômero XI pouco mais curto que o X. Urotergito V e urosternito V muito levemente emarginados na borda apical, sem projeções.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 12,1-13,7/12,6-15,8; largura umeral, 2,9-3,3/3,1-4,0.

Distribuição geográfica. Brasil, Goiás, da Bahia ao Paraná. Martins & Galileo (1985c) assinalaram a espécie para o sul da Bahia (Vitória da Conquista) e Lane (1966) para o Paraná (Arapoti).

Material examinado. Brasil. Goiás: Anhumas, parátipo ♂, IX.1934, O. Pinto col. (MZSP); Campinas, parátipo ♂, I.1936, R. Spitz col. (MZSP). Minas Gerais: Lavras, parátipo ♂ (MZSP). Passa Quatro, parátipo ♀, XI.1915, Jaeger col. (MZSP). Espírito Santo: Baixo Guandú, ♂, XI.1971, P. C. Elias col. (MZSP); Linhares, ♀, XII.1972, P. C. Elias col. (MZSP). Rio de Janeiro: Seropédica (Km 47 da Rodovia Rio-São Paulo), parátipo ♂, XII.1944, Wygodzinski col. (MZSP); parátipo ♀, X.1950 W. Zikán col. (MZSP); ♂, XI.1965, W. Zikán col. (MZSP). São Paulo: Amparo, holótipo ♀, alótipo, parátipo ♂, este da ex-coleção Navarro de Andrade (MZSP); Barueri, ♂, XII.1951, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XI.1955, K. Lenko col. (MZSP); 2 ♂, XII.1955, K. Lenko col. (MZSP, MCNZ); ♂, XII.1959, K. Lenko col. (MZSP); ♂, X.1960, K. Lenko col. (MZSP); 4 ♂, XI.1960, K. Lenko col. (MZSP); ♀, I.1961, K. Lenko col. (MZSP); ♀, X.1961, K. Lenko col. (MZSP); ♂, XII.1961, K. Lenko col. (MZSP); 3 ♂, XI.1965, K. Lenko col. (MZSP); ♂, ♀ XII.1966, K. Lenko col. (MZSP); Itu, ♂, XI.1960, U. Martins col. (MZSP); (Faz. Pau d'Alho), 2 ♂, X.1965, Martins & Biasi col. (MZSP); Piracicaba (ESALQ, 640 m), ♀ (MZSP); Pirassununga, ♀, XI.1950, Schubart col. (MZSP); São Paulo (Vila Cerqueira Cesar), parátipo ♂, XII.1915, Muus (?) col. (MZSP).

Discussão. Muito embora Lane tenha etiquetado o holótipo e o alótipo, não rotulou os parátipos, originalmente depositados no MZSP e na então coleção do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, hoje incorporada ao MZSP. Dois desses parátipos, provenientes do km 47 da rodovia Rio-São Paulo, não portavam sequer etiquetas de parátipos. Todos esses parátipos foram devidamente rotulados.

Recchia ludibriosa, *R. ravid*a e *R. abauna* apresentam antenas com pêlos escuros, rijos, curtos e densos no lado interno dos flagelômeros. Em *R. ravid*a o pronoto e os élitros apresentam faixas ou áreas de pilosidade esbranquiçada, os esternos torácicos não apresentam regiões castanho-escuras fortemente contrastantes e as extremidades

elitrais são acuminadas ou espinhosas. Vide discussão em *R. abauna*.

***Recchia abauna*, sp. n.**

(Fig. 51)

Etimologia. Tupi; aba = pêlo; una = preto, alusivo à pilosidade das antenas.

♂. Tegumento castanho-avermelhado; nas antenas, nas pernas e na face ventral, mais escuro, castanho-escuro. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Pubescência esbranquiçada: faixa no centro da base do pronoto, em alguns exemplares expandida anteriormente, forma uma área triangular central; faixa curta, longitudinal, nos lados do pronoto; faixa pouco evidente no meio dos lados do protórax; em cada élitro, faixa curva basal, inicia-se ao lado do escutelo e encontra a sutura ao nível do terço anterior; faixa curva, lateral, não toca a sutura, ao nível do meio; faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical; área com borda anterior oblíqua, junto à sutura, ocupa o sexto apical até a extremidade. Na face ventral a pubescência esbranquiçada reveste mais evidentemente a metade superior dos mesepisternos, mesepimeros e porção anterior dos metepisternos. Mesosterno acastanhado. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Antenas com pubescência esbranquiçada uniforme. Escapo com pontos contrastantes pequenos. Face ventral dos flagelômeros apicais com cerdas pretas, duras e curtas (40x). Antenômero XI acuminado, apenas mais curto que o X.

♀. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios. Urosternito V e urotergito V sem projeções.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 7,4-10,7/7,3-11,3; largura umeral, 1,5-2,5/1,3-2,9.

Distribuição geográfica. Brasil, do Ceará até o norte de Minas Gerais, Goiás.

Material-tipo. Holótipo ♂. Brasil. Bahia: Encruzilhada (Motel da Divisa, Km 965 da estrada Rio Bahia, 960 m), XI.1972, Seabra & Roppa col. (MNRJ). Parátipos: Ceará: Pacoti (Serra de Baturité, 2400 pés), ♀, II. 1990, D. Teixeira col. (MNRJ). Rio Grande do Norte: Natal, ♀, III.1950, L. C. Alvarenga col. (MNRJ); 2 ♂, VII.1951, M.

Alvarenga col. (MNRJ, MZSP); ♀, IX.1951, M. Alvarenga col. (MNRJ). Pernambuco: Agrestina (Faz. Amapá), ♀, VI.1971, Exp. MZUSP col. (MZSP); Jaboatão, ♂, 1937, L. Castro col. (MZSP); Tapera, ♂, III. 1924, B. Pickel col. (MZSP). Bahia: Encruzilhada (Motel da Divisa, Km 965 estrada Rio-Bahia, 960 m), ♀, XII.1972, Seabra & Roppa (MZSP); Jaguarari, 2 ♂, XI.1975, F. M. Oliveira col. (MNRJ). Minas Gerais: Pedra Azul, ♂, XI.1972, Seabra & Oliveira col. (MNRJ). Goiás: Campinaçu, ♂, ♀, X.1992, O. Roppa col. (MNRJ); Vianópolis (Ponte Funda), ♂, X.1968, S. A. Frago col. (MNRJ).

Discussão. Pela presença de cerdas pretas, curtas e rijas nos antenômeros apicais, *Recchia abauna* assemelha-se a *R. ludibriosa*, mas difere: pelas menores dimensões; pelos lobos oculares superiores, nos dois sexos mais estreitos, com número menor de fileiras de omatídios. Pelo antenômero XI acuminado, tão longo ou apenas mais curto que o X; pela presença de desenhos de pubescência esbranquiçada na metade anterior dos élitros, pelo colorido castanho da face ventral, praticamente restrito ao mesosterno, não envolve os proepimeros e metade inferior dos mesepisternos.

R. abauna é particularmente semelhante a *R. gemignanii*, contudo, nesta espécie os últimos antenômeros não apresentam cerdas pretas, curtas e rijas no lado inferior; os pêlos dos antenômeros IX-XI são longos e esparsos e o restante da superfície dos artículos está revestida por pubescência esbranquiçada e uniforme.

***Recchia lanei* Martins & Galileo, 1985**

(Fig. 47)

Recchia lanei Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 485, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho. Pubescência amarelo-esbranquiçada, muito densa. Nos élitros, pubescência esbranquiçada, pouco contrastante, na região circum-escutelar, prolongada pela sutura até o terço apical onde se dirige para a margem em faixa oblíqua bem visível. Lados do prosterno, mesosterno e lados do primeiro urosternito, castanhos. Lobos oculares superiores com neve fileiras de omatídios. Antenas com pê-

los densos acastanhados, nos flagelômeros apicais esparsos e bem evidentes, inclusive no XI. Lados do protórax subparalelos, não divergentes para o lado anterior. Urotergito V com borda apical arredondada. Urosternito V muito ligeiramente emarginado no ápice.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 15,4-15,9; largura umeral, 4,0-4,3.

Distribuição geográfica. Brasil. Minas Gerais e São Paulo.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Lavras, holótipo ♂, R. M. Ghetti col. (MZSP). São Paulo: Barueri, parátipo, ♂, XII.1955, K. Lenko col. (MZSP).

Discussão. O holótipo e o parátipo indicados na descrição original como fêmeas, na realidade são machos.

Recchia lanei e *R. ludibriosa* são semelhantes e simpátricas. *R. lanei* difere pela pubescência geral muito densa, com tonalidade mais clara; pelos pontos do escapo menos aparentes e portanto pouco contrastantes, pelos pêlos castanhos das antenas, mais esparsos e mais longos, principalmente no antenômero XI; pelos lados do protórax menos divergentes para o lado anterior; pelo padrão de colorido dos élitros, com região circum-escutelar esbranquiçada, sem vestígio de faixa oblíqua na região central; pelos mesepisternos inteiramente revestidos por pubescência esbranquiçada; pela presença de área castanha nos lados do primeiro urosternito.

***Recchia gemignanii* (Lane, 1939)**

(Fig. 40)

Aerenica gemignanii Lane, 1939: 76; 1974b: 380 (des. lectót.); Viana, 1972: 402 (cat.).

Recchia gemignanii; Martins & Galileo, 1985c:483 (em chave), 489, 494 (cat.); Monné, 1995: 67 (cat.).

Recchia rustica Martins & Galileo, 1985c: 483 (em chave), 489, 495 (cat.). *Syn. n.*

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Pubescência branca ou esbranquiçada reveste: área

no dorso da cabeça junto ao occipício, às vezes expandida lateralmente, envolve todo dorso; faixa no centro da base do pronoto, alargada para a região centro-dorsal, emite ao nível do terço anterior, dois ramos laterais, levemente oblíquos que terminam na faixa longitudinal dos lados do pronoto; faixa, pouco distinta, no meio dos lados do protórax. Em cada élitro a pubescência esbranquiçada reveste: faixa basal curva, inicia-se entre o ombro e o escutelo, termina na sutura ao nível do quarto anterior; faixa curva na declividade lateral, ao nível do meio, muito freqüentemente com a parte anterior mais evidente do que a posterior; faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical; faixa longitudinal, junto da sutura, no quarto apical que atinge as extremidades. Na face ventral a pubescência é bastante uniforme e recobre o mesosterno e os lados do primeiro urosternito. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídeos. Pêlos internos dos flagelômeros basais esbranquiçados, apenas mais longos do que a largura dos artículos. Antenômero XI acuminado, com escassos pêlos longos, sem cerdas pretas no lado inferior, com pubescência uniforme. Borda apical dos urotergito V e urosternito V ligeiramente emarginada no centro.

♀. Lobos oculares superiores com 5-6 fileiras de omatídeos. Urosternito V levemente intumescido; borda apical como no macho.

Variabilidade. Em alguns exemplares a pubescência esbranquiçada é mais generalizada e as faixas e manchas tornam-se menos conspícuas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,6-15,5/13,5-14,3; largura umeral, 2,5-4,0/3,3-3,8.

Distribuição geográfica. Brasil (Goiás e Paraná), Argentina (Chaco).

Material examinado. Brasil. Goiás: Jataí, ♂, (holótipo de *R. rustica*), XII.1897-I.1898, Pujol col. (MNHN); ♀, (parátipo de *R. rustica*), idem (MZSP). Paraná: Arapoti, ♂, 2 ♀, 1940, A. Maller col. (MNRJ); ♂, idem (MZSP); Cachoeirinha, 2 ♂, ♀, XI, A. Maller col. (MZSP); ♂, (parátipo de *R. rustica*), XII.1935, Col. Tippmann (MZSP); ♀ (parátipo de *R. rustica*), idem (NMNH); Palmeira (850 m), ♀ (parátipo de *R. rustica*), XII.1935, Col. F. Tippmann (NMNH). Argentina. Chaco: Dep. Resistencia, ♂, (paralectótipo de *R. gemignanii*), X-XII.1935, J. B. Daguerre col. (MZSP).

Discussão. Lane (1939: 77) descreveu esta espécie com base em seis exemplares, sem indicação de sexo: quatro sítios procedentes de “Dep. Resistencia, Chaco, República Argentina, 10.XII.1935, J. B. Daguerre”; dois sítios de “Mato Grosso, Salôbra, 26.X.1938”; foram depositados no MACN e no Museu Paulista, hoje MZSP, estes sob números 22.935, 22.936 e 22.937.

Em 1974b, Lane (p. 380) indicou lectótipo e paralectótipos como segue:

Lectótipo ♂, procedente de “Argentina, Chaco, Dep. Resistencia, X-XII.1935, J. B. Daguerre col.”, depositado no MACN sob número 38.358, com 16,5 mm de comprimento e 4 mm de largura umeral. O lectótipo não foi por nós examinado e anotamos que a data de coleta não coincide com a citação original.

Primeiro paralectótipo, sem indicação de sexo, “um pouco menor, com as mesmas indicações do lectótipo, é o que havia sido depositado nas coleções do antigo Museu Paulista sob o nº 22.937”. Este exemplar, ora examinado, é de sexo masculino.

Segundo paralectótipo, sem indicação de sexo e sem menção à coleção onde foi depositado, “trás um rótulo a tinta com apenas a indicação “Chaco 1936”. Este exemplar, talvez no MACN, não poderá ser considerado um paralectótipo já que os dados de procedência não correspondem aos da descrição original.

Terceiro paralectótipo, “é de Tucuman, Tafi Viejo, sob o n. 16.638 do museu argentino e é o maior da série”. Anotamos que tal localidade não constou da publicação original, portanto, não poderá também ser considerado um paralectótipo.

Quarto e quinto paralectótipos, “de Salobra apresentam as manchas brancas com os contornos um tanto mais nítidos e são os menores da série, medindo apenas 11-11,5 mm de comprimento por 2,75 mm de largura umeral. “Estes dois paralectótipos estão depositados no MZSP, com os números referidos por Lane (22.935 e 22.936) e constatamos que não são coespecíficos com o primeiro paralectótipo. Serão incluídos no material-tipo de *R. moema*, sp. n., descrita a seguir.

Quando nos ocupamos do gênero *Recchia* em trabalho anterior (Martins & Galileo, 1985c), consideramos como *R. gemignanii* os dois paralectótipos de Salobra e sugerimos que o primeiro paralectótipo poderia ser um exemplar de *R.*

rustica descrita no mesmo trabalho. Isto porque a descrição original de *R. gemignanii* faz parte de nota prévia (Lane, 1939) que seria publicada formalmente como "Longicórnios de Salobra", trabalho de Lane que jamais veio a lume.

Examinando agora as dimensões apresentadas pelo lectótipo e pelo exame do primeiro paralectótipo (MZSP), constatamos que a verdadeira *R. gemignanii*, fixada pelo lectótipo, envolve espécie de porte maior e que corresponde a *R. rustica*. Assim, esta espécie passa à sinonímia de *R. gemignanii*.

Pelas dimensões e pelo padrão de distribuição das faixas de pubescência esbranquiçada nos élitros, *R. gemignanii* assemelha-se a *R. ravida*. Difere pelos lobos oculares superiores muito mais estreitos, com 5-6 fileiras de omatídios; pelo tegumento mais claro, avermelhado, inclusive nas antenas; pela ausência de pêlos pretos curtos e densos no lado inferior dos flagelômeros apicais; pelas extremidades dos élitros mais arredondados.

O mesmo padrão de colorido elitral também ocorre em *R. abauna* e em outras espécies examinadas a seguir. *R. gemignanii* distingue-se de *R. abauna* pelas dimensões muito maiores, pela ausência de pêlos pretos, curtos e densos nos antenômeros apicais; pelo mesosterno não acastanhado.

Viana (1972: 402) examinou um exemplar (MACN) de Cororó, Río Ipané, localidade omitida em sua lista toponímica (p. 209). O exame deste espécimen seria desejável para confirmarmos sua identificação.

***Recchia moema*, sp. n.**

(Fig. 49)

Recchia gemignanii; Martins & Galileo, 1985c:483 (em chave), non Lane, 1939.

♂. Tegumento avermelhado; nas antenas castanho. Pubescência de maneira geral amarelo-esbranquiçada. Pubescência esbranquiçada do protórax com o mesmo padrão de *R. gemignanii*; nos élitros a pubescência esbranquiçada constitui áreas e faixas bem nítidas, a saber: faixa curva, inicia-se na base e volta-se para a sutura que atinge ao nível do quarto anterior e prolonga-se, junto à sutura, até a extremidade; faixa curva, lateral, ao nível do meio, com a metade anterior geralmente menos nítida que a posterior; faixa oblíqua em sentido des-

cedente da sutura para a margem, bem evidente, no terço apical e mancha sutural no quarto apical, até o ápice. Na face ventral a pubescência esbranquiçada reveste os mesepisternos, mesepimeros, metepisternos e lados do metasterno. Mesosterno e lados do primeiro urosternito castanhos. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios. Pêlos dos flagelômeros basais aproximadamente tão longos quanto o dobro da largura dos segmentos; flagelômeros apicais sem pêlos curtos, pretos e densos no lado inferior, com pêlos esparsos. Urotergito V e urosternito V muito ligeiramente emarginados na borda apical, sem projeções.

♀. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios. Borda apical do urotergito V e do urosternito V como no macho, sem projeções.

Variabilidade. Em alguns exemplares a faixa da base dos élitros de pubescência esbranquiçada é mais larga e quase ocupa todo dorso do quarto basal.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 8,6-11,2/10,0-10,3; largura umeral, 2,1-2,8/2,3-2,7.

Distribuição geográfica. Brasil (Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul), Uruguai, Argentina (do Chaco a Córdoba).

Material-tipo. Holótipo ♂. Brasil. Mato Grosso do Sul: Salobra, 18-29.X.1938, Inst. O. Cruz col. (MZSP, nº 22.935, paralectótipo de *R. gemignanii*). Parátipos: ♂, mesmos dados do holótipo (MZSP, nº 22.936, paralectótipo de *R. gemignanii*). Rio Grande do Sul: Santa Maria, ♀, V.1970, Col. Fragozo (MNRJ). Uruguai. Rivera: Sierra de la Aurora (Arroyo de la Aurora), ♂, 12-26.I.1971, Monné, Moratorio, Morey & Wibmer col. (MNRJ). Argentina. Chaco: Dep. Resistencia, ♂, X-XII.1935, J. B. Daguerre col. (MZSP). Corrientes: Yacarei, ♀, 15.III.1990, Logarzo col., "As larva in stem of *Pterocaulon* sp" (MZSP). Entre Rios: Liebig, ♂, ♀, XI.1987 (MCNZ, nº 124.508 e 124.509). Córdoba: Alta Gracia, ♂, Hubrich col. (MZSP).

Biologia. O exemplar coligido em Yacarei, Corrientes, porta um rótulo "As larva in stem of *Pterocaulon* sp." (Compositae).

Discussão. Vide discussão sob *Recchia gemignanii*, quarto e quinto paralectótipos.

Muito embora um dos parátipos tenha sido coligido na mesma data, pelo mesmo coletor, e na localidade-tipo de *R. gemignanii*, *R. moema* dife-

re: pelas dimensões muito menores; pelo tegumento castanho das antenas; pelos pêlos internos dos flagelômeros basais com comprimento aproximadamente igual a dobro da largura dos artículos, pelo mesosterno e lados do urosternito I acastanhados.

R. moema é muito semelhante a *R. abauna*, inclusive pelas pequenas dimensões. A pilosidade dos últimos flagelômeros, contudo, é completamente diversa; em *R. abauna* estão providos de abundantes pêlos curtos, pretos, no lado inferior e em *R. moema* tal pilosidade não existe.

Recchia flaveola Martins & Galileo, 1985

Recchia flaveola Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 487, 494 (cat.); Monné, 1995: 67 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Flagelômeros com tegumento avermelhado ou escurecido no ápice. Pernas com tegumento avermelhado. Pubescência de maneira geral amarelo-esbranquiçada; pronoto sem faixas muito distintas, às vezes pubescência pouco mais clara no meio do pronoto, constitui uma área triangular. Nos élitros a pubescência constitui faixa esbranquiçada pouco contrastante no quarto apical e uma mancha longitudinal junto da sutura perto da extremidade. Prosterno, mesosterno e lados do primeiro urosternito com pubescência amarelada; em alguns exemplares essas regiões mais acastanhadas. Borda apical da cavidade mesocoxal sem mancha castanha. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Pêlos brancos, não muito densos, no lado interno do escapo e dos flagelômeros. Urotergito V com borda apical arredondada. Urosternito V ligeiramente emarginado.

♀. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios. Urotergito V e urosternito V com borda levemente emarginada, sem projeções.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 8,7-12,0; largura umeral, 2,2-3,0.

Distribuição geográfica. Brasil, do Distrito Federal ao Mato Grosso do Sul e São Paulo e Paraguai.

Material examinado. Além da série típica depositada no MZSP, os seguintes exemplares. Brasil. Distrito Federal: Taquatinga, ♀, XII.1983, J. Danuncio col. (MZSP). Paraguai. Cordillera: Caacupé, ♂, ♀, XI.1990, G. Arriagada col. (MCNZ).

Discussão. *Recchia flaveola* é muito semelhante a *R. moema* e difere, principalmente pela uniformidade da pubescência amarelada em todo corpo; no pronoto, as faixas esbranquiçadas e as manchas mais escuras da base ao lado da faixa central são praticamente inaparentes porque a pubescência é muito uniforme; a pubescência elitral é inteiramente amarelada e quando aparece vestígio de faixa no terço apical, esta é apenas indicada. As regiões castanhas da face ventral em *R. flaveola* são variáveis e este caráter não permite distingui-la de *R. moema*.

Recchia goiana Martins & Galileo, 1985

Recchia goiana Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 486, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro nos fêmures, prosterno, mesosterno, metade inferior dos mesepisternos, perímetro das mesocoxas e lados do urosternito I. Pubescência amarelada, bem uniforme. Nos élitros as faixas de pubescência mais clara são pouco contrastantes; a mais evidente é a faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Pêlos dos antenômeros basais esbranquiçados, densos, pouco mais longos que a largura dos artículos. Borda apical do urosternito V e a do urotergito V ligeiramente emarginadas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 12,0/12,4-13,2; largura umeral, 3,0/3,0-3,3.

Distribuição geográfica. Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, interior de São Paulo), Paraguai.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Aquidauana, parátipo ♂, XII.1934, P. Schvegmeir (?) col. (MZSP). São Paulo: Regente Feijó, ♀, X.1945, Nick col. (MZSP). Paraguai. Cordillera: Emboscada, ♀, X.1945, Col. H. Zellibor (MNRJ).

Discussão. Esta espécie é bastante semelhante a *R. flaveola* e como o holótipo já foi devolvido ao MNHN, a redescrição baseou-se no parátipo ♂, (MZSP) e em material recentemente examinado.

Recchia goiana difere de *R. flaveola* pelas maiores dimensões e pelo padrão de colorido da face ventral. Em *R. goiana* as regiões mencionadas na

redescritão são castanhas porque a pubescência é esparsa, acastanhada ou avermelhada. Em *R. flaveola* essas regiões são recobertas por pilosidade semelhante à do restante do corpo e quando mais escura, não fortemente contrastante.

***Recchia distincta* (Lane, 1939)**

(Fig. 53)

Aerenica distincta Lane, 1939: 77; 1974b: 381 (lectót.); Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Recchia distincta; Martins & Galileo, 1985c: 483 (em chave), 489, 495 (cat.); Monné, 1995: 67 (cat.).

Redescritão. ♂. Tegumento avermelhado a castanho-avermelhado. Pubescência de maneira geral esbranquiçada a amarelada. Pubescência branca: faixas protorácicas como em *Recchia abauna*, *R. gemignanii* e *R. moema*. Faixas elitrais bem nítidas, constituídas por pubescência mais longa do que a pubescência de fundo: faixa curva no quarto basal, inicia-se entre escutelo e úmero, atinge a sutura até o ápice; faixa curva lateral, ao nível do meio; faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical; faixa longitudinal, junto à sutura, no quinto apical, em geral retilínea e raramente um pouco mais larga no meio. Na face ventral a pubescência branca reveste a metade superior dos mesepisternos, mesepimeros, região anterior dos metepisternos e lados do metasterno. Pontos dos fêmures e dos urosternitos finos e freqüentemente contrastantes. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Pêlos internos dos antenômeros basais esbranquiçados, mais longos que a largura dos artículos. Flagelômeros apicais com pêlos esparsos, sem pêlos pretos, curtos e densos no lado inferior. Urotergito V e urosteniro V com borda apical levemente emarginada.

♀. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Urotergito V com borda apical levemente emarginada.

Variabilidade. Exemplares provenientes de Jujuy, Argentina, são em geral maiores, com pubescência geral esbranquiçada. Na única fêmea examinada dessa procedência, o último urotergito apresenta borda apical nitidamente entalhada no centro.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 9,7-15,4/9,9-14,8; largura umeral, 2,5-3,8/2,3-3,5.

Distribuição geográfica. Brasil (Mato Grosso do Sul), Paraguai e Argentina (de Jujuy a Santa Fé).

Zajciw (1972: 69) assinalou a espécie para o Rio de Janeiro, Itatiaia; sua identificação, provavelmente, é errônea.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Salobra, lectótipo ♂, paralectótipo ♂, X.1938, Inst. O. Cruz col. (MZSP). Paraguai. ♂, 1985, Drake col. (MNRJ). Boquerón: Mariscal Estigarribia, ♂, ♀, X.1945, A. G. col. (MZSP); Puerto Casado, 2 ♂, XI.1950, A. Martínez col. (MZSP). Central: Asunción (1 km SO), ♂, XI.1950, A. Martínez col. (MZSP). Argentina. Jujuy: Jujuy, 2 ♂, XII.1947 (MZSP); ♂, ♀, I.1948, Prosen col. (MZSP); 9 ♂, XII.1949, Prosen col. (MZSP); Huaico Hondo, ♂, I.1951, Prosen col. (MZSP). Salta: El Naranjo, ♂, I.1944, Duret & Martínez col. (MZSP); La Candelaria, ♂, I.1965, A. Mesa & H. Sandulski col. (MNRJ); Lumbreira, ♂, XII.1952 (MZSP), Chaco: Resistencia, ♂, ♀, XI.1945, A. Martínez col. (MZSP). Santiago del Estero: Campo Gallo, ♂, III.1943, A. F. Prosen col. (MZSP); Colonia Dora, ♀, XII.1940, Abalos col. (MZSP). Santa Fé: ♂ (MZSP).

Discussão. *Recchia distincta* apresenta padrão de colorido semelhante ao de várias espécies. Difere de *R. abauna* pela pilosidade dos flagelômeros apicais, constituída por pêlos esparsos e longos, sem pêlos pretos e curtos no lado inferior. Distingue-se de *R. gemignanii* pela maior nitidez das faixas de pubescência branca, constituídas por pubescência mais longa do que a pilosidade de fundo; pela faixa oblíqua do terço apical com largura constante; pela presença de pontos contrastantes nos meso- e metafêmures. Difere de *R. moema* pelo aspecto das faixas de pubescência branca no terço apical dos élitros, pela maior quantidade de pontos contrastantes nos fêmures e nos urosternitos.

***Recchia procera* Martins & Galileo, 1985**

(Fig. 50)

Recchia procera Martins & Galileo, 1985c: 482 (em

chave), 486, 495 (cat.); Monné, 1995: 69 (cat.).

Redescrição. ♂. Aspecto geral alongado. Tegumento castanho-avermelhado a avermelhado. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. A faixa clara curva do meio dos lados dos élitros alcança a sutura. Pêlos internos dos flagelômeros castanhos. Faixas oblíquas do pronoto não existem. Pubescência mais concentrada constitui faixas: no meio da metade posterior do pronoto, pouco mais larga no centro do disco, envolve pequena área glabra; faixa de cada lado do pronoto; faixa larga no meio dos lados do protórax; nos élitros: faixa curva no quarto basal; faixa lateral curva, ao nível do meio, aproxima-se da sutura e chega a tocá-la na maioria dos exemplares; faixa oblíqua no terço apical, relativamente larga e faixa curta, junto à sutura, no quinto apical até a extremidade. Na face ventral a pubescência está mais concentrada na metade superior dos mesepisternos. Mesosterno acastanhado. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios, quase tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Lado interno dos antenômeros com pêlos longos acastanhados. Flagelômeros apicais com pêlos longos esparsos. Borda apical do urotergito V e do urosternito V sem modificações.

♀. Lobos oculares superiores com sete fileiras de omatídios, mas mais distantes entre si que os do macho. Urotergito V e urosternito V com borda apical levemente entalhada no centro, sem projeções.

Dimensões, em mm, ♂/♀. Comprimento total, 8,9/11,9; largura umeral, 1,7/2,6.

Distribuição geográfica. Bolívia, Brasil (Mato Grosso do Sul, Goiás, de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul), Paraguai e Argentina (Misiones).

Material examinado. Além da série típica depositada no MZSP e no MCNZ (Martins & Galileo, 1985c: 486) o seguinte: Brasil. Rio de Janeiro: Itatiaia (1100 m), ♂, XI.1968, Dirings (MZSP). São Paulo: Campos do Jordão (Capivari, 1650 m), ♀, I.1954, Dirings (MZSP); São Bernardo (Represa Rio Grande), ♀, XII.1950, Dirings (MZSP); São Paulo (Jabaquara), ♂, ♀, XII.1946, Nick col. (MZSP); (Paraiso, Hospital Alemão, hoje Hospital Oswaldo Cruz), ♂, XII.1942, Nick col. (MZSP); (Morumbi), ♀, I.1945, Nick col. (MZSP). Santa Catarina: Rio

Vermelho, ♀, I.1958, Dirings (MZSP); ♀, II.1963, Dirings (MZSP); Rodeio (Timbó, Rio Benedito), ♂, X.1956, Dirings (MZSP); São Bento do Sul, ♂, III.1956, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Cerro Largo (ex Serro Azul), ♂, 1935, P. Buck col. (MAPA); Guaíba, ♀, II.1980, M.H. Galileo col. (MCNZ); Porto Alegre (Vila Manresa), ♂, II.1965, P. Buck col. (MAPA); Salvador do Sul, ♂, XI.1962, P. Buck col. (MAPA); Torres, ♂, XII.1965, P. Buck col. (MAPA); Tramandai, ♂, I.1994, A. Brescovit col. (MCNZ).

Discussão. *Recchia procera* tem aspecto geral semelhante ao de *Aerenica canescens* e alguns pesquisadores (Melzer, Lane) identificaram-na como tal. Em *A. canescens* o antenômero III é mais longo do que o escapo, os lobos oculares superiores são mais estreitos, todo meio do pronoto é ocupado por área triangular de pubescência branca e o padrão de desenho elitral é diverso.

Embora a distribuição das faixas de pubescência esbranquiçada dos élitros seja semelhante à de *R. abauna*, *R. gemignanii*, *R. moema* e *R. distincta*, alguns caracteres permitem distinguir *R. procera* dessas espécies: o aspecto geral é muito mais alongado (comprimento do élitro/largura umeral = 3,7); pêlos do lado interno dos antenômeros castanhos; ausência das faixas de pubescência esbranquiçada no pronoto que partem da faixa central em direção às do lado do protórax; faixa curva do meio dos élitros atinge a sutura.

***Recchia hirsuta* (Bates, 1881)**

Aerenica hirsuta Bates, 1881a: 206; 1881b: 300 (cat.); 1885: 427 (distr.); Gilmour, 1962: 129 (em chave).

Recchia hirsuta; Martins & Galileo, 1985c: 482 (em chave), 484, 494 (cat.); Monné, 1995: 68 (cat.).

Aerenica panamensis Lane, 1959: 263; 1974: 376 (sin.); Gilmour, 1962: 129 (em chave).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Pubescência mais esbranquiçada e mais concentrada reveste: duas áreas no dorso da cabeça junto ao occipício; faixa longitudinal no meio do pronoto envolve estreita mancha central longitudinal desnuda; faixa nos lados do pronoto; faixa larga no meio das partes laterais do protórax. Nos élitros a

pubescência de fundo está organizada em faixas longitudinais, estreitas e paralelas, visíveis principalmente na metade apical; em cada élitro, faixa curva ao nível de meio, não atinge a sutura; faixa oblíqua em sentido descendente da sutura para a margem no terço apical e faixa longitudinal, junto da sutura, no quinto apical. Na face ventral a pubescência está mais concentrada nos mesepisternos, lados do metasterno e em faixa oblíqua nos urosternitos. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Pêlos internos dos antenômeros basais esbranquiçados. Urotergito V e urosternito V nitidamente emarginados no centro da borda apical.

♀. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Urotergito V sem projeções, com borda apical levemente emarginada. Urosternito V com borda apical truncada.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,6/12,2/largura umeral, 2,5/2,7.

Distribuição geográfica. Guatemala ao Panamá, Venezuela.

Material examinado. Panamá. Canal Zone: Corazal, ♂ parátipo de *A. panamensis*, 27.IV.1911, A. Busch col. (MZSP). Venezuela. Miranda: San Antonio de los Altos (1300 m), ♀, VII.1964, C. Bordon col. (MNRJ).

Discussão. Martins & Galileo (1985c: 484) suspeitaram que *Recchia parvula* poderia vir a ser sinonimizada com *R. hirsuta*; equivocaram-se porque ambas as espécies, embora com padrão de colorido elitral algo semelhante, são obviamente diferentes.

Em *R. hirsuta* as faixas mais claras do protórax não são nitidamente contrastantes e evidentes; as faixas alternadas castanhas e esbranquiçadas da base dos élitros são pouco ou nada visíveis; a pubescência elitral é mais uniforme e as faixas mais escuras não são tão óbvias. Além disso, a distribuição das duas espécies é bem diversa.

***Recchia piriana*, sp. n**
(Fig. 48)

Etimologia. Tupi; piriana = listrado, alusão ao padrão de colorido dos élitros.

Descrição. ♂. Tegumento vermelho-acastanhado, mais escuro nas antenas e mais claro nos tarsos. Cabeça com pubescência amarelada; duas faixas de pubescência esbranquiçada, dorsais, junto ao occipício. Lobos oculares superiores com seis fileiras de omatídios. Antenas com pubescência esbranquiçada; base do dorso do antenômero III com mancha acastanhada; pêlos internos dos antenômeros basais esbranquiçados, mais longos que a largura dos artículos. Antenômero XI sem pêlos pretos no lado inferior. Protórax com pubescência amarelada e faixas longitudinais de pubescência esbranquiçada: uma no meio do pronoto, mais larga no centro onde envolve pequena área longitudinal glabra, uma a cada lado do pronoto, estreita, curva para a parte inferior do protórax no terço anterior; uma estreita, paralela à anterior, não alcança a borda anterior do protórax; uma, mais larga, no meio das partes laterais do protórax. Pubescência elitral predominantemente esbranquiçada, constitui faixas estreitas longitudinais entremeadas no dorso por faixas castanhas, principalmente junto à base, ao nível do terço anterior, no meio da declividade lateral, no dorso logo atrás do meio e no quarto apical. Face ventral com pubescência amarelada; pubescência branca mais concentrada em faixa no meio dos mesepisternos, região anterior dos metepisternos, lados do metasterno e em duas faixas longitudinais estreitas nos lados dos urosternitos II-IV. Urotergito V e urosternito V sem projeções, com margem apical levemente emarginada.

♀. Lobos oculares superiores muito distantes, com cinco fileiras de omatídios. Região castanha da base do antenômero III mais desenvolvida. Extremidades dos flagelômeros nitidamente acastanhada. Faixas castanhas dos élitros menos evidentes. Bordas apicais do urotergito V e do urosternito V apenas entalhadas.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,4-13,3/13,5; largura umeral, 2,9-3,0/3,4.

Material-tipo. Holótipo ♂, Brasil, Mato Grosso do Sul, Porto Murtinho, XI.1929, W. Melzer col. (MZSP). Parátipos: Paraguai. Alto Paraná: ♂, XI.1953, Foerster col. (MNRJ); Cordillera: Altos, ♂, 26.XI.1956, B. Podtiaguin col. (MZSP).

Discussão. *Recchia piriana* pelo padrão de

colorido dos élitros assemelha-se a *R. parvula* e *R. hirsuta*. Distingue-se de *R. parvula*: pelas maiores dimensões, pelo colorido geral do corpo, predominantemente amarelado e não castanho-escuro como em *R. parvula*; pela pubescência branca que reveste inteiramente o escapo, pedicelo e antenômero III (em *R. parvula* essa pubescência é castanho-escuro); pelos pêlos esbranquiçados no lado interno dos flagelômeros basais (em *R. parvula* são castanho-avermelhados); pela maior largura das faixas de pubescência branca dos élitros principalmente a oblíqua no terço apical; pela ausência de pubescência castanha nos lados do urosternito I.

R. piriana difere de *R. hirsuta* pela presença de mancha acastanhada no dorso do antenômero III e pela nitidez das faixas castanhas dos élitros.

Vianopolisia Lane, 1966

Vianopolisia Lane, 1966: 138; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 468; Monné, 1995: 65 (cat.).

Doloaerenica Martins & Galileo, 1985b: 466; Monné, 1995: 64 (cat.). *Syn. n.*

Espécie-tipo. De *Vianopolisa*, *V. spitzi* Lane, 1966 (monotipia e designação original). De *Doloaerenica*, *D. captiosa* Martins & Galileo, 1985 (monotipia e designação original).

Aspecto geral linear. Fronte com o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores, com 6 fileiras de omatídios, mais distantes entre si do que o dobro da largura de um lobo. Lobos oculares inferiores praticamente ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos inferiores e superiores com 3-4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros não espessados, pêlos esparsos no lado interno. Protórax mais largo que longo; lados divergentes para a região anterior com vestígio de gibosidade no meio. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades acuminadas ou arredondadas. Metafêmures pouco mais longos que os mesofêmures; extremidade atinge o meio ou a borda apical do urosternito III. Metatarsômero I tão longo quanto o comprimento do II + III. Último urotergito com borda apical truncada.

Chave para as espécies do gênero *Vianopolisia*

1. Cada élitro com uma faixa longitudinal estreita de pubescência branco-amarelada que se inicia entre o úmero e o escutelo e atinge a sutura no quarto anterior e prolonga-se até o ápice; pontuação elitral não evidente, recoberta pela pubescência. Brasil (Goiás).....*V. spitzi* Lane, 1966
Élitros sem faixas longitudinais de pubescência branco-amarelada; pubescência elitral esparsa, os pontos visíveis. Brasil (São Paulo), Paraguai.*V. captiosa* (Martins & Galileo, 1985)

Vianopolisa spitzi Lane, 1966

(Fig. 66)

Vianopolisa spitzi Lane, 1966: 139; Martins & Galileo, 1985b: 468; 1985c: 494 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado, mais escuro nos antenômeros basais, pro- e mesotíbias e tarsos. Pubescência de maneira geral branco-amarelada. Pubescência branco-amarelada, densa reveste: cabeça; metade anterior do pronoto estendendo-se para a metade posterior em três faixas longitudinais, uma central e duas laterais; escutelo; em cada élitro, faixa oblíqua que se inicia entre o úmero e o escutelo e atinge a sutura ao nível do terço anterior, prolonga-se pelo friso sutural até o ápice, recobre o friso marginal e uma faixa estreita oblíqua no quarto apical entre os frisos marginal e sutural; mesepisternos; mesepimeros; região anterior dos metepisternos e lados do metasterno. Lado interno do escapo e antenômero III com pêlos curtos e esparsos. Cerdas elitrais curtas. Extremidades elitrais arredondadas. Último urosternito larga e pouco profundamente emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,5; largura umeral, 3,0.

Distribuição geográfica. Goiás, Brasil.

Material examinado. Brasil. Goiás: Vianópolis, holótipo ♂, XI.1931, R. Spitz col. (MZSP).

Vianopolisia captiosa (Martins & Galileo, 1985), comb. n.

Dolaerenica captiosa Martins & Galileo, 1985b: 466, fig. 4; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 64 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Pubescência de maneira geral amarelada, mais adensada na base dos flagelômeros, na cabeça, no pronoto (exceto em duas faixas longitudinais divergentes), nos élitros em pequena mancha junto da sutura atrás do escutelo, em faixa oblíqua descendente da sutura para a margem ao nível do quarto apical e em faixa curta junto à sutura no sexto apical. A pubescência elitral rala permite visualizar a pontuação que é fina e densa. Urosternitos com finos pontos contrastantes. Extremidades elitrais acuminadas. Último urosternito com borda apical subtruncada.

♀. Último urosternito com curta depressão centro-longitudinal junto da borda apical que é levemente emarginada no centro.

Variabilidade. As extremidades elitrais no macho são nitidamente acuminadas e na fêmea são triangulares.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 22,5/25,0; largura umeral, 5,3/6,3.

Distribuição geográfica. Brasil (São Paulo) e Paraguai.

Material examinado. Brasil. São Paulo: Itu (Faz. Pau d'Alho), holótipo ♀, XI.1970, U. Martins col. (MZSP). Paraguai. Concepción: Horqueta, parátipo ♂, XI.1933, A. Schulze col. (CASC).

Discussão. *Vianopolisia captiosa* difere de *V. spitzii* pelo padrão da distribuição da pubescência esbranquiçada no pronoto e nos élitros; pela presença de pubescência esbranquiçada na base dos flagelômeros; pelos pontos visíveis na cabeça, no pronoto e nos élitros.

Apophaula Lane, 1973

Apophaula Lane, 1973: 419; Martins & Galileo, 1985b: 463 (em chave), 464; Monné, 1995: 63 (cat.).

Espécie-tipo, *Apophaula ocellata* Lane, 1973 (monotípia e designação original).

Aspecto geral robusto. Fronte mais larga que o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 10 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores seis vezes mais longos do que as genas. Ligação entre lobos com 4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo apenas mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados com pêlos densos na margem interna. Protórax mais largo que longo com lados divergentes para a borda anterior; gibosidade lateral indicada. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades acuminadas e uniespinhosas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures; extremidades atingem aproximadamente o meio do urosternito II. Metatarsômero I tão longo quanto II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o externo. Último urotergito com borda truncada.

Apophaula ocellata Lane, 1973

(Fig. 67)

Apophaula ocellata Lane, 1973: 420; Martins & Galileo, 1985b: 465; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 63 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento acastanhado. Pubescência de maneira geral amarelada. Pubescência mais esbranquiçada no centro do pronoto; escutelo; faixa transversal indistinta ao nível do quarto anterior dos élitros e perímetro de mancha elíptica no terço apical; nos lados dos urosternitos circundando áreas acastanhadas. Região centro-lateral dos élitros mais acastanhada revestida por pubescência menos compacta. Élitros pontuados; menos densamente no interior das manchas elípticas. Lado interno do escapo e antenômero III com pêlos curtos e densos. Último urosternito com borda apical levemente arredondada.

♀. Desenhos brancos nos lados dos urosternitos mais evidentes. Último urosternito com borda apical emarginada no centro.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente.

Comprimento total, 20,9-23,0/24,0-24,4; largura umeral, 5,1-6,1/6,2-6,3.

Distribuição geográfica. Brasil do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais ao Paraná, Paraguai.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: parátipo ♂, O. Monte col. (MZSP). Rio de Janeiro: Itatiaia (700m), alótipo ♀, I.1934, J. F. Zikán col. à luz (MZSP). São Paulo: Botucatu, 2 parátipos ♂, XI.1970, em armadilha luminosa, (MZSP); ♂, XI.1971, O. Chamma col. (DZVU); ♂, XI.1972, O. Chammma col. (MZSP); ♀, XII.1972, O. Chamma col. (DZVU); 2 ♂, XI.1973, O. Chamma col. (MZSP). Paraná: Curitiba, ♂, XI.1940, Claretiano col. (MZSP). Paraguai. Capital: Asunción, ♀, X.1956, S. T. Cabral col. (MCNZ).

Apoaerenica Martins & Galileo, 1985

Apoaerenica Martins & Galileo, 1985b: 463 (em chave), 465; Monné, 1995: 63 (cat.).

Espécie-tipo, *Montesia martinsi* Monné, 1979 (monotipia e designação original).

Aspecto geral linear. Fronte tão larga quanto o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 9 fileiras de omatídios, mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 6 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não engrossados, com pêlos esparsos. Protórax apenas mais largo que longo, lados divergentes para a borda anterior. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades uniespinhosas. Metafêmures mais longos que os mesofêmures; extremidade atinge o meio do urosternito III. Metatarsômero I tão longo quanto o dobro de II + III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito arredondado na borda apical.

Apoaerenica martinsi (Monné, 1979) (Fig. 71)

Montesia martinsi Monné, 1979: 417, fig. 3.

Apoaerenica martinsi; Martins & Galileo, 1985b: 465; Monné, 1995: 63 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho, mais avermelhado no escapo, nos fêmures e na base das tíbias. Pubescência alaranjada-viva reveste a face dorsal da cabeça, os dois terços anteriores do pronoto e o perímetro dos élitros menos na sutura. Terço posterior do pronoto, lados do protórax e face ventral com pubescência esbranquiçada. Duas manchas transversais látero-anteriores de pubescência castanha no pronoto. Mancha preta no dorso dos élitros ao nível do terço anterior; restante da superfície dorsal dos élitros com pubescência alaranjada mais esparsa. Escapo e antenômero III com pêlos longos e esparsos. Último urosternito com borda apical subtruncada, levemente emarginada.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 14,3; largura umeral, 3,0.

Material examinado. Bolívia. Santa Cruz: Santa Cruz (500 m), holótipo ♂, XI.1960, Zischka col. (MZSP).

Discussão. Monné (1979) indicou 12,6 mm para o comprimento do holótipo; a nossa medição, com régua de ocular Zeiss, resultou em 14,3 mm.

Rumacon Blackwelder, 1946

Rumacon Blackwelder, 1946: 627; Martins & Galileo, 1985b: 463 (em chave), 465 (chave para espécies); Monné, 1995: 63 (cat.). *Spegazziniella* Bruch, 1926: 347 (*non* Jorgensen, 1913); Tippmann, 1960: 207.

Espécie-tipo, *Spegazziniella canescens* Bruch, 1926 (monotipia).

Aspecto geral linear. Fronte tão larga quanto o dobro do diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 7-8 fileiras de omatídios, tão distantes entre si quanto o dobro da largura de um lobo. Lobos oculares inferiores com o quádruplo do comprimento das genas. Interligação entre lobos com 5-6 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados com

pêlos muito ralos na lado interno. Protórax mais largo do que longo; lados subparalelos com gibosidade central vestigial. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades uniespinhosas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures atingem a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I tão longo quanto II+III. Apêndice enterno da unha mais curto que o externo. Último urotergito arredondado na borda apical.

Chave para as espécies de *Rumacon*

1. Corpo revestido por pubescência amarelada; escapo, pedicelo e ápice dos flagelômeros pretos. Brasil (Minas Gerais ao Rio Grande do Sul), Paraguai.....*R. annulicornis* (Melzer, 1930)
-*R. annulicornis* (Melzer, 1930)
- Corpo revestido por pubescência branco-acinzentada; antenas revestidas por pubescência unicolor. Bolívia, Paraguai, Argentina (Jujuy, Tucumán, Chaco)....*R. canescens* (Bruch, 1926)

***Rumacon annulicornis* (Melzer, 1930)**

(Fig. 70)

Aerenica annulicornis Melzer, 1930: 204, fig. 21; Lane, 1938a: 641 (distr.); Zikán & Wygodzinsky, 1948: 46 (tipos); Buck, 1959: 608 (distr.); Gilmour, 1962: 127 (em chave); Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Rumacon annulicornis; Martins & Galileo, 1985b: 465; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 64 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento preto. Pubescência amarelo-ocre; nos élitros, de dois tipos: densa e mais longa na maioria da superfície e mais esparsa, constitui manchas irregulares em toda extensão. Escapo, pedicelo e extremidades dos flagelômeros com pubescência preta; base dos flagelômeros largamente revestida por pubescência branca. Pontuação fina e densa nos lados do pronoto onde a pubescência é mais esparsa. Escapo e antenômero III com pêlos escuros muito esparsos. Último urosternito com borda apical levemente emarginada no centro.

♀. Último urosternito com linha centro-longitudinal, mais visível na metade apical; transver-

salmente e algo deprimido no terço posterior; borda apical levemente emarginada no meio.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 15,5-19,3/15,8 -27,1; largura umeral, 4,0-5,2 / 4,1-5,8.

Distribuição geográfica. Mata Atlântica de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul no Brasil, Paraguai.

Zajciw (1972) registrou a espécie para o Rio de Janeiro, Itatiaia.

Material examinado. Brasil. Paralectótipo ♀, (MZSP). Minas Gerais: Cabo Verde, paralectótipo ♀, 1920, (MZSP); Formiga, ♀, IV.1979, S. M. Carvalho col. (MZSP); Lavras, ♂, (MZSP); São Lourenço (Faz. Jardim), 2 ♂, X.1938, à luz, (MZSP). São Paulo: Amparo, ♂, ex-Col. N. de Andrade, (MZSP); Campos do Jordão, ♂, ♀, XI.1936, J. Lane col. (MZSP); Itu (Faz. Pau d'Alho), ♂, XI.1973, U. Martins col. (MCNZ); Rio Claro, lectótipo ♂, 1927, N. de Andrade col. (MZSP); Piracicaba (ESALQ, 540m), ♀, X.1966, S. Silveira Neto col. (MZSP); Limeira, ♀, X.1975, R. J. Lane col. (MZSP). Paraná: Guarapuava, ♂, I.1952, I. Schneider col. (MZSP); Santa Catarina: Lençol, paralectótipo ♀, XII.1925, A. Maller col. (MZSP); Rio Vermelho, ♂, I. 1958, Dirings, (MZSP); ♂, III.1960, Dirings (MZSP); ♀, I.1962, Dirings (MZSP). Rio Grande do Sul: Cerro Largo, (ex Serro Azul), ♀, X.1943, P. Buck col. (MAPA); Pareci Novo, ♂, IX.1934, P. Buck col. (MAPA); Porto Alegre, ♀, XI.1945, P. Buck col. (MAPA).

***Rumacon canescens* (Bruch, 1926)**

Spegazziniella canescens Bruch, 1926: 348, fig. 4; Bosq, 1942: 26 (hosp.).

Rumacon canescens; Blackwelder, 1946: 627; Lane, 1965a: 41; 1974a: 356, fig.6; Martins & Galileo, 1985b: 465; 1985c: 494 (cat.); Monné, 1995: 64 (cat.).

Rumacon (Spegazziniella) canescens; Duffy, 1960: 282 (hosp.).

Aerenica acutipennis; Tippmann, 1960: 206 non Gahan, 1889; Viana, 1972: 400 (cat.).

Aerenica canescens; Gilmour, 1962: 128 (em chave). *Aerenica acutipennis* var. ? *bruchi* Gilmour, 1965: 644 (cat).

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado. Pubescência corporal esbranquiçada muito densa; em toda a superfície elitral menos adensada e menos longa em manchas subcirculares. Lado interno do escapo e do antenômero III com pêlos muito curtos e muito esparsos. Último urosternito com a borda apical subtruncada.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 14,4-17,0; largura umeral, 3,7-4,4.

Distribuição geográfica. Da Bolívia, Cochabamba à Argentina, Tucumán; Paraguai.

Material examinado. Argentina. Jujuy: Huaico Hondo, ♂, I.1951, Prosen col. (MZSP). Chaco: Resistencia, ♂, X-XII.1035, J. B. Daguerre col. (MZSP).

Biologia. Bruch (1926) citou como planta-hospedeira *Alnus jorullensis* onde coligiu, sob casca, uma fêmea junto com algumas larvas “que atribuyo a la misma especie”. Bosq (1942) e Duffy (1960) repetiram essa informação.

Discussão. Bruch (1926) descreveu esta espécie sob a denominação de *Spegazziniella canescens* com base em um casal: fêmea proveniente de Lules, Tucumán e macho de Caspinchango, Tucumán. Blackwelder (1946) constatou que *Spegazziniella* estava pré-ocupado por Jøergensen em 1913 e propôs o nome *Rumacon* para substituí-lo. Tippmann (1960) considerou *Spegazziniella canescens* sinônimo de *Aerenica acutipennis* Gahan, 1889, conseqüentemente, *Rumacon* passou a sinonímia de *Aerenica*. Colocando em dúvida esta sinonímia Gilmour (1962: 128) separou em chave pelo aspecto da extremidade elitral *Aerenica acutipennis* Gahan e *Aerenica canescens* (Bruch). Gilmour (1965) considerou *Rumacon* e *Spegazziniella* sinônimos de *Aerenica* Thomson; propôs, indevidamente, para *A. canescens* (Bruch) o novo nome “*acutipennis* v. ? *bruchii* nom. nov.” talvez para evitar a homonímia entre *Aerenica canescens* (Klug, 1825) e *Aerenica canescens* (Bruch, 1926). Tal providência não seria necessária pois *A. canescens* (Klug) foi incluída por Gilmour (*l. c.*, p. 645) no gênero *Aeronaesius*. Lane (1965) após examinar a coleção Tippmann, verificou que a sinonímia proposta por Tippmann (1960) estava equivocada e revalidou o gênero *Rumacon* e *R. canescens* (Bruch). Viana (1972: 400) ignorou o

trabalho de Lane (1965) e publicou sob *Aerenica acutipennis* uma lista bibliográfica totalmente equivocada com base em Tippmann (1960).

R. canescens distingue-se de *R. annulicornis* pela pubescência geral esbranquiçada; pelas antenas unicolores; pelas manchas de pubescência esparsa nos élitros mais circulares; pelas pernas posteriores dos machos mais longas e mais esbeltas.

Montesia Lane, 1938

Montesia Lane, 1938b: 110; Gilmour, 1962: 126 (em chave); Monné, 1979: 416; 1995: 65 (cat.); Martins & Galileo, 1985b: 463 (em chave), 468.

Espécie-tipo, *Montesia leucostigma* Lane, 1938 (monotípia).

Aspecto geral linear. Lobos oculares superiores com 10 fileiras de omatídios, mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores com o quádruplo do comprimento da gena (Fig. 2). Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 6 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros não espessados com pêlos esparsos no lado interno. Protórax apenas mais largo que longo; lados ligeiramente divergentes para o lado anterior, gibosidades indicadas. Élitros sem pontos contrastantes, com áreas de pubescência branca compacta (exceto *M. elegantula*); extremidades uniespinhosas. Metafêmures mais longos que os mesofêmures; extremidades ultrapassam a borda do urosternito III. Metatarsômero I tão longo quanto comprimento do II + III. Apêndice interno das unhas tão longo quanto o apêndice externo. Último urotergito com borda apical profundamente emarginada.

Chave para as espécies de *Montesia*

1. Élitros com faixa longitudinal ou com manchas de pubescência branca compacta.....2
- Élitros sem manchas de pubescência branca compacta (com pubescência amarelo-alaranjada e duas áreas pretas: uma sutural ao nível do quarto anteri-

- or e outra apical que invade obliquamente a região sutural até perto do meio). Brasil (Mato Grosso).....
.....*M. elegantula* Monné, 1979
- 2(1). Cada élitro com única faixa de pubescência branca larga, dorsal, da base até o ápice. Costa Rica.....
.....*M. fasciolata* Galileo & Martins, 1990
Cada élitro com três faixas ou manchas e pubescência branca densa.....3
- 3(2). Pronoto com larga faixa centro-longitudinal de pubescência branca compacta; escutelo revestido por pubescência branca; metade apical de cada élitro com duas manchas de pubescência branca compacta, a posterior não ultrapassa anteriormente a mediana. Peru.....*M. bosqi* Seabra, 1961
Pronoto com pequena mancha de pubescência branca compacta em frente ao escutelo; escutelo sem pubescência branca compacta; metade apical de cada élitro com duas faixas longitudinais paralelas de pubescência branca compacta. Fig. 72. Brasil (Minas Gerais a Santa Catarina).....*M. leucostigma* Lane, 1938
- Montesia elegantula** Monné, 1979
- Montesia elegantula* Monné, 1979: 416, fig. 2; 1995: 65 (cat.); Martins & Galileo, 1985c: 494 (cat.).
- Conhecida apenas pelo holótipo (MNRJ), não examinado. A redescrição fundamentou-se na descrição original.
- ♂. Tegumento preto; castanho-avermelhado no pedicelo e nos flagelômeros. Pubescência acinzentada reveste: cabeça, antenas, metade posterior do pronoto, lados do protórax, escutelo, estreita região apical dos élitros, face ventral e pernas. Pubescência preta: faixa transversal na metade anterior do pronoto; mancha subtriangular junto à sutura ao nível do quarto anterior dos élitros; mancha triangular apical com a borda anterior fortemente oblíqua, inicia-se na sutura perto do meio e atinge a borda lateral perto do ápice. Restante da superfície elitral com pubescência amarelada densa no disco e amarelo-alaranjada na base e nos lados.
- Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,6; largura umeral, 2,6.
- Distribuição geográfica. Conhecida da localidade-tipo, Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil.
- Discussão. O padrão de colorido de *M. elegantula* (Monné, 1979: 417, fig. 2) é característico e permite reconhecê-la imediatamente.
- Montesia fasciolata** Galileo & Martins, 1990
- Montesia fasciolata* Galileo & Martins, 1990: 586, figs. 3, 5-8; Monné, 1995: 65 (cat.).
- Redescrição. ♀. Tegumento castanho-escuro. Pubescência, de maneira geral, cinza-acastanhada ou acinzentada. Pubescência branco-amarela, compacta, reveste: centro da região dorsal da cabeça; faixa larga centro-longitudinal no pronoto; escutelo; larga faixa longitudinal em cada élitro, paralela à sutura da base ao ápice; lados do protórax; mesepisternos; mesepimeros, metepisternos; lados do metasterno e dos urosternitos. Escapo com pontuação grossa e densa. Extremidades elitrais acuminadas e aguçadas. Último urosternito com borda apical largamente emarginada.
- Dimensões, em mm. Comprimento total, 15,4; largura umeral, 3,3.
- Distribuição geográfica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Turrialba (600 m), Cartago, Costa Rica.
- Discussão. O holótipo é uma fêmea como mencionado por Galileo & Martins (1990) nas dimensões e no material examinado; equivocadamente o início da descrição original menciona macho.
- O padrão de colorido de *M. fasciolata* é inconfundível; nenhuma das outras espécies apresenta larga faixa de pubescência compacta em toda a extensão do dorso dos élitros.

Montesia bosqi Seabra, 1961

Montesia bosqi Seabra, 1961: 264, fig. 2; Martins & Galileo, 1985c: 484 (cat.); Monné, 1995: 65 (cat.).

Montesia bosoi; Monné, 1979: 416 (em chave, *error*).

Conhecida apenas do holótipo (MNRJ) e a redescricao está embasada na descricao original.

Redescricao. ♂. Tegumento castanho-avermelhado; flagelo amarelado. Pubescencia de maneira geral escura, nos flagelomeos amarelada. Pubescencia branco-amarelada compacta reveste: faixa larga, centro-longitudinal no pronoto; pequena mancha atrás do meio aos lados do protorax; três manchas em cada élitro (uma no quinto basal, próxima à sutura, um alongada perto da sutura atrás do meio e estreitada posteriormente, uma oblíqua em sentido descendente da margem para a sutura, dorsal, no quarto apical); metade superior dos mesepimeros e mesepisternos; lados do metasterno; quase todo metepisterno; mancha arredondada nos lados dos urosternitos. Escapo com pontuacao densa e franja rala de pêlos escuros no lado inferior.

Dimensoes, em mm, ♂. Comprimento total, 16,5; largura umeral, 4,0.

Distribuicao geografica. Conhecida apenas da localidade-tipo, Satipo, Junin, Peru.

Discussao. Como *Montesia leucostigma*, *M. bosqi* apresenta áreas de pubescencia compacta no pronoto e nos élitros. As dimensoes das manchas, sua forma e localizacao, contudo, são diferentes.

Montesia leucostigma Lane, 1938

(Fig. 2, 72)

Montesia leucostigma Lane, 1938b: 110, fig. E; Gilmour, 1962: 126 (em chave); Zajciw, 1972: 69 (distr.); Monné, 1979: 416 (em chave); 1995: 65 (cat.); Martins & Galileo, 1985b: 468; Galileo & Martins, 1985c: 494 (cat.).

Redescricao. ♂. Tegumento alaranjado; antenômeros apicais e tarsos pretos. Pubescencia corporal esbranquiçada e esparsa. Pubescencia compacta branca-de-giz: pequena mancha longitudinal

no centro da base do pronoto; faixa longitudinal nos lados do protorax; em cada élitro três faixas longitudinais (uma da base ao quarto anterior inicia-se entre o úmero e o escutelo; duas paralelas, dorsais, a interna inicia-se antes do meio, a externa mais longa e um pouco alargada no ápice); faixa no centro do mesepisterno e mesepimero; lados do metasterno; região posterior dos metepisternos e mancha alongada nos lados dos urosternitos I a IV. Cabeça (Fig. 2). Escapo fina e densamente pontuado com pêlos longos em toda a superficie mais concentrados no lado interno; pronoto com aspecto brilhante; pontuacao esparsa. Último urosternito largamente emarginado na borda apical.

♀. Último urosternito intumescido, levemente deprimido transversalmente antes do ápice com a borda apical levemente emarginada.

Dimensoes, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 16,0/15,0; largura umeral, 3,4-2,9.

Distribuicao geografica. Brasil, Minas Gerais, Rio de Janeiro.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Belo Horizonte, holótipo ♀, O. Monte col. (MZSP). Rio de Janeiro: Parque Nacional do Itatiaia (700m), ♂, XII.1957, W. Zikán col. (MZSP).

Discussao. Na etiqueta de identificacao do holótipo em letra manuscrita de Lane, lê-se "Hydraschema leucostigma F. Lane, 1938, holotypo ♀".

M. leucostigma caracteriza-se pelo padrao da distribuicao das faixas de pubescencia branca-de-giz nos élitros.

Hydraschema Thomson, 1864

Hydraschema Thomson, 1864: 128, 403; Lacordaire, 1872: 897, 899; Bates, 1881b: 300 (cat.); Gilmour, 1962: 126 (em chave), 136 (chave para especies); Lane, 1974: 359; Martins, 1984b: 328; Martins & Galileo, 1985c: 490 (chave para especies); Monné, 1995: 57 (cat.). *Corupa* Lane, 1966: 132; Martins, 1984b: 328 (sin.); Martins & Galileo, 1985c: 489 (reval.). *Syn. n.*

Especie-tipo. De *Hydraschema*, *H. fabulosa* Thomson, 1864 (monotipia). De *Corupa*, *C. obliquevittata* Lane, 1966 (monotipia e designacao original).

Aspecto geral linear alongado. Fronte tão larga ou mais estreita que o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores com 8-10 fileiras de omatídios, subcontíguos ou mais próximos entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores (Fig. 1) ocupam os lados da cabeça. Interligação entre lobos com 1-4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais curto que o antenômero III. Flagelômeros não espessados com pêlos pouco densos na margem interna. Protórax mais longo que largo, com lados subparalelos, sem gibosidade lateral. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades prolongadas em longo espinho. Metafêmures lineares, com o dobro do comprimento dos mesofêmures, atingem o meio ou a borda apical do urosternito II. Metatarsômero I engrossado, densamente piloso, mais longo que o dobro do comprimento de II+III. Apêndice interno das unhas com origem central, apenas mais curto que o externo. Último urotergito com projeções ou espículos laterais em algumas espécies (Figs. 9-11), arredondado em outras.

Discussão. *Hydraschema obliquevittata* foi originalmente descrita no gênero *Corupa* e com base em fêmeas. Uma vez que as fêmeas de *Corupa* e de *Hydraschema* não puderam ser separadas, Martins (1984b) considerou *Corupa* sinônimo de *Hydraschema*. Um ano mais tarde, Martins & Galileo (1985c) examinaram um macho de *Corupa obliquevittata* que apresenta um espinho manifesto nos ângulos apicais do último urotergito, até a ocasião não existente nos machos de *Hydraschema*; portanto, revalidaram *Corupa*. Constatamos agora que os machos de duas espécies de *Hydraschema* descritas a seguir, também apresentam espinho ou projeção nos ângulos látero-apicais do último urotergito, portanto, como esse caráter é variável segundo as espécies, voltamos a considerar *Corupa* sinônimo de *Hydraschema*.

Chave para as espécies de *Hydraschema*

1. Faixa centro-longitudinal de pubescência branca no pronoto inclui pequena área central glabra.....2
 - Faixa centro-longitudinal do pronoto estreita e contínua, sem área glabra central.....3
- 2(1). Tegumento elitral oliváceo; flagelômeros com pubescência preta; extremidades elitrais acuminadas com curto espículo terminal. Brasil (Rio de Janeiro, Espírito Santo).....
.....*H. villiersi* Lane, 1965
- Tegumento elitral castanho; lado interno dos flagelômeros com pubescência branca; extremidades elitrais prolongadas em espinho longo. Brasil (Minas Gerais a Santa Catarina).....
.....*H. obliquevittata* (Lane, 1966)
- 3(1). Élitros com pontuação evidente e profunda, pontos grandes. Brasil (Minas Gerais a Santa Catarina).....
.....*H. cribripennis* Lane, 1966
- Élitros com pontuação fina, pontos pequenos.....4
- 4(3). Élitros sem manchas castanho-escuras, elípticas, laterais, circundadas por estreita orla de pubescência branca ou com esta mancha situada no meio.....5
- Élitro com mancha castanho-escura, elíptica, circundada por estreita faixa de pubescência branca situada atrás do meio.....6
- 5(4). Protórax com cinco faixas longitudinais de pubescência branca: uma central e duas aos lados do pronoto e duas aos lados do protórax; centro dos urostenitos com pontos contrastantes; último urotergito sem projeções espiniformes laterais. Brasil (Rio de Janeiro a Santa Catarina).....
.....*H. veruta* Lane, 1966
- Pronoto com três faixas longitudinais de pubescência branca: uma central e duas laterais; centro dos urosternitos sem pontos contrastantes; último urotergito com com projeções espiniformes laterais.....7
- 6(4). Faixas látero-dorsais de pubescência branca do pronoto prolongadas longitudinalmente nos élitros até o nível da mancha anterior de pubescência branca compacta dorsal que é estreita e conti-

nua; região sutural atrás do escutelo com pubescência branca. Fig. 77. Brasil (Rio de Janeiro a Santa Catarina).....

.....*H. fabulosa* Thomson, 1864

Faixas látero-dorsais de pubescência branca do pronoto não prolongadas nos élitros; região sutural atrás do escutelo sem pubescência branca; mancha anterior de pubescência branca compacta alargada e interrompida. Brasil (Goiás, Rio de Janeiro), Argentina.....

.....*H. leptostyla* Lane, 1938

7(5). Faixas de pubescência branca pós-escutelares divergentes; escutelo com faixa central de pubescência branca; último urotergito, ♀, com projeções laterais espiniformes (Fig. 11); comprimento total 21,0 mm. Fig. 34 Peru

.....*H. petila*, sp. n.

Faixas de pubescência branca pós-escutelares paralelas; escutelo sem faixa branca; último urotergito, ♂, com projeções laterais largas (Fig. 9); comprimento total 15,3 mm. Fig. 35. Brasil (Pará).....

.....*H. mirim*, sp. n.

Hydraschema villiersi Lane, 1965

Hydraschema villiersi Lane, 1965b: 322; Martins & Galileo, 1985c: 490 (em chave); 492 (cat.); Monné, 1995: 57 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento acastanhado, segundo Lane (1965) oliváceo nos élitros. Pubescência de maneira geral acinzentada; pubescência branca fina e esparsa reveste: faixa longitudinal no vértice; faixa a cada lado da cabeça entre os tubérculos anteníferos e a emarginação dos olhos; faixa longitudinal no centro do pronoto, envolve pequena região central glabra; uma faixa longitudinal a cada lado do pronoto; uma faixa longitudinal a cada lado do protórax; escutelo; em cada élitro - faixa oblíqua do escutelo à declividade lateral no quarto basal; faixa oblíqua em sentido inverso, inicia-se perto do meio, atinge a sutura, e volta-se novamente para a margem. Na face ventral do corpo a pubescência branca reveste: mesepisternos; região

látero-anterior do metasterno. Escapo fina e densamente pontuado, densamente pubescente. Flagelômeros pouco intumescidos; lado interno com pêlos pretos, longos e densos. Extremidades elitrais com espinho relativamente curto. Último urotergito com borda apical truncada e ângulos laterais arredondados; último urosternito com emarginação central reduzida.

Dimensões em mm, ♀. Comprimento total, 16,4; largura umeral, 3,2.

Distribuição geográfica. Brasil (Espírito Santo, Rio de Janeiro).

Material examinado. Brasil. Espírito Santo: Alegre (Faz. Jerusalém), ♀, XI.1911, J. F. Zikán col. (MZSP).

Discussão. Muito provavelmente o exemplar citado acima foi mencionado por Melzer (1930: 206) como uma nova espécie de *Hydraschema* que absteve-se de descrever por considerá-lo mal conservado. Realmente, nesse indivíduo a pubescência não está nítida e não existe o tegumento oliváceo mencionado por Lane (1965) na descrição original.

H. villiersi distingue-se das demais espécies do gênero pela aspecto das extremidades elitrais cujos espinhos são relativamente curtos.

Hydraschema obliquevittata (Lane, 1966), comb. n.
(Fig. 10)

Corupa obliquevittata Lane, 1966: 133.; Martins & Galileo, 1985c: 490, fig. 2, 493 (cat.); Monné, 1995: 59 (cat.).

Hydraschema obliquevittata; Martins, 1984b: 328.

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a castanho-avermelhado. Pubescência corporal de maneira geral acinzentada; na face ventral e nos élitros, acastanhada. Pubescência branca mais concentrada: vértice, prolongada em linha longitudinal até o occipício; faixa nos lados da cabeça atrás da emarginação dos olhos; faixa longitudinal no centro do pronoto que envolve pequena área longitudinal central glabra; faixa larga nos lados do protórax; em cada élitro, região dorsal, do escutelo ao quarto anterior e três faixas estreitas, oblíquas em sentido

descendente da sutura para a margem, uma no terço anterior e duas na metade apical. Na face ventral, na metade superior do mesepisterno. Escapo fina e desansamente pontuado com pêlos brancos na base e no lado interno. Flagelômeros com pêlos brancos, densos, em toda a superfície. Último urotergito com um espinho longo de cada lado, nos ângulos apicais (Fig. 10). Último urosternito com a borda apical emarginada no centro.

♀. Lado interno dos flagelômeros com pêlos brancos. Último urotergito sem projeções laterais; borda apical levemente emarginada. Último urosternito com a borda apical nitidamente emarginada no centro.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 16,9/ 17,7-18,4; largura umeral, 2,9/ 3,1-2,9.

Distribuição geográfica. Brasil, de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais: Pocinhos, ♀, X.1935, J. Halik col. (MZSP). São Paulo: Itu, ♂, XI.1971, U. Martins col. (MZSP). Rio Grande do Sul: Guaíba, ♀, XII.1979, H. A. Gastal col. (MCNZ).

Discussão. Vide a discussão do gênero. *Hydraschema obliquevittata* e *H. villiersi* apresentam pequena área longitudinal glabra no centro do pronoto envolvida pela pubescência branca. Os machos de *H. villiersi* são desconhecidos o que não permite saber a forma do último urotergito. Fêmeas de *H. obliquevittata* distinguem-se das de *H. villiersi* pela presença de pubescência branca no lado interno do escapo e dos flagelômeros basais; pela distribuição da pubescência branca nos élitros e pelo espinho apical sensivelmente mais longo que o pedicelo.

Hydraschema cribripennis Lane, 1966

Hydraschema cribripenne Lane, 1966: 130; Zajciw, 1972: 69 (distr.).

Hydraschema cribripennis; Martins & Galileo, 1985c: 490 (em chave), 492 (cat.); Monné, 1995: 57 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro

ro a preto. Pubescência de maneira geral acastanhada, muito esparsa nos élitros. Pubescência branca: duas faixas longitudinais, subcontíguas, do vértice ao occipício; faixa nos lados da cabeça na emarginação dos olhos; cinco faixas longitudinais no pronoto (uma no meio do disco, uma a cada lado do pronoto e uma a cada lado do protórax; em cada élitro, área longitudinal larga entre o úmero e escutelo no terço anterior; faixa estreita ao lado da sutura que se inicia no escutelo e termina pouco antes do meio onde é mais larga e mais afastada da sutura; faixa longitudinal curva no dorso do terço apical. Na face ventral a pubescência branca reveste: região superior do mesepisterno prolongada obliquamente pelo metasterno; faixa nos metepisternos; faixa estreita e oblíqua nos lados dos urosternitos. Escapo e flagelômeros basais com pubescência castanha a preta. Élitros, principalmente na região central, com pontos grossos profundos e alinhados. Espinhos apicais longos. Último urotergito com ângulos apicais arredondados; último urosternito profundamente emarginado no meio.

♀. Último urosternito com depressão profunda perto do meio do ápice; borda apical levemente emarginada.

Dimensões em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 17,2-17,3/15,2; largura umeral, 2,9-3,0/2,7.

Distribuição geográfica. Brasil de Minas Gerais a Santa Catarina.

Material examinado. Brasil. Minas Gerais. Lavras, ♀, III.1987, R. C. Garcia col. (MZSP); ♂, XI.1987, R. C. Garcia col. (MCNZ); Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), parátipo ♂, II.1934, J. F. Zikán col., à luz, (MZSP); Seropédica (Km 47, estrada Rio-São Paulo), parátipo ♂, XII.1951, W. Zikán col. (MZSP); São Paulo: Amparo (Monte Alegre, Faz. Santa Maria, 1100 m), holótipo ♂, XI. 1942, Zoppei & D'Amico col. (MZSP).

Discussão. *H. cribripennis* caracteriza-se pela pontuação da região central dos élitros muito densa, profunda e organizada em linhas longitudinais; nas demais espécies do gênero a pontuação é densa e muito fina.

Hydraschema veruta Lane, 1966

Hydraschema verutum Lane, 1966: 129.

Hydraschema veruta; Martins & Galileo, 1985c: 490 (em chave), 492 (cat.); Monné, 1995: 57 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado. Pubescência de maneira geral branco-acinzentada. Pubescência branca compacta: vértice; faixa larga aos lados da cabeça; no protórax, cinco faixas longitudinais: uma no meio do pronoto; uma a cada lado do pronoto; uma bem mais larga a cada lado do protórax; em cada élitro, faixa em forma de "V" no quarto basal com um dos ramos encostado à sutura; faixa centro-lateral que circunda largamente pequena mancha na declividade lateral; faixa longitudinal dorsal no terço apical que toca a sutura até a base dos espinhos. Na face ventral a pubescência branca compacta reveste: metade superior dos mesepisternos continuada em faixa curva nos lados do metasterno; regiões central e basal dos metepisternos; faixa oblíqua nos lados dos urosternitos I e II; faixas oblíquas em sentido inverso nos lados dos urosternitos III e IV; triângulo no centro centro dos urosternitos I a V onde a pubescência é entremeada por pontos nitidamente contrastantes. Lado interno do escapo com pubescência branca. Pontuação da região central dos élitros, fina e densa; espinhos apicais muito alongados. Metatíbias acentuadamente curvas na base com pêlos longos, brancos, na margem posterior. Último urotergito sem projeções nos lados do ápice. Último urosternito levemente emarginado no centro.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 17,1; largura umeral, 2,3.

Distribuição geográfica. Brasil do Rio de Janeiro ao Paraná.

Material examinado. Brasil. Paraná: Londrina (ex-Caviuna), parátipo ♂, V.1947, A. Maller col. (AMNH)

Discussão. *Hydraschema veruta* assemelha-se mais a *H. mirim* mas distingue-se, pela presença de faixa longitudinal de pubescência branca nos lados do pronoto; pela presença de pubescência branca no lado interno do escapo; pela presença de pontos contrastantes e grossos no centro dos urosternitos; pelo último urotergito dos machos sem projeções apicais.

Hydraschema fabulosa Thomson, 1864
(Figs. 1, 14-18, 77)

Hydraschema fabulosa Thomson, 1864: 128; Lacordaire, 1872: 900; Bates, 1881b: 300 (cat.); Lane, 1938a: 637; 1938b: 110 (distr.); Gilmour, 1962: 136 (em chave); Martins & Galileo, 1985c: 490 (em chave), 492 (cat.), fig. 1; Monné, 1995: 57 (cat.).

Hydraschema fabulosum; Melzer, 1930: 206 (distr.); Zikán & Zikán, 1944: 42 (distr.); Zajciw, 1972: 69 (distr.); Lane, 1974a: 355, fig. 8; 361, fig. 9; Martins, 1984b: 328, fig. 2.

Redescrição. ♂. Tegumento preto. Pubescência branca compacta: faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao occipício; mancha na emarginação posterior dos olhos; cinco faixas longitudinais no protórax: uma, contínua, no meio do pronoto, duas a cada lado do pronoto que não atingem a margem anterior e duas mais largas em cada lado; em cada élitro, linha longitudinal estreita dorsal que se inicia entre o úmero e o escutelo no sexto anterior; estreita faixa longitudinal que se inicia atrás do escutelo e prolonga-se até o terço anterior onde é mais larga; faixa longitudinal paralela à sutura no quarto apical; logo atrás do meio pubescência branca mais esparsa circunda mancha subelíptica. Na face ventral a pubescência branca reveste: borda superior dos mesepisternos, faixa oblíqua no metasterno, faixa oblíqua e estreita nos lados dos urosternitos. Cabeça (Fig. 1). Escapo muito fina e densamente pontuado com pêlos pretos e eretos. Flagelômeros intumescidos com pêlos curtos muito densos e pêlos longos, densos no lado inferior. Último urotergito, nos machos, é transversalmente truncado sem projeções laterais; último urosternito profundamente emarginado no meio. Genitália com lâmina bilobada sem cerdas na borda apical (Fig. 19); fúrcula-grande bifurcada na base com mais do que o triplo do comprimento da fúrcula-pequena que não é bifurcada na base. Tégmen (Fig. 16) tão longo quanto o lobo-médio. Apófises-basais, ventralmente, com a metade do comprimento total do lobo-médio (Fig. 17). Lobos-laterais com 0,2 vezes o comprimento total do tégmen. Saco-interno (Fig. 17) com 1 par de escleritos na porção entre as apófises-basais.

♀. Último urotergito, largamente emarginado no centro sem projeções laterais; último urosternito deprimido no centro junto do ápice com a borda apical emarginada. Genitália com os hemisternitos IX reduzidos, dispostos na metade proximal da membrana intersegmentar VIII/IX, com 1 par de baculi de comprimento subigual ao dobro dos baculi do paraprocto; estilos diminutos.

Dimensões, em mm, ♂/♀, respectivamente. Comprimento total, 18,3-21,3/20,5-21,6; largura umeral, 2,5-3,0/2,9-3,1

Distribuição geográfica. Guiana Francesa, Brasil de Minas Gerais a Santa Catarina.

Material examinado. Guiana Francesa. St. Jean du Maroni, ♀, Col. Le Moul't (MNHN). Brasil. Minas Gerais: Viçosa, ♂, XI. 1956, E. Aman-te col, à luz, (MZSP); Rio de Janeiro: Itatiaia (700 m), ♀, III.1926, J. F. Zikán col. (MZSP); São Paulo: São Paulo (Cantareira), ♂, IX.1935, Worontzow col. (MZSP); (Santana), ♂, XII. 1958, J. Halik col. (MZSP); Paraná: Rio Barigui, ♀, II.1938, F. Pereira col. (MZSP); Santa Catarina: Rio Vermelho, 2 ♂, XI.1948, Dirings (MZSP); ♂, ♀, I.1950, Dirings, (MZSP); 2 ♀, II.1950, Dirings (MZSP); ♂, II.1950, Dirings (MCNZ); ♂, XI.1950, Dirings, (MZSP); ♀, I.1951, Dirings (MZSP); ♀, XII.1951, Dirings (MCNZ); ♀, II.1952, Dirings (MZSP), ♂, XI.1958, Dirings (MZSP); 2 ♀, II.1960, Dirings (MZSP); ♀, I.1961, Dirings (MZSP); ♀, III.1962, Dirings (MZSP); Timbó, ♂, XI.1954, Dirings (MZSP).

Discussão. *Hydraschema fabulosa* e *H. leptostyla* apresentam pouco atrás do meio dos élitros mancha elíptica circundada por pubescência branca e o último urotergito não apresenta modificações. As espécies distinguem-se, principalmente, pelo padrão do colorido dos élitros.

Hydraschema leptostyla Lane, 1938

Hydraschema leptostylum Lane, 1938a: 634, fig. 1. *Hydraschema leptostyla*; Martins & Galileo, 1985c: 490 (em chave), 492 (cat.); Monné, 1995: 57 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento acastanhado. Pubescência, de maneira geral, acastanhada;

esbranquiçada nos pro- e mesofêmures. Pubescência branca compacta: duas faixa subcontíguas, longitudinais do vértice ao occipício; duas nos lados da cabeça atrás da emarginação ocular; protórax com cinco faixas longitudinais (uma centro-longitudinal estreita, uma a cada lado no pronoto da metade posterior até o meio, uma a cada lado do protórax); nos élitros, uma mancha interrompida no dorso do terço anterior, uma faixa longitudinal, dorsal, no quarto apical; metade lateral dos élitros com pubescência mais esbranquiçada envolve ao nível do terço posterior mancha castanha, elíptica. Pubescência branca na face ventral reveste: estreita faixa longitudinal no centro dos urosternitos; pequena faixa na base dos lados do urosternito I; pequena mancha na base lateral do urosternito II; duas manchas em posição oblíqua no urosternito III; faixa oblíqua nos urosternitos IV e V. Escapo e flagelômeros basais com pêlos densos, acastanhados no lado interno. Espinho do ápice dos élitros muito projetado. Último urotergito sem projeções nos ângulos laterais, borda profundamente emarginada; último urosternito largamente emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 20,1-22,5; largura umeral, 3,6-4,0.

Distribuição geográfica. Brasil (Goiás, Rio de Janeiro).

Material examinado. Brasil. Goiás: Leopoldo Bulhões, holótipo ♂, XII.1935, R. Spitz col. (MZSP); Rio de Janeiro: Angra dos Reis, ♂, III.1934, L. Travassos Filho col. (MZSP).

Discussão. Vide *H. fabulosa*.

Hydraschema petila, sp. n.

(Figs. 11, 34)

Descrição. ♀. Tegumento castanho-escuro; antenas pretas. Pubescência branca densa: estreita faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao occipício que se alarga no pronoto e atinge a borda posterior; faixa lateral que se inicia na emarginação ocular, percorre o lado do protórax, a margem superior do mesepisterno e o lado do metasterno até o meio; nos élitros, faixa basal que se inicia no escutelo em forma de "V" com o ramo interno mais curto que o externo; faixa estreita no quarto basal

que se inicia entre o úmero e o escutelo; faixa à frente do meio que circunda a mancha elíptica; faixa longitudinal junto da sutura do meio ao ápice, faixa longitudinal, dorsal, no quarto apical; faixa estreita longitudinal no lado do primeiro urosternito; duas pequenas manchas nos lados do urosternito II; faixas nos lados dos urosternitos III a V; região central dos urosternitos I-IV com áreas triangulares centrais de pubescência branca, pouco evidente, entremeada por pubescência acastanhada. Fronte fina e densamente pontuada; largura subigual ao diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores muito próximos, distância entre eles aproximadamente igual a três fileiras de omatídeos. Antenas tão longas quanto o corpo com pêlos pretos moderadamente densos no lado inferior dos artículos e aproximadamente tão longos quanto a largura dos artículos; escapo com aproximadamente 1,5 vezes o comprimento do antenômero III; antenômero XI fortemente acuminado no ápice. Protórax cilíndrico, tão largo anteriormente quanto na base; comprimento aproximadamente igual a 1,2 vezes a largura. Pontuação pronotal uniforme, fina e densa. Élitros fina e densamente pontuados; espinho apical tão longo quanto o antenômero XI. Metafêmures cilíndricos, finos, atingem aproximadamente a extremidade posterior do segundo urosternito. Metatíbias curvas com pêlos pretos abundantes principalmente no terço apical. Metatarsômero I com aproximadamente 2,3 vezes o comprimento de II e III em conjunto, com pêlos pretos muito densos. Face ventral finamente pontuada. Cada lado do último urotergito com projeção espiniforme (Fig. 11); último urosternito intumescido no centro e emarginado na borda apical.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 21,0. Protórax: comprimento, 2,6; maior largura, 2,2. Comprimento do élitro, 16,0; largura umeral, 3,0.

Material-tipo. Peru. Loreto: Pucallpa, holótipo ♀, XI.1970, J. Schunke col. (MNRJ, ex-col. Frago).

Discussão. O aspecto geral semelhante ao de *H. fabulosa*, mas *H. petila* difere pelo número de faixas brancas do protórax; pelos desenhos brancos da base dos élitros, pela localização da mancha circundada por pubescência branca à frente do meio; as faixas brancas dos urosternitos III a V são oblíquas em sentido inverso.

Hydraschema mirim, sp.n.

(Fig. 9, 35)

♂. Tegumento castanho-avermelhado escuro; antenas castanhas. Pubescência branca, densa: estreita faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao occipício prolongando-se mais alargada pelo pronoto até a borda posterior; faixa lateral da emarginação dos olhos, lados do protórax, mesepisternos, região anterior dos metepisternos, obliquamente nos lados do metasterno até o meio. Em cada élitro, pubescência branca mais esparsa constitui uma faixa longitudinal paralela e justaposta à sutura atrás do escutelo no quinto anterior; faixas longitudinais curtas: uma que se inicia perto do úmero até o nível da faixa sutural, uma ao lado da extremidade posterior da faixa sutural e uma no dorso do quinto apical; ao nível do meio, faixa mais larga, oblíqua, descendente da margem para a sutura onde se volta descendente em sentido contrário para a margem que envolve mancha elíptica acastanhada; lados da sutura com faixa branca estreita que vai da faixa central até o início da faixa dorsal posterior. Pubescência branca nos urosternitos: triângulo central, do I ao IV; faixa lateral oblíqua nos lados do I; mancha lateral no II; faixas oblíquas no III e IV em sentido inverso daquela do I. Cabeça, protórax e pernas como em *H. petila*. Antenas mais longas que o corpo, atingem o ápice elitral aproximadamente na extremidade do antenômero IX. Espinho apical dos élitros tão longo quanto o antenômero III. Último urotergito com projeções laterais largas, arredondadas no ápice com longos pêlos pretos (Fig. 9).

Dimensões, em mm, holótipo ♂. Comprimento total, 15,2. Protórax: comprimento, 1,9; maior largura, 1,6. Élitro: comprimento, 11,7; largura umeral, 2,0.

Material-tipo. Brasil. Pará: Serra Norte (Fofóca), holótipo ♂, 8.VI.1983, T. Pimentel col. (MEPG).

Discussão. Distingue-se de *H. petila* pelas menores dimensões; pela faixa de pubescência post-escutelar paralela à sutura; pela faixa de pubescência mais larga oblíqua da região central dos élitros que atinge a sutura. Em *H. petila* as dimensões são maiores; a faixa de pubescência post-escutelar é diver-

gente posteriormente e a faixa de pubescência mais larga oblíqua dos élitros não atinge a sutura.

O padrão de colorido dos élitros é algo semelhante ao de *H. veruta* mas nessa espécie o protórax apresenta cinco faixas brancas; o centro dos urosternitos apresenta pontuação contrastante e o último urotergito não é projetado nos ângulos apicais.

Aerenicopsis Bates, 1885

Aerenicopsis Bates, 1885: 427; Gilmour, 1962: 126 (em chave), 141 (chave para espécies); Martins & Carvalho, 1983: 161; Martins, 1984b: 328; Monné, 1995: 58 (cat.).

Falsohippopsis Breuning, 1940: 83; Martins, 1984b: 328 (sin.).

Falsohippopsoides Breuning, 1974: 158; Martins & Carvalho, 1983: 161 (sin.).

Hydraschemopsis Lane, 1966: 134. *Syn. n.*

Espécie-tipo. De *Aerenicopsis*, *A. championi* Bates, 1885 (monotipia). De *Falsohippopsis*, *F. megacephala* Breuning, 1940 (monotipia). De *Falsohippopsoides*, *F. argentiensis* Breuning, 1974 (designação original), sinônima de *Aerenicopsis hubrichi* Bruch, 1925. De *Hydraschemopsis*, *H. pugnatrix* Lane, 1966 (monotipia e designação original).

Aspecto geral linear, muito alongado. Fronte tão larga ou mais estreita que o diâmetro do escapo. Tubérculos anteníferos próximos, separados por sulco profundo. Lobos oculares superiores com 6-10 fileiras de omatídios, subcontíguos ou separados entre si por duas fileiras de omatídios. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares superiores e inferiores com 1, 2 fileiras de omatídios ou inteiramente interrompida, isto é, olhos divididos. Antenas tão longas ou pouco mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros espessados ou não, com pêlos internos de densidade variável. Protórax mais longo que largo; lados paralelos, sem gibosidades. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades uniespinhosas. Metafêmures tão longos quanto os mesofêmures; extremidade atinge a borda apical do urosternito I ou a base do II. Metatarsômero I mais longo que o comprimento do II + III. Apêndice interno das

unhas apenas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito largamente emarginado, subtruncado ou arredondado.

Chave para as espécies de *Aerenicopsis*

1. Lados do pronoto com faixa longitudinal de pubescência clara entre a faixa centro-dorsal e as do lado do protórax, em toda a extensão ou restrita à metade posterior2
Lados do pronoto sem essa faixa (protórax com três faixas longitudinais: uma centro-dorsal e uma a cada lado do protórax).....4
- 2(1). Olhos não divididos com pelo menos três fileiras de omatídios entre os lobos. Guiana Francesa, Brasil (Pará).....
.....*A. pugnatrix* (Lane, 1966)
Olhos praticamente divididos, no máximo com uma fileira de omatídios entre os lobos.....3
- 3(2). Lados do metasterno com faixa de pubescência branca iniciada nos lados da base e bifurcada no meio; élitros com faixas de pubescência branca. Brasil (Santa Catarina).....
.....*A. malleri* Lane, 1966
Metasterno com pubescência amarelada densa em toda a superfície menos em área acastanhada centro-anterior; élitros com faixas de pubescência amarelada. Brasil (Minas Gerais, São Paulo), Paraguai.....
.....*A. sublesta* Lane, 1966
- 4(1). Olhos não divididos com duas a três fileiras de omatídios entre os lobos; (espinho elitral relativamente curto).....5
Olhos divididos ou com apenas uma fileira de omatídios entre os lobos; (espinho elitral geralmente muito longo).....7
- 5(4). “Métasternum, abdomen et partie mediane... couverts de pubescence jaunâtre.” (Breuning, 1962: 22). Brasil (Santa Catarina).....

-*A. megacephala* (Breuning, 1940)
Lados dos urosternitos I e II com largas áreas glabras, brilhantes.....6
- 6(5). Antenas pretas. Brasil (Espírito Santo à Santa Catarina).....
.....*A. virgata* (Pascoe, 1878)
Escapo castanho-avermelhado; pedicelo e flagelômeros com tegumento vermelho-alaranjado. Bolívia.....
.....*A. rufoantennata* (Breuning, 1974)
- 7(4). Com pubescência densa, esbranquiçada, nos lados do pronoto entre a faixa centro-dorsal e as faixas do lado do protórax; aspecto geral mais robusto.....8
Lados do pronoto com pubescência esparsa ou praticamente ausente; aspecto geral linear, muito alongado.....9
- 8(7). Olhos divididos; urosternitos com faixas oblíquas de pubescência branca; espinho elitral mais longo. Argentina (Jujuy a Catamarca).....
.....*A. hubrichi* Bruch, 1925
Uma fileira de omatídios entre os lobos oculares; urosternitos I e II com pubescência esbranquiçada uniforme; espinho elitral mais curto. Fig. 37. México (Veracruz)
.....*A. mendosa*, sp. n.
- 9(7). Faixas de pubescência amarelo-esbranquiçada dos élitros bem compactas obliteram a pontuação; urosternitos com pubescência amarelada e faixa centro-longitudinal mais evidente. Fig. 75. Costa Rica, Panamá
.....*A. championi* Bates, 1885
Pubescência elitral mais clara organizada em faixas estreitas ou em áreas que não obliteram a pontuação.....10
- 10(9). Tegumento preto; pubescência elitral branca organizada em faixas estreitas; pubescência branca nos urosternitos: faixa centro-longitudinal estreita em I a V, área nos lados de III a V. Brasil (Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina), Argentina (Misiones
-*A. perforata* Lane, 1939
Tegumento avermelhado; pubescência elitral amarelo-esbranquiçada ocupa grande parte da superfície do dorso da metade anterior e em faixa que se inicia nos ombros e prolonga-se até a extremidade, alargada no meio da declividade lateral e no terço apical junto da sutura; urosternito com pubescência amarelada, uniforme e densa. Brasil (Minas Gerais).....
.....*A. singularis*, sp. n.
- Aerenicopsis pugnatrix* (Lane, 1966), comb. n.**
- Hydraschemopsis pugnatrix* Lane, 1966: 135; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 59 (cat.).
- Examinada através do diapositivo do parátipo macho fotografado por G. Tavakilian no BMNH.
- Redescrição. ♂. Tegumento castanho. Pubescência branca: faixa longitudinal entre os tubérculos anteníferos até o occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa larga da emarginação posterior dos olhos até a borda anterior do protórax; protórax com cinco faixas longitudinais (uma centro-dorsal, uma a cada lado do pronoto da base ao meio e uma a cada lado do protórax); em cada élitro, faixa longitudinal que se inicia entre o úmero e o escutelo e termina no quinto anterior; faixa sutural que se inicia no escutelo e atinge o terço anterior mais larga na metade distal; faixa oblíqua em sentido descendente que não toca a sutura e alarga-se para a margem aproximadamente no meio e faixa longitudinal dorsal do terço apical ao espinho. Olhos não divididos, ligação entre os lobos com pelo menos três fileiras de omatídios. Na face ventral, segundo Lane (1966), a pubescência branca reveste: mesepimeros, margem anterior e parte inferior dos metepisternos até quase o meio, borda látero-anterior do metasterno; branco tênue nos processos pro- e mesosternal, ápice anterior do metasterno; faixas de pubescência branca no meio e nos lados dos urosternitos I a V, mais alargadas nos dois últimos.
- Dimensões em mm, ♂. Comprimento total, 14,5 a 16,25; largura umeral 2,0 a 2,25.

Distribuição geográfica. Guiana Francêsa, Brasil (Pará).

Discussão. Dentre as espécies com cinco faixas longitudinais de pubescência branca no protórax, *A. pugnatrix* distingue-se por apresentar os olhos não divididos com, pelo menos, três fileiras de omatídios entre os lobos superior e inferior.

***Aerenicopsis championi* Bates, 1885**
(Fig. 75)

Aerenicopsis championi Bates, 1885: 428, fig. 15; Lane, 1974a: 366; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 58 (cat.).

Falshippopsoides costaricensis Breuning, 1974: 158. *Syn. n.*

Aerenicopsis costaricensis; Martins & Carvalho, 1983: 161; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.).

Descrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro nas antenas. Pubescência de maneira geral amarelo-esbranquiçada, concentrada numa faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao vértice, na emarginação anterior dos olhos, em faixa larga da emarginação posterior à borda do protórax; três faixas largas no prótorax (uma centro-longitudinal e duas laterais). Em cada élitro a pubescência amarelada densa delimita três áreas acastanhadas: uma longitudinal, dorsal, no quinto anterior, uma que se inicia nos úmeros e invade a parte dorsal ao nível do terço anterior sem tocar a sutura, uma alongada na declividade lateral que se inicia perto do meio e termina no quinto apical. Face ventral com pubescência amarelada, uniforme, mais densa nos mesepisternos, metepisternos e lados do metasterno; nos urosternitos, praticamente uniforme. Olhos praticamente divididos, separados por apenas uma fileira de omatídios. Antenas esbeltas, apenas mais longas que o corpo. Extremidades elitrais projetadas em espinho longo. Metafêmures atingem a margem posterior do urosternito I.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 12,7; largura umeral, 1,9.

Distribuição geográfica. Costa Rica e Panamá. Gilmour (1962) assinalou esta espécie para

o México; como discutido a seguir, sua identificação deve ter sido equivocada e portanto esta ocorrência deve ser comprovada.

Material examinado. Costa Rica. Cartago: Turrialba (600 m), ♂, IV.1973, V. O. Becker col. (DZUP).

Discussão. É muito provável que Gilmour (1962: 141, fig. 8) tenha interpretado erroneamente esta espécie, registrando-a para o Panamá e o México. A figura de Gilmour, como já anotara Lane (1974a: 366), corresponde, provavelmente, à espécie que a seguir descrevemos como *Aerenicopsis mendosa* proveniente do México (Veracruz).

O exemplar que atribuímos a *A. championi* coincide perfeitamente com a descrição original e com a figura de Bates (1885) e pertence a espécie diferente daquela figurada por Gilmour (1962: 147, fig. 8), cujo padrão de colorido é diverso, o aspecto geral é mais robusto e os élitros mostram pontos contrastantes nas áreas recobertas por pubescência densa.

***Aerenicopsis sublesta* Lane, 1966**

Aerenicopsis sublesta Lane, 1966: 136; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 58 (cat.).

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-avermelhado, pouco mais escuro nas antenas. Pubescência amarelo-esbranquiçada, densa, reveste: faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao occipício, emarginação anterior dos olhos, faixa nos lados da cabeça da emarginação posterior dos olhos à borda anterior do protórax; seis faixas longitudinais no protórax (uma longitudinal no meio do disco pronotal, uma a cada lado do pronoto de pubescência mais esparsa, uma larga a cada lado do protórax, uma no meio do prosterno que envolve o processo prosternal). Pubescência elitral amarelo-esbranquiçada delimita as seguintes áreas acastanhadas com pubescência castanha ou glabras: faixa curta longitudinal nos lados do escutelo; faixa estreita, externa a essa, da base ao meio; úmeros; faixa longitudinal estreita paralela ao friso marginal no terço anterior; faixa larga que se inicia no dorso, atrás do meio, e percorre a declividade lateral quase até o ápice. Na face ventral, a pubescência

recobre: mesepimeros, mesepisternos, quase todo o mestasterno, exceto duas áreas centro-basais separadas por faixa longitudinal estreita; faixas oblíquas nos lados dos urosternitos e longitudinal no centro dos urosternitos. Lobos oculares ligados por uma fileira de omatídios. Flagelômeros basais levemente intumescidos. Extremidades elitrais prolongadas em espinho longo. Ápice dos metafêmures atingem a borda apical do urosternito I; urosternito V deprimido no centro e largamente emarginado no ápice.

Dimensões, em mm. Comprimento total, 11,2-12,5; largura umeral, 1,7-1,9.

Distribuição geográfica. Brasil, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Material examinado. Brasil, Minas Gerais: Lavras, parátipo ♂, (MZSP); ♀, IX.1987, R. C. Garcia col. (MZSP); Santa Bárbara (Serra do Caraça), ♂, XI.1960, Araujo & Martins col. (MZSP); São Paulo: Amparo, holótipo ♀, (MZSP).

Discussão. *Aerenicopsis sublesta* assemelha-se a *A. championi*, mas difere: presença de faixa longitudinal de pubescência branca nos lados do pronoto e no centro do prosterno; presença de duas áreas castanho-escuras na base do metasterno; presença de faixas acastanhadas e amareladas nos urosternitos e padrão do colorido dos élitros especialmente na faixa castanha da metade posterior que ocupa largamente a declividade lateral.

***Aerenicopsis malleri* Lane, 1966**

Aerenicopsis malleri Lane, 1966: 137; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 58 (cat.).

Não examinada, originalmente descrita com base em única fêmea proveniente de Corupá, Santa Catarina e depositado no coleção Campos Seabra hoje no MNRJ.

Redescrição. ♀. Tegumento castanho-escuro. Pubescência branca: cabeça, faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos até o occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa larga, lateral, da emarginação posterior dos olhos à borda

posterior do protórax, continuada pela parte superior do metepisterno, mesepimero e borda superior do metasterno em pequena distância e separada da borda formando posteriormente uma forquilha indistinta; no pronoto, uma faixa tênue de cada lado e uma faixa central; cada élitro com, faixa longitudinal junto da sutura do escutelo ao terço anterior, faixa oblíqua que se inicia entre o escutelo e o úmero e funde-se com a sutural, fina faixa lateral paralela à epipleura até o terço anterior onde é mais larga e se volta para o dorso, não alcançando a sutura, terço apical com duas faixas (uma junto à sutura, outra junto à margem, ambas fundidas no ápice); faixa central nos urosternitos I a V.

Dimensões, em mm, (do holótipo, segundo Lane, 1966). Comprimento total, 17,3; largura umeral 2,8.

Distribuição geográfica. Brasil, Santa Catarina.

Discussão. Pela presença de faixas longitudinais no lado do pronoto *A. malleri* assemelha-se a *A. sublesta*. Difere pela pubescência do mestaterno e padrão de colorido dos élitros.

***Aerenicopsis megacephala* (Breuning, 1940)**

Falsohippopsis megacephala Breuning, 1940: 83; 1962: 22.

Aerenicopsis megacephala; Martins, 1984b: 328; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.); Monné, 1995: 58 (cat.).

Não examinada. A redescrição baseia-se em Breuning (1962).

Tegumento avermelhado revestido por pubescência castanho-avermelhada. Vértice e pronoto com faixa longitudinal mediana de pubescência amarela; de cada lado, uma faixa longitudinal amarela que se inicia na borda posterior do olhos e atravessa a parte lateral do protórax. Em cada élitro, três faixas longitudinais amarelas pouco conspícuas: uma sutural e uma lateral na metade anterior e uma discal pouco distinta na metade anterior, mas muito larga e muito nítida na metade posterior cobrindo toda a parte apical dos élitros. Metasterno, abdômen e parte mediana do prosterno

e do mesosterno cobertos por pubescência amarela.

Dimensões, em mm, Comprimento total, 11,0; largura umeral, 1,0.

Distribuição geográfica. Brasil (Santa Catarina).

Discussão. Holótipo sem designação de sexo, depositado no NMNH, ex-Col. Tippmann.

***Aerenicopsis virgata* (Pascoe, 1878)**

Hydraschema virgata Pascoe, 1878: 377; Bates, 1881b: 300 (cat.); Melzer, 1930: 205 (distr.); Gilmour, 1962: 136 (em chave); Zajciw, 1974: 81 (distr.).

Aerenicopsis virgata; Lane, 1974a: 368, figs. 16, 17; Martins, 1984b: 329; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a preto. Pubescência branca ou branco-amarelada reveste: faixa longitudinal entre os tubérculos anteníferos ao occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa lateral larga da emarginação posterior dos olhos à borda anterior do protórax; no protórax, três faixas longitudinais (uma centro-dorsal e uma a cada lado); em cada élitro, faixa longitudinal junto da sutura da base à extremidade; estreita faixa dorsal paralela à sutural até pouco depois do terço apical onde se fundem; faixa lateral junto ao friso marginal do úmero até ao terço apical onde se alarga na declividade lateral e se funde com a faixa dorsal. Na face ventral, a pubescência branco-amarelada recobre: metade superior dos mesepisternos, mesepimeros, mais densa nos lados do metasterno, nos lados dos urosternitos IV e V. Lados do urosternito I com larga área glabra, mais estreita no II e apenas indicada no III. Olhos não divididos, lobos superiores ligados aos inferiores por três fileiras de omatídeos. Antenas com tegumento preto gradualmente preto-avermelhado para as extremidades.

♀. Último urosternito acentuadamente intumescido; região central largamente glabra e brilhante; curta depressão longitudinal próxima à borda apical que é ligeiramente emarginada no centro.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 10,9-13,2/13,5-14,2; largura umeral, 1,6-1,9/1,9-2,2

Distribuição geográfica. Brasil do Espírito Santo à Santa Catarina.

Zajciw (1974: 82) registrou a espécie para o Rio de Janeiro, Itatiaia (700 m).

Material examinado. Brasil. Espírito Santo: Guandú, ♀, XII.1920, F. Hoffmann col. (MZSP); São Paulo: Amparo, ♂, ♀ (MZSP); ♀, 1931, P. Reck col. (MZSP); Barueri, 2 ♂, XII.1965, K. Lenko col. (MZSP); Botucatu, ♀, III.1974, A. Scivittaro col. (MZSP); Itu (Fazenda Pau d'Alho), 2 ♂, X.1965, Martins & Biasi col. (MZSP); Santa Catarina: Corupá, ♂, XII.1933, A. Maller col. (MZSP).

***Aerenicopsis rufoantennata* (Breuning, 1974)**

Falsohippopsis rufoantennata Breuning, 1974: 158. *Aerenicopsis rufoantennata*; Martins, 1984b: 329; Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.).

Redescrição. ♂. Semelhante a *A. virgata* com a mesma distribuição da pubescência branco-amarelada, entretanto, pedicelo, flagelo e tarsos com tegumento vermelho-alaranjado; extremidades dos élitros com tegumento oliváceo; faixas de pubescência amarelada nos élitros, mais largas e as áreas escuras com pubescência mais densa; pubescência amarelada ocupa densamente os lados e o meio dos urosternitos e as áreas glabras laterais são menores.

Dimensões, em mm, ♂. Comprimento total, 12,6; largura umeral, 1,9.

Distribuição geográfica. Bolívia.

Material examinado. Bolívia. Província del Sara (450 m), ♂, J. Steinbach col. (MZSP, comparado com o holótipo por Martins em 1984).

***Aerenicopsis hubrichi* Bruch, 1925**

Aerenicopsis hubrichi Bruch, 1925: 210, fig. 12; Prosen, 1947: 333 (distr.); Lane, 1974a: 367, figs. 14, 15; Martins, 1984b: 329, fig. 3. *Falsohippopsoides argentiensis* Breuning, 1974: 158; Martins & Carvalho, 1983: 161 (sin.)

Redescrição. ♂. Aspecto geral mais robusto. Tegumento castanho-escuro a preto; pubescência branca, densa: faixa longitudinal es-

treita dos tubérculos anteníferos ao occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa larga da emarginação posterior dos olhos a borda anterior do protórax; protórax com três faixas longitudinais (uma cento-dorsal e uma de cada lado); região entre essas faixas com pubescência branca e acastanhada densas. Nos élitros, a pubescência branca recobre: faixa em "V" no terço anterior, o ramo interno soldado à sutura e o externo em direção aos úmeros; faixa lateral junto à margem até o terço anterior onde se volta obliquamente para a sutura, corre paralela a ela até o quarto apical onde forma mancha dorsal alongada desenvolvida; terço apical exceto junto da sutura e em mancha longitudinal lateral; região entre a faixa basal e a central-obliqua e entre esta e o terço apical muito esparsamente pubescente e densamente pontuada. Na face ventral a pubescência reveste a metade superior dos mesepisternos, mesepimeros, faixa mais densa, curva, nos lados do metasterno; em cada urosternito, linha mediana e faixa oblíqua em direção aos lados; lados do urosternito I muito esparsamente pubescente. Olhos divididos, a pubescência das duas emarginações em contato. Espinho no ápice dos élitros alongado.

♀. Élitros com o terço basal densamente pubescente de branco; área escura anterior mais reduzida; terço apical praticamente revestido pela pubescência branca. Último urosternito intumescido; borda apical apenas emarginada no meio.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 12,1-15,1/ 15,1; largura umeral, 2,1-2,5/2,5.

Distribuição geográfica. Noroeste da Argentina.

Prosen (1947) citou a espécie para Argentina, Santiago del Estero: Campo Gallo e Sumampa.

Material examinado. Argentina. Jujuy: Jujuy, ♂, XI.1948, (MZSP); Tucumán: ♂, XI.1950, (MZSP); Santa Fé: cótipo ♀, C. Bruch col. (MZSP).

Discussão. Embora não conste do rótulo do cótipo examinado, Bruch (1925: 211) mencionou "Chaco de Santa Fé (La Gallareta), Aula leg. "; os outros dois cótipos, não examinados, são procedentes de La Granja, próximo de Alta Gracia, Córdoba coletados à luz por Hubrich e Bruch.

A. hubrichi tem aspecto geral mais robusto que as espécies precedentes e os lados do pronoto,

entre a faixa dorsal e as laterais são densamente pubescentes. Além disso, os olhos são claramente divididos.

***Aerenicopsis mendosa*, sp. n.**

(Fig. 12, 37)

Aerenicopsis championi; Duffy, 1960: 279, fig. 176 (larva) non Bates, 1885.

Descrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado, mais escuro nas antenas. Pubescência esbranquiçada relativamente densa. Pubescência branca compacta: faixa longitudinal dos tubérculos anteníferos ao occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa larga da emarginação posterior dos olhos até a borda anterior do protórax; três faixas longitudinais no protórax (uma central, uma a cada lado do protórax); região entre as faixas do protórax revestida por pubescência relativamente densa. Nos élitros, pubescência esbranquiçada quase uniformemente distribuída exceto em duas áreas oblíquas: uma antes do meio menos distinta e uma depois do meio mais evidente, ambas não alcançam a sutura. Na face ventral, a pubescência branca recobre: metade superior dos mesepisternos, mesepimeros, área anterior dos metepisternos, faixa curva nos lados dos metasterno, pequena área na base lateral do urosternito I e nos lados dos urosternitos IV e V; pubescência dos lados dos urosternitos I e II praticamente uniforme. Lobos oculares superiores separados dos inferiores por uma fileira de omatídeos. Espinho do ápice dos élitros evidente, mas não muito alongado. Último urosternito com emarginação no meio da borda apical.

♀. Último urosternito intumescido com a borda apical subtruncada.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 14,0-14,8/16,5-16,8; largura umeral, 2,4-2,5/2,8-2,9.

Distribuição geográfica. México, Veracruz.

Material-tipo. México. Veracruz: Veracruz (Boca del Rio), holótipo ♀, parátipo ♂, 2.V.1955, N. L. H. Kraus col., "in burrow in stem of *L. camara*", (NMNH); Mocambo, parátipo ♂, parátipo ♀, 10.VI.1958, "barrenador de las ramas del ozozus" (MZSP).

Discussão. O material que fundamentou a descrição da larva por Duffy (1960) tem os mesmos dados do material que mencionamos na série típica. Portanto, estamos certos que essa larva (Fig. 12) corresponde a *A. mendosa* e não a *A. championi*.

É provável que o exemplar figurado por Gilmour (1962: 147), não examinado, pertença a esta espécie; nesse exemplar, indicado como proveniente do México, as áreas castanhas dos élitros são mais evidentes e entre a pubescência branca densa observam-se pontos contrastantes.

A. mendosa pelo aspecto geral mais robusto e pela pubescência esbranquiçada, relativamente densa, nos lados do pronoto entre a faixa centro-dorsal e as laterais, assemelha-se mais a *A. hubrichi* ocorrente no noroeste da Argentina. *A. mendosa* distingue-se de *A. hubrichi* pelos lobos oculares interligados entre si por única fileira de omatídeos; pela pubescência branca dos urosternitos menos manísta; pelo espinho dos ápices elitrais mais curto.

***Aerericopsis perforata* Lane, 1939**

Aerericopsis perforata Lane, 1939: 78; 1974: 382; Gilmour, 1962: 141 (em chave); Martins & Galileo, 1985c: 493 (cat.).

Redescrição. ♂. Tegumento preto a castanho-avermelhado. Pubescência corporal relativamente esparsa. Pubescência branca densa: faixa dos túberculos anteníferos até o occipício; emarginação anterior dos olhos; faixa larga da emarginação posterior dos olhos até a margem anterior do prótorax; três faixas longitudinais no prótorax (uma central que envolve área longitudinal glabra e uma a cada lado do prótorax). Nos élitros, faixa de pubescência branca em "V" no terço basal com o ramo interno junto à sutura e o externo entre os úmero e o escutelo; faixa dos úmeros até o terço anterior dos élitros onde se dirige obliquamente para a sutura estendendo-se até o quinto apical onde se volta novamente para o lado da margem em pequena extensão até uma faixa dorsal prolongada até a extremidade. Na face ventral, pubescência branca recobre a parte superior dos mesepisternos, mesepimeros, parte anterior dos metepisternos, estreita faixa nos lados do metasterno e indistintamente nos lados do urosternito. Olhos divididos. Élitros densa e profundamente pontuados. Último urosternito levemente

emarginado no meio da borda apical.

♀. Último urosternito acentuadamente intumescido, levemente deprimido no meio junto à borda apical que é apenas emarginada.

Dimensões, em mm, ♂/♀ respectivamente. Comprimento total, 11,7-12,7/11,7-13,2; largura umeral, 1,8-1,9/1,7-2,0.

Distribuição geográfica. Brasil, Mato Grosso do Sul e da Paraíba a Santa Catarina. Argentina (Misiones).

Material examinado. Brasil. Mato Grosso do Sul: Salobra, holótipo ♂, X.1938, F. Lane col. (MZSP); Minas Gerais: Mar de Espanha, ♂, XI.1909, J. F. Zikán col. (MZSP); Rio de Janeiro: Itaiaia, (700 m), ♀, I-II.1929, J. F. Zikán col., à luz, (MZSP); São Paulo: Porto Tibiriçá, (Rio Paraná), ♀, IX.1938, Nick col. (MZSP); Santa Catarina: Corupá, ♂, XI.1950, (NMNH). Argentina. Misiones: Iguazú, ♂, X.1955, Foerster col. (MZSP).

***Aerericopsis singularis*, sp. n.**

Descrição. ♂. Tegumento avermelhado, pouco mais escuro na cabeça, nas antenas e no protórax. Pubescência esbranquiçada: faixa longitudinal dos túberculos anteníferos até o occipício; na emarginação anterior dos olhos; faixa da emarginação posterior dos olhos à borda anterior do protórax; três faixas longitudinais no protórax (uma longitudinal no meio do disco e uma larga a cada lado do protórax). Pubescência elitral branco-amarelada não recobre as seguintes regiões castanho-avermelhadas: área longitudinal, dorsal, no quinto basal; área longitudinal que se inicia nos úmeros, passa para a região dorsal ao nível do terço anterior e atinge o terço apical junto da sutura; faixa longitudinal na declividade lateral iniciada ao nível do terço apical e prolongada quase até o ápice. Na face ventral a pubescência branco-amarelada reveste: mesepisternos, mesepimeros, e o restante de toda a superfície exceto área castanha centro-anterior no metasterno. Flagelômeros basais algo intumescidos. Olhos com uma fileira de omatídeos entre o lobo ocular inferior e superior. Élitros densamente pontuados; os pontos organizados em fileiras; extremidades com espinho longo. Metafêmures atingem a borda apical do urosternito I.

Dimensões, em mm, holótipo ♂. Comprimento total, 13,0; largura umeral, 1,9.

Material-tipo. Brasil. Minas Gerais: holótipo ♂, 1914, R. Fischer col. (MZSP).

Discussão. *A. singularis* distingue-se de *A. perforata* pela distribuição da pubescência clara dos élitros e pela distribuição da pubescência densa na face ventral do corpo que não recobre o prosterno, o mesosterno e a região centro-anterior do metasterno.

Aereniphaula Galileo & Martins, 1990

Aereniphaula Galileo & Martins, 1990: 584.

Espécie-tipo, *Aereniphaula machadorum* Galileo & Martins, 1990 (monotipia e designação original).

Aspecto geral linear muito alongado. Fronte mais estreita que o diâmetro do escapo. Tubérculos anteníferos moderadamente distantes separados por depressão profunda. Lobos oculares superiores com oito fileiras de omatídios, separados entre si por distância menor que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Interligação entre os lobos com 6-7 fileiras de omatídios. Antenas mais longas do que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros não espessados com pêlos internos esparsos. Protórax mais longo do que largo, lados subparalelos, sem gibosidades. Élitros com alguns pontos contrastantes; extremidades uniespinhosas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures, atingem a base do urosternito II. Metatarsômero I com o dobro do comprimento de II+III. Apêndice interno das unhas mais curto que o interno. Margem apical do último urotergito emarginada.

Aereniphaula machadorum Galileo & Martins, 1990
(Fig. 76)

Aereniphaula machadorum Galileo & Martins, 1990: 584, fig. 2.

Redescrição. ♂. Tegumento avermelhado, mais escuro no escapo e na metade ou nos dois

terços apicais dos antenômeros. Pubescência acinzentada, ligeiramente mais amarelada nos élitros, mais concentrada nos lados do protórax, na borda posterior dos mesepisternos e nos lados do metasterno e obliquamente nos lados dos urosternitos. Lado interno dos antenômeros com cerdas pretas curtas e esparsas. Pontos contrastantes, pequenos, nos élitros, nos fêmures e nos urosternitos. Regiões central e látero-posterior do metasterno glabras. Lobos oculares separados entre si por três fileiras de omatídios. Último urosternito levemente emarginado na borda apical.

Dimensões em mm, ♂/♀, respectivamente. Comprimento total, 13,5/15,0; largura umeral, 2,2/2,7.

Distribuição geográfica. Brasil: Piauí, Minas Gerais.

Material examinado. Brasil. Piauí: Canto do Buriti, ♂, XI.1991, Amarante, Brandão, Canello & Fontes col. (MZSP). Minas Gerais: Santa Bárbara (Peti, Companhia Energética de Minas Gerais - CEMIG), holótipo ♂, parátipo ♂, XI.1987, A.B.Machado, P.A.Machado & A.C.Faria col. (MZSP); parátipo ♂, mesmos dados (UFMG).

Pseudomecas Aurivillius, 1920

Pseudomecas Aurivillius, 1920: 400; Gilmour, 1962: 126 (em chave), 137 (chave para espécies); Viana, 1972: 403 (cat.); Lane, 1974a: 360; Martins & Galileo, 1985b: 464 (em chave), 466 (chave para espécies).

Espécie-tipo, *Pseudomecas femoralis* Aurivillius, 1920 (monotipia).

Aspecto geral linear, alongado. Tubérculos anteníferos distantes, separados por depressão pouco profunda. Fronte mais estreita ou tão larga quanto o diâmetro do escapo. Lobos oculares superiores, com 5-7 fileiras de omatídios, mais ou tão distantes entre si do que a largura de um lobo. Lobos oculares inferiores ocupam os lados da cabeça. Ligação entre os lobos oculares inferiores e superiores com 3-4 fileiras de omatídios. Antenas mais longas que o corpo. Escapo mais longo que o antenômero III. Flagelômeros não espessados, pêlos internos esparsos. Protórax mais longo que largo; lados pa-

ralelos sem gibosidades. Élitros sem pontos contrastantes; extremidades arredondadas ou uniespinhosas. Metafêmures apenas mais longos que os mesofêmures; extremidades atingem o meio ou a borda apical do urosternito II. Matatarsômero I mais longo que o comprimento do II + III. Apêndice interno das unhas mais curto que o apêndice externo. Último urotergito com borda apical arredondada.

Discussão. O dimorfismo sexual, geralmente evidente pelo aspecto do último urosternito, em *Pseudomecas* é pouco perceptível; o último urosternito nas fêmeas não é intumescido e não apresenta linha centro-longitudinal; a metade apical apresenta cerdas escuras, evidentes.

Chave para as espécies de *Pseudomecas*

1. Frisos sutural e marginal dos élitros recobertos por pubescência mais densa do que aquela do restante da superfície; lado interno dos flagelômeros basais com pêlos tão longos quanto o triplo da largura dos artículos. Brasil (Goiás, Distrito Federal).....
...*P. suturalis* Martins & Galileo, 1985
Élitros com pubescência uniforme, raramente o friso sutural com pubescência mais densa; lado interno dos flagelômeros basais com pêlos, no máximo, tão longos quanto o dobro da largura dos artículos.....2
- 2(1). Fêmures pretos; tíbias e tarsos amarelados; (flagelo amarelo-acastanhado). Colômbia.....
.....*P. pallidicornis* Aurivillius, 1923
Todos os fêmures avermelhados ou pro- e mesofêmures avermelhados e metafêmures pretos.....3
- 3(2). Metafêmures vermelho-alaranjados ou avermelhados com o mesmo colorido do que os pro- e mesofêmures.....4
Metafêmures pretos contrastantes com os médios e anteriores, avermelhados....5
- 4(3). Antenas e tarsos pretos; pubescência elitral compacta oblitera inteiramente o

tegumento; espinho elitral geralmente curto ou ausente. Fig. 74. Brasil (Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais), Bolívia, Paraguai, Argentina,*P. femoralis* Aurivillius, 1920

Antenas e tarsos avermelhados; pubescência elitral mais esparsa permite a visualização dos pontos; espinho elitral bem desenvolvido. Brasil (Minas Gerais).....*P. elegantissima*, sp. n.

- 5(3). Flagelômeros basais avermelhados com ápice preto; tíbias avermelhadas. Brasil (Maranhão a Pernambuco).....
.....*P. pickeli* (Melzer, 1930)
Flagelômeros e tíbias pretos. Brasil (Bahia, Minas Gerais).....*P. nigricornis*, sp. n.

***Pseudomecas suturalis* Martins & Galileo, 1985**

Pseudomecas suturalis Martins & Galileo, 1985b: 467.

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a preto, exceto fêmures e metade ou três quartos basais das tíbias que são vermelho-alaranjados ou avermelhados. Pubescência em geral branco-acinzentada; nos élitros, concentrada ao longo dos frisos sutural e marginal constituindo faixas nítidas e contrastantes com a pubescência do restante da superfície que é mais esparsa. Vértice com duas faixas longitudinais desnudas atrás de cada lobo ocular. Antenômeros com pubescência esbranquiçada mais nítida na base; lado interno dos flagelômeros basais com pêlos mais longos que o dobro da largura dos artículos. Extremidades dos élitros desarmadas. Último urosternito ligeiramente entalhado na borda apical.

♀. Último urosternito mais alongado; borda apical arredondada.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 12,2-12,7/10,2; largura umeral, 2,5-2,7/2,0.

Distribuição geográfica. Brasil (Goiás, Distrito Federal).

Material examinado. Brasil. Goiás: Cabeceiras (Lagoa Formosa), holótipo ♀, parátipos ♂ e ♀, 24-27.X.1964, Exp. Dep. Zool. col. (MZSP); Campinaçu, ♂, X.1992, O. Roppa col. (MNRJ); Santa Maria Brasília, ♂, X.1972, S. A. Frago col.

(MNRJ). Distrito Federal: Planaltina (1000 m), ♂, X.1976, V. O. Becker col. (MZSP).

Discussão. *P. suturalis* caracteriza-se pela pubescência mais densa sobre os frisos sutural e marginal dos élitros e pelos pêlos dos flagelômeros basais relativamente alongados, mais longos que o dobro da largura dos artículos.

***Pseudomecas pallidicornis* Aurivillius, 1923**

Pseudomecas pallidicornis Aurivillius, 1923b: 479; Gilmour, 1962: 137 (em chave); Martins & Galileo, 1985b: 467 (em chave).

Não examinada; tradução da descrição original: Muito semelhante e afim de *P. femoralis*, difere pela fronte mais estreita, pontuada, com sulco triangular profundo entre as antenas; antenômeros III-XI amarelo-acastanhados; espinho do ápice dos élitros mais distinto; fêmures pretos, tíbias e tarsos amarelados. Comprimento 13 mm.

Colômbia: Puerto Colombia, depositado no NRMS.

***Pseudomecas femoralis* Aurivillius, 1920**

(Fig. 74)

Pseudomecas femoralis Aurivillius, 1920: 401; Prosen, 1947: 333 (distr.); Gilmour, 1962: 137 (em chave); Viana, 1972: 402 cat.); Martins & Galileo, 1985b: 467 (em chave), fig. 5.

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-avermelhado a preto; antenas com tegumento preto; fêmures e tíbias com tegumento avermelhado a vermelho-alaranjado; tarsos com tegumento castanho-escuro, menos o artícolo V, avermelhado. Pubescência compacta em todo corpo, branco-amarelada mais acinzentada nos élitros; nos élitros os pontos não são aparentes. Pernas com pubescência esparsa. Vértice sem manchas glabras. Pêlos no lado interno dos flagelômeros pouco densos, tão longos quanto aproximadamente a largura dos artículos. Último urosternito com borda apical emarginada.

♀. Último urosternito com borda apical emarginada e pêlos pretos, longos, na metade apical.

Variabilidade. O espinho do ápice dos élitros tem comprimento variável; as extremidades podem ser apenas acuminadas até espinhosas. Num dos exemplares examinados, em mau estado de conservação, procedente de Minas Gerais, Sete Lagoas, as tíbias e tarsômeros I-III são pretos.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 8,6-13,5/12,6-13,8; largura umeral, 1,5-2,6/2,2-2,9.

Distribuição geográfica. Bolívia, Brasil (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais), Paraguai e Argentina (Cordoba e Santiago del Estero).

Prosen (1947) arrolou a espécie para Argentina, Santiago del Estero: Campo Gallo. Examinamos uma fêmea proveniente do Espírito Santo, Domingos Martins, XII.1984, B. Silva col. (MNRJ), ocorrência a confirmar.

Material examinado. Brasil. Mato Grosso: Chapada dos Guimarães, ♀, X.1961, F. M. Oliveira col. (MNRJ); Rio Verde (400 m), ♂, X.1966, A. Maller col. (MNRJ); Mato Grosso do Sul: Salobra, 4 ♂, 2 ♀, X.1938, F. Lane col. (MZSP); Três lagoas, ♂, X.1970, S. A. Fragozo & F. Lane col. (MNRJ); Minas Gerais: Sete Lagoas, ♂, X.1962, F. M. Oliveira col. (MNRJ); ♂, XI.1962, A. Zunti col. (MZSP). Paraguai. ♀, (MZSP); Caazapa: San Miguel, ♂, XII.1988, C. A. Julio col. (MCNZ); Guaira: Villarica, ♀, XI.1923, Chade col. (MZSP); ♂, XII.1925, Chade col. (MZSP). Argentina. Cordoba: La Paz (Dep. San Javier), ♂, ♀, XII.1928, C. Bruch col. (MZSP); Santiago del Estero: Fernandez, ♂, I.1957, Walz (MNRJ).

Discussão. Tippmann (1960) mencionou variedades cromáticas desta espécie que não chegou a nomear; Gilmour (1962) incluiu-as em chave.

P. femoralis assemelha-se a *P. nigricornis*, mas difere pelos metafêmures e tíbias avermelhadas. Além disso, o aspecto geral é mais compacto.

***Pseudomecas elegantissima*, sp. n.**

Descrição. ♂. Tegumento corporal, das antenas e das pernas avermelhado, pouco mais escuro na região occipital. Pubescência branco-amarelada, densa, na cabeça, mais esparsa nos élitros e na face ventral. Metepisternos com pubescência

densa. Região dorsal atrás dos lobos oculares superiores com pequena mancha circular glabra de cada lado. Lobos oculares superiores com cinco fileiras de omatídios, apenas mais distantes entre si do que a largura de um lobo. Antenas com pilosidade esbranquiçada esparsa; lado interno dos flagelômeros basais com pêlos esparsos pouco mais longos que a largura dos artículos. Pubescência elitral pouco mais concentrada sobre o friso sutural; no restante da superfície não oblitera totalmente os pontos que são visíveis. Extremidades dos élitros projetadas em espinho relativamente longo. Metatarsômero I com aproximadamente a metade do comprimento da metatíbia.

Dimensões em mm. Comprimento total, 12,4; largura umeral, 1,9.

Material-tipo. Brasil. Minas Gerais: Pedra Azul, holótipo ♂, XI.1972, Seabra & Oliveira col. (MNRJ).

Discussão. Os aspecto geral de *P. elegantissima* é esbelto e alongado como em *P. nigricornis*. Difere pelas antenas e pernas inteiramente avermelhadas; pela presença de duas pequenas áreas glabras na face dorsal da cabeça; pela pubescência elitral menos compacta e mais concentrada sobre o friso sutural e pela pubescência da face ventral mais esparsa e apenas mais concentrada nos metepisternos.

***Pseudomecas pickeli* (Melzer, 1930)**

Hydraschema (?) *pickeli* Melzer, 1930: 205, fig. 22. *Pseudomecas pickeli*; Melzer, 1931: 199; Zikán & Wygodzinsky, 1948: 64 (tipo); Lane, 1974a: 362; Martins & Galileo, 1985b: 466 (em chave)

Pseudomecas femoralis ab. *pickeli* Tippmamm, 1960: 209; Gilmour, 1962: 137 (em chave).

Redescrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a preto: escapo, pedicelo, extremo apical dos flagelômeros basais e metafêmures. Tegumento avermelhado: flagelômeros (exceto extremidades), élitros, pernas anteriores e médias, metatíbias, metatarsos e abdômen. Cabeça, protórax e esternos torácicos em geral mais escuros, vermelho-acastanhados. Pubescência branco-amarelada; nos élitros, moderadamente densa, quase oblitera inteiramente os

pontos. Dorso da cabeça com duas pequenas áreas glabras atrás dos lobos oculares. Extremidades elitrais com espinho de comprimento variável. Último urosternito com borda apical levemente emarginada.

♀. Último urosternito com borda apical arredondada.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 11,4-14,2/ 10,2; largura umeral, 1,8-2,5/1,9.

Distribuição geográfica. Aparentemente restrita ao nordeste do Brasil, do Maranhão a Pernambuco.

Material examinado. Brasil. Maranhão: São Luiz, ♀, III.1974 (MZSP). Paraíba: 2 ♂, 1934, P. Azevedo col. (MZSP); Soledade (Juazeirinho), 2 ♂, III. 1957, S. Assis Silva col. (MNRJ). Pernambuco: Tapera, holótipo ♂, III. 1929, B. Pickel col. (MZSP).

Discussão. *P. pickeli* difere de *P. elegantissima* pelo tegumento preto do escapo, da extremidades dos flagelômeros e dos metafêmures.

Tippmamm (1960: 209) equivocadamente considerou *P. pickeli* como "aberração" de colorido de *P. femoralis*.

***Pseudomecas nigricornis*, sp. n.**

Descrição. ♂. Tegumento castanho-escuro a preto: antenas, pro- e mesotíbias, pro- e mesotarsos e pernas posteriores exceto tarsômero V que é avermelhado. Tegumento avermelhado: pro- e mesofêmures. Cabeça, pronoto e élitros com tegumento castanho-avermelhado, às vezes, tegumento elitral mais avermelhado. Pubescência branco-amarelada densa. Pêlos internos dos flagelômeros basais aproximadamente tão longos quanto a largura de um artículo. Extremidades elitrais acumidadas ou com espinho curto. Dorso da cabeça, em geral, com duas pequenas áreas glabras atrás dos lobos oculares. Último urosternito levemente emarginado na borda apical.

♀. Último urosternito levemente emarginado com pêlos pretos, longos e densos.

Dimensões, em mm, respectivamente ♂/♀. Comprimento total, 9,4-12,4/ 9,6-11,2; largura umeral, 1,4-2,0/1,5-1,8.

Material-tipo. Brasil. Bahia: Encruzilhada,

(Motel da Divisa, Rodovia Rio-Bahia, Km 965, 960 m), holótipo ♂, XI.1972, Seabra & Roppa col. (MNRJ). Parátipos: mesmos dados do holótipo, ♀, XII.1972, (MNRJ); ♀, XI.1974, (MNRJ); Minas Gerais: Caratinga (Rodovia Rio-Bahia, Km 722), 2 ♀, XI.1971, O. Roppa col. (MNRJ); Caxambú, ♀, XI.1988. A. Soares col. (MNRJ); Pedra Azul, 1 ♂, XII.1972, Seabra & Oliveira col. (MNRJ); Teófilo Otoni, 2 ♀, XI.1970, F. Oliveira col. (MNRJ); ♂, 2 ♀, XI.1971, S. P. Nascimento col. (MZSP); ♀, X.1972, S. P. Nascimento col. (MNRJ); ♀, XI.1972, S. P. Nascimento col. (MCNZ); 2 ♂, ♀, XI.1974, S. P. Nascimento col. (MNRJ).

TÁXONS REMOVIDOS DA TRIBO AERENICINI

Três gêneros são removidos de Aerenicini: *Ischnophygas* Thomson, 1868 para Hemilophini; *Pannychella* Gilmour, 1962 e *Pannychina* Gilmour, 1962 para Phytoeciini.

Ischnophygas Thomson, 1868

Ischnophygas Thomson, 1868: 190 (em chave), 196; Lacordaire, 1872: 897 (em chave), 902; Bates, 1881a: 212; Gilmour, 1962: 125 (em chave).

Estabelecido por Thomson (1868) para *Ischnophygas telephoroides*, pequena espécie, com aproximadamente 5 mm de comprimento e procedente do México.

Das descrições originais, tanto a do gênero quanto a da espécie, salientam-se alguns caracteres: escapo curto, subclavado, mais curto que o antenômero III; antenômeros esparsamente pilosos no lado inferior; “unguiculi simicirculares, basi bidentati”.

Lacordaire (1872) apresentou uma redescrição bem mais apropriada para o gênero, onde anotamos: genas mediocres; lobos inferiores dos olhos assaz grandes, convexos, transversais; antenas com longos pêlos finos, um pouco mais curtas que o corpo; protórax bem mais longo do que largo, corpo alongado, apenas pubescente, provido de longos pêlos finos. Indica para *I. telephoroides* comprimento corporal igual a 5 mm,

um inseto com élitros escuros e cabeça e protórax flavos e densamente pontuados.

Bates (1881a), que não conheceu *I. telephoroides*, afirmou que o escapo mais curto do que o antenômero III separa *Erana* (Hemilophini) de *Ischnophygas*.

Gilmour (1962) incluiu *Ischnophygas* na sua chave para identificação dos gêneros de Aerenicini com base nos caracteres arrolados por Lacordaire; provavelmente também não examinou *I. telephoroides*.

Um dos autores (MHMG) ao examinar o holótipo no MNHN anotou os seguintes caracteres: cabeça, protórax e élitros com pêlos longos e finos; cabeça amarelada com larga faixa longitudinal castanha atrás dos olhos; olhos divididos, separados por linha preta sem omatídios; lobos oculares inferiores reduzidos com aproximadamente o dobro do comprimento da gena. Antenas castanhas com 11 artículos; atingem aproximadamente o terço apical dos élitros. Escapo subcilíndrico, apenas mais curto que o antenômero III. Escapo e flagelômeros basais com longos pêlos em toda a superfície. Base dos antenômeros V e VI com tegumento amarelado. Protórax aproximadamente 1,2 vezes mais longo que largo; amarelado, com lados castanhos; pronoto com grande mancha central, retangular, castanha que não atinge a borda anterior e expande-se lateralmente junto à borda posterior até os lados castanhos. Élitros castanhos com pontos grossos, equidistantes, mais ou menos enfileirados; extremidades arredondadas. Garras tarsais bífidas com dente interno curto (aproximadamente um terço do dente externo).

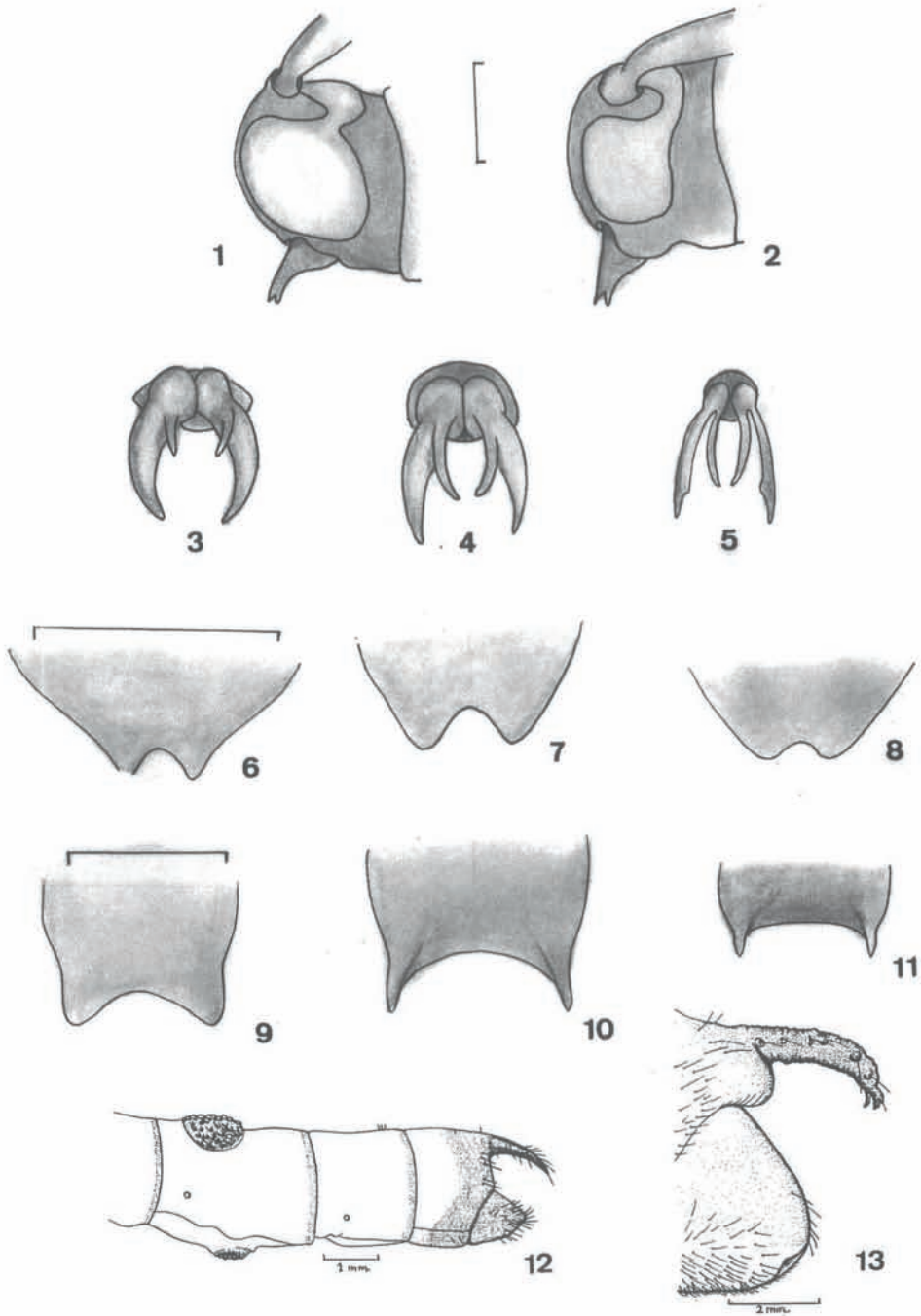
Principalmente pelo aspecto dos lobos oculares inferiores e da presença de pêlos longos e esparsos no corpo e nas antenas, *Ischnophygas* deve ser transferido para Hemilophini. Pela fórmula antenal com o escapo subigual em comprimento ao antenômero III, assemelha-se a *Columbicella* Galileo & Martins, 1990 e *Apagomerella* Gilmour, 1962. Difere de ambos pelos olhos divididos e pela sensível redução do dente interno das garras tarsais.

Pannychella Gilmour, 1962

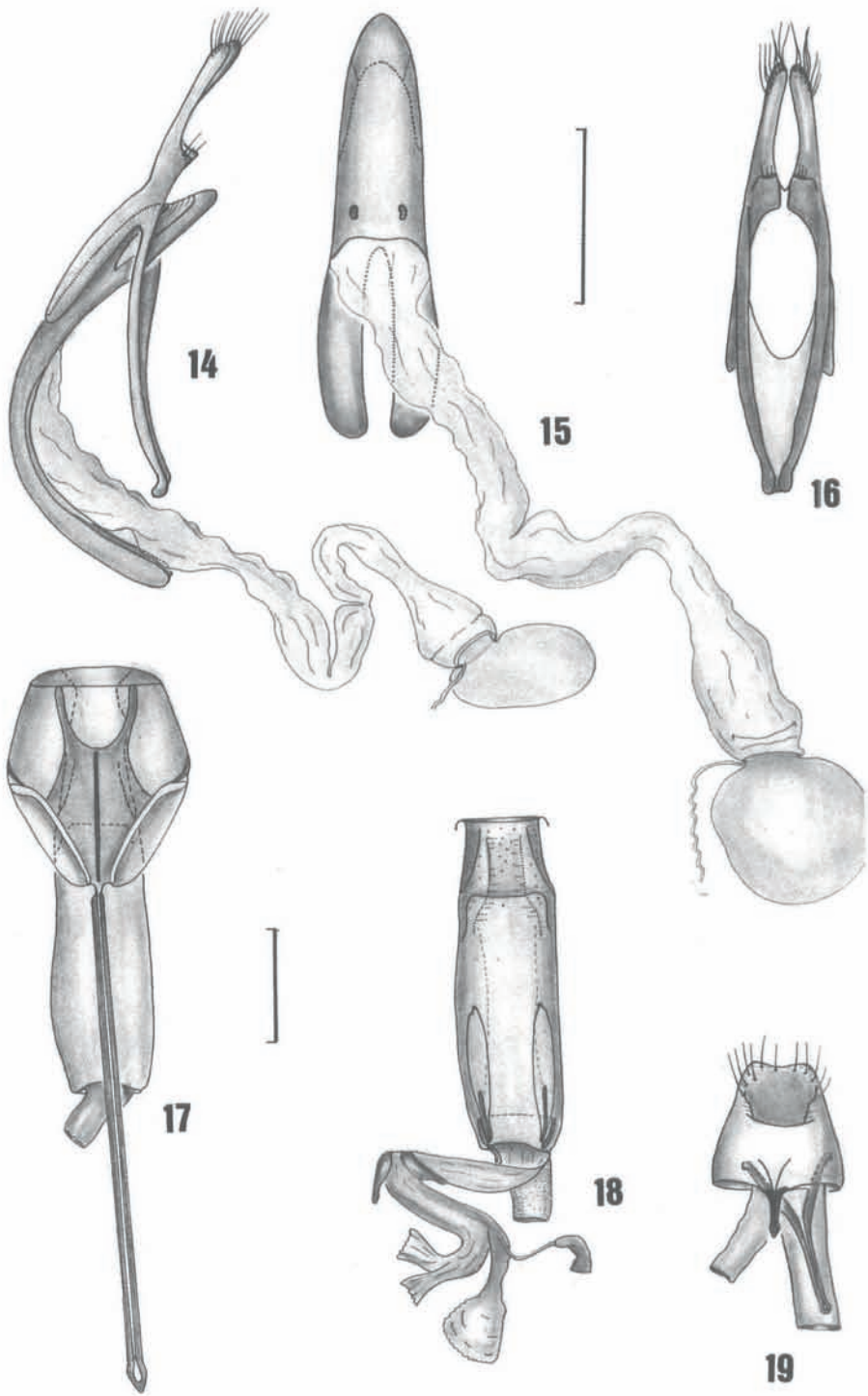
Pannychella Gilmour, 1962: 127 (em chave), 137; Lane, 1974a: 364.

Tabela I. Plantas-hospedeiras das espécies de Aerenicini. Referências bibliográficas de acordo com as correções apresentadas no texto.

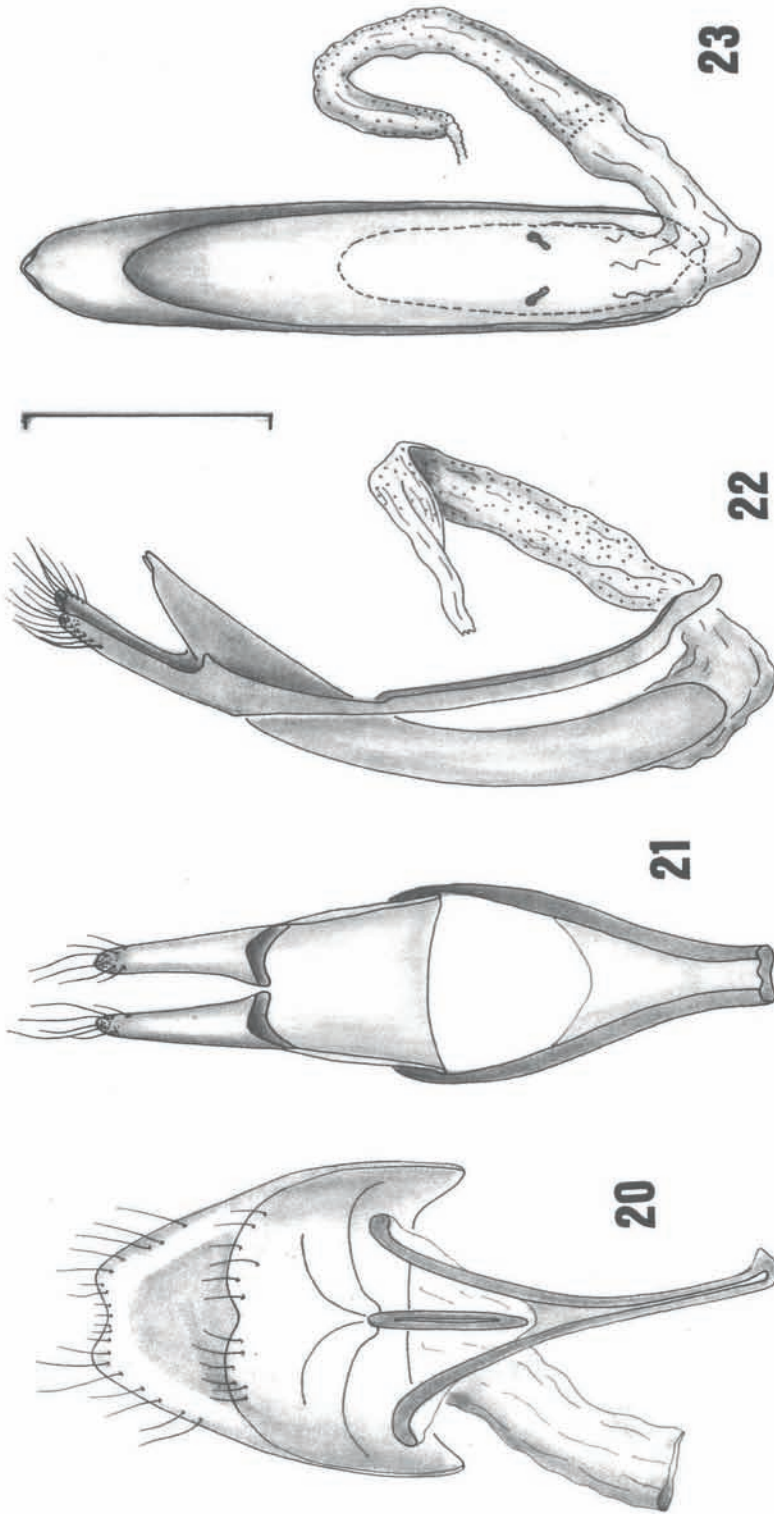
Planta-hospedeira	Família	Observações	Espécie	Referências
<i>Alnus jurullensis</i>	Betulaceae	Larva sob casca	<i>Rumacon canescens</i>	Bruch, 1926 Bosq, 1942 Duffy, 1960
<i>Jacaranda mimosifolia</i>	Bignoniaceae	Madeira viva	<i>Hoplistonychus bondari</i>	Bondar, 1915; 1937 Luederwaldt, <i>in litt.</i> Silva <i>et al.</i> , 1968
			= <i>Phaula thomsoni</i>	Andrade, 1928 Lima, 1930; 1936; 1955 Silva <i>et al.</i> , 1968
<i>Lantana</i> sp.	Verbenaceae	-	= <i>Phaula</i> sp.	Duffy, 1960
<i>Lantana camara</i>	Verbenaceae	-	<i>Holoaerenica multipunctata</i>	Luederwaldt, <i>in litt.</i>
<i>Schizolobium excelsum</i>	Leguminosae	Madeira viva	<i>Aerenicopsis mendosa</i> sp.n. = <i>Aerenicopsis championi</i>	Etiquetas dos tipos Duffy, 1960
			<i>Aerenica canescens</i>	Andrade, 1928 Lima, 1930; 1936; 1955 Duffy, 1960 Silva <i>et al.</i> , 1968
<i>Pterocaulon</i> sp	Compositae	-	<i>Recchia moema</i> sp.n.	Etiqueta
<i>Vernonia</i> sp.	Compositae	-	<i>Recchia albicans</i>	Luederwaldt, <i>in litt.</i>



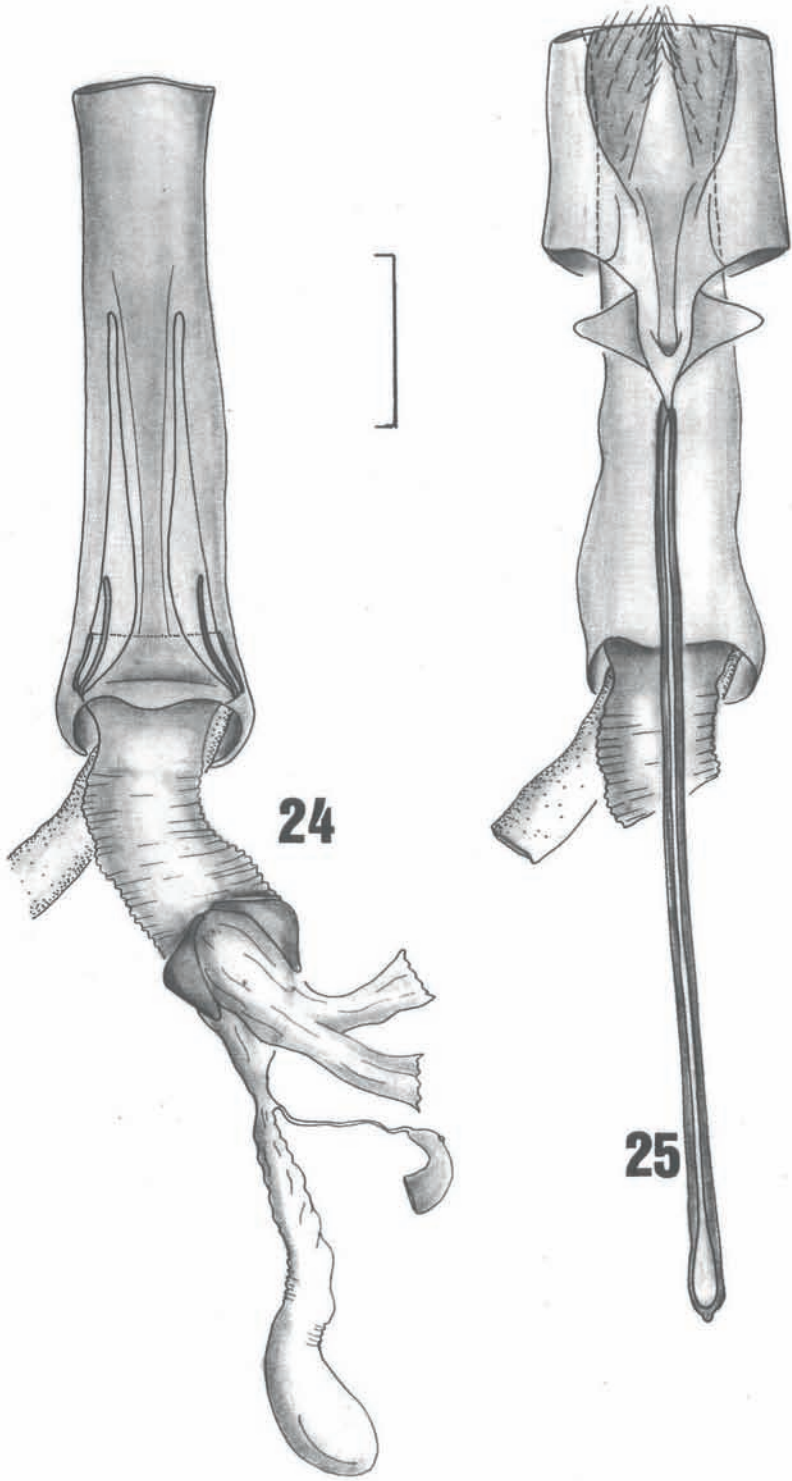
Figs. 1-13. Cabeça lateral: 1, *Hydrachema fabulosa*, ♂; 2, *Montesia leucostigma*, ♂. Garras tarsais: 3, *Hoplistonychus bondari*; 4, *Calliphaula leucippe*; 5, *Aerenica canescens*. Último urotergito: 6, *Recchia albicans*, ♀; 7, *R. fonsecai*, ♀; 9, *Hydrachema mirim*, ♂; 10, *H. obliquevittata*, ♂; 11, *H. petila*, ♂. Último urosternito: 8, *Recchia fallaciosa*, ♀. Larva (segundo DUFFY, 1960): 12, segmentos abdominais VII-X de *Aerenicosis mendosa*; 13, região posterior do abdômen de *Hoplistonychus bondari*. Figs. 1, 2, 8, 11; 3-6; 7, 9, 10; respectivamente na mesma escala. Barra = 1 mm.



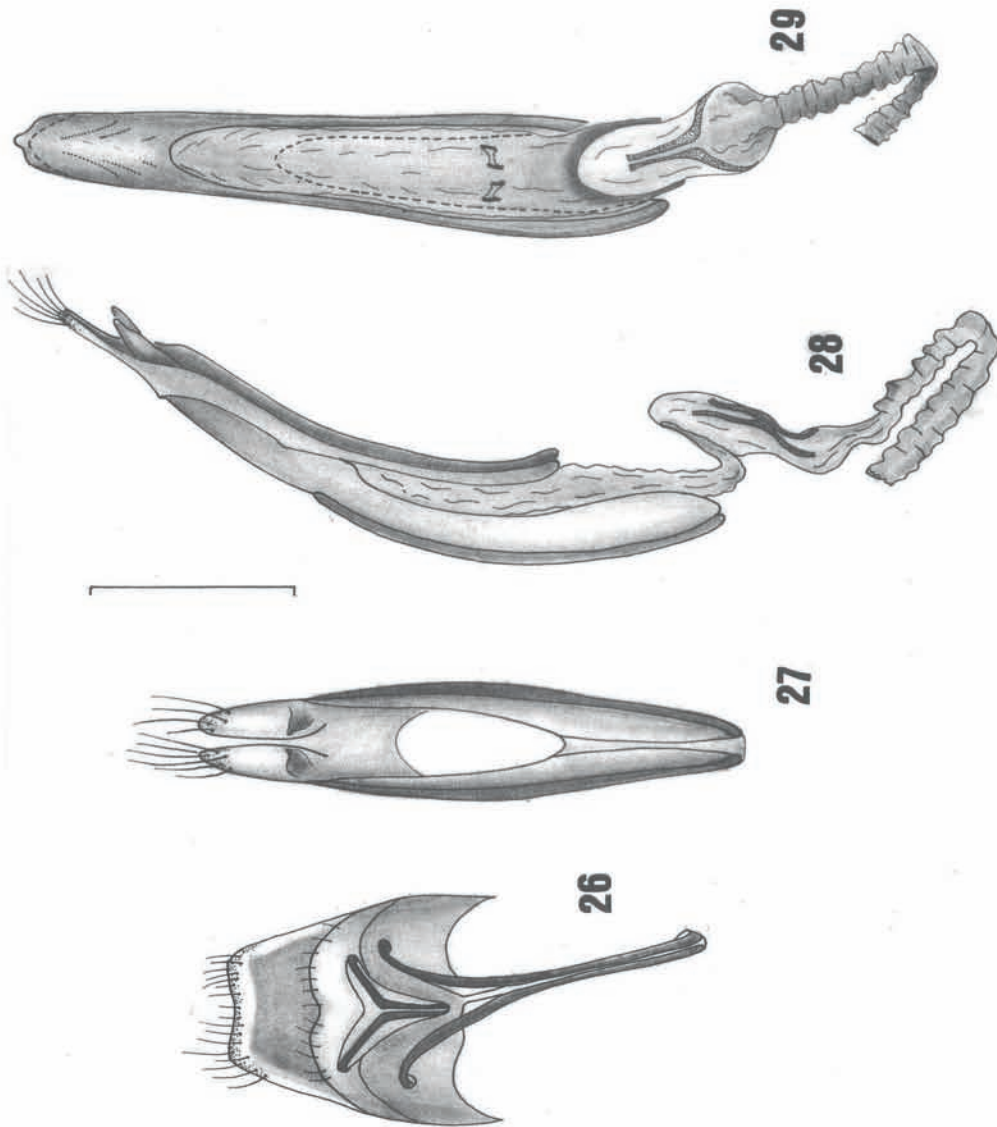
Figs. 14-19. *Hydraschema fabulosa*, ♂. 14, *aedeagus*; 15. lobo-médio e saco interno; 16, tégmen; 19, urômero VIII, ventral; ♀: 17, urômero VIII; 18, urômero IX e sistema eferente. Figs. 14-16, 19; 17, 18, respectivamente, na mesma escala. Barra = 1 mm.



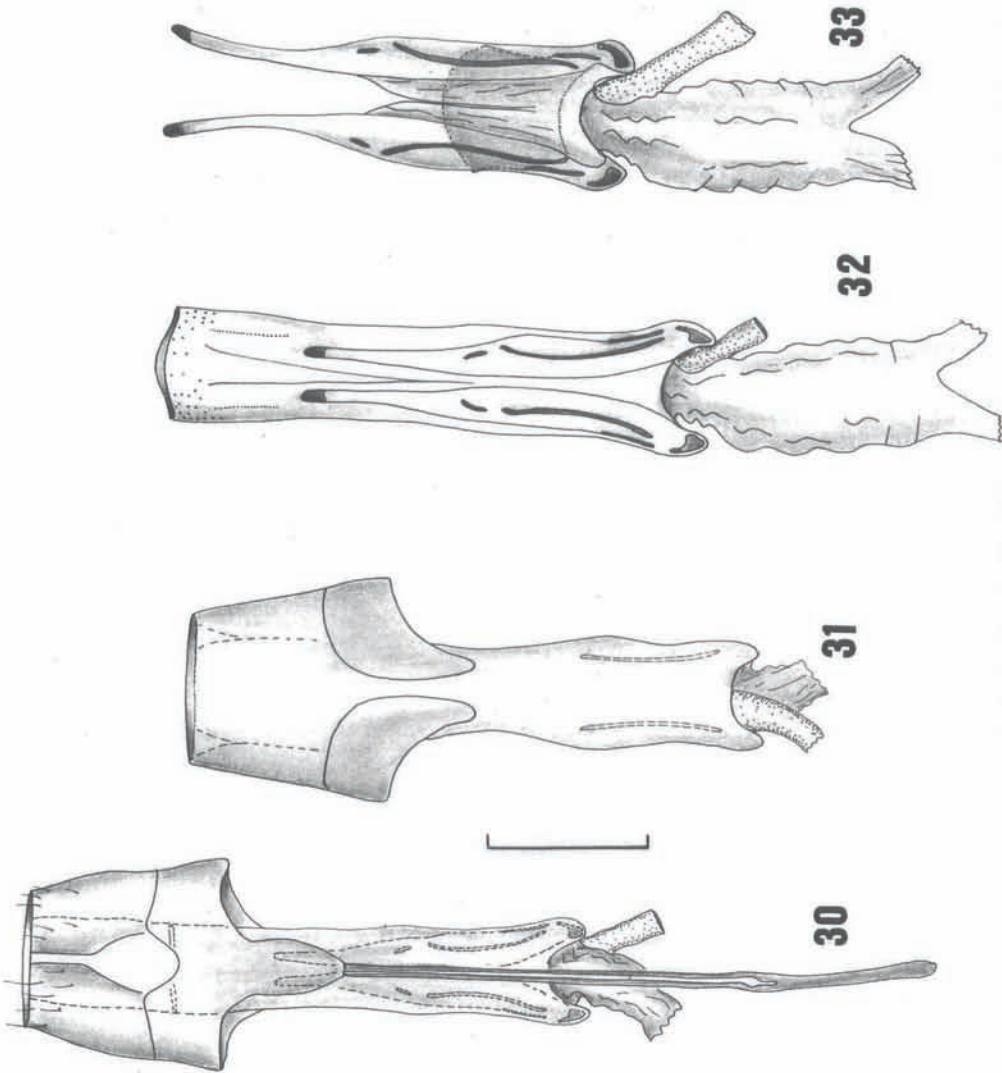
Figs. 20-23. *Phaula microsticta*, ♂. 20, urómero VIII; 21, tégmen; 22, aedagus; 23, lobo médio. Barra = 1 mm.



Figs. 24-25. *Phaula microsticta*, ♀. 24, urômero IX e sistema eferente; 25, urômero VIII. Barra = 1 mm.



Figs. 26-29. *Recchia acutipennis*, ♂. 26, uròmero VIII; 27, tégmen; 28, aedeagus; 29, lobo-médio e saco interno. Barra = 1 mm.



Figs. 30-33. *Recchia actipennis*, ♀, 30, urômero VIII, ventral; 31, idem, dorsal; 32, urômero IX e sistema eferente; 33, urômero IX desinvaginado. Barra = 1 mm.



34



35

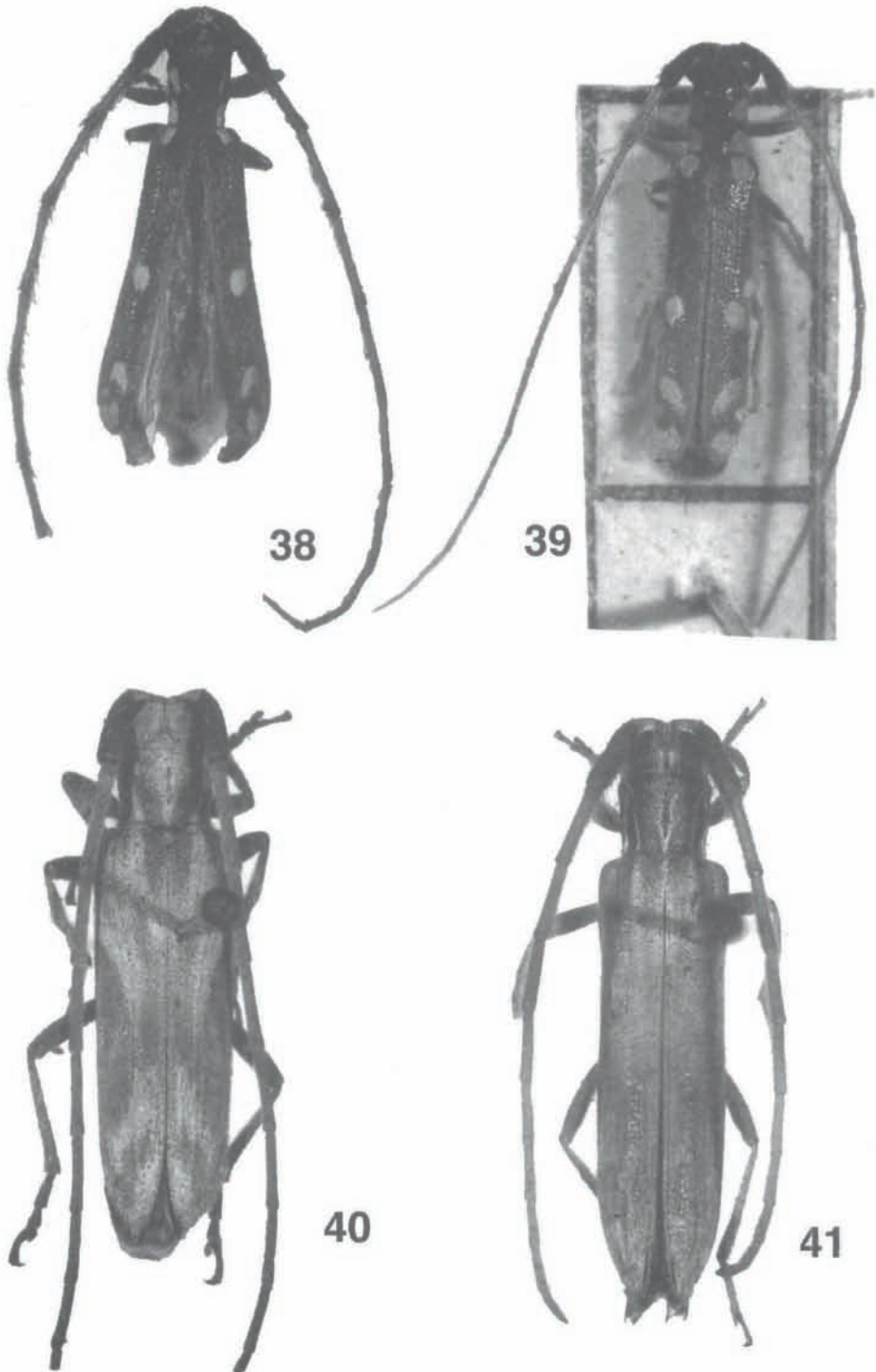


36



37

Figs. 34-37. 34, *Hydraschema petila*, sp. n., holótipo ♀, comprimento 21,0 mm; 35, *H. mirim*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 15,2 mm; 36, *Eponina metuia*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 14,8 mm; 37, *Aerenicopsis mendosa*, sp. n., comprimento = 16,2 mm.



Figs. 38-41. 38, *Antodice pinima*, sp. n., holótipo ♂, comprimento = 8,8 mm; 39, *A. kyra*, sp. n., comprimento = 7,2 mm; 40, *Recchia gemignanii* Lane, paralectótipo ♀, comprimento, 15,8 mm; 41, *R. gracilis* Martins & Galileo, parátipo ♀ de São Paulo (Saúde), comprimento, 13,5 mm.



42



43



44



45

Figs. 42-45. 42, *Recchia hirticornis* (Klug), ♀, de Joinville, SC, comprimento, 14,5 mm; 43, *R. fonseci* (Lane), ♀, sem procedência, comprimento 19,0 mm; 44, *R. boliviana*, sp. n., holótipo ♀, comprimento 14,6 mm; 45, *R. albicans* (Guérin-Ménéville), ♀ de Timbó, SC, comprimento, 14,8 mm.



46



47

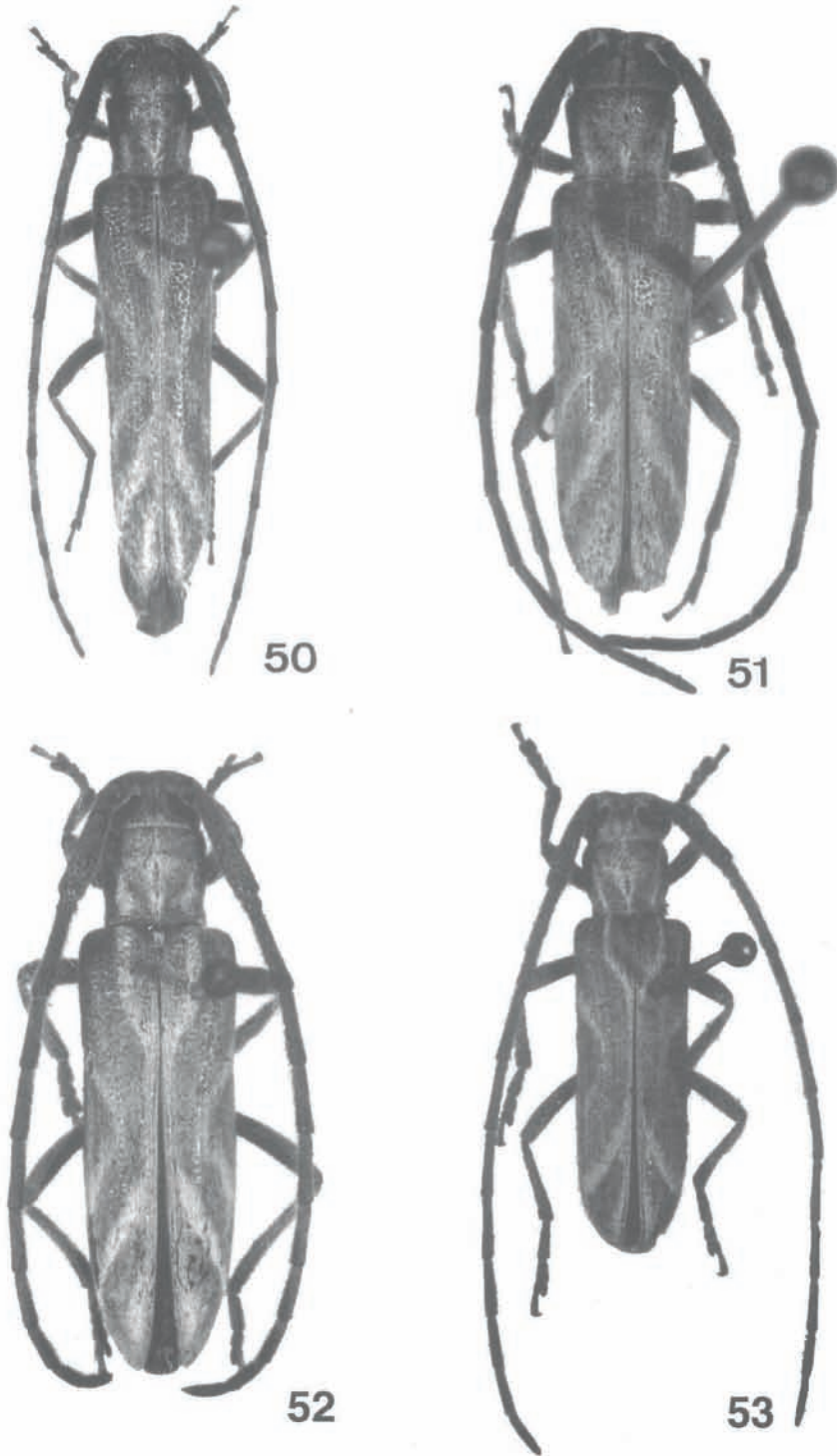


48



49

Figs. 46-49. 46, *Recchia planaltina*, sp. n., holótipo ♀, comprimento 23,4 mm; 47, *R. lanei* Martins & Galileo, holótipo ♀, comprimento, 15,0 mm; 48, *R. piriana*, sp. n., parátipo ♂ de Cordillera, Paraguai, comprimento, 15,0 mm; 49, *R. moema*, sp. n., holótipo ♂, comprimento 11,1 mm.



Figs. 50-53. 50, *Recchia procera* Martins & Galileo, ♀ de Itatiaia, RJ, comprimento 12,5 mm; 51, *R. abauna*, sp. n., parátipo ♀ de Eneuzilhada (Motel da Divisa), BA, comprimento 10,4 mm; 52, *R. ravida* Martins & Galileo, holótipo ♀, comprimento 15,1 mm; 53, *R. distincta* Lane, ♂ de Jujuy, Jujuy, comprimento 12,9 mm.

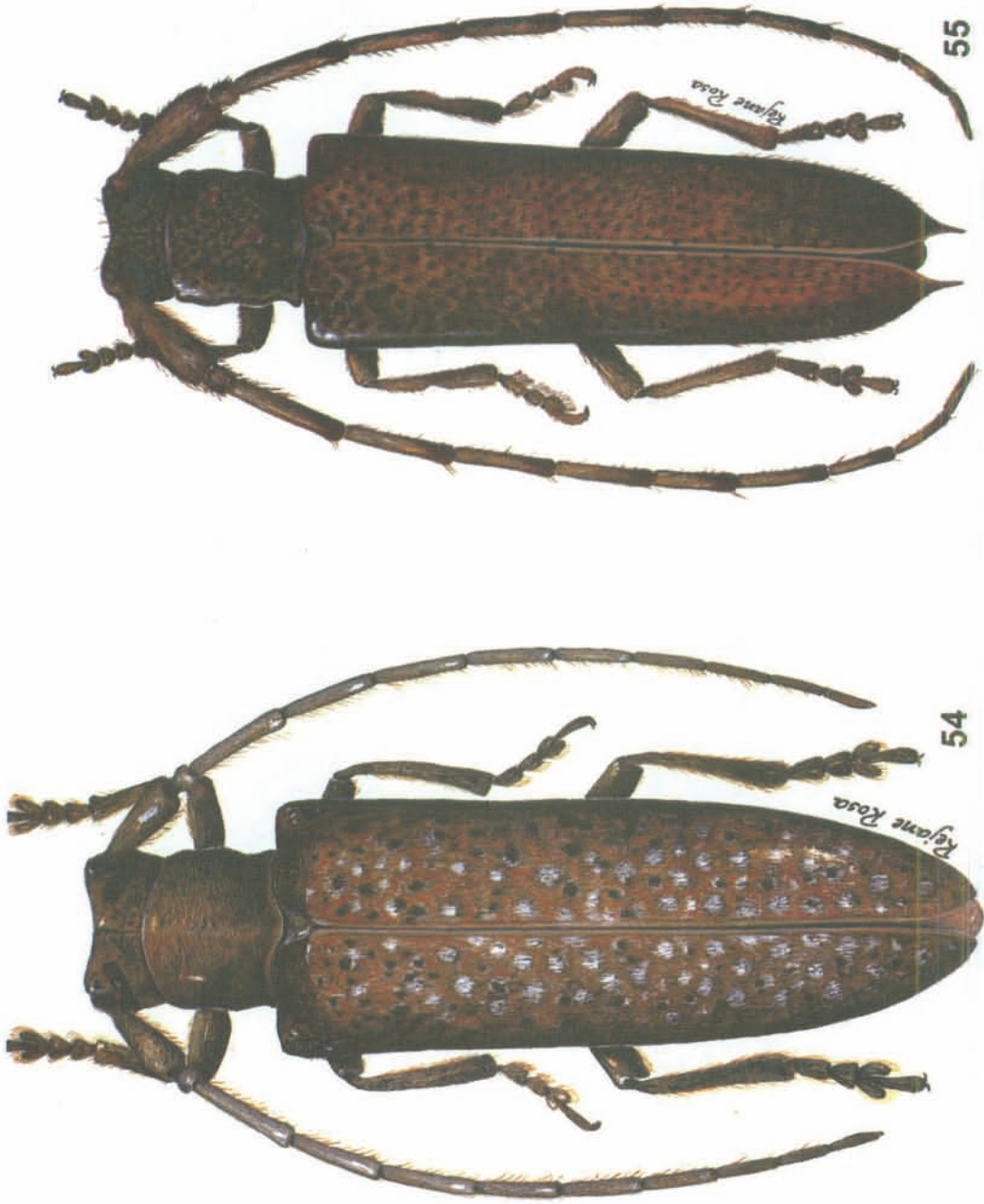


Fig. 54, *Haplisonychus bondari* Melzer, 1930, ♂ de Salobra, MS, comprimento 22,2 mm. Fig. 55, *Phaula antiqua* Thomson, 1857, ♂ de Águas Vermelhas, MG, comprimento 16,7 mm.

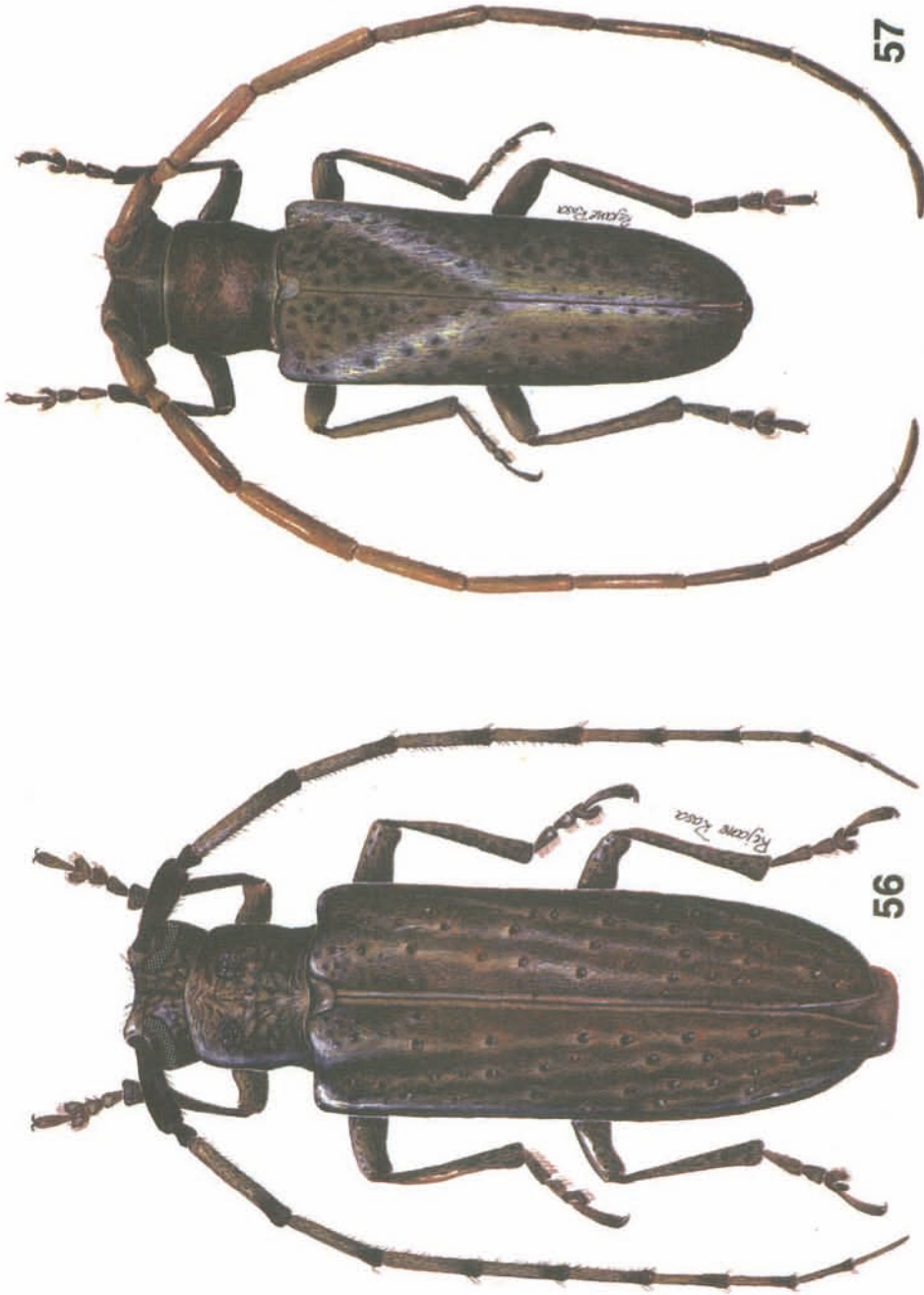
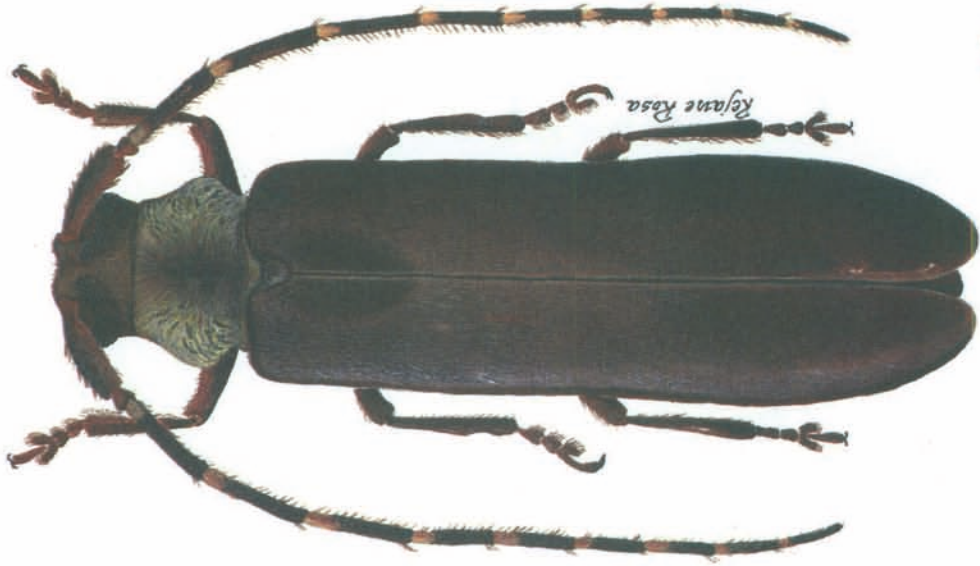
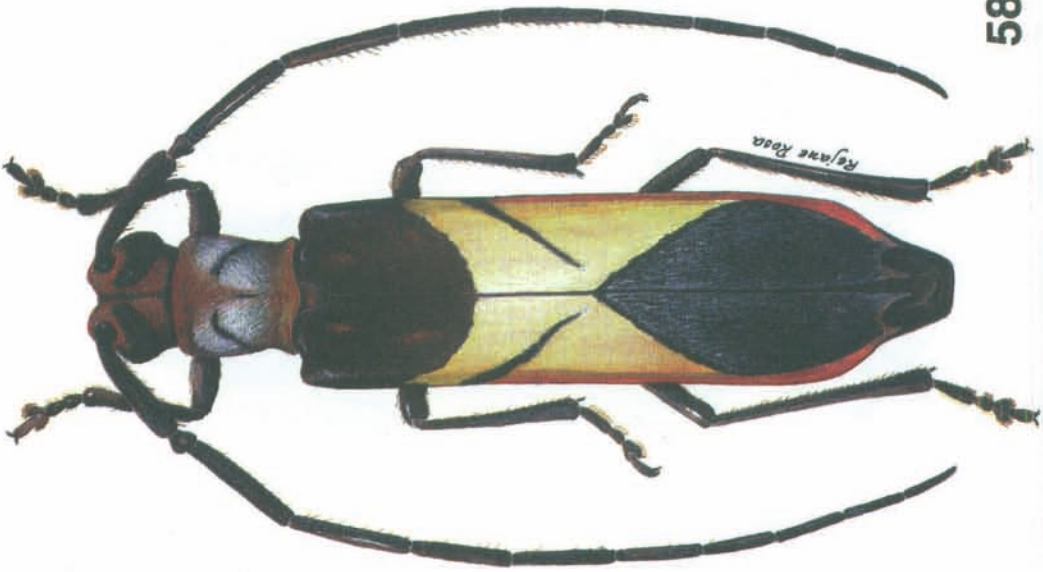


Fig. 56, *Pseudophantia porosa* (Bates, 1881). ♀ de João Pessoa, PB, comprimento 21,6 mm. Fig. 57, *Aerenomera boliviana* Gilmour, 1962. ♂ de Formosa, Argentina, comprimento 11,8 mm.



59



58

Fig. 58, *Mezevrella lutzii* Lima, 1931, ♂ de Rio de Janeiro, RJ, comprimento, 18,0 mm. Fig. 59, *Aphilesthes rustica* Bates, 1881, ♀ de Santa Cruz, Bolívia, comprimento, 22,2 mm.

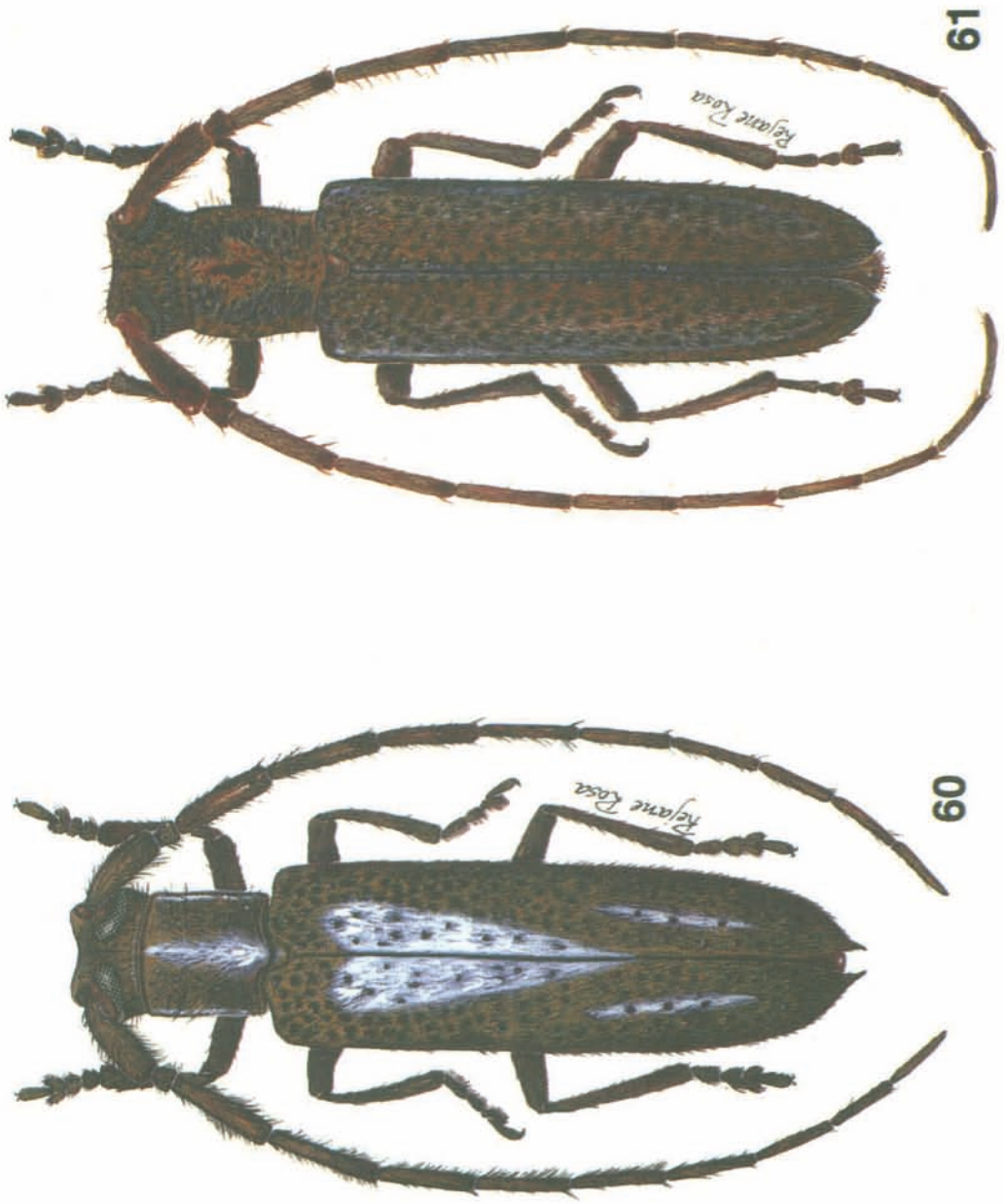


Fig. 60. *Calliphaula leucippe* (Bates, 1881), ♂ de Rio Vermelho, SC, comprimento, 18,2 mm. Fig. 61. *Holoaerenica bistriata* Lane, parátipo ♂ de Santa Cruz, Bolívia, comprimento, 14,1 mm.

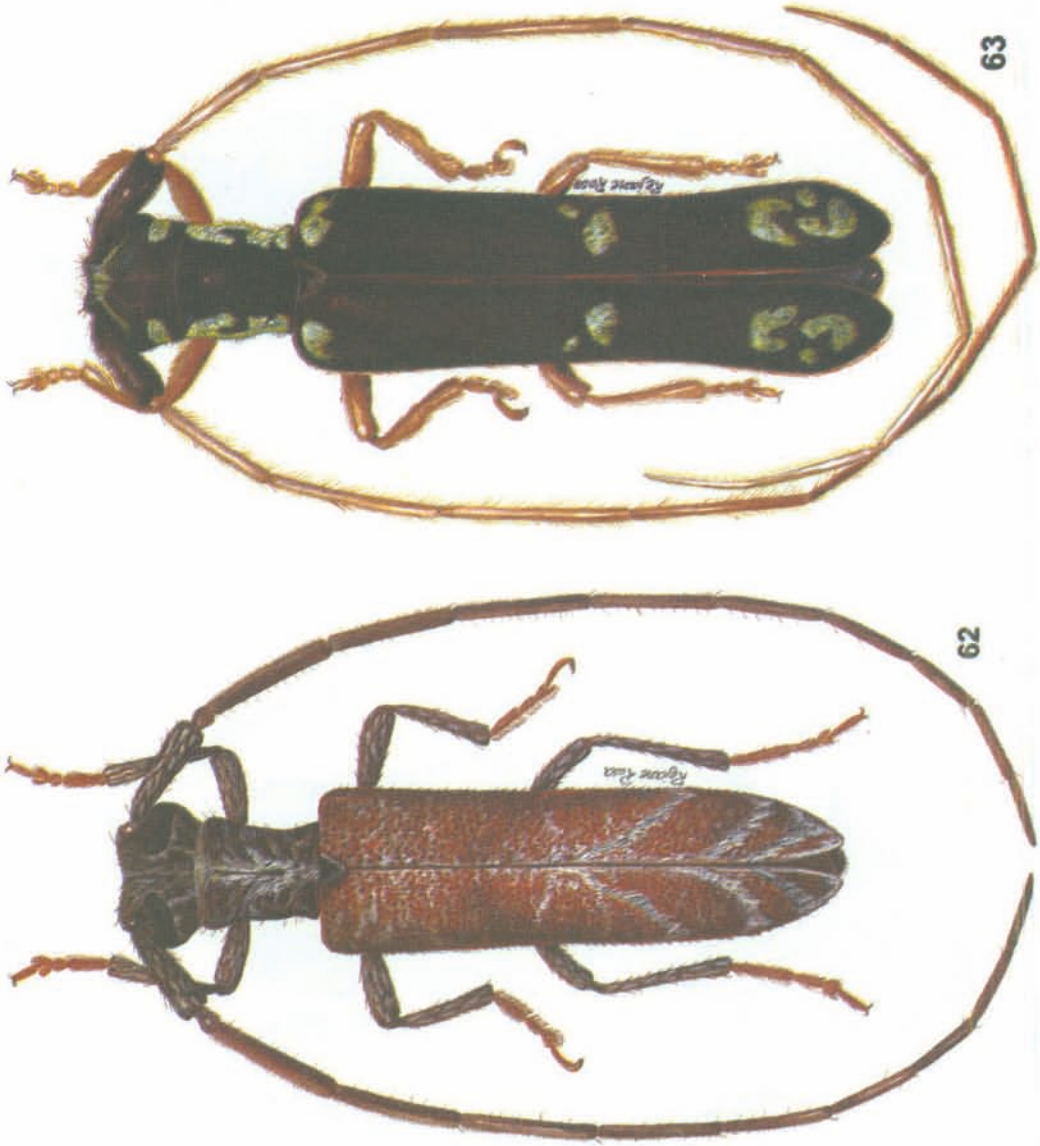


Fig. 62. *Aerenica canescens* (Klug, 1825), ♂ de Buritis, MG, comprimento, 12,6 mm. Fig. 63. *Antodice pieta* (Klug, 1825), ♂ de Conupá, SC, comprimento, 13,0 mm.

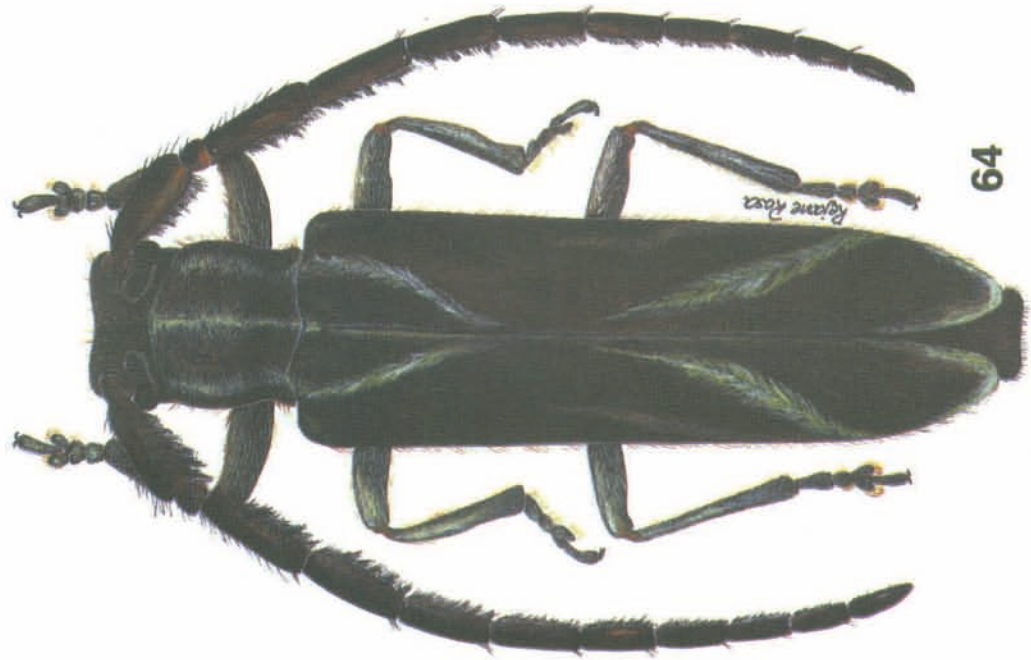
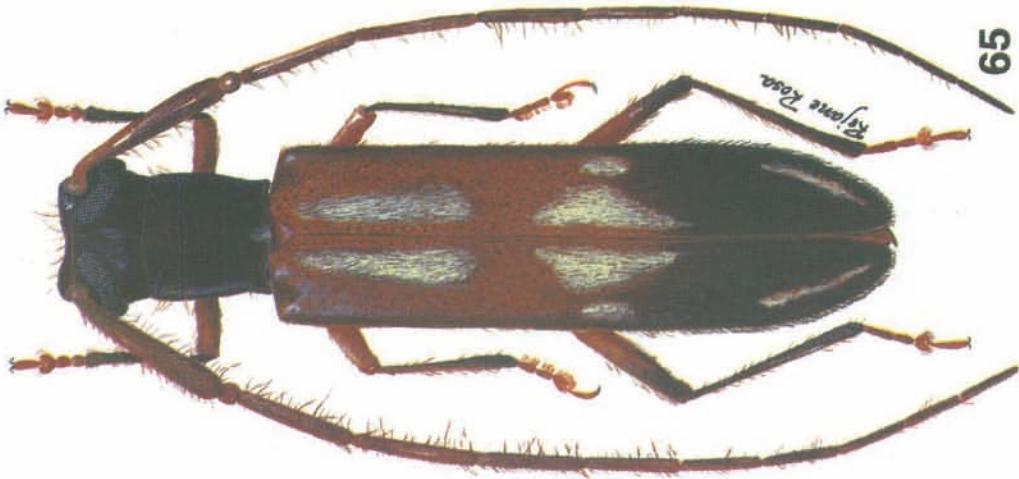


Fig. 64. *Aerenicella spissicornis* (Bates, 1881), ♀ de Corupá, SC, comprimento, 13,0 mm. Fig. 65. *Cacsis nobilis* Lane, 1973, parátipo ♀ de Águas Vermelhas, BA, comprimento, 10,8 mm.

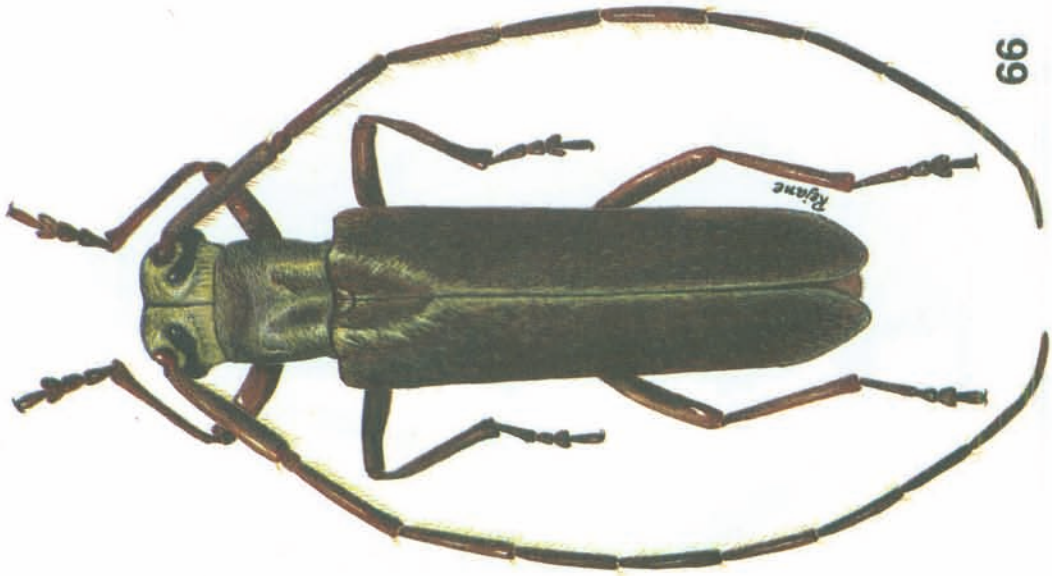
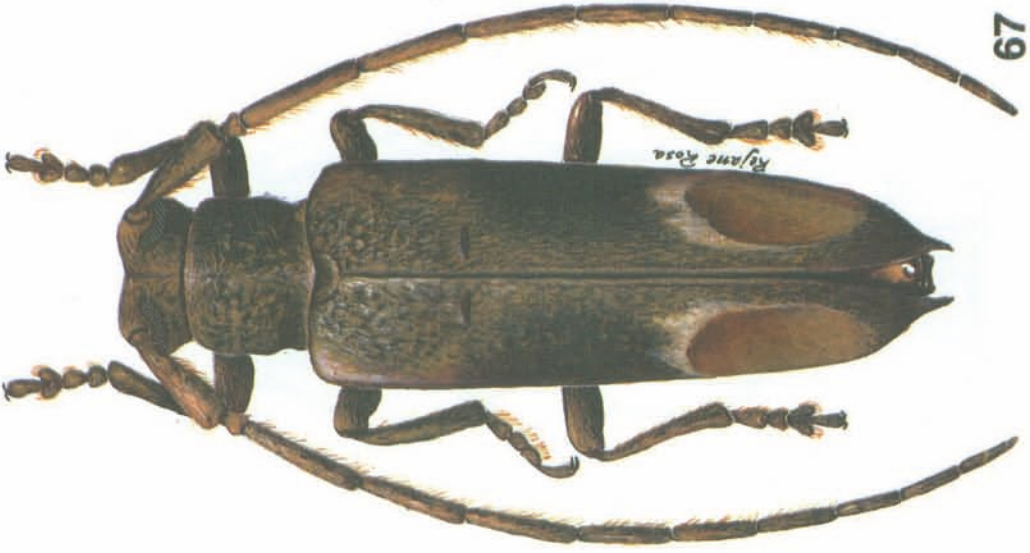


Fig. 66. *Vianopolisia spitzzi* Lane, 1966, holótipo ♂ de Vianópolis, GO, comprimento, 12,5 mm. Fig. 67. *Apophaula ocellata* Lane, 1973, ♂ de Assunção, Paraguai, comprimento, 22,1 mm.

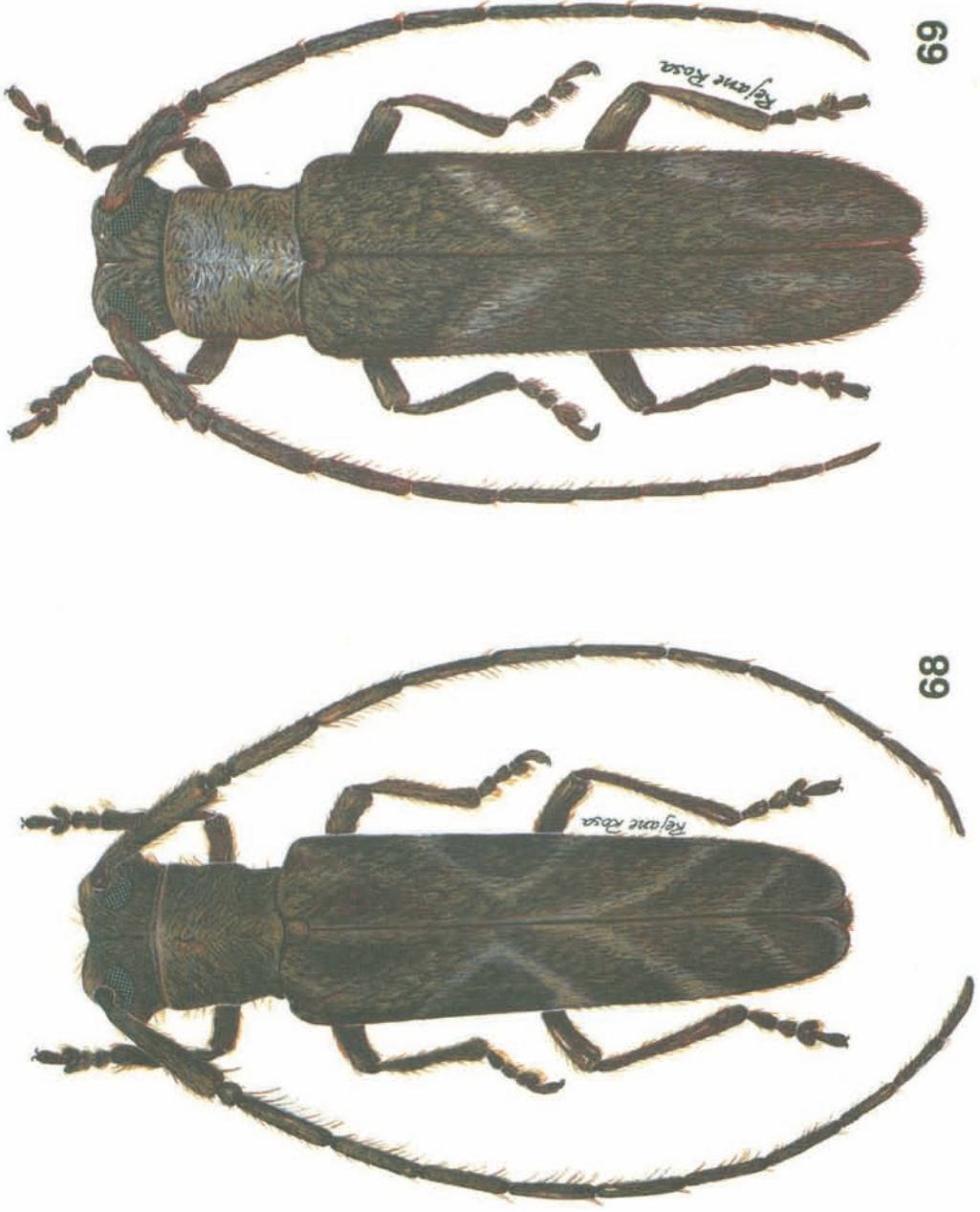


Fig. 68. *Recchia luathiriosa* Lane, 1966, ♀ de Itu, SP, comprimento 15,6 mm. Fig. 69. *Epontina flavula* Lane, 1938, paralectótipo ♀ de Salôbra, MS, comprimento, 12,9 mm.

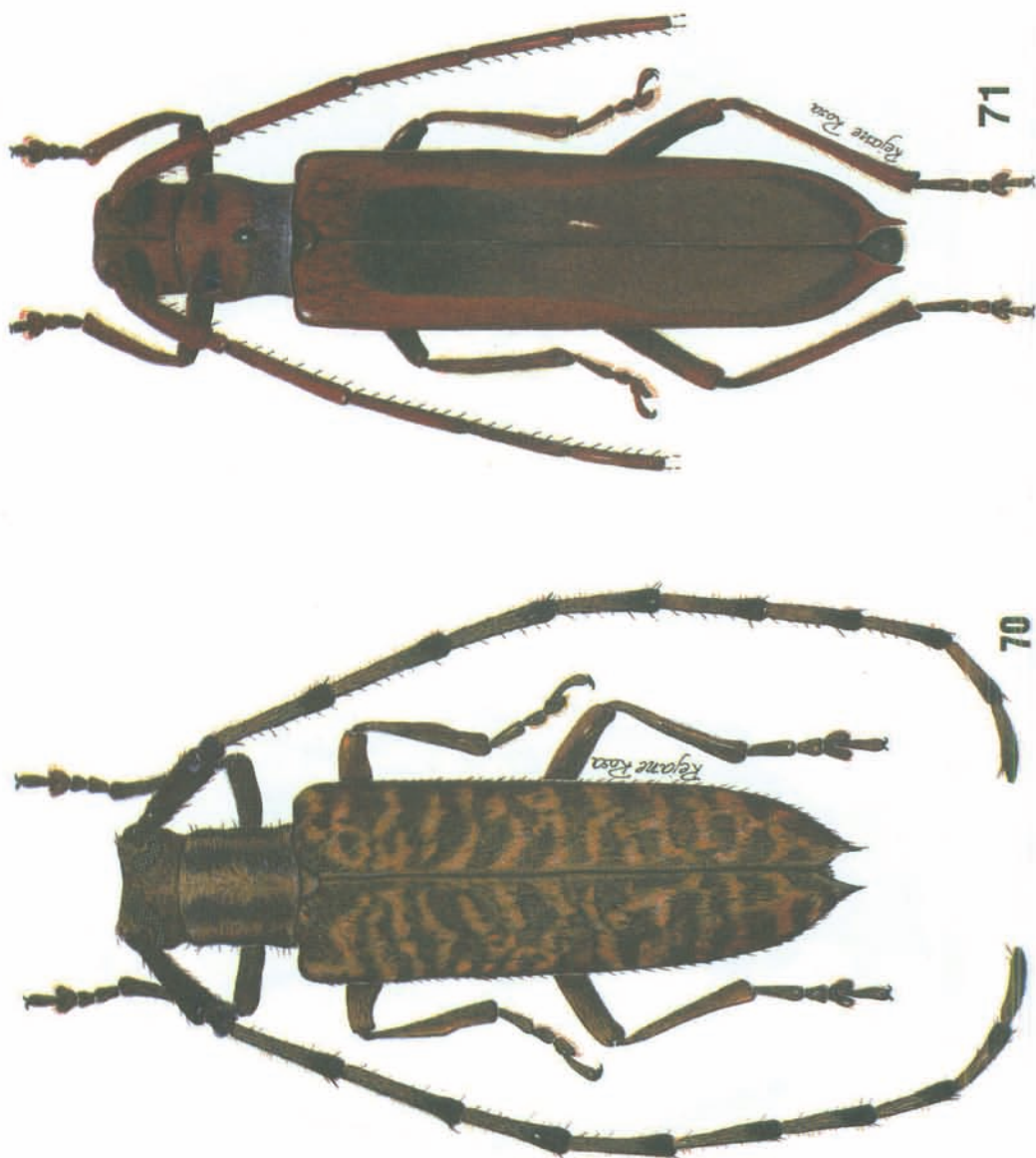


Fig. 70. *Rumacoon annulicornis* (Melzer, 1930), ♂ de Itu, SP, comprimento, 16,9 mm. Fig. 71. *Apoaerenea marinsii* (Monné, 1979), holótipo ♂ de Santa Cruz, Bolívia, comprimento, 14,3 mm.

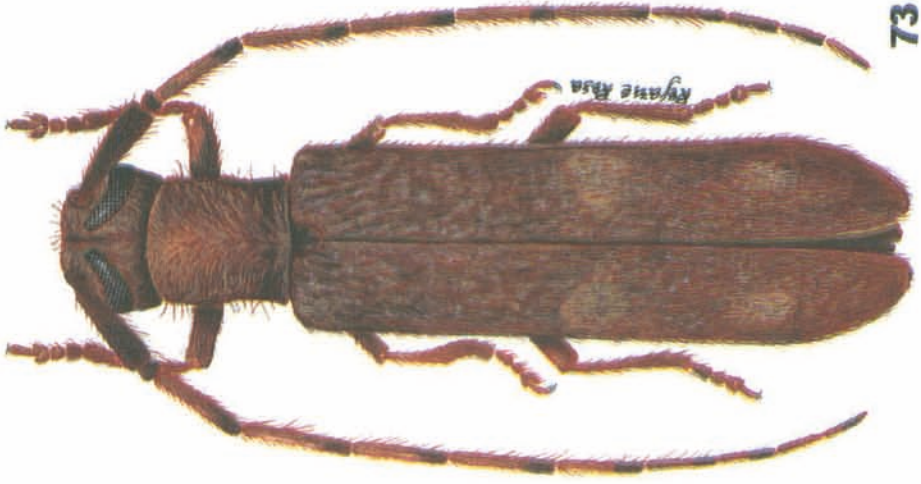
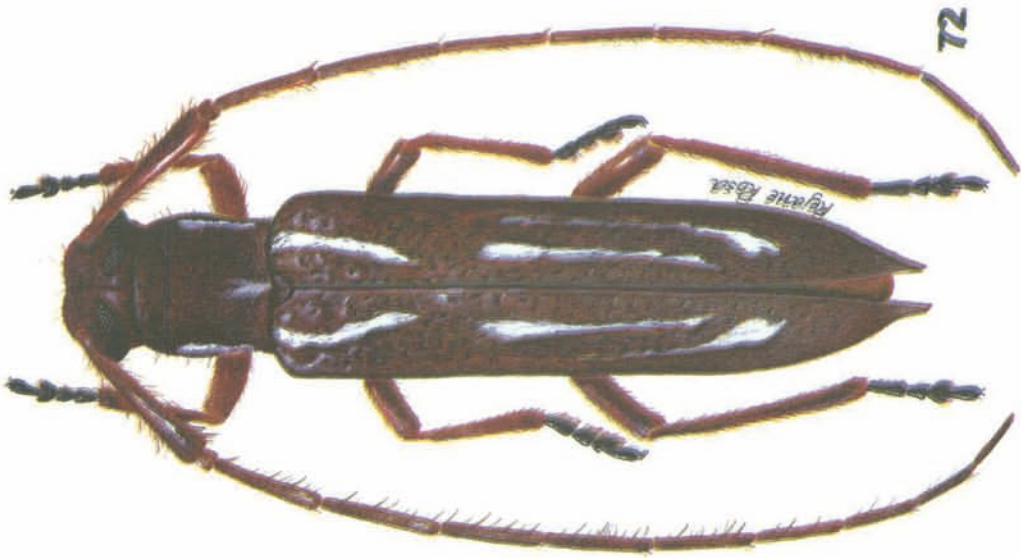


Fig. 72. *Montesia leucostigma* Lane, 1938, ♂ de Itaitai, RJ, comprimento, 15,6 mm. Fig. 73. *Antodillanea modesta* (Lane, 1939), paratipo ♂ de Salóbra, MS, comprimento, 7,9 mm.

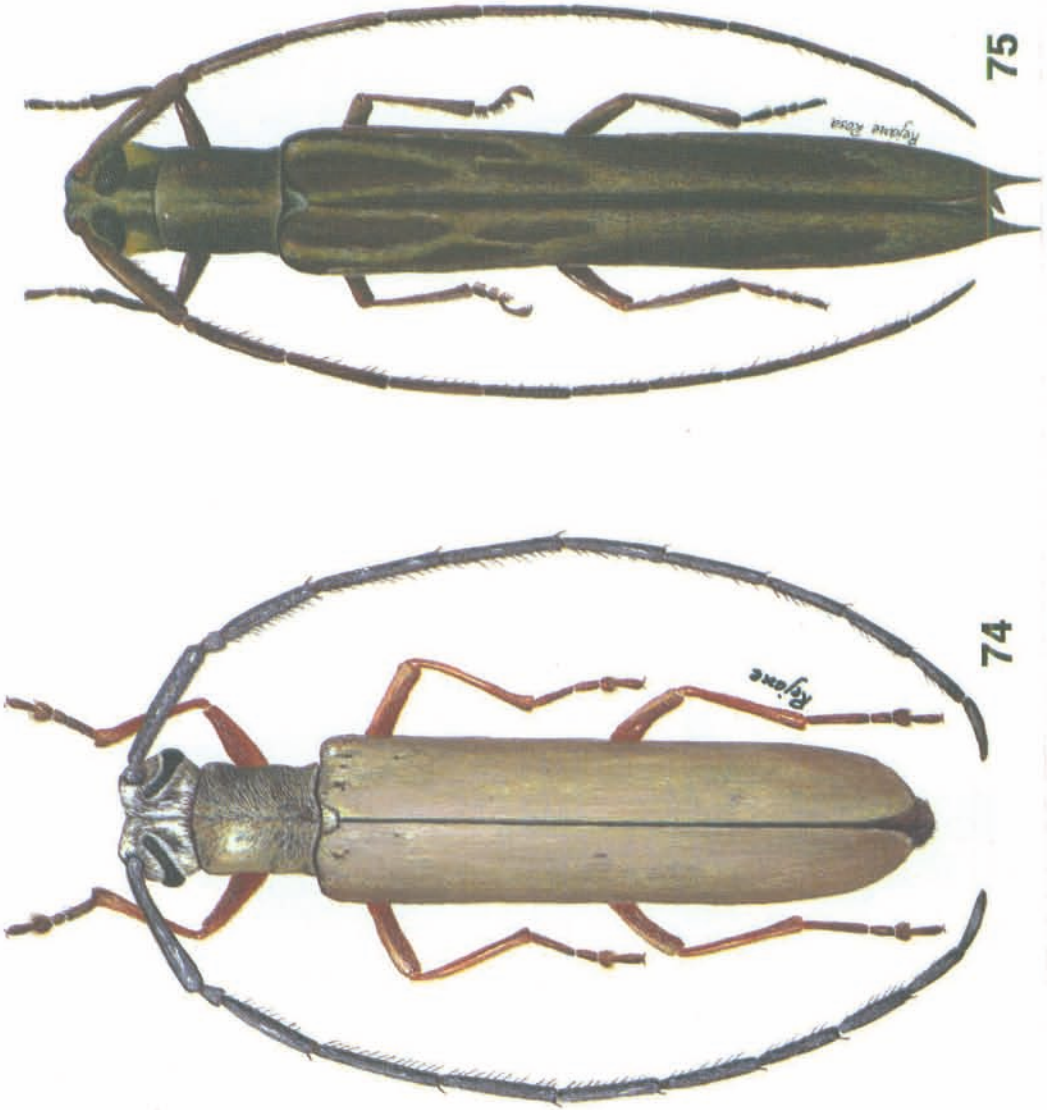


Fig. 74. *Pseudomeccas femoralis* Aurivillius, 1920, ♂ de Salóbra, MS, comprimento, 13,7 mm. Fig. 75. *Arenicopsis championi* Bates, 1885, ♀ de Turrialba, Costa Rica, comprimento, 12,5 mm.

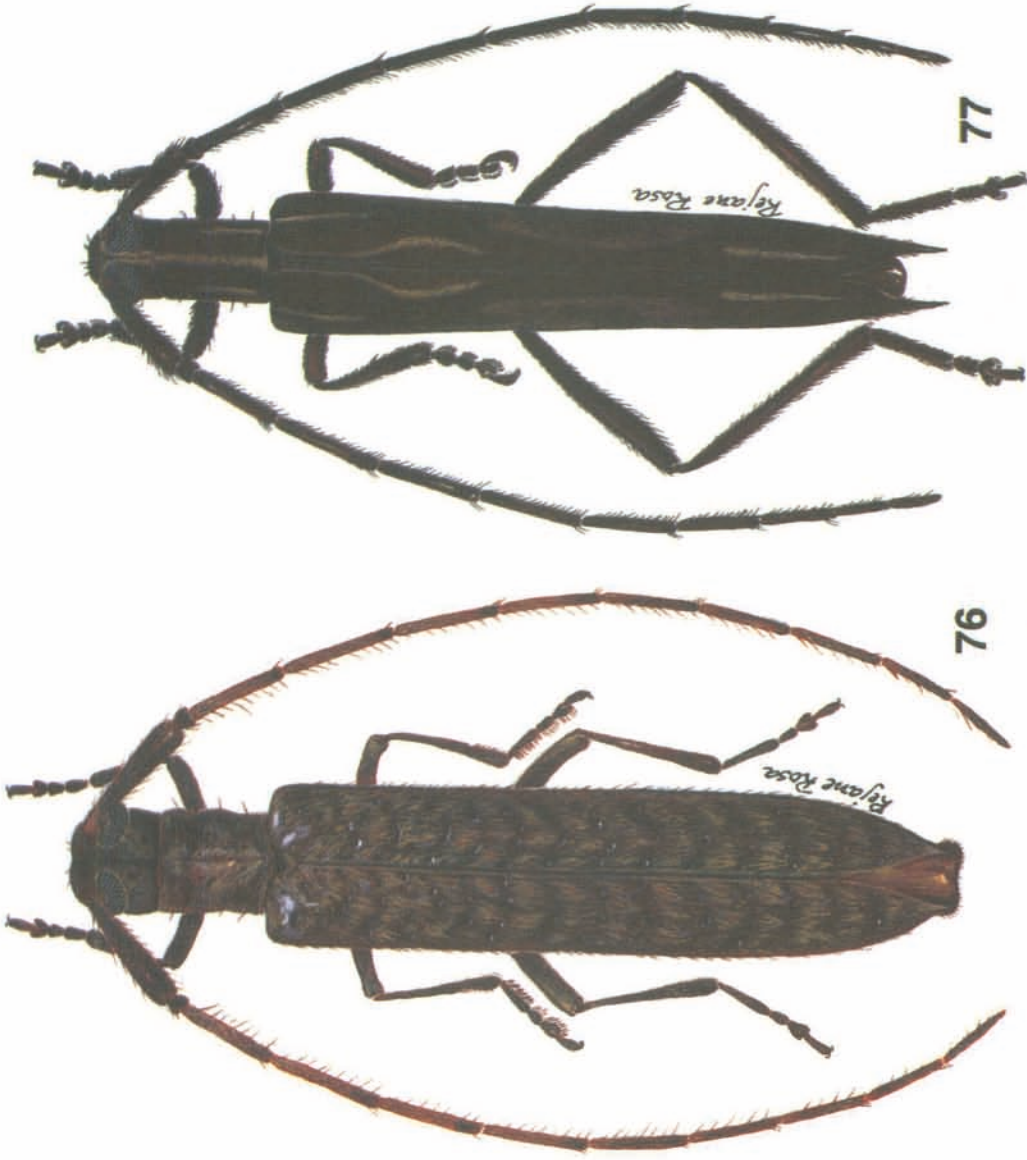


Fig. 76. *Aereniphaita machadorum* Galileo & Martins, 1990, paratipo ♀ de Santa Bárbara, MG, comprimento, 15,0 mm. Fig. 77. *Hydraschema fabulosa* Thomson, 1864, ♂ de Rio Vermelho, SC, comprimento, 20,1 mm.

Pannychina Gilmour, 1962

Pannychina Gilmour, 1962; 127 (em chave), 138; Lane, 1974a: 364..

Pannychella foi proposto por Gilmour (1962) para conter *Pannychis callicerus* Bates, 1881; *Pannychina* estebelecido para *Pannychis atripennis* Bates, 1885. Não examinamos ambas as espécies.

O gênero *Pannychis* Thomson, 1864 de onde essas espécies foram removidas foi transferido para a tribo Phytoeciini na condição de subgênero de *Mecas* LeConte, 1852 por Chemsak & Linsley (1973).

Lane (1974a), provavelmente desconheceu essa transferência efetuada um ano antes do seu trabalho ser publicado, mas indicou que "this genus shows affinities with the Phytoeciini, and seems to me out of place in the Aerenicini. The structure of the last abdominal segment, and especially the tergal plate, is very similar to what one finds in *Mecas*, for example".

No mesmo trabalho Lane (*l.c.*, p. 364) assim se refere a esses gêneros: "As to Gilmour's *Pannychella* and *Pannychina*, these are manifestations of his literary tendencies. Of the first, he even questions the existence of the type of *callicerus*. I have not seen it. The differences pointed by Bates, mostly colour ones, hardly merit the raising of a new genus, and structural differences, in this case, should be evaluated by the examination of Bates' specimen. The same arguments apply to *Pannychina*". Essas afirmativas indicam que, aparentemente, tais gêneros seriam injustificáveis. Entretanto, Lane não chegou a examinar os tipos de Bates.

Chemsak & Linsley (1973) não mencionaram *Pannychina* ou *Pannychella*, contudo em trabalho recente (Chemsak, Linsley & Nogueira, 1992), os dois gêneros foram mantidos em Aerenicini.

Nem as descrições originais de *Pannychella callicera* (Bates) ou de *Pannychina atripennis* (Bates, 1885) nem as de Gilmour (1962) mencionam como são os lobos oculares inferiores. Em *Mecas* (*Pannychis sericea*, da qual examinamos material comparado com o tipo por Lane, os lobos oculares inferiores são curtos, tão longos quanto as genas.

Portanto, com base nas observações de Lane (1974a) reproduzidas acima (embora aceitando que os gêneros possam ser válidos) e acreditando que os lobos oculares inferiores sejam como os de *Mecas*

(*Pannychis sericeus*, julgamos correto removê-los de Aerenicini. Sua localização em Phytoeciini dependerá do exame de material, mas face à transferência de *Pannychis* para Phytoeciini, essa posição nos parece a mais correta no momento.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, pelas bolsas aos autores.

REFERÊNCIAS

- Andrade, E. N. de. 1928. Contribuição para o estudo da Entomologia Florestal Paulista. São Paulo, Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio. 10 p.
- Aurivillius, C. 1920. Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia. 17. Ark. Zool., Estocolmo, 13(9): 1-43.
- Aurivillius, C. 1923a. Coleopterorum Catalogus, pars 74, Cerambycidae: Lamiinae. Berlin, W. Junk, 704 p.
- Aurivillius, C. 1923b. Neue oder wenig bekannte Coleoptera Longicornia. 19. Ark. Zool., Estocolmo, 15(25): 437-479.
- Bates, H. W. 1866. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Coleoptera: Longicornes. Ann. Mag. Nat. Hist., Londres, (3) 17: 425-435.
- Bates, H. W. 1872. On the longicorn Coleoptera of Chontales, Nicaragua. Trans. Ent. Soc. Lond., Londres, 1872: 163-238.
- Bates, H. W. 1879-85. Biologia Centrali-Americana, Coleoptera, Londres, British Museum (Natural History) v. 5: 1-436, 24 est.
- Bates, H. W. 1881b. Notes on longicorn Coleoptera. - Revision of the aerénicidas and amphionychides of tropical america. Ann. Mag. nat. Hist., Londres (5) 8: 142-152, 196-204, 290-306.
- Bailey, L. H. 1944. The standard cyclopedia of horticulture. New York, Macmillan, 3 v. 3339p.
- Blackwelder, R. E. 1946. Checklist of the coleopterous insects of Mexico, Central America, the West Indies, and South America. Part 4. Bull. United States Nat. Mus., Washington, (185): 551-763.
- Bondar, G. 1915. Bichos damninhos da fruticultura e arboricultura. Bibliogr. Agric. Pop. Bras., 22: 1-52.
- Bondar, G. 1937. Notas biológicas sobre cerambycideos brasileiros. Arch. Inst. Biol. Veget., Rio de Janeiro, 3: 151-153, 1 est.
- Bosq, J. M. 1942. Segunda lista de coleópteros de la República Argentina. Ing. Agronom., Buenos Aires, 4: 49-63.
- Bosq, J. M. 1949. Anotaciones relativas a una lista de fauna local sobre Cerambycideos argentinos. Revta Soc. ent. argent., Buenos Aires 14(4): 194-203.
- Bosq, J. M. & Ruffinelli, A. 1951. Notas para el catálogo de los cerambycideos del Uruguay. Com. Zool. Mus. Hist. Nat., Montevideo, 3 (62): 1-32.
- Breuning, S. 1940. Novae species Cerambycidarum. VIII. Fol. Zool. Hydrobiol., Riga, 10:37-85.

- Breuning, S. 1962. Révision des Agapanthiini Muls. américains (Col. Cerambycidae). *Pesquisas, Porto Alegre*, 13: 1-48, 9 figs.
- Breuning, S. 1974. Neue Arten und Gattungen von Lamiinen (Coleoptera, Cerambycidae). *Mitt. Zool. Mus. Berlin, Berlin*, 50(1): 149-165.
- Breuning, S. 1980. Nouveaux Cerambycidae Lamiinae neotropicaux. *Bull. Soc. ent. France, Paris* 85: 67-71.
- Bruch, C. 1912. Catálogo sistemático de los coleópteros de la República Argentina. VIII. Familia Cerambycidae. *Revta Mus. La Plata, La Plata*, 18: 179-226.
- Bruch, C. 1925. Coleópteros nuevos y poco conocidos. *Physis, Buenos Aires*, 8: 199-211.
- Bruch, C. 1926. Cerambycidos nuevos o poco conocidos. *Physis, Buenos Aires*, 8: 338-348.
- Buck, P. 1959. Cerambycidae in der Sammlung des Instituto Anchitano de Pesquisas. *Pesquisas, Porto Alegre*, (3): 577-609.
- Chemsak, J. A. & Linsley, E. G. 1973. The genus *Mecas* LeConte (Coleoptera: Cerambycidae). *Proc. Cal. Acad. Sci., San Francisco*, 39(12):141-183.
- Chemsak, J. A. & Linsley, E. G. 1982. Checklist of the Cerambycidae and Disteniidae, of North America, Central America, and the West Indies (Coleoptera). *Medford, Plexus*, 138 p.
- Chemsak, J. A.; Linsley, E. G. & Noguera, F. A. 1992. Listados faunísticos de México. II. Los Cerambycidae y Disteniidae de Norteamérica, Centroamerica y las Indias Occidentales (Coleoptera). México, Universidad Nacional Autónoma de México, 204 p.
- Chemsak, J. A. & Noguera, F. A. 1993. Annotated checklist of the Cerambycidae of the Estación de Biología Chamela, Jalisco, Mexico (Coleoptera), with descriptions of new genera and species. *Folia Entomol. Mex.*, México, 89: 55-102.
- Dejean, P. F. M. A. 1835. Catalogue des coléoptères de la collection de M. le comte Dejean. Paris, 360p.
- Duffy, E. A. J. 1953. A monograph of the immature stages of British and imported timber beetles (Cerambycidae). London, British Museum (Natural History). VIII + 350 p.
- Duffy, E. A. J. 1960. A monograph of the immature stages of Neotropical timber beetles (Cerambycidae). London, British Museum (Natural History). VII + 327 p.
- Franz, E. 1954. Cerambycidae (Ins. Col.) aus El Salvador. *Senckenb. Biol., Frankfurt*, 34(4/6): 213-229.
- Franz, E. 1959. Drei neue Lamiinae (Ins. Col. Ceramb.) aus El Salvador. *Senckenb. Biol., Frankfurt*, 40(3-4): 185-189.
- Fuchs, E. 1963. Beitrag zur Kenntnis der neotropischen Cerambyciden. *Koleopts. Rdsch, Viena*, 40-41: 10-16.
- Gahan, C. J. 1889. On new Lamiide Coleoptera in the British Museum Collection. *Ann. Mag. Nat. Hist., Londres*, (6) 3: 387-400.
- Galileo, M.H.M. & Martins, U.R. 1987. Novas espécies da tribo Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). *Revta bras. ent., São Paulo* 31(3): 453-455.
- Galileo, M.H.M. & Martins, U.R. 1990. Aditamentos à Tribo Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). *Revta bras. Ent., São Paulo* 34(3): 583-588.
- Galileo, M.H.M. & Martins, U.R. 1992. Neotropical Cerambycidae (Coleoptera) of the Canadian Museum of Nature, Ottawa. III. Aerenicini (Lamiinae). *Insecta Mundi, Gainesville*, 6(3-4): 141-144.
- Gilmour, E. F. 1962. Synopsis of the tribe Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). *Rev. Biol. Trop., Turrialba* 10(2): 123-147.
- Gilmour, E. F. 1965. Catalogue des Lamières du monde (Col., Céramb.), 8 Licifcung. Tutzing, Museum G. Frcy. p. 559-655.
- Guérin-Méneville, F. E. 1844. Iconographie du règne animal de G. Cuvier ... Insectes. Paris, 576 p.
- Klug, J. C. 1825. Entomologiae Brasilianae ... *Nov. Act. Acad. Caes.-Leop.-Carol. Nat. Cur.*, 12(2): 421-476.
- Lacordaire, J. T. 1872. Genera des Coléoptères... Paris, Roret. v. 9, p. 411-930.
- Lane, F. 1938a. Notas sobre lamiídeos neotropicos e descrição de especies novas (Col. Lamiidae). *Revta Mus. Paulista, São Paulo*, 23: 631-642.
- Lane, F. 1938b. Notas sobre lamiídeos neotrópicos e descrição de espécies novas. (Col. Lamiidae). *Bolm Biol. (N.S.)*, São Paulo, 3(3/4): 107-112.
- Lane, F. 1939. Descrição de Longicórnios neotrópicos (Nota prévia). *Bolm Biol. (n. s.)*, S. Paulo, 4: 73-78.
- Lane, F. 1940. Tres novas espécies do gênero *Antodice* Thomson, 1864 (Col., Lamiinae). *Revta Ent., Rio de Janeiro*, 11(1/2): 401-406.
- Lane, F. 1965a. Revalidación de *Rumacón canescens* (Bruch, 1926) (Coleoptera - Lamiidae). *Neotropica, La Plata*, 11(35): 41-45.
- Lane, F. 1965b. Cerambycoidea Neotropica Nova (Coleoptera), VI. *Studia Ent., Petrópolis*, 8: 269-336.
- Lane, F. 1966. Novos gêneros e espécies de Aerenicini. (Coleoptera, Lamiidae). *Papéis Avuls Dep. Zool.*, São Paulo, 18(19):231-235.
- Lane, F. 1970. Cerambycoidea Neotropica Nova VII. (Coleoptera). *Stud. Ent., Petrópolis*, 13(1/4): 369-428.
- Lane, F. 1973. Cerambycoidea Neotropica Nova IX. (Coleoptera). *Stud. Ent., Petrópolis*, 16(1/4): 371-438.
- Lane, F. 1974a. A synopsis of Dr. Gilmour's synopsis of the tribe Aerenicini (Coleoptera: Cerambycidae). *Stud. Ent., Petrópolis*, 17(1/4): 349-377.
- Lane, F. 1974b. Sobre a designação de alguns lectótipos de longicórnios descritos em nota prévia em 1939 (Coleoptera: Cerambycidae). *Studia Ent., Petrópolis*, 17: 378-382.
- Lane, F. 1976. Cerambycoidea neotropica nova. X. (Coleoptera). *Stud. Ent., Petrópolis*, 19: 451-460.
- Laporte, F. L. N. 1840. Histoire Naturelle des Insectes Coléoptères. Paris, Duménil. v.2, 563p.
- Lepelletier, A. L. M. & Audinet-Serville, J. G. 1825. In: P. A. Latreille. *Encyclopédie Méthodique*. Paris, v. 10, 344p.
- Lima, A. M. da C. 1930. Suplemento ao 2º catálogo sistemático de insectos que vivem nas plantas do Brasil e ensaio de bibliographia entomológica brasileira. *Campo, Rio de Janeiro*, 1(10): 29-31; (11): 66-69.
- Lima, A. M. da C. 1931. *Melzerella lutzii*, n. gen., n. sp. (Cerambycoidea - Lamiidae). *Rev. Ent., Rio de Janeiro*, 1(2):139-142.
- Lima, A. M. da C. 1936. Terceiro catálogo dos insectos que vivem nas plantas do Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. IV + 460p.
- Lima, A. M. da C. 1955. Insetos do Brasil; Coleópteros, 3ª parte. Rio de Janeiro, Escola Nacional de Agronomia. v. 9, 289 p.
- Linsley, E. G. 1935. Studies in the longicornia of Mexico

- (Coleoptera: Cerambycidae). Trans. Amer. ent. Soc., 61: 67-102.
- Martins, U. R. 1984a. Contribuição ao estudo da tribo Aerenicini. Gêneros com pontos elitrais contrastantes (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). Papéis Avuls Zool., São Paulo, 35(24): 307-317.
- Martins, U. R. 1984b. Contribuição ao estudo da tribo Aerenicini. II. Gêneros com lobos oculares inferiores reduzidos; III. Gêneros com lobos oculares superiores próximos e ápices elitrais acuminados. Papéis Avuls Zool., São Paulo, 35(26): 325-330.
- Martins, U. R. & Carvalho, S. M. de. 1983. Sinonímias, nova combinação e novas espécies em Aerenicopsis Bates (Aerenicini) e Trichohippopsis Bruning (Agapanthini) (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). Revta bras. Ent., São Paulo, 27(2): 161-163.
- Martins, U. R. & Galileo, M. H. M. 1985a. Contribuição ao estudo da Tribo Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). III. Gêneros com lobos oculares superiores subcontíguos. Revta bras. Ent., São Paulo, 29(1): 89-94.
- Martins, U. R. & Galileo, M. H. M. 1985b. Contribuição ao estudo da Tribo Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). V. Gêneros com lobos oculares superiores separados. Revta bras. Ent., São Paulo, 29(3/4): 463-470.
- Martins, U. R. & Galileo, M. H. M. 1985c. Contribuição ao estudo da Tribo Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). VI. Revisão do gênero *Recchia* Lane, 1966, adenda, correções e elenco da tribo. Revta bras. Ent., São Paulo, 29(3/4): 481-496.
- Martins, U. R. & Galileo, M. H. M. Transferência de gêneros de Aerenicini para Hemilophini, novos táxons e chave para as espécies de *Apagomerina* Gilmour, 1962 (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). Revta bras. Ent., São Paulo, no prelo.
- Melzer, J. 1930. Longicornos do Brasil, novos ou pouco conhecidos (Coleoptera, Cerambycidae) II. Arch. Inst. Biol., São Paulo, 3: 187-208, 25 figs.
- Melzer, J. 1932. Vinte espécies novas de Cerambycoides neotropicos, principalmente do Brasil. Revta Ent., São Paulo, 2(2): 216-238.
- Monné, M. A. 1979. Contribuição ao conhecimento dos Aerenicini (Coleoptera, Cerambycidae, Lamiinae). Revta bras. Biol., Rio de Janeiro, 39(2): 415-418.
- Monné, M. A. & Zajciw, D. 1972. Cerambycoides del Uruguay, nuevos o poco conocidos III. Atas Soc. Biol., Rio de Janeiro, 15(2): 49-53.
- Papavero, N. 1971. Essays on the history of Neotropical Dipterozoology, with special reference to collectors. (1750-1905). v. 1. São Paulo, Museu de Zoologia. vii+216p.
- Pascoc, F. P. 1878. Descriptions of longicorn Coleoptera. Ann. Mag. Nat. Hist., Londres, (5)2: 370-377.
- Pascoc, F. P. 1888. On some new longicorn Coleoptera. Trans. Ent. Soc. London, Londres, 1888: 491-513.
- Perty, J. A. M. 1830-32. De insectorum in America meridionali habitantium vitae ... In: Delectus animalium articulatorum ... v. 2, p. 61-124, pls. 13-24.
- Prosen, A. F. 1947. Cerambycoidea de Santiago del Estero. Revta Soc. Ent. Argentina, Buenos Aires, 13: 315-334.
- Prosen, A. F. 1954. Un nuevo género y dos nuevas especies de Lamiinae argentinas (Coleopt., Ceramb.). Neotropica, La Plata, 1: 33-36.
- Sandwith, N. Y. & Hant, D. R. 1974. Bignoniáceas. p. 1-172. In: Reitz, R. (ed.) Flora Ilustrada Catarinense. Itajai, Herbário Barbosa Rodrigues, 172 p.
- Schultz, A. R. 1968. Introdução ao estudo da Botânica Sistemática. 3 ed., Porto Alegre, Globo. v. 2, x + 427 p.
- Scabra, C. A. C. 1961. Dois novos Aerenicini da região neotropical. (Col., Cerambycidae). Papéis Avuls. Dep. Zool. S. Paulo, São Paulo, 14(29): 263-266.
- Silva, A. G. d'A. c; et al. 1968. Quarto catálogo dos insetos que vivem nas plantas do Brasil seus parasitos e predadores. Parte 2. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. v. 1, XIV + 622p.
- Thomson, J. 1857. Description de cérambycides nouveaux ou peu connus de ma collection. Archiv. Ent., Paris, 1: 291-320.
- Thomson, J. 1860. Essai d'une classification de la famille des cérambycides ... Paris, 396 p., 3 est.
- Thomson, J. 1864. Systema Cerambycidarum... Mem. Soc. Roy. Sci. Liège, Liège, 19: 1-540.
- Tippmamm, F. F. 1960. Studien über neotropische Longicornier. III. (Coleoptera, Cerambycidae). Koleopt. Rdsch., Viena, 37-38: 82-217, 14 pls., 35 figs.
- Viana, M. J. 1970. *Hoplystonychus bondari* Melzer, nuevo genero y especie de Aerenicini para la República Argentina (Coleop., Cerambycidae, Lamiinae). Neotropica, La Plata, 16: 7-10.
- Zajciw, D. 1958. Fauna do Distrito Federal XLVIII - Contribuição para o estudo dos longicórneos do Rio de Janeiro (Coleoptera-Cerambycidae). Bolm Mus. Nac., Rio de Janeiro (N.S.), Zool. (189): 1-26.
- Zajciw, D. 1965. As fontes para a determinação dos longicórneos do Brasil (Coleoptera, Cerambycidae). Anuário Bras. Econ. Florestal, Rio de Janeiro, (17): 3-41.
- Zajciw, D. 1967. Contribuições para o estudo da distribuição geográfica de longicórneos no Brasil (Col., Cerambycidae). Atas Soc. Biol., Rio de Janeiro 11(1): 13-14.
- Zajciw, D. 1972. Contribuição para o estudo da fauna dos longicórneos do Parque Nacional do Itatiaia (Coleoptera, Cerambycidae). Brasil Florestal, Rio de Janeiro, (3) 12: 40-72.
- Zajciw, D. 1974. Contribuição para o estudo da fauna dos longicórneos (Coleoptera, Cerambycidae) das florestas do Estado do Espírito Santo e principalmente da Reserva Biológica "Sooretama". Inst. Bras. Desenvol. Florest., Rio de Janeiro, Bol. Técnico (4): 37-91.
- Zajciw, D. & Ruffinelli, A. 1962. Fauna de los cerambycoides del Uruguay. Boln Fac. Agron., Montevideo, (60): 3-89.
- Zikán, J. F. & Zikán, W. 1944. A inseto-fauna do Itatiaia e da Mantiqueira. Bolm Minist. Agric., Rio de Janeiro, 33(8): 1-58.
- Zikán, W. & Wygodzinski, P. 1948. Catalogo dos tipos de insetos do Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas. Bolm Serv. Nac. Pesc. Agronom., Rio de Janeiro, 4: 1-93